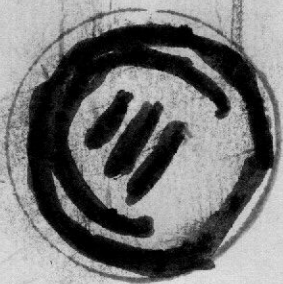


MÁRIO
FERREIRA
DOS SANTOS



*Dicionário de Pedagogia
e Sociologia*

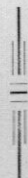




gpl

Dicionário
de
Pedagogia e Puericultura

MÁRIO FERNANDA DOS SANTOS



Dicionário de Pedagogia e Puericultura

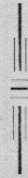
PUERICULTURA

de autoria de

YOLANDA BURGUETE SANTOS

II Volume

H - P



EDITORA MATESE

Av. Ipiranga, 832 (Planalto Paulista) — SÃO PAULO — BRASIL

H

HABILIDADE — Além das possibilidades pessoais, que podem ser de origem hereditária, há, ainda, outros fatores, que influem nas diversas habilidades básicas da criança. O clima afetivo que se instala no lar pode retardar ou favorecer o desenvolvimento de sua maior ou menor capacidade para realizar algo do melhor modo possível. O ambiente social, por sua vez, é outro dos fatores.

As habilidades que a criança revela constantemente servem de "testes psicológicos" para indicar a sua vocação.

HÁBITO (em grego *éxis*, em latim *habitus*) — Refere-se ao *habere*, ao ter de uma coisa, ao seu haver. a) Na Filosofia, é uma das categorias aristotélicas.

b) Em Psicologia, costuma-se chamar de hábito uma disposição que, depois de adequada, torna-se duradoura, e que consiste em reproduzir os mesmos atos ou em sofrer as mesmas influências.

Considera-se, freqüentemente, o instinto como inato, inerente ao indivíduo; o hábito, no entanto, como adquirido.

São os hábitos considerados ativos ou passivos.

O hábito ativo consiste numa atividade que é repetida, difícil ao princípio, por ex.: tocar piano.

Passivo é um costume que se adquire, sem uma ação consciente, volicional, como não enjoar, com o tempo, nas viagens.

Consideram alguns que a repetição é a criadora do hábito, mas, na realidade, a repetição reforça o hábito, não o cria.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Impresso na Gráfica e Editora MINOX Ltda. para a Livraria e Editora LOGOS Ltda. — Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel.: 35-6080 — Distribuição da EDITORA MATESE — SÃO PAULO — BRASIL

Na primeira vez que um ato foi realizado, está criado como possibilidade, e a repetição vai servir para reforçá-la como ato.

Os hábitos passivos são adquiridos pela prolongação da ação, com a graduação da intensidade do excitante exterior.

Há atos adquiridos pela vontade: são os atos úteis.

Todo o sistema de trabalho, de ação realizadora, é uma série de hábitos adquiridos, através de uma longa aprendizagem. No início, são naturalmente biossonhos, mas a repetição sofre, pela ação da vontade, uma correção progressiva dos ensaios. Inicia-se por uma decomposição da ação, que é feita por partes, até conseguir o domínio geral, que dá a maestria, que é o ato já praticado com independência da consciência dirigente.

Este aspecto leva alguns psicólogos a afirmarem que o hábito traz um debilitamento da consciência.

Há exagêro nessa afirmativa. Se realmente a repetição, atingido o grau de hábito, traz consigo certo automatismo, há apenas debilitamento aparente da consciência, porque esta, como tensão, nada perde, pois está virtualizada apenas no ato habitual, que é feito sem a sua participação, mas é conservada para surgir onde e quando necessária.

Nenhum pianista, que tenha atingido ao hábito, que tenha conquistado a maestria, que possa executar ao piano a sua função, sem necessidade de ter consciência de cada movimento dos dedos, debilitou sua consciência, que é aplicada, então, em outros aspectos e partes do seu trabalho, e que lhe permite atingir outro grau da maestria.

Por isso, o hábito não é uma ação que favoreça a consciência. Ao contrário, ele permite que a consciência seja aplicada a outros aspectos mais elevados, e isso, em grande parte, favorece o progresso da atividade, humana, como também da sensibilidade.

c) É essa posição inicial que leva muitos psicólogos a confundirem o hábito com a **adaptação biológica**. Nesta, que é de ação fisiológica, não entra

a consciência e, portanto, o hábito não executa nenhum papel, porque há aí a influência da vontade e de toda a vida reflexiva do homem, como encadeamento de idéias; há uma contribuição pensamental. O que levou também a essa confusão foram os hábitos passivos. Mas estes não são tão passivos como se pensa, porque se não há atividade da parte do homem na realização de atos exteriores, há uma atividade psicológica.

d) Foi por não terem prestado a atenção devidada ao hábito, que alguns filósofos acabaram por reduzi-lo a uma manifestação da inércia, enquanto outros, pondo-se num campo oposto, atribuíram-no à liberdade.

O hábito pertence somente aos seres vivos, como o salientava Aristóteles. Certos fatos, porém, levaram alguns filósofos a atribuí-lo, também, às coisas inanimadas. Certos corpos tendem a repetir suas combinações, outros a facilitar uma ação quando repetida, como o exemplo da borracha, que se torna mais favorável à elasticidade, quando repetida a ação. Se existe aqui uma espécie de adaptação, que mostra certa **semelhança** com as adaptações biológicas, não se deve, porém, confundir com o hábito, que é do ser vivo, o que se dá com as coisas inanimadas.

Hábito na Pedagogia — O hábito tem uma grande significação no decorrer de nossa vida. O adquirir bons hábitos é um ponto básico na educação infantil.

Na psicologia, define-se o hábito como uma disposição, que após ser adquirida torna-se estável.

O ser humano possui a capacidade para formar hábitos não só físicos, como também psicológicos, como se vê na formação dos **esquemas** (vide).

Nossas células nervosas permitem a aprendizagem de hábitos.

As células nervosas possuem a característica de possibilitar a constituição de hábitos. É a sensibilidade o que as torna capazes de serem excitadas por estímulos próprios; a capacidade de transmitir a corrente nervosa de seu ponto de origem até o local da

atividade; é a capacidade de produzir modificações na relação entre o estímulo e a resposta.

Portanto, os hábitos condicionam-se, formam-se pelo aperfeiçoamento das reações, através do exercício, da prática; dependendo sempre dos reflexos, dos impulsos predominantes e do desenvolvimento interno da organização das células nervosas.

O hábito condicionado está fundado no reflexo condicionado, que é o mais elementar na formação de um hábito.

A expressão **reflexo condicionado** foi criada pelo fisiólogo russo Pavlov, que o estudou nos cães, e desenvolveu um método, que abriu novos campos de investigação na psicologia experimental.

A expressão, no princípio, designava a modificação da conduta humana ou animal por condições preestabelecidas. Mais tarde, com o seu desenvolvimento, tornou-se uma teoria psicológica, e que serve de ponto de partida objetivo para a investigação psicológica geral.

Pode-se estabelecer uma resposta condicionada numa criança, colocando-se, por exemplo, à sua frente, pela primeira vez, um animal qualquer, digamos um cãozinho, e ao mesmo tempo provocar um ruído muito forte, simultâneo com a apresentação do cãozinho, (o ruído é o estímulo normal do temor), a reação de temor se associa ao cãozinho, e por todos esses animais e, daí por diante, toda a vez que a criança vê um cão ela sentirá medo.

Ficou estabelecido um hábito de medo, através do condicionamento.

A escola psicológica condutivista, criada por J. B. Watson, que segue a linha da investigação psicológica experimental, chegou, através de observações cuidadosas em grupos de crianças, a conclusão de que muitos aspectos emocionais na conduta de crianças, até então considerados hereditários, eram produtos de condicionamento.

Na educação infantil, precisamos tomar em consideração que se uma reação leva associada um ele-

mento de prazer, a criança aprende com mais rapidez, o que não se dará se faltar esse elemento de prazer.

A criança tende a fazer aquilo que lhe provoca agradabilidade, e procura evitar o que lhe provoca desagradabilidade.

É essencial que a satisfação acompanhe a resposta desejada.

Os elogios e a aprovação, se forem feitos com sinceridade e prudência, estimulam os desageitados esforços de uma criança para aprender ou para vencer as dificuldades. São valiosos incentivos, mas necessários, para produzirem o efeito desejado, serem aplicados nas ocasiões oportunas, porque o excesso de elogios pode trazer grandes males.

É aconselhado, na educação infantil, iniciar, o mais cedo possível, a formação de hábitos, e não devemos esquecer que a desagradabilidade também desempenha importante função na destruição de hábitos indesejáveis.

Não se deve forçar a criança além de seu grau de desenvolvimento, podemos dizer de maturidade, usando, aqui, a palavra no sentido relativo, pois, do contrário, não aproveitará o que se lhe ensina.

A aprendizagem necessita ser lenta, assim como não se pode forçar a criança a adquirir muitos hábitos ao mesmo tempo, também não se deve querer corrigir ao mesmo tempo vários hábitos defeituosos, porque essa atitude leva-a a um cansaço, e consequentemente, à confusão.

É indispensável ligar a agradabilidade ao hábito que se deseja criar. Uma criança saudável, por exemplo, insiste em vestir-se. É um hábito que pode ser adquirido a começar dos dois anos. Aos poucos vai se aperfeiçoando, e quando chegar aos seis, ela possuirá a habilidade necessária para vestir-se, sem ajuda de ninguém.

É um hábito que deve ser facilitado, desde que a criança demonstre aptidão para adquiri-lo. Não deve ser forçado, mas, sim, facilitado.

O exagêro de cuidados e de mimos deve ser evitado, é a origem de estados neuróticos, que aparecem na idade adulta.

Para estimular a criança, convém demonstrar um interesse amistoso pelas realizações, pelas qualidades que revelar, mas sem exageros. Elogiar as realizações da criança mais do que a própria criança.

A crítica negativa deve sempre ser evitada. Nunca se ridicularizar uma criança, quando é desajeitada nos seus esforços para executar qualquer habilidade, o que a desanima, além de contribuir para desenvolver um sentimento de inferioridade, que a tornará mais tarde susceptível a ofensas e rancores.

HEMOGLOBINA — É a matéria vermelha, que é uma proteína consistente em hematina e globina, que se acha nos glóbulos vermelhos do sangue. Uma das suas mais importantes funções consiste em levar oxigênio desde os pulmões aos tecidos do organismo, e também o dióxido de carbono destes tecidos aos pulmões. Determinados tipos de anemia consistem na carência da hemoglobina.

HEMORRAGIAS — Qualquer ferida, ao sangrar abundantemente, deve ser submetida aos cuidados de um médico. Contudo, uma hemorragia grave exige cuidados imediatos. Para estancar, na maioria dos casos, o sangue, deve-se aplicar, diretamente, a pressão da mão sobre a ferida; colocar uma capa espessa de gaze; por panos de fazenda bem limpos, se possível esterilizados, apertando-os contra o ponto que sangra, e exercer uma forte pressão com a mão.

Caso a hemorragia não pare, deve-se exercer pressão sobre alguns pontos específicos do corpo, que são:

- 1) Diante da orelha.
- 2) Uns cms. além do ângulo do maxilar inferior;
- 3) Ao lado da traquéia (só em casos muito difíceis, e com muito cuidado, pois pode provocar com a pressão um desmaio).

Caso se trate de feridas localizadas nos ombros e braços, os pontos de pressão serão:

- 1) Entre o cotovelo e a axila (em direção à metade da parte interna do braço);

- 2) Detrás do extremo interno da clavícula.

Para as feridas localizadas nas pernas, os pontos em que se deve fazer pressão são aqueles por onde passa a artéria principal por cima do osso do pélvio, e pouco mais ou menos no meio da virilha.

Se não se puder dominar a hemorragia num membro pela pressão da mão, será necessário usar o torniquete. Vide *Puericultura* — 10.º cap., § 14.

HEMORRAGIAS NASAIS (Epistaxis) — As hemorragias nasais nas crianças podem ter também sua origem em resfriados, em infecções nasais e pelo fato da criança se assoar com muita força. Em geral, cessam logo, sem necessidade de qualquer tratamento, do contrário é conveniente sentar a criança com a cabeça levemente inclinada para a frente, para evitar que engula o sangue. Convém impedir que assoe o nariz com o lenço usado para empapar o sangue. Deve-se aplicar sobre o nariz compressas frias, ou pequenos pedaços de gelo, envoltos num pano. Se sangra por uma só narina, convém pressioná-la suavemente, mas com firmeza, durante cinco ou dez minutos; passado este tempo, deixar suavemente de exercer pressão.

Se esses tratamentos não derem resultado, convém, então, chamar o médico, bem como se essas hemorragias são freqüentes.

HERANÇA DE CARACTERÍSTICAS ADQUIRIDAS — A ciência estabelece que as crianças não herdam as características que foram adquiridas pelos pais, durante o transcurso de sua vida.

Há doenças que passam da mãe para o filho durante a gravidez, como é o caso da sífilis. As análises, durante o transcurso da gravidez e um tratamento adequado, podem proteger o bebê.

Uma pergunta feita por centenas de pais: "Podem os filhos herdar faculdades extraordinárias para as invenções, ou a maestria para tocar o piano ou para resolver problemas matemáticos? Podem passar aos seus descendentes todas as vantagens, ou melhoras, que um indivíduo consegue durante a sua vida?"

Tôdas as pesquisas levadas a efeito chegaram a uma grande diversidade de conclusões.

Podemos afirmar, não só filosoficamente, como segundo estudos realizados, que, enquanto os filhos se assemelham aos pais em muitos aspectos, e podem herdar uma propensão familiar para determinadas qualidades físicas, emocionais ou intelectuais, não podem contudo, herdar os resultados da experiência paterna. Pode-se herdar a propensão, não a técnica.

HÉRNIA — A forma mais comum de hérnia que se vê nas crianças se dá quando a abertura desde o umbigo às paredes abdominais demoram muito tempo em fechar-se. Quando alguma coisa provoca um esforço, como um forte ataque de choro, um esforço muito forte para defecar, um pequeno pedaço do intestino pode ser impulsionado através desta abertura.

Em grande número de casos de hérnia umbilical (quando se dá um entumescimento do umbigo) os médicos recomendam o uso de vendas, adesivos, elásticos, ou uma faixa abdominal bem enrolada, para reduzir a hérnia umbilical. Muitas vezes a hérnia desaparece, quando a criança atinge três ou quatro meses.

Chama-se de "canal inguinal" o conduto, através da parede muscular do abdômen, em direção à virilha. Algumas crianças nascem com o canal completamente aberto, e algumas vezes, durante um ataque de tosse, um pedaço do intestino pode ser impulsionado em direção a este conduto, e provocar um entumescimento. Com o tempo, tende a reduzir-se, de forma que os médicos são de parecer que se deve esperar que a criança atinja a dez ou doze anos, antes de se decidir uma operação de hérnia.

Se uma parte do intestino, que foi empurrada no conduto umbilical, se retorcer, pode obstruir seu próprio conduto sangüíneo, e provocar uma hérnia estrangulada. Neste caso, os sintomas são: fortes arrepios, perda do apetite, vômitos, entumescimento na virilha, ou no escroto. Se é diagnosticada uma hérnia estrangulada, convém a imediata intervenção cirúrgica.

HIDRÓCELE — É muito comum os bebês de sexo masculino apresentarem um inchaço ou tumor aparente

na túnica vaginal do testículo. Isto é devido a uma inflamação ou a um traumatismo na túnica vaginal. Em geral desaparece à medida que a criança cresce. Se aparece numa criança já de mais idade, convém o exame médico para ver se se trata de hidrocele ou de hérnia.

HIDROFOBIA — Vide Raiva.



Só se deve dar à criança o alimento que a agrade.

HIGIENE — Ciência ou prática sistemática, que se cinge à conservação da saúde do indivíduo ou da coletividade. E toma esse nome específico, segundo o objeto pelo qual se ocupa. Assim temos **higiene mental**, **higiene social**, etc.

As melhoras estabelecidas nas condições de vida e na nutrição contribuíram, também, para a melhoria da saúde, e com os novos descobrimentos na ciência médica, para prevenir e curar as enfermidades, diminuiu muito o número destas.

Entretanto, temos de notar que a saúde é, em geral, de responsabilidade de cada um. Assim devem ser seguidas as normas de saúde individualmente, e manter-se a limpeza nos locais públicos, arroios, jardins, nas escolas, etc.

HIGIENE MENTAL — Vide Saúde Mental, Enfermidade mental.

HIPNOSE — a) Estado provocado artificialmente, que em muito se assemelha ao sono (**hypnos**, em grego), mas que é, filosoficamente, diferente, caracterizando-se pelo aumento da sugestibilidade, graças à qual se pode provocar certas anormalidades sensoriais, e manifestações que não se realizariam em estado normal.

b) Na Psicanálise, é a capacidade de deixar-se influir pela sugestão.



*Não se deve admirar que
a criança leve tudo à boca.
É o seu modo de conhecer
e dominar as coisas.*

HIPOFRENIA — Deficiência da capacidade mental ou intelectual.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS — As crianças e os jovens de todo o mundo sentem grande atração especial pela leitura de histórias em quadrinhos, cuja produção em número elevado encontra-se em tôdas as bancas de jornais.

As controvérsias sobre a conveniência ou não de tais leituras preocupam grande número de pais e educadores. O número infindável de histórias em quadrinhos abarcam tanto os divertidos e grotescos desejos de animais, o mistério e o crime, as histórias de horror, viagens interplanetárias, **cow-boys** e peles vermelhas, e histórias românticas, e algumas até com fundo imoral ou pernicioso.

É preciso também distinguir algumas, cujos desejos são bem acabados, enquanto, noutras, são mal feitos, e traços borrosos e deformados.

Naturalmente que cabe a um pai bem intencionado e cuidadoso a seleção das histórias, que podem ser lidas pela criança. Deve-se, entretanto, incentivar ao máximo possível, a leitura de livros, em vez de proporcionar (como muitos o fazem), a leitura de histórias em quadrinhos, cujas edições não são bem cuidadas nem controladas.

O gosto pela leitura tem de ser estimulado desde a infância. É preciso proporcionar à criança bons livros, e variados, de acôrdo com a idade, de forma que ela encontre o real prazer que deve ter a boa e sã leitura.

HOBBIES — Vide Afeições.

HONESTIDADE — Vide Probidade.

HONRA — Vide Probidade, Integridade.

HORA DE DEITAR DA CRIANÇA — Vide Sono.

HORMÔNIOS — Os hormônios são também chamados "secreções internas ou endócrinas". Procedem de glândulas chamadas "sem condutos", porque secretam, diretamente, na corrente sanguínea, ao contrário de outras glândulas (digestivas, mamárias, sudoríparas, por ex.), que descarregam sua secreção, através de condutos ou canais.

Atuam diferentemente: uns aceleram, outros retardam, e alguns regulam o processo de atividade de outros órgãos ou sistema de órgãos e tecidos.

O mais conhecido dêles, é, sem dúvida, a insulina, utilizada no tratamento dos diabéticos. A tiroxina é um produto da glândula tiróide, que influe, consideravelmente, no desenvolvimento do corpo.

HOSPITALIZAÇÃO — Se há necessidade de hospitalizar uma criança, é natural que os pais estejam intranquillos. Contudo, não devem manifestar essa intranquilidade à criança; ao contrário, devem mostrar-se alegres e confiantes, e mostrar que serão os filhos tratados com carinho, que o lugar é agradável e que terão tudo a tempo e hora. Se tiver de ser levado numa ambulância, devem antes falar sobre ela, e dizer que é um carro especial para levar com cuidado

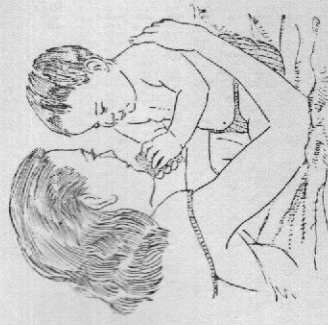
as pessoas, de maneira que elas não se atemorizem. E quando o carro buzina, pedindo caminho, convém desde logo indicar que é respeitado e tem direito à preferência, em suma, atender com antecedência a tudo o que possa perturbar a criança. Será conveniente que a criança leve consigo um dos seus brinquedos preferidos. Se o caso não é de urgência, convém prepará-la com antecedência e calma, para o que vai fazer. Se fôr possível, será conveniente levá-la antes a visitar o hospital, e que possa ver como tudo é bonito, é limpo, e ordenado.

HOSTILIDADE — O ser humano, como um ser consciente, anelante de tudo quando lhe possa manter o equilíbrio, e aumentar-lhe o poder, é capaz de ir da mais alta alegria à maior tristeza, como vai do mais alto prazer à dor mais intensa, do sentimento de mais alto amor ao mais negro ódio. E assim como há uma escalaridade pática (do gr. *Pathos*, sentimento), que vai da simpatia à antipatia, também as coisas do mundo lhe agradam ou desagradam desde que lhe favoreçam o desenvolvimento ou o obstaculizem. Assim, a criança, desde os primeiros dias, reage prazerosa ou desprazerosamente, com manifestações de agradabilidade ou de desagradabilidade aos estímulos exteriores ou interiores, atingindo, algumas vezes, uma hostilidade, que alcança até a cólera. Esses sentimentos hostis são naturais, e não devem nunca provocar nos pais ou mestres uma impressão desfavorável. São eles movimentos reacionais normais e peculiares da vida psíquica.

Em face dos mesmos, os pais não devem colocar-se na posição de quem deva impedir de se manifestarem. Essa atitude é falsa e até prejudicial. Se os pais compreenderem que os gritos de protestos, os gestos de hostilidade são naturais, poderão contribuir em muito para o melhor comportamento dos filhos. Em primeiro lugar, se pais e mestres tomarem uma atitude de franca oposição a um gesto hostil, e castigarem-no com energia, porão, na mente infantil, o esquema da culpabilidade e muitas vezes o sentimento de injustiçado, que é gênese de muitas rebeldias posteriores, e de desajustes emocionais graves. Compreendendo a criança que essa manifestação hostil é normal, não se sentirá culpada por sua hostilidade, e esse sentimento negativo não irá amanhã provocar os

desequilíbrios de adaptação, que deve a criança manter. O que se deve fazer é auxiliar a criança a manifestar suas reações hostis, num tom mais brando, e nada é para isso mais favorável que o exemplo por parte dos pais e dos mestres. Toda injustiça é indigna e os pais manifestam essa indignação. Poderão, assim, auxiliar os filhos a manifestarem suas reações hostis, sem excessos. O que nunca devem fazer é tentar anular essa força positiva e criadora, tanto para o bem como para o mal, mas, sim, canalizando-a de modo a tornar-se benéfica e construtiva.

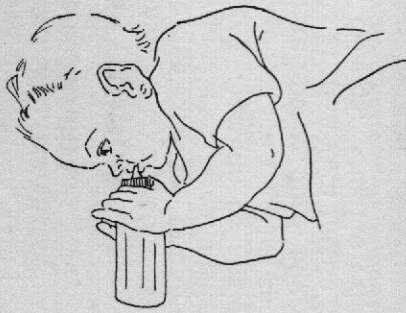
HUMOR NO TRATAMENTO DAS CRIANÇAS — Sem dúvida que é tarefa difícil e áspera tratar com as crianças, conduzi-las na vida, o que exige um ânimo forte, grande otimismo, boa vontade extrema, ausência de morbidez, o que, em suma, chamam os anglosaxões de **humor**. Não consiste este em rir para as crianças, em manifestar-se alegre apenas, mas, sobretudo, em manter o domínio de si mesmo, a mente sã e tranqüila, ao tratar com a criança. Quando esta se



O carinho materno é fundamental para o bebê.

nega teimosamente a fazer uma coisa, os pais respondem com uma imposição. "Pois vais vestir essa roupa!", respondem. Contudo, é melhor esperar, quando a criança teimosamente se nega a fazê-lo, ou propor-lhe pôr a roupa de modo inesperado e impossível. "Quem sabe se não pode vestir nêse caso, pondo os pés nas mangas. Vamos experimentar?" Essa brusca transformação em brinquedo pode mudar também a reação infantil. Temos de levar uma criança ao pediatra. Se este, de bom humor, ao receber a criança em seu consultório, dirigir-lhe algumas palavras com humor sadio, como: "Que belo vestidinho azul que você tem!" terá êle dado um passo à

frente nas relações com a criança. O ideal é descobrir um motivo de riso nos momentos de irritação da criança, nunca, porém, que sejam sobre algo que as ridicularize ou as desmereça, mas sobre coisas. Se conseguir fazer a criança rir, tudo se muda subitamente. "Quando mamãe era pequenina como você, também essas coisas me aconteciam". Se a criança é pequena, transformar qualquer coisa num brinquedo,



A criança deve aos poucos dominar a manadeira.

do, como correr atrás da criança, tomar de um objeto, e dar-lhe um sentido simbólico: "olha um cavalete!" Julgam muitos pais que esses recuos infantis são humilhantes. Ser-se criança algumas vezes não é uma humilhação. Devemos saber ser crianças com as crianças, e adultos com os adultos. Um conselho aos pais e mestres: saibam descobrir em todas as coisas o lado alegre e risonho, e transformarão seu lar e suas aulas em motivos de alegria. É nisso que consiste o humor.

I

IDADE DO "NÃO" — A criança de dois ou três anos começa a descobrir seu individualismo e gozar dele. O seu não, que é quase constante, parece, aos pais, desobediência ou uma atitude de rebeldia ante a sua autoridade. Entretanto, para a criança, é apenas a experiência de sua capacidade em tomar suas decisões próprias, em vez de fazer sempre o que se lhe diz.

Os pais devem manter firmeza em relação a certas ordens e regulamentos básicos do lar, de forma que a criança aprenda em que momento sua resistência (o não) é razoável.

Com quatro anos, as negativas diminuem, e acabam quase que desaparecendo.

IDADE MENTAL — Parece ter sido estabelecida primeiramente por A. Binet, pouco depois de 1900. A definição usual é que a idade mental é o "nível de desenvolvimento intelectual expresso em termos da idade em que a criança média alcança tal nível". Assim, quando se diz que uma criança tem a idade mental de 6 anos, indica-se que essa criança pode realizar o que uma criança média de 6 anos realiza, muito embora sua idade cronológica seja maior ou menor. A fórmula para considerar o quociente de inteligência é a seguinte: $QI = (IM/IC) \times 100$, ou seja o quociente de inteligência é igual à idade média, dividida pela idade cronológica, e o resultado multiplicado por 100.

IDEAÇÃO — Formação, função e conexão das idéias, enquanto fatos psíquicos.

IDEAL — a) O que pertence às idéias, sob todas as acepções deste termo.

b) O meramente mental.

c) O que possui o carácter de satisfazer completamente a uma aspiração, um desejo, um querer. ("Um medicamento ideal... Uma esposa ideal").

d) Uma norma de vida, uma meta que se deseja alcançar, que seria a plenitude se fosse atingida, mas que se pode conceber como inatingível: "Uma humanidade ideal, uma sociedade ideal."

e) O contrário da vida meramente utilitária, mas da atitude de nobre elevação estética, ética, social para com a vida e as coisas da vida.

f) Empregado, também, no sentido de perfeição. Os sólidos da geometria não são sólidos naturais, mas sólidos ideais.

Idéia fixa — Estado de consciência mórbido, que se caracteriza pela persistência de uma idéia, que nem o curso normal das idéias, nem a vontade conseguem dissipar.

Idéia força — Termo proposto por A. Fouillé para nomear a idéia que possua propriedades dinâmicas e atue como se fora uma força.

Idéias imagens — Representações emitidas pelos objetos do mundo exterior, e que são reproduzidas como imagens no sujeito, segundo a concepção gnosiológica de Demócrito.

Idéias inatas — São as idéias fundamentais ou gerais, que se supõem presentes no indivíduo antes da experiência. Vide **Inatismo** e **A priori**.

IDEAIS — Vide Educação Religiosa.

IDENTIFICAÇÃO — a) Ação de identificar; ou seja, de verificar se há, ou não, identidade entre duas coisas, ou, também, se alguma das formas de surgir a identidade se dá entre duas coisas.

b) Na Psicanál., processo psíquico inconsciente, que se manifesta em forma de vínculo emotivo com outras pessoas ou situações, nas quais o sujeito se conduz como se fora a pessoa ou a situação à qual se une esse vínculo.

IDIOSINCRASIA — a) Conjunto de elementos que constituem o temperamento e o carácter de uma pessoa.
b) Peculiaridade marcante de uma pessoa.

IDIOTA — Débil mental, que apresenta o mais baixo grau de mentalidade. Em geral pessoas adultas, com a idade mental de 2 a 5 anos.

Idiotismo moral — Absoluta falta de senso moral sob algum aspecto importante, que revela a máxima debilidade, como a **cleptomania**. Equivale à **cegueira moral**, pois nela se manifesta absoluta falta de domínio sobre os impulsos imorais, e ausência de impulsos marcadamente morais.

IDOLATRIAS JUVENIS — Preocupa vivamente aos mestres as manifestações juvenis súbitas e intensas de apaixonamento que o jovem revela, por coisas ou pessoas, que muitas vezes são verdadeiras tempestades de verão. Mas preocupa-os, sobretudo, quando essas adorações se manifestam a pessoas do outro sexo. É fácil verificar-se que tais amizades intensas, tais adorações, não resistem ao tempo, e o herói ou heroína do mês passado tornam-se, depois, figuras inexpressivas e até ridicularizadas. A primeira vista, tais contradições depõem contra a firmeza dos sentimentos do jovem, quando são elas naturais e próprias da idade. Quando, porém, esse sentimento de adoração se verte a quem não o merece, sobretudo nos jovens, o problema surge aos olhos dos pais, revestidos de gravidade, e muitas vezes são realmente graves, e exigem providências sérias, que nem sempre podem ser empregadas pelos pais, e que exigem a interferência de terceiros, capacitados para atuarem no sentido de evitá-las. De antemão, os pais devem respeitar os sentimentos dos filhos, contudo não devem esquecer que os adolescentes em geral não costumam pedir auxílio ou conselhos aos pais em tais casos, pois se julgam capazes de resolver seus problemas por si mesmos. Algumas vezes, porém, apela aos pais, sobretudo nos casos de apaixonamento. As mães são procuradas pelas filhas jovens, e devem atendê-las com serenidade, sobretudo quando buscam consolo por alguma rusga havida, ou quando uma dúvida sobre a sinceridade da pessoa amada as assalta e as inquieta. Nunca se deve esquecer que o jovem tem tendência a eleger seus ídolos (um artista de cinema, um esportista, um cantor e, até nos casos su-

periores, a uma grande figura da arte ou da ciência ou da filosofia), ou, ainda, os heróis eventuais de nossa época, ou algum companheiro que se mostra superior aos outros em algum aspeto. Quando se trata de um adulto, que é venerado, um parente, um amigo da família, nesses casos este assume de qualquer modo um importante papel, e poderá promover grande auxílio à formação do carácter do jovem. Não deve assustar-se da sua responsabilidade, e nunca esquecer que essa adoração (que pode ser passageira) deve deixar marcas indeléveis e profundas, mas sempre construtivas. Não devem os pais manifestar ciúmes em tais casos, sobretudo tratando-se de pessoas que merecem essa admiração. Quando a criança cita com entusiasmo o "tio", ou que admira a senhora Fulana, é inútil, mesmo quando não fôsse conveniente essa admiração, reagir com energia, porque seria contraproducente. O melhor é analisar com calma os motivos da "adoração" e valorizar os aspetos outros, contrários, que não possuem tais pessoas, a fim de, a pouco e pouco, influir na modificação da adoração. Esperem que, com o tempo, o jovem compreenderá que o seu ídolo é apenas uma pessoa qualquer e, então, notará os defeitos que antes subestimava.

ILUMINAÇÃO — Vide Olhos (cuidados com os).

IMAGEM — Reprodução das qualidades sensórias que permanecem e podem ser rememoradas pela mente do que foi percebido pelos sentidos, quando se dá a ausência da estimulação sensória. Do lat. *imago*, *imaginis*, da raiz *im*, dentro, que nos mostra a origem etimológica desse termo, que indica sempre a presença, na mente, de algo que se deu em nossos sentidos, ou por eles foram captados. Quando essas imagens são associadas e com elas, total ou parcialmente, se constroem outras imagens, temos a **imaginação criadora**.

IMAGEM, FANTASIA — Era para os antigos a imaginação a faculdade de pensar por meio de imagens. Esse sentido, no entanto, desapareceu, dando lugar, na psicologia, a outra acepção.

Na realidade, a palavra teve diversas acepções. Usa-se, no entanto, na Psicologia, para designar duas funções de simples reprodução: a) imaginação repro-

ductora e b) uma de combinação original e de criação — imaginação criadora.

A imaginação reprodutora é um modo da memória, memorização das imagens. A palavra **imagem**, na Psicologia, é empregada como o retorno de uma sensação ou de uma percepção, sem a presença do objeto que o provocou, com ausência de toda excitação periférica atual, ou melhor como "representação", como a consideravam os antigos, pois há, aqui, re-presentação.

Vemos um livro, e dele guardamos uma imagem. Assim podemos recordar imagens de diversos fatos passados, de sensações agradáveis ou desagradáveis que tivemos.

A capacidade de reproduzir imagens varia de indivíduo para indivíduo. Uns têm mais capacidade para reviver imagens auditivas, outros tácteis, outros olfativas, outros visuais, combinando-as diversamente. Verifica-se, também, que a precisão, a nitidez dessas imagens, varia no indivíduo, como de indivíduo para indivíduo. Guardamos com maior nitidez um fato de nossa vida, enquanto outros mais próximos a nós estão imprecisos. Há pessoas que têm imagens nítidas e podem conservá-las por muito tempo, como certos indivíduos, com o sentido auditivo bem desenvolvido, que podem recordar perfeitamente uma peça musical, enquanto outros guardam com nitidez imagens visuais.

A **imaginação criadora** já se manifesta por formas diversas. Nota-se nos brinquedos das crianças um poder de invenção, como vemos, também, nos mitos dos homens primitivos, nas religiões e nas obras grandiosas dos artistas, como no descobrimento dos sábios, e até nos grandes vãos da Filosofia.

Aqui não há apenas a combinação das imagens; daí **imaginação reprodutora**. Aqui penetram afetos, tendências, paixões, sentimentos de formas mais intensas que naquela, intuições, apreensões de pensamentos novos, relações insuspeitadas, descobertas, etc. Discutem os psicólogos se há realmente criação nessa imaginação, ou apenas combinações. Afirmam alguns, e entre eles Locke, que o espírito é incapaz de criar uma ideia por simples que seja. Por isso, todas as imagens são apenas cópias de sensações.

Todos os fatos parecem fundamentar essa opinião, pois em tudo quanto o homem cria, através da imaginação, sempre vamos encontrar aspectos da realidade.

Um mito, um monstro de mil formas, um ser imaginado, sempre encontramos nêles aspectos da realidade que com outros formam o tipo estranho que a imaginação criou. São sempre compostos de reminiscências, de percepções passadas. No entanto, há criação, em certo aspecto, no da ordem. Na imaginação reprodutora, há apenas memorizações de imagens de fatos passados. Mas, na imaginação criadora, embora as imagens isoladamente sejam consideradas como reminiscências de percepções anteriores, há criação na combinação desses elementos que formam um **todo**, o qual não é apenas um conjunto, ou uma soma das partes, mas muito mais.

IMAGINAÇÃO — Na formação da inteligência infantil, a imaginação tem um papel importantíssimo. É ela a capacidade de criar com imagens diversas algumas novas possibilidades, e é a fonte de toda a criação futura, não só da criança como do adulto. É inútil e prejudicial querer "secar" desde cedo a imaginação infantil que se manifesta no sonho, nos brinquedos simbólicos e na fantasia, porque seria destruir, no ser humano, o que lhe é próprio e, sobretudo, o que lhe é estimulante para que se tornem criadores. A criança nos primeiros anos não distingue bem o imaginário do real, e é comum confundir os dois. Só a pouco e pouco (dos quatro anos em diante) poderá começar a distinguir mais nitidamente o que é real do que é imaginário, embora a criança continue vivendo o imaginário (ser cow-boy, ser índio pele-vermelha, ser motorista, brincar de casa, etc.). As crianças gostam de representar os personagens das histórias infantis, e começam a perder esse entusiasmo quando alcançam os sete e os oito anos, quando apenas esporadicamente se entregam a tais brinquedos de imaginação. Nunca devem pensar os pais que a vida imaginativa de seus filhos é um mal. Só o será quando atinge a morbidez e ameaça tornar-se crônico (casos de esquizofrenia precoce), o que, então, exige a presença do clínico competente. A atuação dos pais está em fazer distinguir o imaginário, "a mentirinha" do que é real, mostrando o que é real e o que é ima-

ginário, auxiliando, assim, aos filhos a viverem as duas possibilidades, sem confusão. Se a criança revela inaptabilidade ao mundo social em que vive, se se ensimesma, se se afasta, se revela timidez excessiva, se gosta de uma solidão incompreensível, só então o caso apresenta sintomas de certa gravidade, que exige o auxílio de mestres competentes e até de clínicos capazes. Quase sempre tais casos revelam algum problema de convivência, e a criança pode dar uma pista ao relatar os contos imaginários que ela inventa, os personagens que ela cria, que podem revelar algum companheiro que, por suas atitudes, pode ter sido a causa de algum desequilíbrio emocional da criança. De qualquer modo, devem os pais compreender que é normal a vida imaginativa da criança e devem compreender que essa fase tem de correr normalmente.

IMBECILIDADE — Vide **Criança Deficiente**, **Criança retardada**, **Nível Mental**.

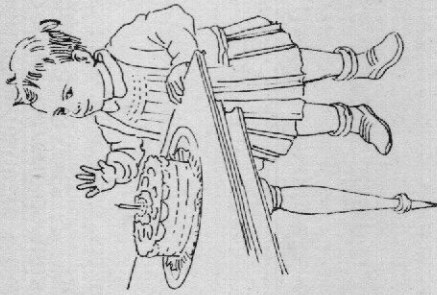
IMITAÇÃO — No estudo da inteligência, verifica-se que a imitação constitui a inteligência primária, porque é a mais elementar maneira daquela manifestar-se. A criança revela, desde os primeiros tempos, uma tendência a imitar e, sobretudo, a imitar os pais. Estes



O amparo à criança evita a insegurança que lhe pode ameaçar depois.

nunca devem esquecer essa natural capacidade da criança, não só para auxiliá-la a construir os esquemas convenientes para o ser humano adulto, como, também, não devem praticar atos que possam ser imitados pelos filhos. Estimular habilmente a imitação é importante, sobretudo porque a criança tende a realizá-la. A imitação é um fator importante na

formação da personalidade. Se os pais lavam as mãos antes de tomarem um alimento, auxiliarão os filhos a adquirirem esse hábito salutar. As manifestações de probidade, de sinceridade, de cortesia, etc., tudo isso estimulará nos filhos a repetição adequada. Do mesmo modo que os pais se tornam modelos naturais dos filhos, não devem, porém, estabelecer para si mesmos normas tão elevadas que os filhos não possam imitar. Entre estas devem sempre haver as imitáveis, porque a imitação é proporcionada à capacidade de imitar da criança.



No aniversário, deve-se dar a maior satisfação à criança.

IMPACIENTE — Contrário de paciente, de pacífico.

É a falta de paciência. É o apressado, o sófrego; é o inquieto, o agitado, o nervoso.

O frênesi, a inquietação humana abrem as portas às grandes interrogações e muitas das respostas (doutrinas, teorias, etc.) são produtos da impacência, da sofreguidão e, consequentemente, da análise imperfeita.

IMPRESSÃO — a) Ato ou processo de afetar, de premir.

b) Emprega-se o termo mais em sentido psicológico, para indicar as modificações cerebrais, que correspondem ao realizado pelo estímulo exterior nas fibras nervosas sensitivas.

c) Diz-se de todo imediato efeito na consciência, proveniente de estímulo nervoso.

d) Também se chama de **impressão** a imagem sensível.

IMPULSO — a) Ação de impelir movimento, que se comunica a um corpo. Fôrça que determina esse movimento.

b) Psicologicamente, chama-se **impulso** ao incitamento, ao estímulo, à instigação.

c) É a forte tendência a executar certo ato; ou seja, um motivo poderoso, que não costuma ser concretamente conciente.

d) Tendência a atuar, que não é atribuída diretamente ao estímulo.

e) Tendência reativa, e também esforço renovado e acentuado.

IMPUTAÇÃO — Imputar é atribuir ou declarar como pertencente a alguém a responsabilidade ou a autoria de algum ato. É assacar. **Imputação** é o ato ou o efeito de imputar. Imputabilidade é a qualidade do que é imputável.

IMUNIDADE E PROPENSÃO — Algumas crianças são mais predispostas que outras a determinadas enfermidades. Esta propensão é devida a um estado complexo determinado por fatores mentais e emocionais, bem como por fatores físicos ou químicos. O estado de nutrição, o mental e a fadiga influem grandemente. Assim, um indivíduo, para resistir a uma infecção determinada, depende, não só da herança, como também do estado em que se encontra.

IMUNIZAÇÃO — Vide Vacinas.

INADAPTAÇÃO — a) Inferioridade de estrutura ou do comportamento, que determina a incapacidade para enfrentar, com bom êxito, as condições do meio ambiente.

b) Incapacidade de um indivíduo em adaptar a sua conduta às condições de sua circunstância ambiental.

c) Diz-se, também, do fato dessa inépcia.

INALAÇÕES — Vide Puericultura — 9.º cap., § 8.

INALAÇÕES A VAPOR — O ar úmido, numa atmosfera quente ou morna, quando se sofre de um forte resfriado ou de uma bronquite, alivia a tensão e a dificuldade em respirar.

Para conseguir-se o ar úmido, existem diversas formas:

- 1) ferver água numa vasilha;
- 2) empregar um vaporizador ou inalador tipo comercial. Eles conseguem produzir um leve sopro de vapor; mas não conseguem, em geral, umidecer uma extensa porção de ar.

Caso a congestão das vias respiratórias seja muito forte, convém a concentração do ar úmido dentro do menor espaço possível. Neste caso, é preciso proteger a criança, usando uma toalha à volta de sua cabeça, e cobrindo-lhe os ombros. Sempre se deve dar atenção para que o vapor não se canalize diretamente sobre o rosto da criança, de forma que se produza uma queimadura. Também é preciso tomar cuidado para que a criança não se resfrie, após o tratamento, o que é muito comum. Assim, após as inalações, ela deve permanecer na mesma habitação por mais uma meia hora.

INATISMO — É a teoria filosófica que afirma haver idéias e princípios, presentes no espírito desde o nascimento, dependendo apenas de futuras experiências para atingirem a sua formulação, eidético-noética, isto é, por esquemas mentais.

INATO — É o que pertence à natureza de um ser e não é o resultado de sua experiência após o nascimento. Inato é o nascido com... O que emerge da natureza do ser, desde que começou a ser.

INCAPACIDADE — Falta de aptidão para algo.

INCONSCIENTE — (Natureza do) — Para psicólogos modernos, como Jung, Myers James, etc., o eu sublimar (**inconsciente**) é uma realidade e não uma mera distinção do psiquismo. O eu **inconsciente** seria igual, em potência, em todos os homens, idêntico em todos, e explicaria os fenômenos de telepatia, da metapsíquica em geral. Dêsse modo, há uma região que formaria o sub-fundo da alma humana.

Para Freud, esse fundo é individual, o **id**, que constitui a verdadeira personalidade do homem, sendo a vida consciente, o **ego**, apenas uma manifestação parcial dêsse grande inconsciente.

INCONSEQUÊNCIA — a) Contrário de **consequência**.

b) Carácter de duas proposições em que a segunda é apresentada como resultado da primeira, quando na verdade não o é.

c) Diz-se, também, da falta de lógica no pensamento ou de incoerência nas atitudes.

INCONTINÊNCIA — É a incapacidade para controlar, por meios racionais, os desejos corpóreos. O que o consegue é continente. Não se deve confundir o **incontinente** (o que não a si mesmo contém) com o **licencioso**, pois, com o primeiro, há uma luta entre seus desejos e seus princípios morais, enquanto com o segundo não há tal conflito.

INCUBADORAS — Os bebês nascidos prematuramente (os que pesam menos de dois quilos e meio), e os que nascem com certas deficiências, devem ser colocados em incubadoras.

Muitas vezes um bebê, que nasceu no tempo normal, necessita, por ex.: de maior quantidade de oxigênio, ou uma temperatura e umidade cuidadosamente reguladas. Isto, de forma alguma, quer dizer que o bebê está enfermo, mas, sim, de que necessita passar períodos difíceis, e a incubadora é de grande auxílio.

Caso não exista uma incubadora, o bebê nascido em condições não rigorosamente normais, deve receber o máximo cuidado, como a cama e roupas de uso, e a temperatura do quarto devem assegurar um calor suficiente para manter a temperatura do seu corpo entre os 36 e 37 graus. Quando menos se movimente e retire de sua posição o prematuro, melhor será. Ele deve permanecer o máximo possível em repouso, pois só assim passará a salvo este período.

INDECISÃO — Atitude que decorre do equilíbrio de motivos em conflito, ou da ausência de certos dados requeridos para a formação de uma decisão ou de um

juízo, que se caracteriza pela inibição da atividade reativa.

INDEPENDÊNCIA — É este um sentimento importante, que deve ser estimulado na criança em bases seguras. Esta, por sua natureza, é um ser eminentemente dependente, mas é fácil saber que essa independência se amortece aos poucos, e é substituída pela independência, a qual deve ser bem ministrada. Devem os pais ajudar cada dia o filho a adquirir aos poucos, compassadamente, a sua independência, alentando-os a fazer, por si, apenas o que podem fazer sem malogros. Em suma, não devem exigir que a criança faça o que está além das possibilidades de suas forças, segundo a sua idade. O ideal de um pai é que o filho alcance uma independência segura; portanto, deve estimular os filhos a tomarem as suas decisões naquilo em que podem decidir. O equilíbrio entre a liberdade e a limitação é a regra (vide *Liberdade da Criança*).

INDIFERENÇA — a) Contrário de diferença. O que não apresenta diferença.

b) Psicologicamente, o estado mental que se caracteriza por não conter nem dor, nem pesar, nem prazer, nem uma mistura de ambos.

c) Emprega-se o termo para indicar o livre arbítrio, como vemos em expressões como *liberdade de indiferença*. Vide *Livre-arbítrio*.

INDIVÍDUO — a) *Individuus*, no latim, era primitivamente o que é *in*, não, *dividuum*, não divisível, o inseparável. *Individua corpora* eram os átomos. Significa o que, sob a mesma razão, não pode ser dividido em muitos.

b) Os gregos chamavam os *individua* de átomos, de *a*, alfa privativa, e *tomé*, parte, o que não tem partes, o que é impartível, insecável, de *seccare*, cortar. Nesse sentido, indivíduo é o impartível, inseparável.

c) Emprega-se o termo, na Filosofia, para expressar o que de certo modo, sob algum aspecto, é dado como um todo, mas distinto dos outros.

d) Na Psic. e na Biol., indivíduo é um só organismo, o tipo geral de uma espécie, ou até a célula, que compõe o organismo.

e) Chama-se, também, de *indivíduo* o ser humano, enquanto um todo. É é neste sentido que o termo é usado comumente, quando não leva nenhuma qualificação.

f) Na Lógica, é *individual* o termo que se refere a uma singularidade, como Terra, por exemplo.

g) Na Soc., são as individualidades (pessoas ou grupos), que compõem as sociedades.

INDOLÊNCIA — Vide *Preguiça*.

INFELICIDADE — Vide *Inquietude*, *Criança problema*.

INFLAMAÇÕES — Vide *Puericultura* — 10.º cap. § 15.

INFLUÊNCIA — (de *in* e *fluere*, fluir em — a) Etimologicamente, é a ação do que flui de algo para algo. Usava-se, antigamente, na astrologia, como ainda se usa, para indicar o fluido que dos astros flui sobre os homens, atuando sobre o seu destino.

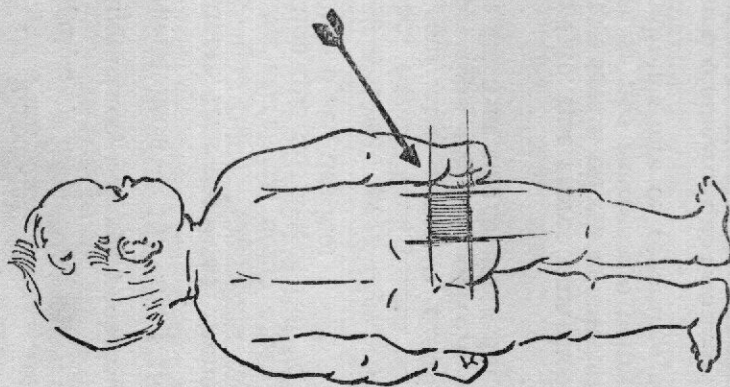
b) Daí empregar-se o termo para significar a ação psicóloga, que pode exercer uma pessoa sobre outra, determinando seus atos, como o exercício de um poder, de um prestígio, que leve outro a agir diferentemente do que faria se não houvera tal influência.

c) Diz-se de todo fato, que exerce uma modificação de atitudes ou que leva a outros acontecimentos, que não se dariam se não exercesse o primeiro uma ação direta ou indireta sobre os segundos.

INGENUIDADE — *Ingênuo* é o sincero, que não tem má-lícia, o que é franco, cândido, simples, sem afetação. Em suma, o que é inocente, puro, singelo. A ingenuidade é a qualidade de ser *ingênuo*, que, filosoficamente, caracteriza-se pela singeleza de ânimo que leva à credulidade. O *ingênuo* coloca-se ante a vida sem dispor de prévios esquemas de defesa. Na arte, na Filosofia, na obra cultural, o *ingênuo*, e só ele, é genuinamente criador, porque há necessidade da ingenuidade, da simplicidade, da credulidade até, ante o possível de ser realizado. É mister que o coração esteja limpo, que nada de prévio esteja estabelecido, para que a experiência estética ou filosófica realize-se em toda a sua simplicidade, e possa o homem, libertado de preconceitos, criar.

INIBIÇÃO — (Do lat. *in e habere* — a) Na Psic., ação de inibir, de impedir a realização de um ato ou de uma reação pela ação da vontade ou por poderes volicionais adquiridos.

b) Na linguagem comum, emprega-se no sentido da falta de capacidade para fazer alguma coisa em determinado momento.



O local mais indicado para dar injeção numa criança é o assinalado pela seta.

INJEÇÕES — O uso de injeções é, em nossos dias, muito utilizado. Elas previnem, de certa forma, muitas doenças, e aceleram a cura de outras.

Os bebês choram muito no momento de lhes ser dada a injeção, parando logo em seguida. É conveniente, mesmo tratando-se de uma criança, que tenha medo de tomá-la, que sejam seguros por uma enfermeira ou por uma pessoa adulta, de forma que não possa movimentar-se, prejudicando a maneira como deve ser dada aquela.

Os pais devem adotar uma atitude firme e carinhosa, procurando explicar porque é dada a injeção,

e os benefícios que advirão, de forma que a criança a suporte tranqüilamente. Vide **Puericultura** — 9.º Cap. § 9.

INQUIETUDE — a) Na Psic., é a atividade sem objeto, que é característica de certas situações do estado psicológico, e que leva a constantes mutações da direção da atividade.

b) Diz-se do sentimento desse estado. Contrário é calma, tranqüilidade.

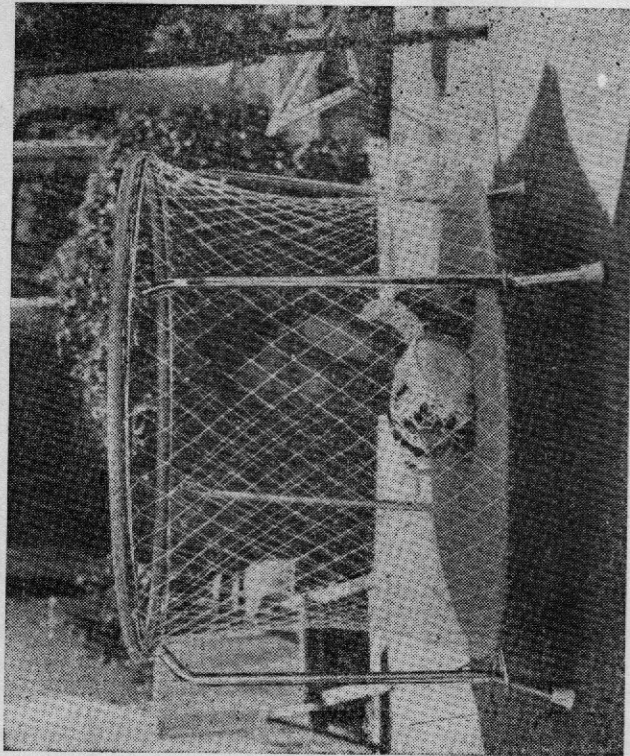
c) Fala-se na inquietude do espírito humano para referir-se à constante busca da verdade, que mantém o investigador do absoluto em constante afã, pois as soluções encontradas nem sempre o tranqüilizam, senão por alguns instantes.

d) Na Cosmologia, **Inquietude** é mobilidade do movente e se dá no tempo. A quietude não é uma negação do movimento, mas privação. E pode ser medida segundo o tempo.

INQUIETUDE DO BEBÊ — A incomodidade ocasionada por fome, fraldas molhadas, dentição, sono, necessidade de arrotar, etc., podem provocar, no bebê, um estado de inquietude. Quando se verifica que nenhuma delas o perturba, e ele continua inquieto por alguns dias, é preciso procurar o médico, para que o examine. As vezes é devido à prisão de ventre ou a um resfriado incipiente. Nos casos em que o bebê (com 12 meses) continue a chorar, e nada o faça tranqüilizar-se, deve-se observá-lo, para ver se o choro não é um meio de chamar a atenção de todos. Muitas vezes, o bebê capta a inquietude existente entre os pais, ou entre os adultos, e se manifesta com choros e nervosismo. Acabando a tensão entre aqueles, ele também se tranqüilizará.

INQUIETUDE INFANTIL — Quando a criança revela que tem um “formigueiro” dentro de si, que atua como “barata”, revela que há algum desequilíbrio, resultante de algum conflito interior. Surge às vezes de uma imobilidade forçada, em que a criança foi obrigada a permanecer quietinha, por que tinha visitas, ou porque estava na Igreja, etc., ou, então, surge de uma excessiva coibição levada com severidade pelos pais, “faça isso”, “não faça isso”, que tanto contribui para essas restrições. É preciso compreender

que essas reações são naturais. Quando há tensão no ambiente familiar, quem se espantaria de haver crianças inquietas? Convém desaforar esses impetuosos reprimidos, dando à criança brinquedos, em que ela possa dar vazão à sua ansiedade de ação e de explosão, como martelos, massa plástica para amassar, um tambor etc., e depois a criança entrará em quietude.



Grade especial que protege a criança, dando-lhe meios para que se exercite ao ar livre.

INSATISFAÇÃO — Atitude que se caracteriza pela inquietação e por um estado de desagrado. Contrário de satisfação, que se caracteriza pelo agrado e pela tranqüilidade.

INSEGURANÇA — Dedicavam-se os antigos filósofos, e também alguns existencialistas cristãos modernos, ao estudo da insegurança (*insecuritas*, em latim), que é natural em todo o ser vivo e, sobretudo, no homem, que toma consciência da sua deficiência e fraqueza. Mas a insegurança, na criança, pode aumentar ou diminuir, segundo a maneira de guiá-la na vida. Vide,

pois, Disciplina, Agressividade, Abandono, Superproteção e os artigos citados nestes.

INSENSIBILIDADE — a) Ausência geral, parcial ou temporal de alguma capacidade sensória.

b) Diz-se do estado de inconsciência.

INSOLAÇÃO — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 16.

INSPIRAÇÃO — (Do latim *inspiratio* do verbo *aspiro*, soar para dentro).

Ao examinarmos a **aspiração**, vemos que o espírito humano, no seu dinamismo, quando se dirige aos valores puros, como liberdade, justiça, a **aspiração** torna-se **inspiração**. Na **inspiração**, a imaginação criadora dirige-se para a realização de novas formas de cultura, sobre qualquer dos aspectos que as consideremos.

INSTINTO — (Do latim obsoleto *instinguo*, de *in* e *stinquo*, do gr. *stízô*, que significa impulso, impeto em alguma coisa, para alguma coisa).

Todo organismo realiza uma série de movimentos que não são provocados por excitações exteriores, e que são julgados sem finalidade, por não terem sido ainda devidamente compreendidos em suas relações com outros fatos psicológicos.

Para distingui-los das reações, são intitulados de **espontâneos** ou **fortuitos**, como chamaram alguns. Todo movimento que fazemos, dirigido pela vontade, é um movimento que já fizemos antes espontaneamente. Precisamos antes conhecê-lo para depois querê-lo. Se resolvemos dar um salto para passar uma barreira é que sabemos antes que, saltando, poderemos atravessá-la. E se o tentamos, é porque já fizemos algumas experiências anteriores, mesmo não dirigidas pela vontade.

Classificam os psicólogos em geral esses movimentos mecânicos em **reflexos**, **tropismos**, e alguns modernos, em **tatismos**, que é uma espécie de tropismo ou que a ele se assemelha, e, segundo outros, como **instintos**.

“O reflexo é uma reação motriz invariável, que responde a um estímulo preciso e que se produz, des-

de a primeira vez, completo e seguro", define Rous-
tan, exemplificando com a tosse, o espirro, etc.

São os tropismos fenômenos de orientação, como, na botânica, a orientação dos vegetais sob uma influência momentânea, como a da luz. A planta, num quarto, inclina-se para a janela, de onde vem a luz; na zoologia também são observados tropismos, como o chamado anemotropismo dos insetos, que se colocam sempre de face para o vento.

Os tatismos (térmo contemporaneamente mais usado) diferenciam-se dos tropismos. São excitações físicas ou químicas, que determinam a progressão automática de um animal em certo sentido.

Procuram os psicólogos distinguir o tatismo do tropismo, considerando este apenas mecânico, e quanto àquele consideram precipitado considerá-lo assim. A ação dos necróforos, que se dirigem ao cadáver de um rato, não pode ser explicada apenas por um automatismo mecânico. Jennings reconhece diferenças, entre certos fenômenos de um simples tropismo, como os do paramécio, que procura a parte acidulada da água.

Se fôsse uma ação meramente mecânica, a marcha que empreende para alcançar essa região, seria apenas sujeita às leis da mecânica. Entretanto tal não se dá. O paramécio ora se aproxima, ora se afasta, vai, cai, torna, retorna, procura aqui e ali, até que, ao tocar a região acidulada, pára, mantém-se aí onde parece manifestar certo prazer.

Porque toda explicação mecanicista é uma explicação extensista, apenas abstratista. Como, na natureza, os fatos são regidos por um dualismo antinômico, de intensidade e extensidade, toda e qualquer interpretação que se construa, fundada numa, com a exclusão da outra, não pode satisfazer, por visualizar apenas um dos aspectos da realidade. A vida não pode ser explicada apenas pela ordem dinâmica da extensidade, como é a da mecânica, porque, na vida, há a predominância da ordem dinâmica da intensidade.

O fato dos biólogos modernos não se encerrarem na concepção do tropismo, e criarem a do tatismo, em contraposição, é já o produto da má colocação do

problema. Uma explicação que atualiza um dos aspectos para virtualizar o outro, é uma interpretação meramente abstrata.

Piéron define o instinto como "a tendência inata a umas categorias de atos específicos, que alcançam, de pronto, e sem experiência prévia, sua máxima perfeição, que se desenvolvem em certas condições de meio e que apresentam uma dependência relativa ante as circunstâncias, mas demasiado rígidos, se não nos pormenores, pelo menos nas grandes linhas, para permitir uma adaptação plástica a fatores novos".

A definição peca por ser longa, mas permite que distingamos o ato instintivo do ato reflexo. No instinto, há um tender para um fim útil sem consciência desse fim. O reflexo é inflexível. Um espirro provocado virá, inflexivelmente, sem que se possa impedi-lo.

Por outro lado, os reflexos podem ser úteis ou não, enquanto o instinto é sempre útil. Ao realizar o ato instintivo pode haver modificações na execução, o que é importante.

A aranha construirá a teia diferentemente, segundo as circunstâncias e o lugar que disponha. O castor constrói diferentemente, segundo a corrente da água, o nível da mesma ou a presença dos homens.

Tais fatos já mostram complexidade, que o conceito comum de instinto, como mero impulso simples, não basta para explicar.

Os reflexos são estimulados por um processo externo, enquanto o instinto pode ser provocado por um estímulo externo, mas é sempre o desdobramento de uma ação interna.

A inteligência tem a seu favor o passado, as experiências que ela coordena, e que aproveita para o exame das novas situações, como também para estruturar novas atitudes. A inteligência tem assim uma atuação progressiva, criadora.

Verifica-se, por exemplo, que os instintos são mais poderosamente desenvolvidos em animais que demonstram menos inteligência, como os insetos, enquanto, no homem, são eles menos desenvolvidos.

Não podendo os psicólogos resolver o problema do instinto, procuraram reduzi-lo ou à inteligência ou

a simples reflexos, como já vimos, temerosos de admitir uma irreducibilidade a mais.

Em face das inúmeras observações e experiências feitas pelos entomologistas e biólogos, vemos que elas corroboram suas teorias, as quais outras experiências e observações vêm destruir e refutar. Tal estado de coisas coloca o problema do instinto dentro de uma das maiores controvérsias que surgiram nos debates da Filosofia e da Biologia, ainda longe de terminar.

INSTRUÇÃO — Vide Introdução.

INSULINA — Vide Diabetes.

INTELIGÊNCIA — (Do latim *Intellectus*, de *inter* e *lec*, de escolher entre, ou de *intus* e *lec*, de escolher dentro, como o preferem outros).

A **inteligência** é a função intelectual, a que realiza as operações intelectuais, que são as cognitivas da vida racional, que constituem as apreensões, a **intelecção**, a **compreensão**, a **captação da espécie**, a **idéia**, os **conceitos**, as **comparações**, o **juízo**, o **raciocínio**, a **cogitação**, a **inspiração**, etc. (vide tais termos). De qualquer forma, é mister distinguir, na **inteligência**, uma **função ativa** e uma **passiva**, pois realiza ela operações **abstrativas** de gradação heterogênea e **imprimé**, em representações, imagens e esquemas (papel passivo), os conteúdos obtidos, através dessas operações, sobre os quais, posteriormente, opera.

A **inteligência** revela, contudo, graus, e na criança até o adulto feito, esses graus sucedem-se rigorosamente, atualizando-se os estágios, que passam a funcionar como **potências ativas**.

São essas atualizações coordenadas pela cooperação dos fatores, que nos explicam a formação dos esquemas psíquicos e a sua variabilidade:

- 1) **inteligência primária**: a imitativa;
- 2) **inteligência secundária**: a que distingue meios de fins;
- 3) **inteligência terciária**: a inovadora. Vide **Introdução**.

INTELIGÊNCIA (testes de) — Vide **Testes**.

INTELIGÍVEL — a) O que é captável pela inteligência.

- b) O que é compreensível, cognoscível.
- c) O que é lógico, coerente, racional.
- d) O que é capaz de ser reduzido a esquemas noéticos.

INTENÇÃO — (Vem do latim *intentio*, e, por sua vez, de *in* e *tendo*, e éste do *teinô*, gr., que significa tender, desenvolver-se, dirigir-se para algo).

a) Tem, na Filosofia, o sentido de tudo o que tem uma orientação, um vetor, como o agente que tende, para a sua operação, o ente para o ser.

b) Pode-se restringir o conceito, dando-lhe apenas o sentido do que se orienta, conscientemente, para o objeto (como são as representações, conceitos, atos cognoscitivos e apetitivos, que, por sua vez, são considerados **intencionais**).

c) Na Lóg. escolástica, as intenções eram divididas em duas ordens. A primeira ordem compunha-se das propriedades ou classes das coisas concretas, e as relações entre elas. Chamavam-se as primeiras **intenções intentiones primas**, dirigidas ao objeto (**objetivas**). As segundas intenções eram as propriedades ou classes das primeiras intenções e das relações entre elas (**intentio secunda**), dirigidas para as formalidades (**formalis**).

Em suma, dos fatos concretos, constrói o homem esquemas intencionais noético-fáticos, e classificando-os em esquemas noético-eidéticos, ou seja dos ante-conceitos, constrói os conceitos. Com estes, constrói esquemas intencionais, que são esquemas dos esquemas noéticos, fáticos, mas já esquemas noético-eidéticos, com os quais obtém a configuração lógica e ontológica das classes.

Diz-se que a hierarquia desejada pelos escolásticos, com essa classificação, não atingiu o esperado, pois não se construíram esquemas de terceira intenção. Contudo, os **logoi analogantes**, quando alcançados, revelam uma terceira operação intencional dos conceitos.

Assim, nessa classificação das intenções, pode-se admitir que os animais sejam capazes de construir

conceitos de primeira intenção, mas nega-se que o sejam de segunda. Assim, o cão é um conceito de primeira intenção, mas canídeo é de segunda intenção.

As espécies intencionais (*species intentionales*) são as espécies sensíveis (*vide espécies*).

Estes termos eram usados apenas na filosofia escolástica, e foram abandonados pelos modernos, que não seguem aquela corrente, mas atualmente voltaram ao uso por intermédio da escola de Brentano (Franz, 1838-1917), através de Husserl. Brentano recolheu a idéia escolástica e aplicou a significação da intenção a todos os atos psíquicos, considerados como essencialmente intencionais, pois todo psíquico distingue-se dos atos físicos por possuir uma intencionalidade, por referir-se um objeto, que é mentado.

INTENCIONAL — É o que caracteriza certos atos e seus resultados, que não são previstos nem queridos pelo agente.

INTENCIONALIDADE — Propriedade da consciência em referir-se sempre a um objeto, pois a consciência o é de alguma coisa. Mas o objeto da consciência não necessita ser um fato do mundo concreto, mas pode ser uma idéia, um pensamento. **Intencionalidade** é o termo moderno que procura substituir o escolástico **intentio**.

INTENCIONALISMO — É a propriedade da consciência em referir-se ou entender para um objeto, real ou apenas ideal. Prefere-se hoje o termo **intencionalidade**.

INTERNATOS — A escolha do internato, onde a criança vai viver maior parte do ano, deve ser muito cuidadosamente feita. Os pais devem, portanto, saber muito bem o que é que esperam do colégio, e qual o propósito exato: fazer a criança passar um longo período longe dos pais, por não ser possível a estes (por motivos variados) cuidá-la e mantê-la consigo e prepará-la para que faça estudos cuidadosos, de forma que possa ingressar mais tarde nos estudos universitários.

Existe uma infinidade de tipos de internatos em vários países, onde o nível pedagógico alcança nível muito alto. Assim há internatos, onde o ensino adota sistemas modernos; outros clássicos; outros com

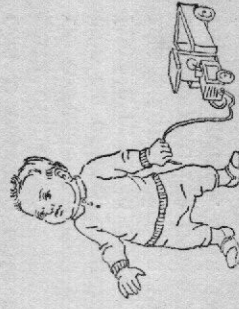
preponderância da cultura física, esportiva ou social, etc.

INTERESSE — a) É a atitude de um espírito dirigido para um objeto que, de certo modo, é apetecido. Assim se pode falar em interesse de várias espécies, por que variará sua aceção, segundo as diversas manifestações da apetibilidade do espírito.

b) É, também, o que importa realmente a um determinado agente.

O interesse pode ser individual ou geral, quando diz respeito a um indivíduo ou a um grupo social ou uma coletividade qualquer; público, quando se refere ao conjunto dos interesses de uma sociedade.

Provocar o interesse é provocar o desejo de alguma coisa, como se procede na pedagogia (doutrina do interesse), provocando-o de tal modo na criança que ela deseje, espontaneamente, aprender algo sobre o que lhe é estimulado.



c) No associacionismo e nas associações, há a lei do interesse: a que preside as associações, pois estas se fazem segundo um interesse e não mecanicamente, pois estes ou aqueles fatos são associados, e outros não, ora uns, ora outros.

Na atenção, há inegavelmente a presença do interesse, como um dos fatores do ato atencional.

INTERESSE PELA NATUREZA — Todas as crianças sentem uma atração muito grande pela natureza, e dos pais depende, em grande parte, que este interesse subsista ou desapareça.

A criança, que mora na cidade, e tem poucas possibilidades de estar em contato com a natureza, deve

ser ajudada a manter o seu interesse. Assim é possível ter-se em casa um pequeno aquário com peixes, ou alguns vasos com plantas, das quais ela se acostumará cuidar. Se possui na casa um pequeno jardim, deve ensiná-la a cuidar das plantas; e se tiver animais, também deles.

Alguns livros ilustrativos e históricos, cujos motivos sejam os animais e as plantas, muito servirão para manter desperto seu interesse, e elucidar muitas perguntas feitas pela criança.

INTERPSICOLOGIA — Chamava Tarde de interpsicologia, em oposição à psicologia coletiva, que pertence à sociedade (considerada como um todo) o estudo das reações psicológicas, que os indivíduos exercem ou provocam uns nos outros.

INTERROGAÇÃO — Quando começa a despontar a razão no ser humano, dele se apossa a perplexidade ante o espetáculo do mundo. A criança, nos primeiros anos, não tem perguntas; tem exigências, e as transmite. Mas há um momento em que nela se desbrocha o espanto ante o mundo. É quando as coisas, para ela, apenas não são, mas **perguntam**. É quando a razão começa a desabrochar-se no ser humano que as coisas perguntam. São problemas que desafiam a argúcia do ser humano. No princípio há apenas a formação de uma curiosidade, quando homem adulto não lhe basta mais ter apenas informações sobre as coisas. Há novas perguntas, um perguntar inesgotável, um perguntar que não se sacia com a resposta, pois cada uma dá-lhe apenas a tranquilidade de um passageiro momento de satisfação, porque o que resta continua perguntando. Na verdade, onde há o ser, há a pergunta, e todo ser, por ínfimo que seja, é uma interrogação desafiadora à argúcia do homem.

A pergunta é, em suma, a interrogação, de **inter** e **rogare**, dêsse rogar entre, dêsse perguntar entre as coisas.

INTERROMPER — É muito comum que as crianças tenham o costume de interromper a conversa dos adultos. Naturalmente devem ser ensinadas que não é um bom costume, mas deve ser chamada a atenção com muito cuidado e tato. Cortar constantemente uma criança que interrompe a conversa, pode dar

bons resultados, mas, também, pode anular, bruscamente, o seu entusiasmo.

Muitos pais têm, também, este costume, e devem, antes de tudo, evitar interromper quem conversa, ou, então, pedir licença, com delicadeza, pois será o melhor exemplo para os filhos.

Convém, também, quando interromper inadvertidamente alguém, dizer: "Perdão...", e acrescentar o que deseja. Nunca devem os pais esquecer que os seus filhos se guiarão pelos exemplos dados e serão, em muito, o que os pais forem.

INTIMIDADE — a) — **Íntimo** é o intrínseco, o que é muito interno, muito de dentro; o que está no âmago da alma, da mente, do coração.

b) Aplica-se com referência à parte mais interna de uma coisa, o que há de mais profundo em uma coisa.

c) Assim, na Teologia, fala-se na intimidade de Deus, na intimíssima realidade do Ser Supremo, que será, para muitos, para sempre, incognoscível.

d) Na Psic., fala-se na intimidade como de algo que é intransmissível, e também com referência ao que é **incomunicável** entre os homens. Há, nas experiências psicológicas, sempre um quê de intimidade, que jamais se pode comunicar aos outros. É essa intimidade, que está toda a singularidade no seu mais alto valor, que não é jamais comunicável.

ÍNTIMO — **Íntimus**, em lat., é o superlativo de **interior**, e significa o que é mais interior.

a) Neste sentido, opõe-se a exterior, a manifestado, a público.

b) É **íntimo** o que é guardado no recesso de alguma coisa, o que só é conhecido pelo sujeito que o guarda (o **íntimo** de cada um).

A nossa consciência é íntima, incomunicável, enquanto vivência, bem como todas as nossas vivências em nós mesmos, e que só as transmitimos por sinais ou por símbolos.

c) Emprega-se, também, o termo para opor-se a superficial. A intimidade de uma idéia é o seu recesso mais profundo. A **convicção íntima** é a mais profunda.

INTROSPECÇÃO — Observação direta sobre si mesmo ou sobre os próprios estados mentais e suas operações. Equivale a *reflexão*, ou “sentido íntimo”, como o chama Locke e Kant.

A introspecção pode realizar-se pelo exame imediato dos estados psicológicos e sua operação, ou por evocação, por um ato retrospectivo dos estados e processos mentais dados no passado.

INTROSPECÇÃO EXPERIMENTAL — Método psicológico, em oposição ao método objetivo do *behaviorismo*, que se realiza por introspectiva observação, através de testes ou experiências, pelos quais o sujeito, que sofre a experimentação, descreve, pormenorizadamente, as suas experiências interiores.

INTROVERSÃO — Vide *Temperamento e Extroversão*.

INTUIÇÃO — Em latim *intuitio* vem de *intus* e *ire*, ir dentro, penetrar no âmago de uma coisa. O termo *intuição* foi empregado na filosofia sempre no sentido da penetração na singularidade do objeto pelo sujeito, na captação imediata dos aspectos fenomênicos que o objeto exhibe. Teve, assim, sempre, o sentido da captação singular e imediata do sensível, daí chamar-se de *intuição sensível*.

A *intuição sensível* é o meio de captação imediata do fenômeno do mundo exterior por um ser vivo. Apresenta a *intuição sensível* quatro fases:

- 1) *Intuição primária* (*intuição reflexa*).
- 2) *Intuição secundária*, já sensível, por meio dos sentidos, a qual se dá quando da formação da medula-espinhal. E, conseqüentemente, no desenvolvimento da vida, uma *intuição terciária* e uma *quaternária*, que seriam:
- 3) *Intuição terciária*, quando da formação do sistema cérebro-espinhal. Sensibilidade analítico-sintética, com formação de esquemas dos esquemas, pois os esquemas analíticos seriam assimilados a esquemas maiores que os conteriam. Essa ação sintetizadora já implica um esquema de esquema, com suas assimilações, que seriam fundamentais para a compreensão da inteligência; e finalmente, a
- 4) *intuição quaternária*, intelectual, com distinção do semelhante e do diferente, própria dos seres

mais desenvolvidos, e que, no homem, torna-se capaz de estruturar-se no processo operatório da razão, como órgão classificador, etc.

A *intuição intelectual* é, pois, a captação imediata das semelhanças e das diferenças, que corresponde à quarta fase da *intuição*.

INVEJA — a) — Não é um sentimento de ódio, nem de antipatia por alguém, mas apenas o sentimento de pesar de não ter o que outro tem, de não participar do que outro participa, de ser menos favorecido que outro que o é mais. Se pretende só para si alguma coisa, ser o único beneficiário de alguma coisa, é, então, *orgulhoso*.

b) Emprega-se, também, o termo em sentido em nada pejorativo, quando se quer expressar o desejo alcançar o nível que outro alcançou, quando se diz “tenho-lhe inveja”.

INVENÇÃO — a) — É a atividade prática, distinta da criação, que realiza algo não realizado, ou descobre algo oculto.

b) Alguns empregam-na no sentido de *criação*, de *imaginação criadora*.

IRA — Vide *Cólera*.

IRASCÍVEL — O que é sujeito a irar-se, que facilmente se irrita. A ira é uma paixão que nos incita contra alguém. É sinônimo de cólera, de raiva, de indignação. Em alguns casos, agrupa-se com o amor e o temor, como emoções primárias.

Na ira, há um grupo bem definido de reações, que se caracterizam por qualidades prazerosas mistas, com predominância do desagrado, acompanhadas de atividades somáticas do tipo do ataque ou da defesa.

IRMÃO MENOR — Vide *Irmão e Irmã*.

IRMAOS E IRMÃS — E no seio da família que a criança aprenderá a dar e a receber amor; em conviver com os outros; em respeitar suas necessidades e ter compreensão dos sentimentos alheios como dos seus; em repartir o trabalho e a diversão; em lutar contra os sentimentos de ira, ressentimento, medo, etc.

A primeira companhia da criança será os seus próprios irmãos se os tiver, seus pais e outros parentes chegados. Se ela tiver uma infância sã, lembrará sempre, aquêle período de sua vida.

A chegada de um bebê numa família pode acarretar uma série de problemas para o irmão ou irmãos mais velhos. É preciso focalizar tal acontecimento com calma, e procurar diminuir as possíveis atitudes erradas, que tomará o irmão para se fazer notar pelos pais.

Hoje em dia os pais se dão conta de que não é prudente cultivar o favoritismo, nem manifestar preferências, fazer comparações depreciativas, ou intervir com demasiada freqüência nas disputas entre os filhos. As vezes acontece que um dos pais sente-se mais inclinado em relação a um dos filhos por certas semelhanças que apresenta consigo, por conhecer as próprias debilidades, e ainda por simpatias espontâneas.

Há algum tempo atrás, o filho mais velho ocupava um lugar de honra, de destaque, dentro da família em relação aos outros irmãos. Hoje, em grande número de famílias já não há este costume, dando-se a todos os filhos a mesma atenção.

O filho mais moço recebe, em geral, mais mimos e atenções, sendo que o intermediário passa muitas vezes despercebido.

Nas famílias onde os pais dão a todos os filhos a mesma atenção, e controlam o desenvolvimento da personalidade de cada um, será difícil que um deles sofra desvantagem, devido à diferença do sexo ou da idade.

IRMÃS — (Vide Irmãos e Irmãs).

IRRACIONAL — O que é contrário à razão ou aos princípios da lógica. Não se deve confundir com a arracional, que é o que se dá fora da lógica, não, contudo, contra a lógica.

IRRESPONSABILIDADE — Vide Responsabilidade e Teimeridade.

ISOLAMENTO — Vide Enfermidades contagiosas (Quarentena).

J

JACTANCIA — É a atitude que consiste, por meio de palavras ou de gestos, em desejar convencer os outros de um valor maior do que na realidade se tem. Manifesta-se no exagêro das descrições das proezas realizadas ou das emprêsas efetuadas, e quase sempre oculta uma inferioridade, e deseja encobrir alguma deficiência. Vide **complexo de inferioridade**.

JARDINS DE INFÂNCIA — Os primeiros jardins de infância foram organizados por particulares. No fim do século XIX foram incorporados às escolas públicas, mantidas pelo govêrno.

Em nosso país existem em pequeno número, e só nas grandes capitais surgem em número relativo.

As vantagens de trabalho em grupo servem de prática pré-escolar, e já produziram seus resultados, pois as crianças, que freqüentam um jardim de infância, adaptam-se melhor a uma escola primária.

Quanto à idade ideal seria a de 4 anos, mas muito pedagogos são do parecer que, desde os dois anos e meio, é possível o ingresso da criança num jardim da infância.

No **Jardim de Infância** as crianças aprendem, entre muitas coisas, que há outras crianças, que, igual a elas, têm seus próprios desejos e impulsos. É muito comum, nas famílias pequenas de hoje, que uma criança de três anos, tenha a convicção que é o centro do Universo, e que pode fazer o que bem de-seja.

No ambiente de um jardim de Infância, a criança desenvolve, através da observação direta de outras

crianças, o que deve fazer para participar de um grupo; respeito à propriedade alheia; regras elementares de higiene, etc.

Antes de escolherem um Jardim de Infância, os pais devem informar-se bem como são suas acomodações, seu espaço, suas professoras, e os métodos seguidos na parte didática.

JOGO — Vide Brinquedos e Ludus.

JOGOS — Vide Atletismo; Equipes de jogos; Terapia pelo jogo.

JOGOS AQUÁTICOS — Vide Equipamentos de jogos.

JOGOS DE EQUIPE — Vide Atletismo.

JOGOS SEXUAIS — Todos os adultos, memorizando sua infância e juventude, sabem quão cedo sobretudo entre nós brasileiros, surgem as preocupações de caráter sexual, e como nos interessamos cedo por tais coisas, as palavras e anedotas que contavam, as experiências torpes que tivemos. Por essa razão, não é de admirar que os pais se preocupem tanto com iguais experiências com seus filhos, que sabem são também vítimas das mesmas excitações, e que também não saberão facilmente como dominá-las, e serão entregues a vícios secretos (masturbação), quase que irremediavelmente. Os pais não podem desconhecer tais fatos, e o que podem é diminuir os motivos de excitação, e os há muitos, sobretudo hoje onde revistas das mais excitantes penetram livremente nos lares, levadas até pelos próprios pais, que são seus afeiçoados. É a televisão que não tem peias nos trajés e nas posturas, e até nos ditos, onde graças fencininas, e algumas de baixo humorismo, são empregadas a toda hora, apesar da censura. Mas tudo isso pode receber da parte dos pais soluções favoráveis, se estes tiverem sempre em mente como devem proceder na educação sexual de seus filhos. Vide Educação sexual.

JUSTIFICAÇÃO — É o conjunto de razões que se oferecem para explicar o porquê de um ato ou de uma coisa. A criança, quando faz alguma coisa, e perguntada porque o fez, procura justificar-se, dando razões que muitas vezes não satisfazem, nem podem satisfazer aos adultos. "Por que você comeu os doces de

seu irmão?" — "Porque ele não queria, e eu comi", é uma justificação que pode satisfazer à criança, que é imediatista, não, porém, ao adulto, que nem sempre o é. Quando a juvenzinha, que não encontra namorado, diz que não vai a uma festa, porque ali só há jovens tolos, sabe-se que a razão propriamente não é esta. Assim os pais e os mestres devem buscar saber quais as verdadeiras razões, porque a criança e o jovem justificam muitos de seus atos (e também os adultos), por razões que não as verdadeiras.

JUSTO — a) É o que é conforme à equidade, à justiça (vide), à razão, à retidão, ao direito.

b) Também o que é exato, rigoroso, preciso. "Um raciocínio justo."

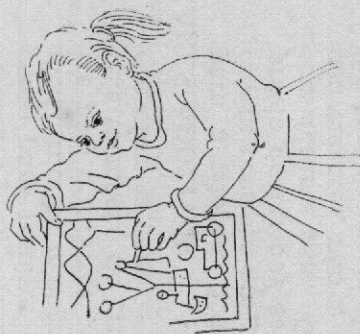
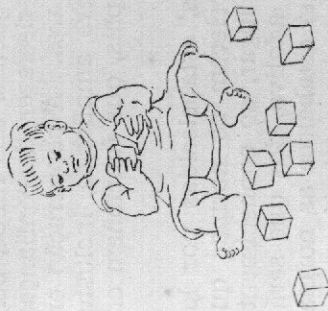
É justo o homem reto, equânime, imparcial, que realiza a justiça em seus atos e em seus julgamentos, e pratica a virtude.

c) Em Direito, o justo é, também, o que é legítimo.

L

LÁBIOS FENDIDOS — Em muitos bebês, os tecidos dos lábios não se juntam antes do nascimento, e daí nascerem com uma fenda. Esta pode ser uma leve separação, ou uma fenda que se prolonga até as asas do nariz. A cirurgia realiza, com êxito, operações de lábios fendidos, de forma que, após a sua realização, não se nota nem o mínimo sinal. Esta operação deve ser feita, logo nos primeiros meses, pois dificulta a forma de alimentar-se. Durante este período, e pouco tempo depois da intervenção, o bebê deverá ser alimentado de forma especial.

LAR E ESCOLA — A ajuda à criança, para que se torne completa e feliz, exige a cooperação harmônica de pais



e mestres. Mas, do mesmo modo que o mestre não pode dispensar à criança o carinho dos pais, também os pais não podem ser tão objetivos como os mestres. Uma estreita cooperação entre ambos favorece

o melhor desempenho das nossas escolas. Do mesmo modo que cabe aos pais dar a capacidade de autonomia, de independência do filho, cabe aos mestres auxiliar a integração do seu carácter e da sua personalidade, e não proceder, como certos mestres criminosos, que se aproveitam da sua indevida autoridade, para inocular, nas mentes infantis e juvenis o ceticismo, a auto-desconfiança, o desespero. Estes são professores que deveriam ser, incontinentemente, afastados das suas cadeiras, e infelizmente proliferam em nosso país, ocupando até cátedras universitárias.

Para que os pais conheçam melhor a escola, o aconselhável é fazer-lhe uma visita. E nenhum pai deveria deixar de fazê-lo, podendo até os professores organizarem dias e horas de visitação, a fim de mostrar-lhes como funciona a escola, aproveitando a oportunidade para ministrar aos pais alguns conselhos em consonância com o interesse pedagógico.

Se essas visitas forem feitas durante as horas de funcionamento, terão ainda os pais a oportunidade de ver o comportamento de seus filhos com os companheiros. Conversações dos pais com os mestres são valiosíssimas, pois uns e outros ministrarão dados importantes para o futuro proceder em relação aos filhos. Deste modo, os pais estarão melhor fundados para considerar as queixas dos filhos, bem como para resolver dúvidas, desfazer desconfianças, evitar muitos malogros escolares. A cooperação entre pais e mestres pode e deve ampliar-se, inclusive pela formação de grupos de pais, que funcionem em consonância com os mestres.

LARES ADOTIVOS — Há regras, estabelecidas por lei, para a adoção. Estas estabelecem as normas que devem presidir, em primeiro lugar, ao conhecimento prévio do lar que se tornará adotivo, dos que serão seus futuros pais. Como a lei estabelece as normas convenientes, não é mister expô-las aqui, já que estão contidas no instituto da adoção.

LARES DESFEITOS — Vide Divórcio. Esses lares surgem pela separação dos pais, pela morte de um deles, e representam um problema sério, porque nem sempre o que permanece é capaz de levar adiante a educação dos filhos, dentro das normas convenientes.

Há, também, lares que desaparecem, quando há morte de ambos os pais, ou quando os filhos são abandonados, que são casos criadores de problemas graves. Não é fácil ao pai ou à mãe, sozinho, educar os filhos, pois os problemas que surgem são muitas vezes superiores às forças daquele a quem compete levar adiante a tarefa da educação. O principal, em tais casos, é dar aos filhos a maior assistência possível, animar-lhes o valor (vide). Quando há perda do pai, e a mãe tem de arcar com os problemas financeiros da família, tem de procurar trabalho, é preferível, em tais casos, que a criança seja colocada num instituto que possa atendê-la, sem que deixe de manter contato com a mãe. E sem dúvida um desafio ao valor da mãe, que deve aceitar o destino com superioridade, com fortaleza, com ânimo forte. Se a criança vai para outro local, deve levar consigo seus brinquedos, suas coisas, pois terá, assim, um traço de união com o lar que perdeu. A criança pode compreender aos poucos esta situação, e cooperar para ajudar a resolvê-la. Se há um filho ou filha maior, que têm de procurar trabalho para ajudar a sustentar o lar, deve-se-lhe conceder seus direitos ao divertimento e aos gastos normais, e nunca atormentá-lo com a responsabilidade que assumiu. Podem-se exigir sacrifícios dos filhos em tais casos, e eles, conscientes e de boa vontade, aceitarão, nunca, porém, se deve exigir o que esteja acima de suas forças. Da parte da mãe, deve esta valorizar a atuação do filho, mostrando que ele é agora o substituto do pai, a quem cabe uma responsabilidade que ele será capaz de assumir. Ajudá-lo a levar adiante o papel que tem de realizar. Contudo, não deve exagerar esse papel, para que ele não se sinta incapaz de realizar o que pode. Deve pedir-lhe menos do que seria justo pedir do marido, nunca, porém, o mesmo. Nos casos de morte do pai, vide *Morte na Família*. Devem-se seguir as regras ali recomendadas.

Em casa, pode-se falar no passado, nunca, porém, tocar nêlo constantemente, para não aumentar o clima de dor e sofrimento. Por sua parte, os parentes devem manter contato com o lar, levar alegria aos que se acham em tal situação, e evitar tratar do que possa aumentar o sofrimento. Nesses lares, há ainda lugar para a alegria, e esta deve existir aí, para forças, pois a alegria é um alimento da alma.

Se há lugar para um novo casamento convém preparar os filhos com habilidade para o nôvo enlace. É preciso ouvi-los, e provocar que eles mesmos aconselhem o enlace, e não turbá-los com uma solução inesperada. Deve-se lembrar que a amizade para um padrasto ou madrasta não é tal fácil, e é preferível que estes, primeiramente, conquistem o coração das crianças, antes de realizar-se o casamento. Não devem estes desanimarem aos primeiros contatos, pois é natural que encontrem alguma resistência, que será facilmente vencível se souberem agir como amigos dos filhos do nôvo lar (Vide **Padrasto e Madrasta**).

LAVAGEM INTESTINAL — Usa-se a lavagem intestinal para conseguir uma evacuação por meio de um estímulo provocado no intestino. Usa-se injetar um líquido por via retal (através do reto).

Nunca se deve fazer uma lavagem intestinal, sem ter antes consultado um médico.

A água, para a lavagem, deve estar morna, nunca quente. Era uma prática muito usada anteriormente, hoje já não encontra tão grande número de adeptos, e é preciso fazer-la só por indicação médica.

LAXANTES — O uso intensivo de laxantes é muitas vezes prejudicial. Só se deve administrar um laxante após a aprovação do médico. Os purgantes, sendo mais fortes que os laxantes, têm, também, a sua ação prejudicial, e deve ser evitada a sua administração.

LEALISMO — a) Lealdade.

b) Obediência dos cidadãos ao governo constituído.

c) Também acatamento às leis promulgadas.

d) Lealdade para com a doutrina esposada, ou ao agrupamento a que alguém pertence.

LEITE — Vide **Puericultura**.

LEITURA — Tem a leitura um papel importante na adaptação da criança, não só no lar como na escola. As crianças, que desde cedo revelam facilidade em ler, levam uma grande vantagem para a solução de muitos problemas psicológicos. Quando se observam di-

ficultades para realizar a leitura, já em época normal, estamos em face de casos genuinamente clínicos, que indicam uma inadaptação merecedora já de acurados estudos. As crianças, que revelam essas dificuldades, apontam transtornos psicológicos, que merecem exame. Os pedagogos modernos se interessam vivamente pelo estudo desses casos.

LEITURA PELOS LÁBIOS — Vide **Crianças surdas**.

A leitura pode ser oral ou silenciosa, e deve ser aconselhada à criança, que deve praticá-la. Quando há dificuldades na leitura, podem ser apontados algumas causas, como transtornos físicos, deficiência de visão, audição pobre, perturbações glandulares etc. Os mestres e pais podem auxiliar alunos e filhos nesses casos, sem nervosismo, corrigindo com benevolência. Quando se manifestam, porém, defeitos graves, e só nos casos excepcionais, e quando não se verificam progressos, devem ser procurados os especialistas para exame do caso.

LENTIDÃO — Vide **Preguiça; Criança Retardada**.

LENTIDÃO MENTAL — Vide **Criança Retardada**.

LETARGIA — Estado que, segundo Charcot, é uma fase da hipnose, cujas subseqüentes seriam a catalepsia e o sonambulismo. A letargia caracteriza-se por hiperexcitabilidade neuromuscular, com anestesia e flacidez muscular.

LEUCEMIA — Vide **Câncer**.

LEUCORRÉIA — Vide **Emissões seminais**.

LIBERDADE — (Do latim *libertas*).

Simplemente falando, liberdade significa imunidade à necessidade.

A liberdade pode ser ativa ou passiva.

A liberdade ativa é a indiferença ativa, a que pode realizar indiferentemente atos diversos.

A liberdade passiva é a que consiste em receber atos diversos, sofrer-los; a que não oferece coação eficiente à atuação de outrem.

Chama-se, ainda, de liberdade sem coação, a liberdade de espontaneidade, a liberdade sem necessi-

dade, a que pode realizar-se por impulso intrínseco sem impedimento. Esta a têm os animais brutos, quando seguem seus impulsos naturais.

A liberdade de arbítrio é a liberdade de indiferença, que consiste em seguir imune, sem necessidade de natural. Ela se distingue em **liberdade de exercício e liberdade de especificação**.

A **liberdade de exercício** é a que pode exercer ou não exercer um ato.

A **de especificação** é a que pode escolher este e preferir aquele, entre diversos objetos, entre o bem e o mal.

A liberdade de especificação inclui a liberdade de exercício.

A **liberdade de arbítrio**, de escolha (o livre arbítrio) é, pois, a ativa indiferença de origem intrínseca, com poder de vontade, que pode agir ou não agir. Inclui-se, nela, a vontade, com a característica da cognição do fim.

Por isso, pode ela errar, porque pode errar no juízo que faz, na escolha que procede, preferindo o que lhe é inconveniente ao que lhe seria conveniente. Não segue, portanto, a mesma ordem do **instinto**, porque, neste, não há erro. O instinto manifesta-se numa seleção espontânea, cuja lógica é orgânica (o instinto é a lógica dos órgãos). No **livre arbítrio**, há a presença da escolha do homem, cuja cognição intelectual pode falhar, portanto errar.

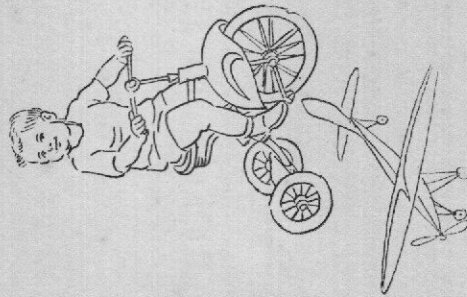
O tender para o erro, por vício intrínseco, é uma prova da liberdade de arbítrio, pois escapa ao campo da mera ordenação biológica.

A natureza não peca; quem peca é o homem, enquanto homem. Mas, para haver o pecado, como o instituem as religiões, é imprescindível que se dê o afastamento do fim justo para uma finalidade injusta e inconveniente, com conhecimento da diferença entre ambos. No pecado, há a escolha deliberada e consciente do mal; do contrário, não.

O poder contrariar a própria lógica dos órgãos prova a liberdade de exercício; e a liberdade de especificação prova, portanto, o livre arbítrio.

É por dispor do livre arbítrio que o homem pode dizer não à natureza. É nessa capacidade de contrariar a natureza que muitos põem a diferença essencial do homem.

LIBERDADE NA CRIANÇA (conselhos) — Não exijam os pais que os filhos realizem o que está acima de sua idade, não lhes exijam realizações intelectuais, enquanto sua intelectualidade não se tenha desabrochado plenamente. Os malogros que experimentarão, em face de tais exigências, fomentarão um sentimento de inferioridade e de derrota, que só prejudicará a sua mente. Deixai que a criança desabroche em liberdade a inteligência. Auxiliai-a, e não exigi o que lhe é relativamente impossível. Deixai-a dispersar a sua curiosidade sobre as coisas do seu mundo, deixai-a investigar, e ajudai-a para que adquira conhecimentos novos, que possa relacionar fatos uns com



Deixar a criança em liberdade é uma das normas essenciais para o desenvolvimento do carácter.

outros, pessoas e coisas. Nunca desmerecei seus erros e seus relacionamentos infundados. Mostrai-lhe como relacionar bem. A criança necessita de tempo para julgar as coisas. O julgamento é uma operação superior da mente (é a revelação da racionalidade), e esta não se desabrocha senão a pouco e pouco. Deixai-a julgar a seu gosto. O papel do pai e do mestre é auxiliar o julgamento justo, sem imposição, mas pela explicação clara, tanto quanto pos-

sível, à mente infantil. Devem ministrarlhes novas experiências, oportunidades, material para que, nêles, ela desborde a sua curiosidade. Não há normas fixas na maneira de proceder de pais e mestres, porque a orientação deve cingir-se às características da criança. Só assim cooperará o pai para que a criança forme a sua personalidade.

Não pensem o pai e o mestre que devem afastar totalmente do caminho da criança as dificuldades que ela deverá encontrar. Em nada se contribui para o seu bem, por aplainar excessivamente o caminho. Deixai a criança experimentar dentro dos limites em que não haja riscos sérios. Se pretende realizar, mecanicamente, uma coisa, deixai-a fazê-lo, permiti que cometa erros. Ela apreenderá com suas experiências e erros o modo melhor de fazer. A contribuição paterna deve ser mais indireta aí que direta. Deve proporcionar levemente o modo melhor, fazendo-o por si, para que a criança o imite, não arrancando-lhe das mãos o que tenha de fazer, mas fazendo algumas vezes à parte, para que a criança observe e busque imitar. Mas isso só nos casos em que a criança não possa de modo algum realizar o que tenta por si mesma.

A criança deve praticar a sua liberdade (e nunca esquecer que a liberdade é genuinamente prática), para que ela tenha confiança em si mesmo e respeito a si mesma.

LIDER — Vide Condução.

LIMINAL — a) Que concerne ao umbral, ao limiar da consciência. Daí subliminal, abaixo da consciência, sub-consciente.

b) Diz-se de tudo quanto está em sua normal, e é o termo empregado em várias disciplinas, sempre nesse sentido. Análogo a normal.

LIMPEZA — As crianças sujam-se com muita frequência no decorrer de uma brincadeira, ou no uso de materiais como a pintura e o barro. As constantes observações por parte dos pais ou dos adultos, para não se sujarem podem fazer com que a criança fique temerosa e com isto perca a vontade e o gosto natural, por sua parte, de novas e tentadoras experiências, das espontâneas oportunidades de aprender através de suas próprias experiências.

É preferível, caso se trate de uma criança pequena, que se acostume a usar aventais de material lavável ou, então, uma roupa ampla e lavável, de forma que não seja impedida na sua ocupação.

É importante, porém, que a criança receba, desde a mais tenra idade, regras de higiene, e a ela se acostume. Assim o lavar as mãos, antes de comer qualquer alimento, deve ser rigorosamente observado, lavar o rosto e os dentes, antes de deitar-se, para uma criança de 3 anos, deve ser feito diariamente; o banho, se possível, diário, deve ser dado em qualquer idade. Da mesma forma, ensina-se que a roupa deve ser mudada no momento em que esteja suja e, principalmente, à noite, na hora de dormir.

Tratando-se de bebês, é necessário observarem-se, rigorosamente, certas regras de higiene, porém não levá-las ao extremo, como o fazem muitos pais, que vivem atemorizados com a sujeira. Convém não esquecer que os bebês saudáveis são muito mais resistentes aos germes do que geralmente se crê.

LINFÁTICO — Um dos quatro temperamentos fundamentais, segundo a classificação tradicional de Hipócrates.

LÍNGUA — a) Órgão muscular situado na boca.

b) Por extensão, usa-se para designar o sistema de linguagem diferenciado, que serve de meio de expressão e de comunicação entre seres inteligentes.

c) Diz-se do modo de escrever de alguém ou de uma disciplina: "Língua de Rui...", língua da ciência..."

d) Por metáfora, diz-se de todo sistema de comunicação das idéias: "Língua dos surdos-mudos, língua dos cálculos, etc."

LINGUAGEM — Vide Puericultura — 16.º cap.

LINGUAGEM SOEZ — Em certa fase da vida infantil, a criança revela interesse por palavras soezes, de baixo calão, que aprendem, em geral, com meninos da rua. Tais fatos não devem surpreender os pais, pois é normal que se interessem os filhos por tais termos, que nem eles compreendem o verdadeiro significado. Mas desde o momento que a criança atinge um cer-

to grau de inteligência, dos dois anos e meio em diante, suas manifestações de desagrado já não são apenas feitas com gestos, mas, também, com palavras, o que indica o ter alcançado um certo grau, e é normal que, nestes casos, empregue palavras que julga ofensivas. O interesse, depois dos sete anos em diante, por termos de gíria, que significam as coisas sexuais, acompanha o seu interesse por tais temas (vide *Jogo Sexual e Educação Sexual*). Os pais devem corrigir tais palavras, apresentando-as como indignas de serem pronunciadas, e outras que não são apropriadas. Não devem usar de castigos violentos, como dar tapas na boca, ameaçar de cortar a língua, etc., mas, com severidade tranqüila, repreender a criança por usá-las, mostrando que só meninos malcriados, e muito malcriados, as usam. O principal é não usá-las os pais em casa, pois, do contrário, nada se poderá fazer.

LINGUAGEM (transtornos da) — Vide Afasias, Dislalia, Gagueira.

LÓGICA — Atingiu o homem a fase racional, quando seus pensamentos começaram a se processar com certa ordem, quando pôde tirar conclusões, quando pôde dirigi-los, transformando-os num poderoso instrumento de trabalho. Dessas observações, já numa fase superior, concluiu, finalmente, que a regularidade nos pensamentos lhe mostrava que uma ordem presidia aos mesmos, o que lhe permitiu construir uma ciência dos pensamentos, ao descobrir relações, regras, constantes.

A esse conjunto de regras é que se chama **Lógica**, ou seja, a ciência dos pensamentos enquanto pensamentos, prescindindo dos outros aspectos e dos outros elementos, que se relacionam com eles, e que formam os objetos de outras ciências.

A **Lógica** é uma ciência filosófica especulativa, que tem como finalidade alcançar a verdade. Suas leis não são arbitrárias, pois decorrem do exame do próprio raciocínio. As leis revelam-se à proporção que avançamos no exame dos conceitos, juízos, raciocínios e demonstrações. É ela, também, uma ciência normativa.

LIVROS (coleções de) — Existem livros de todos os tipos e coleções, que abarcam grande número de as-

suntos de grande interesse para a criança. Antes mesmo que a criança comece a ler, é interessante proporcionar-lhe livros ilustrados, de forma que, assim, sinta despertar-lhe a atenção para mais tarde aproveitar o texto integralmente.

Os livros, para crianças, devem ser escolhidos pelos pais. Convém que sejam escritos em estilo claro e simples, e ilustrados de forma que retenham e despertem a atenção da criança. Devem ser impressos em caracteres claros e legíveis, de forma que a vista não se canse.



Os brinquedos infantis ao ar livre são os mais aconselhados.

As coleções de livros devem ser aquelas que desenvolvam, normalmente, a criança, naquilo que é fundamental na construção de sua personalidade (vide **Personalidade e Auto-confiança**), evitando acentuar as tendências agressivas, rebeldes etc. Além de distrair, o livro infantil deve facilitar o conhecimento da língua, ter beleza na forma, e ter função pedagógica, que é fundamental. Há muitos livros infantis, mas muitos não são recomendáveis. Damos uma lista de algumas obras infantis e juvenis, que podem e devem ser lidas por nossas crianças e jovens, porque reve-

lam as qualidades desejadas, no verbete "Livros Infantis e Juvenis". O silêncio, que acaso façamos de algumas obras, não significa desmerecimento das não citadas, mas apenas o das que alinhamos no verbete citado.

LOMBRIGAS (Enteroviásis) — Em nosso país, há uma quantidade muito grande de crianças que sofrem de lombrigas. Entretanto, citaremos os sintomas mais comuns: sono intranquilo; uma infecção resultante por coçar-se à volta do anus; perda de apetite, e diminuição de peso. Qualquer um destes sintomas indicam que se deve pedir o diagnóstico médico.

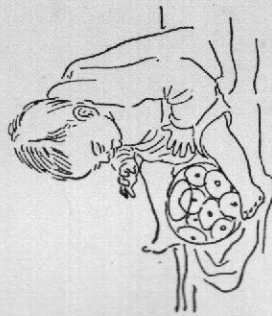
Esta infecção é devida à absorção dos ovos de um parasita que a produz; ou seja, por contato com uma pessoa, que sofra dela, ou comendo alimentos inficionados. O tratamento deve se estender a toda família, de forma que seja eliminado totalmente. Os preceitos higiênicos a serem observados são: lavar as mãos com frequência, ter as unhas curtas e limpas; mudar, diariamente, a roupa interior e, também, a cama. Observando as regras higiênicas e as instruções dadas pelo médico, em geral os casos se solucionam em duas ou três semanas.

LUDOTERAPIA — É um método moderno de tratamento das desordens da personalidade da criança, que usa como instrumentos os brinquedos. Trata-se de matéria psiquiátrica, que é regulada nesse setor. A terapia psíquica lógica orienta-se por uma linha passiva e uma ativa. A passiva consiste em deixar a criança escolher os brinquedos que prefere, em cuja escolha quase sempre observa a influência de um desejo de compensação; a ativa consiste em dar à criança os brinquedos que auxiliem a reestabelecer ou dar o equilíbrio emocional do qual ela carece.

LUDUS — Vide Puericultura — 15.º cap., § 3 — Vide Introdução.

LUDUS IMITATIVO — Quando uma criança observa a atividade de alguém, e procura imitá-la, deve o pai cuidar da atitude que tomará, em face das circunstâncias que a imitação apresentará. Digamos que uma criança vê um lixeiro tomar das latas de lixo e descarregá-la no caminhão, e chega em casa e pro-

cura imitá-lo, descarregando, numa cesta, tudo quanto lhe está ao alcance da mão. Na verdade, fará isso canhestamente, e haverá perigo de quebrar objetos e perturbar a ordem da casa, pondo os objetos em muitos continentes que tenha à mão.



O LUDUS IMITATIVO

é um dos mais importantes para a formação da inteligência.

Se o pai a admoesta, e proíbe-a de fazer tal coisa, nada contribuirá, senão para desgostá-la. Deve aproveitar a oportunidade para contribuir na formação de bons esquemas, tão essenciais para o desenvolvimento intelectual da criança. Dê sua colaboração, elogiando-lhe a ação(nunca elogie a criança, mas sim a ação), e proponha-se a ajudá-la a fazer tão bem como o fez o lixeiro. Imito-o também, mas dando uma ordem à atividade que agrada à criança, nunca, porém, acusando-a de o fazer mal feito, mas ensinando-a a fazer de modo cada vez melhor. Vide Introdução.

LUNÁTICOS — São chamados lunáticos os adultos ou crianças que padecem transtornos mentais em intervalos variados.

LUTO — Vide Morte; Morte na Família.

LUXAÇÕES — Vide Puericultura — 10.º cap., § 17.

LUZ A NOITE — Vide Ansiedade; Médico da escuridão; Pesadelos.

M

MÁ CONSCIÊNCIA — a) — É a que se opõe, eticamente, à boa consciência.

b) É a de quem tem remorsos ou dúvidas sobre a sua conduta.

c) Para alguns autores, é má toda consciência, pois o estado consciente é a captação de um descontentamento. Essa concepção é muito própria da nossa época de após duas guerras terríveis, como as que tivemos.

MADRASTA — Vide **Padrasto**.

MAE (Quando amamenta) — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 4.º, 5.º, 6.º e 7.º.

MÃE COM FILHOS MAIORES — A mulher, cujos filhos se encontram em idade escolar, encontra, na maioria das vezes, tempo para se dedicar a outras atividades extra-domésticas. Quando os filhos vão à escola, a mãe, que se dedicou durante os primeiros anos a um intenso trabalho doméstico, sente ao lado de uma sensação de alívio e de tempo disponível, uma nostalgia, como o temor de ter abdicado das suas funções. Naturalmente, terá ela tempo de dedicar-se às suas ocupações ou atividades pelas quais devota certo interesse. Se não for necessário, dedique-se, então, a um trabalho remunerado, e poderá encontrar campo para desenvolver as suas faculdades, tanto nas ocupações de tipo voluntário, como as culturais, obras de altruísmo, de caridade etc.

A concepção moderna da maternidade considera que os pais devem dedicar-se durante um certo período

do de tempo ao lar, na educação dos filhos, mas que esta função não os deve absorver para toda a vida.

Muitas jovens renunciavam ao casamento por julgarem não ser este compatível com uma carreira universitária. Na maioria dos casos, não o é. Este é um dos graves e difíceis problemas que afligem a mulher moderna, cuja emancipação se deu em muitos setores, embora em muitos outros continue a ser quase uma escrava.

Para muitas mulheres, a concepção de mãe moderna é errônea, pois acreditam que significa aquela, cujos interesses não são os do lar, nem o da educação dos filhos e, sim o dedicar-se inteiramente a outras funções.

MÃE MODERNA (A) — Nos últimos cinquenta anos, as mulheres não mudaram suas velhas ocupações por outras novas, mas conseguiram juntar ao papel de mãe e esposa, o de proprietária, mulher com vontade e voto, empregada e com possibilidades de aumentar a sua educação.

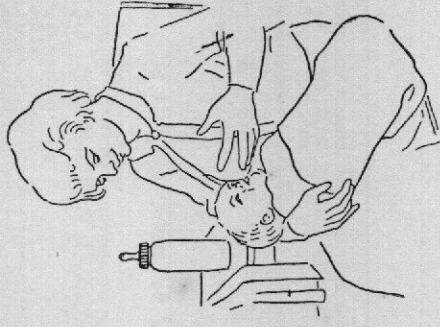
Os problemas, que coloca a vida moderna às mães de hoje, divergem de um país para outro. Em cada nação, os costumes se diferenciavam, da mesma forma que, em cada família, existem critérios particulares e modos de ver, colocar e resolver os seus próprios problemas. Daí a dificuldade de se estabelecer normas que possam guiar as mães modernas sobre a forma de cumprir a alta e dignificante missão feminina. Nunca se deve, porém, esquecer que a felicidade, o bem estar, e o amor familiar devem ser a única meta.

A mulher, cujos filhos já se encontram em idade de auxiliar em pequenas tarefas caseiras, poderá, se assim educá-los, dispor da sua cooperação, de modo a estabelecer-se uma íntima cooperação familiar, que proporcionará mais tempo e possibilidades para que ela auxilie o esposo, e se dedique a ocupações extra-domésticas.

MÃE QUE TRABALHA (A) — Atualmente, grande número de mulheres têm ocupações fora do lar. Muitas delas trabalham para aumentar a renda do lar, enquanto muitas outras o fazem por interesses vários.

O trabalho da mãe, tanto se está imposto pela necessidade, como se o faz por simples distração, tem

de enfrentar-se com os mais duros inconvenientes, quando os filhos ainda são pequenos. Os anos, que precedem à escola são aqueles durante os quais as crianças requerem maior atenção do médico, e são também de grande importância para desenvolver a sua personalidade, por serem aqueles em que as relações entre a criança e a mãe têm o maior valor.



A amamentação quanto mais normal, melhor.

A mãe, que trabalha fora de casa, quando tem os filhos ainda pequenos, e tem ainda de cumprir as tarefas inerentes à família, deve ter o cuidado de certificar-se se a sua ocupação lhe é verdadeiramente benéfica. Se pesou bem as razões favoráveis e as contrárias, e concluiu que o salário é importante e necessário para o sustento da família, deve afrontar a situação e cumprir o que deve.

Muitas mães, que trabalham e empregam cuidadosamente o tempo disponível com os filhos, não dão muita atenção à vida social como se dá com as que não trabalham. Em pesquisas realizadas em diversos países, chegou-se ao resultado que as mães que não trabalham e que afirmam que se dedicam completamente ao lar, passam maior parte do tempo em compras, visitas ou outras atividades semelhantes, dedicando aos filhos uma parcela mínima do seu tempo.

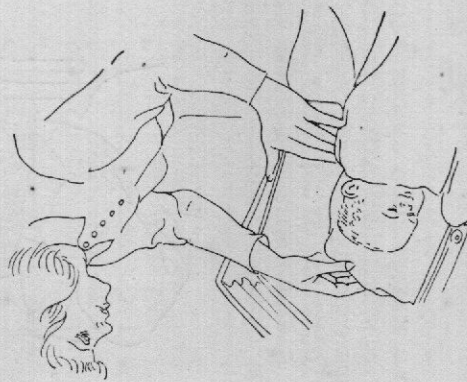
Em qualquer situação, deve impor-se sempre o bom senso, e uma clara visão dos fatos, pesando-se os prós e contras de determinada situação, de forma que a vida familiar não seja atingida no seu ponto mais

importante, que é: a educação dos filhos, dentro de um lar seguro e cheio de amor.

MAGNANIMIDADE — Do latim magnus e animus, grande ânimo.

- a) É a condição do espírito que torna alguém capaz de pensar nas coisas grandemente (em grande), com grandiosidade, e de realizá-las com magnificência.
- b) Emprega-se, também, no sentido de generosidade, de clemência.

A magnanimidade é oposta à pusilanimidade, que é a pequenez do ânimo ao enfrentar as dificuldades e os perigos.



Travesseiros baixos para o bebê é sempre preferível.

MALCRIADA (criança) — A criança malcriada, ou a que é assim chamada, é uma criança infeliz, porque não agrada a ninguém, nem às outras crianças. Mas essas crianças são problemas que devem ser enfrentados com atenção, sobretudo quando são exigentes, e querem o que lhes é impróprio para a idade que têm. Os pais não desejam que os filhos sejam assim, e que eles desejem o que lhes é desproporcionado. Atendam os pais aos filhos no que lhes é necessário, não os deixem assustarem-se pelo abandono, dêem-lhe o carinho que merecem, segundo a idade, e tudo pode ser resolvido. É um bebê que se machuca, ele exige carinho, e este deve perdurar até que passe a dor. É maiorzinho, é preciso animá-lo, dis-

traí-lo. É preciso ajudar os filhos nas fases de sua evolução. Leiam-se contos, contem-se histórias consutivas, e nunca se deixe fixar no filho a impressão de que os pais só se interessam por ele quando está doente. Também se deve atender a criança, quando está contente, sem exageros, porque tudo deve ter uma justa medida. A criança malcriada, que está sempre com exigências não pode ser atendida na porção das suas exigências, mas também não podem os pais negar-lhes tudo. É mister que compreendam que devem atendê-la em tudo quanto é justo e proporcionado.

MAMADEIRA — Vide Puericultura — 4.º cap., § 9.º.



O auxílio da criança nos trabalhos caseiros, enquanto a mãe vai ao empório ou à feira, é um meio, também, de aumentar o senso de responsabilidade da criança.

MANCHAS OU MARCAS DE NASCIMENTO — Até hoje a medicina não deu a última palavra sobre as tão comentadas marcas de nascimento. Sabe-se que elas não são devidas a desejos frustrados, pensamentos maus, vistas desagradáveis ou choques emocionais durante a gravidez, como era e é considerado por grande número de pessoas.

Nos bebês recém-nascidos, é muito comum aparecerem espalhadas pelo corpo, manchas ou pequenas

marcas. As manchas vermelhas podem aparecer no nascimento, ou desaparecerem mais tarde e, em geral, encontram-se no rosto ou no crânio. A maioria destes sinais desaparecem depois de alguns anos, espontaneamente. Caso assim não se dê, o médico determinará o tratamento para fazê-los desaparecerem.

Quando uma marca de nascimento não pode desaparecer, a criança tem de ser educada a aceitá-la e viver com ela. Lamentar tal fato por parte dos pais, ou ignorá-la, é errado, a melhor forma é aceitá-la, e explicar o seu porquê.

MARGINAL — De margem, borda, limite de uma região.

Marginal é o que pertence a essa borda, a esse limite, o que está à margem de alguma coisa. Por isso, na Sociologia, pode-se falar em **marginalismo social**, daqueles que moram fora da área de uma cultura. O termo tem, contudo, um sentido de anormalidade, pois se chamam, também, **marginais** os que permanecem na fronteira de uma classe, de uma situação econômica, ou aqueles que estão na borda de alguma estrutura social, sem mais a ela pertencerem.

MAQUINA DE ESCREVER — Em muitos colégios já se usa a máquina de escrever como instrumento que contribua ao ensino. Ela serve de estímulo para as crianças se preocuparem com certos trabalhos complementários, como publicações escolares, reportagens sobre os acontecimentos do colégio, como, também, ajuda a criança a expressar-se com mais facilidade.

MÁSCARAS PROTETORAS — Algumas vezes o médico pode aconselhar o uso de máscaras faciais protetoras, devido a casos especiais como: a mãe que se encontra seriamente resfriada, e tem de cuidar do seu bebê. Deve seguir-se o máximo cuidado no uso e esterilização de uma máscara, e só usá-la quando o for por conselho médico.

MASOQUISMO — a) Perversão sexual, que se caracteriza pela sensação de prazer, que alcança até o orgasmo sexual, ao ser alguém açoitado ou maltratado.

b) Na psicanálise, é um instinto destruidor, dirigido para dentro, e eroticamente condicionado. É contrário de **sadismo**, em que tais prazeres se manifestam ao assistir alguém serem outros maltratados ou torturados.

O masoquismo é uma revelação de inferioridade psíquica. Manifesta-se, também, em jovens, que revelam satisfação em serem castigados, que provocam até situações e praticam atos, que levem os pais ou mestres a castigá-los, revelando que tais castigos não conseguem emendá-los. Quando se notam tais sintomas, deve-se tentar, por meios amistosos, modificar a atitude da criança ou do jovem. Nos casos mais graves, deve-se pedir o auxílio do psiquiatra.

MÁS PALAVRAS — Vide *Linguagem soez*.

MASTOIDITES — A inflamação do mastóideo (osso situado exatamente atrás da orelha) é conhecido pelo nome de "mastoidite". A medicina moderna e as medidas preventivas já eliminaram quase por completo esta enfermidade. Hoje as infecções são curadas facilmente por sulfamidas e medicamentos antibióticos, e raramente é exigível uma operação.

MASTURBAÇÃO — Consiste esta na prática habitual de provocar o prazer que decorre do manuseio das partes genitais e de outras regiões erógenas do corpo, como certas partes da pele, dos mamilos, etc. O desejo de repetir esse prazer é estimulado pela memorização da experiência anterior prazerosa, que se traduz numa manifestação de gôzo.

A masturbação apresenta três estágios: 1) nos dois ou três primeiros anos de vida; 2) no quarto ano de vida; 3) na puberdade.

A masturbação não é causa de anormalidades, mas, sim, uma manifestação de regressão à sexualidade infantil.

MATERIAL PLÁSTICO — O emprêgo de material plástico (como barro, massa para modelagem) pelas crianças, e até pelos jovens, é um exercício benéfico, não só para aumentar a capacidade de **aprendizagem** psíquica, como, também, de fortalecimento da **maturação** daqueles. Essa manipulação leva à modelagem, a construções figurativas, que têm um ciclo, que se inicia pelo simples manuseio, amassamento, até alcançar a uma intencionalidade, que a princípio é descoberta no aspecto figurativo e que, depois, é intencionalmente dirigida, quando a criança afirma que vai fazer isto ou aquilo, um passarinho, um ovinho, etc. A realização plástico-criadora da criança é uma mani-

festação quinesésica, como, também, da sua agressividade, do seu ímpeto de produção. O emprego da modelagem é conveniente por dois motivos fundamentais: por favorecer a maturação e a aprendizagem tão necessárias ao ser humano.

MATRIMÔNIO — Vide **Família Moderna**.

MATRIZ — Vide **Menstruação**; **Nascimento**.

MATURIDADE — Qualidade do que é maduro, que está no estágio do completo desenvolvimento. Diz-se que uma **idéia amadurece**, quando ela se solidifica com os elementos argumentativos necessários e os fundamentos que lhe dão a base de que precisa.

A conduta da criança em face do seu ambiente circunstancial, realiza-se por dois processos: maturação e aprendizagem. A maturação é o aspeto do crescimento e do desenvolvimento estrutural, enquanto a aprendizagem revela-se pela sua conduta em face do ambiente formado, por adaptações de carácter psíquico-somático. (Vide **Aprendizagem**). Ambos processos dão-se simultaneamente. As observações realizadas mostram que a aprendizagem, contudo, depende da maturação, pois aquela se processa, fundando-se na esquemática preexistente e na adquirida, no decurso da existência, tanto pré-natal, como post-natal, embora a referente à parte pré-natal seja de difícil previsão, além de oferecer grandes problemas, o que provoca controvérsias entre os estudiosos. A aprendizagem depende da maturação psico-somática. Esta a razão por que, no exame da **aceleração** (vide), é inútil tentar superar os estágios, como a tentativa frustrada de muitos pais, que desejam fazer a criança ler logo que começa a falar, pois a fase de aprender a ler depende da maturação proporcionada. Alguns malagrosos infantis se devem ao apressamento, que pais e mestres querem exigir da criança, não devidamente desenvolvida para receber certa aprendizagem. O desenvolvimento da criança se processa por estágios, que é inútil tentar subverter. Antes de andar, a criança aprende a sentar, depois a arrastar-se, engatinhar; grita antes de falar etc. O cuidado dos pais, neste ponto, é o de favorecer o ambiente normal, para que a aceleração se processe, por sua vez, normalmente, como vimos no artigo correspondente. Tal

não quer dizer que se deve evitar a estimulação, mas esta deverá ser dosada, a fim de não gerar um apressamento, que será a gênese de transtornos psíquicos posteriores. Deve-se dar à criança a liberdade necessária para que ela se desenvolva normalmente, exercite-se em seus **ludus de exercício** e nos outros (vide **Ludus, Brinquedo**). O que pais e mestres devem fazer é ministrar os meios para que a aprendizagem se realize segundo as propensões naturais.

MATURIDADE SOCIAL — É a maturidade que corresponde à normal capacidade da criança ajustar-se, adaptar-se, ao grupo social de sua idade.

MEDICAMENTOS — Quando uma criança apresenta algum sintoma de uma enfermidade, é preferível que os pais se dirijam ao médico, e não procurem, como acontece na maioria das vezes, comprar o medicamento que julgam acertado. Tal atitude pode ocasionar graves males. Sem dúvida há medicamentos que são inofensivos, mas a maioria deles exige, para a sua administração, a consulta prévia médica.

MEDICINA PSICO-SOMÁTICA — É um termo relativamente novo, e refere-se à aplicação do princípio de que nosso estado de ânimo ("psique") e nosso corpo ("soma") não estão separados e, sim, intimamente unidos. Muitas desordens do corpo transformam nossa vida emocional, assim como nossas emoções nos produzem transtornos físicos.

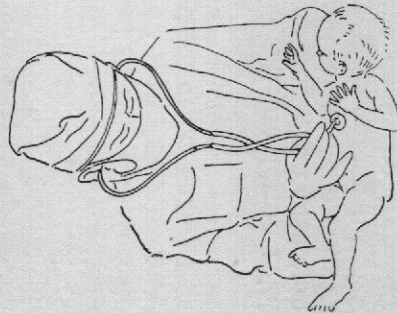
Sabe-se que um estado de tensão emocional pode produzir diarreia, vômito, suor exagerado, dor de cabeça, palpitações, etc. Quando estes fenômenos têm sua causa numa tensão emocional, podem ser considerados como "sintomas psico-somáticos". Quando são devidos à angústia, é sintoma de que existe tensão emocional e infelicidade no indivíduo. Neste caso, indica que a criança tem dificuldades de tipo emocional, que não é capaz de superar.

Estes mesmos sintomas acima mencionados podem ter causa física, serem produzidos por enfermidade física. Neste caso, o médico deve prestar muita atenção no aspecto físico apresentado pelo paciente. Em muitos outros casos, é preferível a consulta a um especialista.

MÉDICO — Uma criança deve encontrar-se sob os cuidados de um pediatra desde o nascimento. Se não houver um pediatra, então um médico de clínica geral deve atendê-la.

Este além de ser um bom médico, deve gostar de crianças, e estar a par das correlações existentes entre os fatores emocionais e os físicos, de tanta influência na saúde da criança.

Se os meios econômicos da família não permitem manter a consulta de um médico privado, a criança deve ser levada a um dispensário ou Centro de Saúde, onde receberá, na maioria das vezes, gratuitamente, os cuidados necessários.



*Exame médico mensal
é importante.*

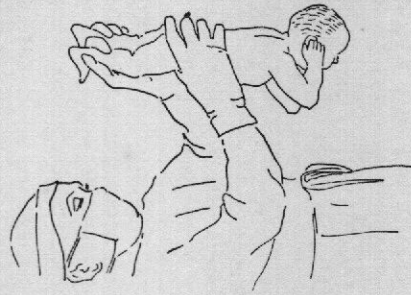
Durante o primeiro ano de vida, a criança deve ser levada, mensal ou bimensalmente, ao médico, para uma revisão ou exame. Na idade escolar, deve ser levada semestralmente. Estas visitas têm a finalidade de que o processo de seu desenvolvimento seja acompanhado, ao mesmo tempo que se realizam as mudanças na alimentação. As visitas periódicas ao médico, além de elucidar problemas à mãe, contribuem para que a criança deposite confiança no médico, e se habitue a ver os instrumentos por ele usados.

Para que a visita ao médico não se torne um verdadeiro sacrifício para a criança e para os pais, convém obedecer as seguintes regras:

- 1) Nunca utilize o médico como uma ameaça.
- 2) Quando as crianças estão presentes, nunca se deve falar de operações cirúrgicas dolorosas ou de duras provas suportadas numa sala de operação.

3) Seja sincero em qualquer circunstância. Assim se uma injeção dói não diga à criança que não dói, pois ela se decepcionará e não quererá tomá-la outra vez.

As relações entre pais, filhos e médico, devem ser cordiais e amistosas, de forma que a criança sempre tenha confiança.



*Maneira de examinar a
criança pelo médico.*

MEDITAÇÃO — Não há prática mais importante e mais eficiente para o desenvolvimento intelectual da criança que a **meditação**, o que aliás o é também para todos. E a razão é muito simples: a meditação é uma prática de integração mental, e permite que as operações intelectuais se tornem seguras e isentas dos defeitos comuns que apresenta a mera divagação de idéias.

É natural que a mente infantil seja mais propensa à divagação de idéias, e muito menos à meditação. Este termo, que vem do latim **meditare**, aparentado com **medium**, inclui, em sua acepção, o emprego de **termos médios** no pensar. Podemos, por exemplo, contemplar imagens, memorizá-las, coordená-las, como se processa na **fantasia** (em estado de vigília) ou no **sonho** (no estado onírico). Mas a meditação não é a conjugação de imagens, mas a conjugação de idéias. A meditação processa-se com o termo médio, que é o conceito. Assim o conceito **casa** não é a imagem que temos desta ou daquelas casas, mas um esquema mental universal, que inclui, em seu conteúdo, os aspectos julgados essenciais de uma casa. Se alguém quer falar de uma determinada casa a outra pessoa, e

emprega o termo casa, não transmite a imagem da casa que mente. Usa, assim, um **termo médio**, que serve de meio para que a outra pessoa saiba do que a primeira pretende referir-se. Posteriormente, para que possa oferecer uma imagem aproximada da casa que mente, terá de dar os aspectos accidentais daquela, dizendo-a que é uma casa de campo, etc., descrevendo-a em seus aspectos qualitativos, quantitativos e relacionais. A mente humana, para comunicar-se com outra, tem de lançar mão de tais termos médios. Ora, para realizar-se uma meditação é imprescindível estabelecer uma série de providências, que são as seguintes:

- 1) Estabelece-se o tema em questão. Pretende-se meditar sobre moradias humanas. É mister, então, precisar-se o que se entende por moradia humana.
- 2) Realiza-se uma análise. Neste caso, é preciso distinguir a moradia humana da moradia dos animais: ninhos, antros, etc. Nessa análise, estuda-se ainda a maneira diversa de se apresentarem as moradias humanas, através dos tempos e através dos povos e das eras (neste caso, o mestre pode apresentar imagens de moradias de povos primitivos, esquimós, de egípcios, hindus, no ocidente, etc.). Essa fase é a que se chama **contemplação (contemplatio)**.

- 3) Finalmente, deve a criança fazer uma síntese de tudo, e expressar a si mesma num discurso, (esta é a fase da **oração**) e, depois, em aula, expressar, sinteticamente, aos seus colegas.

Com tais exemplos, está o mestre apto a auxiliar a criança a meditar e a transmitir o resultado de suas meditações aos companheiros.

Nunca deve esquecer o mestre que o papel da oração, nas práticas religiosas, tem a finalidade de acostumar a mente a integrar-se, a fixar-se sobre um tema, a evitar as divagações, perigosas e desintegradoras. A meditação intelectual, que pode realizar o homem moderno, se não substitui a oração no seu sentido religioso, realiza, contudo, o aspecto benéfico que possui aquela, que é a de tornar mais forte a mente humana, fazendo-a capaz de poder fixar-se sobre um tema, o que é imprescindível para construir men-

talidades seguras e poderosas, tão necessárias, não só para o bem individual, como para o bem coletivo, sempre que orientadas para o que é justo, honesto e genuinamente bom.

MÉDO — Comportamento emotivo, que se caracteriza pelo tom afetivo de desagrado, acompanhado de manifestações motoras, tais como tremores, encolhimento, fuga, etc.

É tremendo o papel do **médo** em nossa vida. É o "fantasma do médo" domina, prevalece, determina as reações da maioria dos seres humanos; os "médos" reinam como senhores absolutos; e as criaturas escravizadas aos seus "médos", vivem com "médo dis-to", com "médo daquilo", e assim por diante, num interminável rosário de médos.

A higiene mental infantil exige que, além do desenvolvimento de bons hábitos, devemos, também, exterminar os estados de médo, que sempre são elementos de ação destrutiva na vida humana.

Mas aqui cabe uma pergunta: será o médo sempre negativo? Não; reconhecemos que ele tem também seu aspecto positivo. É quando nos faz tomar o cuidado necessário para nos defendermos de doenças, ou evitarmos situações, que podem trazer danos para a nossa saúde física ou mental.

Mas, prestemos atenção a este ponto. Devemos considerar que seu aspecto positivo tem um **limite** e se deixarmos esse limite, ele se torna um tirano, e nós, dominados por ele, tornamo-nos seres assustados, temerosos, acovardados ante tudo. Eis aí o seu aspecto negativo, que precisamos combater.

Na criança, o médo se manifesta de várias maneiras, e ao ver um adulto revelar médo diante de uma situação, ou de um animal, ela manifesta sintomas análogos.

A criança é muito sugestível, e os próprios pais são os responsáveis, muitas vezes, pelos estados de médo que, indiretamente, transmitem aos filhos, através de atitudes, gestos, sugestões, etc.

É comum, por exemplo, o costume de ameaçar com bruxas ou animais, o que é prejudicial como também o de relatar histórias de fantasmas, ou cenas de

crueldade, porque provocam o medo, promovido por "condicionamento verbal", como se chama.

As quedas, os ruídos bruscos, quando a criança tem pouca idade, podem provocar estados de medo. Estes podem se transferir, direta ou indiretamente, de uma situação a outra, completamente diferente e, muitas vezes, tornam-se casos difíceis de serem tratados, exigindo tratamento analítico com especialistas, pois só após uma longa análise é que se pode descobrir qual foi a verdadeira causa do medo.

Há um caso, citado por psicólogos, de uma criança que, no dia do aniversário, ao acender as velinhas do bolo, junto com outras crianças, prendeu fogo no guardanapo de papel, o que causou um pequeno susto. Mas, passado certo tempo, ao ouvir falar em festas de aniversário, começava a chorar sem motivo. E daí por diante, quando a queriam levar a um aniversário, manifestava sintomas doentios, dores de ouvidos, dores no corpo, nervosismo, etc. É um caso típico de "medo transferido", o medo que sentiu, ao ver o guardanapo em chamas, transferiu-se para os aniversários em geral.

Assim é possível provocar a transferência de medos em muitas direções. As censuras, as repreensões, os castigos podem ser causas de transferências de medo.

O medo pode ter origem, como já dissemos, em fatos que se passaram na infância, e que já foram esquecidos.

Há ocasiões em que a criança pode revelar medo de alguma situação, ou diante de pessoas estranhas ao ambiente. Esse medo pode ter sido originado por uma simples brincadeira muito comum, e que costumam fazer quando a criança tem poucos meses de idade, atirá-la ao ar, e ampará-la nos braços. Após brincadeiras, como essa, a criança começa a revelar medo aos homens, se foi o pai que a atirou ao ar, ou a mulheres, se foi a mãe, como pode ainda dar-se o caso de não manifestar medo ao pai ou à mãe, mas manifestá-lo quanto a pessoas do mesmo sexo.

O medo ao escuro, geralmente é causado por sugestão ou por ver alguém manifestar medo ao encontrar-se no escuro. É comum, por exemplo, mães que

demonstram medo ante temporais, relâmpagos, trovões, etc., e, conseqüentemente, provocam o aparecimento desses medos nos filhos.

É o medo despertado também por imitação. Inconscientemente, podemos despertar muitos nas crianças, através de emoções dessa natureza.

As novelas de rádio, demasiadamente excitantes, podem ser a causa de terrores infantis, devido à hiper-excitação que provocam; estados de inquietação, insônias, pesadelos, sonambulismo, podem decorrer de excessiva excitação emocional.

Os pais, involuntariamente, também podem provocar estados de medo nos filhos, devido a certos exageros e precauções de caráter higiênico. O medo às doenças deve ser bem dosado, pois uma fixação exagerada do medo às doenças pode trazer uma predisposição para adquiri-las, e não uma resistência a elas.

Para evitar, e também destruir certas manifestações de medo numa criança, devemos fazer com que ela possa falar dos seus medos, sem receio de ser ridicularizada. Ao perceber que a compreendem, ela recupera a confiança e, ao mesmo tempo, consegue desfazer muitos fantasmas que a atemorizavam.

A educação deve orientar e ajudar a criança a desenvolver suas aptidões, a superar suas fraquezas, estimulá-la a resolver, por si própria, seus pequenos problemas.

Na idade escolar, é comum manifestar certa inibição, que a impede de falar na presença de colegas ou até do professor. Para vencer essa inibição, é aconselhável conversar com a criança sobre as lições, estimulá-la a expô-las para as pessoas mais íntimas da família, comentar com ela as tarefas escolares, e assim, aos poucos, a criança vai adquirindo a confiança em si própria, e perdendo o receio de falar diante de estranhos.

Quando é tímida, e expõe mal, ou deficientemente, não devemos ridicularizá-la, mas corrigi-la, sem que ela o perceba.

Não esqueçamos o grande papel da agradabilidade da desagradabilidade na formação dos hábitos infantis. Podemos associar o agradável ao objeto ou à

situação que provocou o medo, e aos poucos este vai desaparecendo.

MÉDO À ÁGUA — Vide Temor à água.

MÉDO À ESCURIDÃO — Nas crianças com cinco anos mais ou menos, é muito comum o medo à escuridão. As razões disto são várias. Numa criança de dois ou três anos, o medo à escuridão demonstra, na maioria das vezes, o desenvolvimento da imaginação que povoa a escuridão com imagens fantásticas, nas quais eles refletem suas experiências diárias, seus pensamentos, e seus desejos mais dominantes.

Muitas crianças se tranquilizam e se deixam vencer facilmente de que devem dormir outra vez. Outras necessitam de mais tempo e mais carinho. Em qualquer caso, o medo é atormentador, e desaparece com mais facilidade se recebe uma compreensão afetuosa, e uma segurança.

MÉDO AOS TEMPORAIS — Muitas crianças não têm medo dos trovões, mas a maioria, na idade de dois anos e meio, ou três, reage ante o barulho. Este medo pode ser interpretado como um sinal do crescimento, já que terá desenvolvido as suas faculdades sensitivas para estar mais alerta e vigilante.

A explicação, que se pode dar, não satisfaz à criança; o melhor é tomá-la em braços de forma que sirva de proteção. A atitude de muitos pais em ridicularizar a criança, devido ao medo manifestado, só serve em fazê-la sentir-se mais só e assustada.

Nestes momentos, é preferível contar-se uma história à criança, e explicar-lhe os benefícios que traz o trovão, pois sempre vem acompanhado da chuva, etc.

MÉDO DA PRIVADA — Muitas crianças, por volta dos dois anos, manifestam medo da privada. De qualquer modo, é errônea a atitude de forçá-la a sentar-se, castigá-la ou mostrar-lhe desaprovação ante sua resistência. É preferível fazê-la sentar-se, sendo segura, de forma que sinta estar apoiada, evitando qualquer possibilidade de poder cair.

MÉDO DE ANIMAIS — Muitas crianças sentem medo de animais, e isto é natural. O melhor meio de habituá-las com animais, é ter um cãozinho ou um gatinho em

casa. Se a criança vê o adulto acariciando-os, terá confiança em aproximar-se também, e gradualmente vencerá sua timidez.

Há, entretanto, crianças que sentem medo dos animais sem nenhuma razão. Nestes casos, não adianta forçá-la a tocar num animal, pois isto não a curará do medo manifestado, e sim, pelo contrário, aumentará o terror que lhe produz. Uma criança necessita, antes de tudo, ser tranquilizada com a segurança de que seus temores não são nada de que tenha de envergonhar-se, que outras crianças sentem o mesmo. Conseguindo ter confiança em si mesmo, o seu medo irá desaparecendo paulatinamente.

MÉDO DO ASPIRADOR — Muitos bebês sentem temor, manifestando-o em choros e gritos convulsos, ao ouvirem o barulho do aspirador.

A primeira coisa a se fazer, quando um bebê reage desse modo é desligá-lo. Paulatinamente deve-se acostumá-lo a que não sinta mais temor. A atitude de continuar a usar o aspirador ante o bebê não irá resolver o problema. Em crianças maiores pode ocorrer a mesma reação. Neste caso, deve-se mostrar o aparelho, de forma que ela o toque e veja como é, e aos poucos se acostume com o seu forte ruído.

MEGALOMANIA — Vide Delírio.

MELANCOLIA — Tipo de desequilíbrio mental, que se caracteriza por depressão emotiva, por inibição ou por uma agitação motora.

MELANCOLIA DEPOIS DO PARTO — É comum a muitas mães, três dias após o parto, atravessarem um período de melancolia, em muitos casos profunda. Diversas razões de carácter científico explicam que o sistema nervoso da parturiente atravessa, depois do parto, uma fase de extraordinária sensibilidade.

O marido deve adotar uma atitude simpática e compreensiva sem manifestar alarme.

A depressão após o parto, que já é um estado mais grave de perturbação emotiva, é menos frequente. Quando sucede requer cuidados médicos e psicológicos especiais, pois suas causas são mais profundas.

MEMÓRIA — Consciência e memória são inseparáveis, pois a consciência implica memória, e a memória, consciência. Ao tomarmos consciência de alguma coisa, perduramos nessa atividade. Há memorização no mesmo lapso de tempo, pois, do contrário, a consciência, se fôsse fluente como o tempo, não se daria.

O instante, que passa, é substituído por outro instante, e não teria alguém consciência, neste momento, do que está fazendo, se não fôsse, do momento anterior, alguma coisa memorizada.

Ademais, a consciência é uma faculdade elevada, que exige memorizações, pois ter consciência de algo exige atenção, a tensão ad, para..., portanto interfere, e, consequentemente, memória, recordação. Eis aqui por que Leibnitz definiu o inconsciente como uma consciência instantânea, uma consciência sem memória, por passar com a fluência do próprio tempo. Entretanto, o sentido da memória, como empregamos acima, é um sentido geral, um tanto vago. O que frequentemente se considera memória é a faculdade ou operação de poder renascer um estado que já atravessou a nossa consciência, que já desapareceu dela, e que é considerado como um elemento de nossa experiência passada. Há, na memória consciência, pois memória não é apenas repetição, como a que se dá com uma frase já pronunciada.

Tôda a vida é fundada, garantida na memória. Mas é uma memória espontânea, natural. A memória de que falamos é aquela em que há consciência, aquela que, ao recordar, sabe que recorda, sabe que tal fato se deu no passado, e que ele faz parte de sua experiência passada.

É importante distinguir a memória da reminiscência. A reminiscência é uma recordação incompleta, uma recordação que não é reconstruída, da qual temos vagas lembranças. O tema da memória coloca quatro importantes problemas de que tratam os psicólogos. São eles:

- a) como se dá a conservação da memória;
- b) a evocação, a capacidade de poder trazer à consciência os fatos passados, de recordá-los;
- c) o reconhecimento do que é recordado; e

d) localização, quando os colocamos, perfeitamente no tempo e no espaço.

Estes problemas são discutidos nas obras especializadas.

Tôda a vida intelectual seria impossível sem a memória, logo, a memorização é uma função fundamental do espírito.

O notar o diferente ou o semelhante implica a memória, como implica a memória a consciência. E é a memorização que vai permitir ao homem a formação do conceito e da noção do que é tempo. Assim espírito é também memória.

Ter consciência de algum fato é demorar-se sobre ele. Por rápida que seja a consciência de alguma coisa, ela fixa alguma coisa, é um memorizar. Esse fixar-se do espírito é a memória, em sua fase embrionária, primitiva. O repetir, o comparar, o deter-se mais longamente sobre o fato passado é a função da memorização.

Fixam-se as memorizações:

- a) pela repetição: 1) metódica; 2) voluntária;
- 3) intercalada com repousos;
- b) pelo interesse: 1) intelectual; 2) coletivo.

A recordação pode ser:

- a) espontânea;
- b) refletida.

O esquecimento (o fato não recordado ou que não pode ser recordado) pode ser:

- a) voluntário;
- b) espontâneo.

O esquecimento constrói a boa memória, pois esqueçamos para fortalecer a memorização. Virtualizamos o que nos desinteressa para atualizar o que nos interessa.

Casos patológicos:

- a) amnésia — dificuldade externa de recordar;

b) **paramnésia** — “Ilusão da memória, que consiste em crer reconhecer no último pormenor, com todas as circunstâncias de lugar, de tempo, de estado afetivo e intelectual, o conteúdo total e atual da consciência num momento dado, como se se vivesse integralmente um instante já vivido” (Lalande, “Vocabulaire”);

c) **hipernésia** — evocação de fatos considerados já esquecidos, comum de observar-se em estados de febre, ou em momentos de perigo de vida;

d) a **obsessão** — caso de **hipernésia**, que consiste na “presença, no espírito, de uma representação, de uma associação de idéias, ou de uma preocupação que aparece sem cessar, à qual vêm reunir-se todas as associações, e que a vontade não consegue afastar senão momentaneamente” (Lalande, “Vocabulaire”).

MEMÓRIA (educação da) — A memória está ligada ao hábito, é a função psíquica de fazer retornar à consciência fatos ou estados psíquicos já passados.

A boa memória não é apanágio de todos, e precisamos desenvolvê-la na criança, para que, quando chegue a adulto, a possua plenamente, pois é uma valiosa auxiliar da inteligência.

Podemos classificá-la da seguinte maneira:

a) **memória muscular**; (pernas, braços) ligada aos exercícios físicos; b) **memória sensível**; cores, sons, sabores; c) **memória intelectual**, contos, histórias, relatos; d) **memória concreta**, recordação de coisas concretas, formas dos objectos materiais, etc.; e) **memória abstracta**, os aspectos gerais, o semelhante entre um fato e outro, os conceitos, etc.

Para desenvolver a memória na criança, deve-se começar por exercícios agradáveis, como, por exemplo, para a **memória sensível** mostraremos à criança objectos de várias cores, e depois, ocultando-os de sua vista, perguntarmos qual cor tinha determinado objecto, mas sempre como um passa-tempo. Se não acertar logo não devemos forçá-la e, sim, deixá-la à vontade. Decorrido certo tempo, tornar a fazer o mesmo exercício, e, assim, conseguiremos que fixe a atenção. Da mesma maneira pode-se fazer com os

sons, timbres de voz, pequenos trechos musicais, etc. Naturalmente esses exercícios serão feitos em idade na qual a criança possa entender. Geralmente, dos dois anos e meio em diante, ela mostrará aptidão para diferenciar vozes e, também interesse pelos diversos sons. Devemos aproveitar para ensinar-lhe o ritmo, com pequenos versos ou canções infantis.

Para desenvolver a memória intelectual, é aconselhado uma repetição metódica no relato de pequenas histórias. Depois pedir à criança contar a mesma história, e observar se houve esquecimento de algum trecho ou se, ao contrário, a criança acrescentou contribuições próprias, o que nos indicará seu desenvolvimento mental, sua imaginação criadora, ou, também, sua pouca capacidade para a criação intelectual.

Para a **memória concreta**, podemos recordar com a criança objectos variados, onde estão, como estão; chamar sua atenção para as casas de uma rua, por exemplo, e depois perguntar de qual se recorda, o que mais lhe chamou a atenção.

Todos são exercícios simples, feitos em forma de passatempo, sem nunca forçar a criança, mas apenas distraíndo-a com todos esses aspectos das coisas que a rodeiam. Tudo isso atuará como um exercício da memória.

A memória para as abstrações começa a realizar-se por volta dos dez ou doze anos, pois já exige a razão e exercita-se através de conversas, recordando à criança conceitos, idéias gerais, etc.

MENINGITE — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 12.

MENINA ALTA — Na adolescência é um motivo de preocupação o de uma menina sentir-se muito alta em relação às da mesma idade. Tratando-se de uma menina excepcionalmente alta, deve dizer-se que ela já alcançou a estatura de um adulto, e que não crescerá mais. Se se trata de uma jovem muito sensível, é preferível não tocar muito no assunto, sem, entretanto, fazer um silêncio excessivo, mas apenas alusões, quando preciso, em tom normal, sem dar grande importância ao fato.

A mãe pode ajudar, fazendo-a vestir roupas adequadas, que deem a impressão de que é de menor es-

tatura, como: listras em sentido horizontal; trajes de duas peças, principalmente blusas e saias de côres, que contrastem.

MENINO BAIXO — Muitos adolescentes têm uma estatura baixa, enquanto os seus colegas da mesma idade são bem mais altos. Os pais podem ajudá-lo, dizendo que nem todos crescem, e muitos só o fazem com mais idade, daí ser preferível esperar, sem preocupar-se. A estatura varia muito de uma raça para outra. A chamada "estatura ideal" de um oriental é diferente de a de um nórdico.

De qualquer forma, um jovem, que se sinta deprimido por ter uma baixa estatura, deve ser compreendido e ajudado pelos pais a ultrapassar este problema, que pode dar origem a muitos complexos.

MENINO GORDO — Vide **Obesidade Infantil**.

MENINO MAGRO — É motivo de preocupação para muitos pais a magreza apresentada pela criança ou jovem em determinada época. Antes de tudo, é preciso levá-lo ao médico, para saber-se exatamente se o seu peso é proporcionado à sua complexão. Caso o seja, não há motivo para preocupação. Se não for este o caso, convém um tratamento de forma que alcance o peso estabelecido pelo médico, após um cuidadoso exame.

Para a criança que tenha pouco peso, o médico, na maioria das vezes, prescreverá uma dieta especial. Se tem apetite, pode acrescentar ao alimento ingerido: manteiga, leite e doces. Se além desta superalimentação é recomendado repouso, convém que os pais o façam com habilidade, de forma que se interesse por atividades, como: leitura, desenho, pintura, quebra-cabeças, etc.

MENSTRUACÃO — A menstruação, geralmente, apresenta-se mais ou menos aos treze anos, mas em muitas jovens surge aos onze, e em outras apenas aos quinze. Cabe à mãe, ou a uma pessoa idosa da família, dar as informações básicas à jovem, antes do acontecimento, para que dele tenha uma noção exata e não receba noções erradas.

Em regra geral, usam-se toalhas higiénicas, feitas de material esponjoso (algodão ou gazes, e inclusive

panos de algodão), para a absorção do sangue que flui. Convém a máxima limpeza nestes dias, daí ser aconselhável a lavagem diária. Quanto ao banho, é uma questão de hábito; se habituar-se desde as primeiras vezes, um rápido banho de chuveiro não é prejudicial. Há jovens que se acostumam a tomar banho frio e até entram em piscinas, não lhes ocorrendo nada de grave. Muitas tomam banho frio e lavam a cabeça normalmente.

Neste período, é comum que se sinta certa fadiga; maior irritação; dores abdominais e, muitas vezes, cólicas, que podem variar de intensidade, segundo a pessoa.

Dá-se o nome de **amenorréia** à ausência da menstruação. É usado, também, este termo para designar a demora do começo da menstruação se se prolonga além dos dezoito anos, ou se o período se interrompe uma vez que o ciclo mensal foi regularmente estabelecido.

A **dismenorréia** é a dor durante a menstruação. Uma ligeira pesadez ou entumescimento, durante o primeiro dia, pode ser aliviado com compressas de água quente ou uma bolsa colocada sobre o abdômen. Se a dor é constante e intensa, deve ser consultado o médico.

MENTAL — Tudo o que concerne ao espírito, o que pertence à mente, percepções, imagens, memórias, etc.

MENTALIDADE — a) Conjunto das disposições intelectuais (alta e baixa mentalidade).

b) Conjunto dos hábitos.

c) Conjunto dos esquemas fundamentais de um indivíduo.

MENTE — (Do lat. **mens**, do radical **man**, pensamento), a) No indivíduo, é a parte subjetiva em que se dão os fatos psíquicos conscientes.

b) Genéricamente, é a substância metafísica, que constitui o que se chama espírito no homem e que contrasta com a substância material.

MENTIRA — Precisamos distinguir, na criança, duas modalidades do hábito de mentir. Há crianças que não

têm propriamente consciência da mentira. São aquelas, que costumam relatar fatos, decorando-os com pormenores, que eles, na realidade, não possuem. Essas crianças revelam um poder de imaginação muito grande. Geralmente essa aptidão começa a manifestar-se na fase do *Ludus simbólico*, quando costuma atribuir qualidades imaginárias às coisas.

Possuímos inúmeros exemplos de crianças que acreditam realmente no que imaginam. Essa capacidade não deve ser considerada como um simples prazer da mentira.

Quem revela grande poder imaginativo merece ser compreendido e nem sempre assim acontece. A imaginação bem desenvolvida, bem orientada, é um bem valioso e, portanto, a criança, que manifesta essa aptidão, exige que a auxiliemos a cultivar essa poderosa fonte criadora.

Essas crianças, em geral, possuem a capacidade de assimilar muito do meio ambiente, e ainda não têm a acomodação suficiente. Por isso há um desenvolvimento, e às vezes, até podemos achar exagerado, do *ludus simbólico*, que, depois, vai combinar-se com o *ludus de ficção* e com o de *construção*, revelando a inteligência criadora, numa mentalidade de grande poder de criação em todos os setores, na arte, nas ciências, etc.

Quando a mentira revela debilidade de carácter, como seja para esconder fatos sucedidos, os quais a criança julga maus e, por isso, quer ocultar, então é preciso saber qual o sentimento que a levou a tal atitude. Se foi por sentir-se envergonhada, ou por um precoce sentido de conveniência ou para adular alguém. Cada caso precisa ser averiguado para aplicar-se a correção merecida.

Muitas vezes são os adultos que provocam na criança o desejo de mentir. Aconselham-na a não mentir, mas mentem na presença delas. A criança possui uma percepção muito aguda, ela percebe quando o pai ou a mãe usam da mentira para desculpar suas atitudes nem sempre corretas.

Outras vezes as ameaças de castigos podem levá-la a esconder certas fraquezas, e com o decorrer do tempo torna-se um hábito adquirido, tendo, como ori-

gem, uma atitude de defesa. É necessário desenvolver, na criança, o sentimento de responsabilidade de seus atos, e nunca deixar que se beneficie com a mentira.

Há casos classificados como patológicos. Esses já necessitam de um tratamento especial. Só um psiquiatra poderá indicá-lo, conforme a particularidade de cada caso.

MESADA — É muito difundido o costume de conceder à criança e ao jovem uma determinada mesada mensal ou quinzenal. Muitos pais idearam o sistema de oferecer aos filhos a oportunidade de ganhar dinheiro, ajudando nas tarefas domésticas; outros só dão quando o filho pede, que em ambos os casos demonstram ser formas improdutivas, pois, no primeiro caso, a criança chega à conclusão de que ajudar nas tarefas familiares não é natural, já que deve ser remunerada, e nunca o fará, a não ser por dinheiro, e, no segundo caso, não cria na criança a experiência própria para tomar decisões.

A forma mais lógica é proporcionar uma mesada regular, baseada na idade da criança, experiência e necessidades. A medida que cresça, a mesada deve ser aumentada.

METEMPÍRICA — Ciência que estuda os objetos que ultrapassam o campo da experiência científica, e que não podem caber ao objeto da Ciência como é hoje concebida. São os objetos **trans-físicos**.

MÉTODO — (Do grego *meth'odos*, o bom caminho, o caminho real).

a) Todo modo sistemático e geral de trabalhar, que segue normas precisas, com a finalidade de alcançar um bom êxito, ou uma finalidade desejada.

b) Diz-se, também, do conjunto dos processos habituais de um espírito ou de um grupo para alcançar um fim.

c) Processo técnico de cálculo ou de experimentação.

d) Também se emprega para referir-se à classificação, sobretudo na botânica.

METODOLOGIA — Parte da Lógica, que tem por objeto o estudo sistemático a *posteriori* dos métodos, bem como dos métodos científicos.

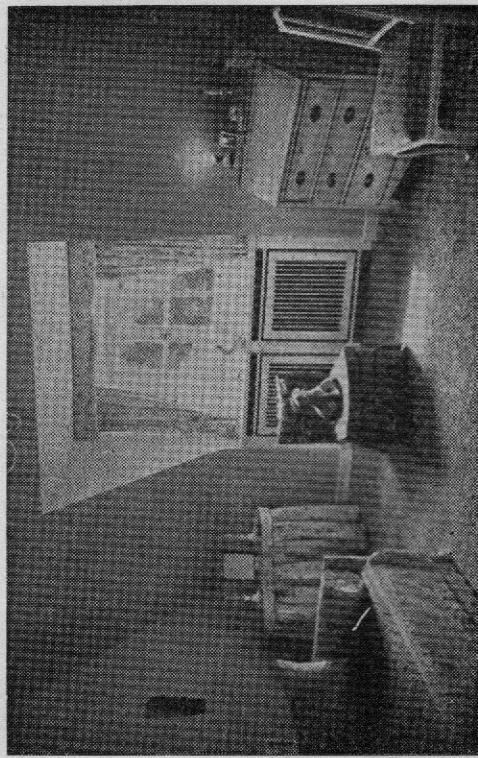
MIMETISMO — a) Em linhas gerais, significa toda atividade de imitação.

b) Na Zoologia, chama-se **mimetismo** a capacidade que têm alguns animais de adoptar a aparência do ambiente em que, momentânea ou permanentemente, estão, como assumir a cor das folhas, ou do solo, etc.

c) Na Zoologia, chama-se, também, **mimetismo** a semelhança que animais de espécies diferentes apresentam entre si, como certas moscas, que se assemelham às abelhas, e consideram-se tais semelhanças como um produto de adaptação defensiva.

MIMO — É o excesso de indulgência e de cuidados, de modo a incapacitar o indivíduo humano às exigências posteriores de sua vida. Julgam muitos que o excesso de mimo é menos prejudicial que uma vida severa e grave. Na verdade, porém, o mimo é capaz de provocar uma diminuição da auto-confiança, tão necessária ao equilíbrio emocional e psicológico do indivíduo humano. Mas tal se dá quando excessivo, não dentro de um termo médio comedido. O excesso de mimo pode provocar um sentimento de debilidade e de desamparo. A criança mimada exigirá, por choros, gemidos e gritos, os mimos que deseja e, quando adulto, em face da vida, sentirá a falta dos mimos, do amparo, o que a tornará capaz de transtornos psicológicos bem graves. Uma criança débil, doentia, é normalmente tendente à aceitação dos mimos, o que não se dá numa criança sã, que os evitará, os dispensará, e até poderá rebelar-se em face dos mesmos. Há diversas maneiras de se manifestar, e entre elas devemos considerar a hipervalorização da criança, sua exibição com elogios em face de estranhos. Devem pais e mestres considerar que a criança merece amparo, auxílio de certo modo, para que possa vencer as dificuldades quando superiores às suas forças, mas devem-se evitar elogios à sua pessoa quando desmedidos, elogiando-se, preferentemente, as suas obras. Os mimos exagerados são provocadores de ciúmes por parte das outras crianças, como irmãos, que vêem ser amados outros irmãos, preferentemente. No-

ta-se, ademais, nos adultos, que os que foram demasiadamente mimados revelam certa inaptidão ao matrimônio, bem como manifestações de debilidade, que prejudicam a sua atuação na vida, pois, em face de qualquer desconsideração, sentem-se demasiadamente deprimidos. Para evitar tais males, devem os pais dar suficiente liberdade aos filhos, e evitarem os mimos excessivos, nunca, porém, anulá-los completamente, porque tal atitude poderá provocar um sentimento de insegurança e de descontentamento, que são uma porta aberta a graves transtornos psicológicos.



Um quarto de jovem, mobiliado com gosto. Ambiente livre para seus movimentos, é importante na formação do seu carácter.

MIOPIA — Na miopia, a imagem é formada diante da retina, pelos raios de luz que entram pelos olhos, em vez de se realizarem na própria retina, como na visão normal. Se não se corrige a tempo este defeito, a retina poderá ser seriamente prejudicada. O uso de óculos é aconselhável e devem ser examinados periodicamente, para ver se a lente ainda convém.

A miopia aparece durante a infância, e prossegue o curso de desenvolvimento do olho durante a adolescência. As crianças, que colocam o livro muito perto do rosto, sofrem de miopia.

MISAUCIA — Vide Filauca.

MISONEÍSMO — (Do gr. *miso*, aversão, neo, novo). Aversão mórbida a tudo quanto seja novo, no sentido de inovação. Termo criado por Lombroso.

MÍSTICA — Do gr. *mystiká*, de *myô*, eu calo. Vide Místico.

a) Emprega-se nos sentidos em que se usa o termo misticismo.

b) Própriamente; como arte de penetrar no *mysterion*, é uma técnica de feição religiosa, cuja característica consiste na capacidade de sentir, esteticamente, o simbolizado, alcançado através dos símbolos. A capacidade de interpretação simbólica revela o poder místico de uma pessoa.

MISTICISMO — *Mystos* era o iniciado nos mistérios (*mysterion*) da antiga Grécia; *mystagogo* (*gogia*, significa condução) era o iniciado, que conduzia o aprendiz aos mistérios, também *mystodotes*.

Mysterion vem do verbo *myô*, que significa calar, fechar os lábios, àquilo do qual não se fala. *Mystikôs* é o que concerne aos mistérios, místico.

a) O termo misticismo tomou o sentido da crença na possibilidade de uma união (*fusão*) íntima e direta do espírito humano ao princípio fundamental do ser, ao conhecimento supranatural da divindade.

b) Chama-se, ainda, misticismo toda atitude religiosa, que busca a união com a divindade.

c) É também a doutrina que afirma que a realidade última é revelada por meios cognoscitivos distintos do perceptivo e do idealismo, e superior a estes.

d) Caracteriza o misticismo popular considerar sobrenaturais certos fatos naturais, que parecem violar as leis da natureza, ou são produzidos por poderes que ultrapassam as coisas, os quais determinam que se dêem de determinado modo.

MÍSTICO — Como substantivo, é sinônimo de misticismo.

a) Emprega-se, freqüentemente, para indicar a aceitação de uma idéia ou de uma doutrina como verdadeira, sem que se procure justificá-la através de

argumentações apodíticas. Neste sentido, este termo é muito usado modernamente.

b) Como adjetivo, refere-se a tudo quanto revela misticismo.

MITO (Do gr. *mythos*, lenda). a) É o relato simbólico, ou não, que não revela imediatamente qualquer reflexão sobre fatos realizados por agentes pessoais, ou forças da natureza, mas representados por seres pessoais. Esses relatos constituem, em suma, a *mitologia*, acrescentando-se, nêles, as crenças respectivas. Constitui um dos grandes elementos do *folklore*.

b) Diz-se, também, da exposição de uma idéia, ou doutrina, sob a forma predominantemente poética, portanto, metafórica e alegoricamente, como o mito da *Caverna*, em Platão.

c) Diz-se, também, do que constitui uma crença mais ou menos geral, que não tem nenhuma consciência histórica, como o "mito da greve geral" para instaurar a revolução social, defendida pelos socialistas revolucionários e sindicalistas.

MITOMANIA — Vide Delírio, que se caracteriza pela criação de mitos inconsistentes, mas reveladores de intenções subconscientes.

MNEME — Base e princípio da memória e do hábito. Termo usado por R. Semon para significar a existência geral, na natureza, de um processo de gravar e de registrar o passado. Daí *mnemotécnica*, que é a arte de melhorar a memória sobre certos fatos, e de facilitar a recordação por meio de sistemas especiais metodológicos. *Mnemônico* é tudo o que se refere ao fato de recordar ou de aprender de memória (de *cor*).

MOBILIÁRIO — As crianças necessitam de espaço, tanto para os seus jogos como para movimentar-se livremente. Os pais, em geral, preocupam-se mais em mobilizar o quarto do seu filho do que realmente proporcionar-lhe o espaço necessário para que possam desfrutar de liberdade de movimentos.

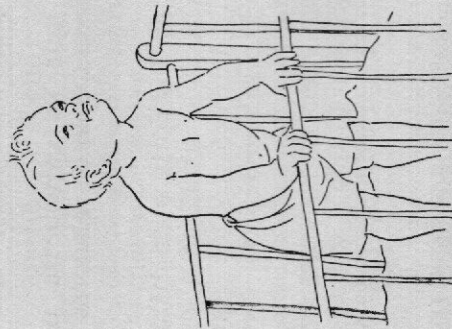
Uma regra fundamental é a de ter móveis simples e adaptados a qualquer distribuição. Os armários embutidos, que podem ser facilmente desmontá-

veis; camas pequenas e, se fôr do agrado, cama-beli-che, que ocupa menor espaço; fazer, assim, que cada móvel renda os máximos serviços num espaço mínimo. Ao mesmo tempo, os móveis e adornos devem ser simples e facilmente laváveis, como, por ex.: as cortinas e o chão. Este pode ser coberto com **linoleum** ou mosaico.

Nunca se deve esquecer que a criança quer ter na casa um quarto só seu, onde disponha de suas coisas e onde possa brincar ou trabalhar sem ser perturbada por distrações não necessárias, e muitas vezes prejudiciais.

MODELAGEM — Muitas crianças preferem a argila (barro) à massa feita de farinha e água. Quando não há oportunidade de conseguir a argila, pode-se preparar esta massa, à base de farinha.

1) Para uma massa branda: misture uma xícara de farinha, outra de sal e uma terceira de água. É aconselhável as crianças muito pequenas, que se sentem felizes em poder, somente manusear a massa.

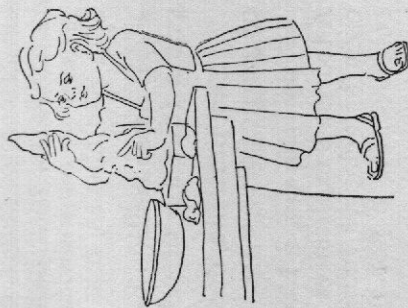


O engradado da cama é conveniente para que se apóie a criança.

2) Para uma massa mais consistente: misture meia xícara de sal e meia de água, para cada xícara de farinha. A criança de quatro ou cinco anos pode ir ensaiando, até obter a densidade que prefira, ajustando, para isto, mais farinha.

Esta massa pode ser conservada na geladeira, envolta em papel encerado ou em plástico.

MODÉSTIA — A modéstia é uma virtude subordinada à temperança, por falta de prudência e de justiça suficientes, pois é um modo moderado de considerar seu próprio valor por desconhecê-lo. **Modéstia** não é propriamente outra coisa senão isso. O fazer-se modesto, o aparentar-se modesto, não é propriamente essa virtude. Muitos possuem mais valor do que realmente julgam; são capazes de apreciar com justiça o que na verdade valem. Nas crianças, há certas manifestações de auto-confiança e de grande valorização de si mesma, que não são propriamente imodestas ou jactanciosas, mas a convicção de que realmente possuem esse valor, que é julgado inconsideradamente. Os pais gostam de dizer que a menina de quatro anos já é uma mocinha, que ela é capaz disso ou daquilo, etc., o que as torna às vezes muito confiantes. Nada há de mal em tal proceder. Os pais não devem forçar a modéstia exagerada dos filhos. Devem compreender certas reservas (vide), e também como devem proceder para não estimular a **presunção** (vide). O meio termo hábil, justo e bom é sempre aconselhável, desde que não leve à **presunção** desmedida, nem à perda da auto-confiança.



Os exercícios plásticos são úteis para a integração psíquica da criança.

MODOS (bons) — Vide **Cortesia**.

MOISÉS — Encontram-se com variação no comércio os chamados "Moisés", e servem de cama para o bebê nos primeiros meses. Os portáteis facilitam muito, pois são levados de um lado para o outro, mantendo o bebê confortavelmente instalado, sem sofrer as mudanças do meio exterior.

MOLHAR A CAMA — Vide Enuresis, Médico da privada.

MONIÇÃO — (Metapsiq.) — É a revelação de algum sucesso presente ou passado, captado por sentidos que não são os normais. **Premonição** é a palavra que mais geralmente se emprega para indicar a **moniço** do que vai acontecer. **Intuição premonitória** é o nome que se dá a essa capacidade tão discutida.

MONOIDEÍSMO — Estado patológico, caracterizado pela tendência de uma pessoa retornar sempre em seu pensamento e em sua palavra a um só tema, uma **idéia fixa**, que é propriamente a **monomania**.

MONOMANIA — Vide **Monoideísmo**.

MORAL (O) — O moral é o conjunto de qualidades de ordem afetiva e de ordem intelectual que oferecem um alto grau de perseverança na atividade e de fidelidade aos ideais: "Homem de um moral forte..."

MORAL — (Do lat. *mos, moris*, costume). Como estudo sistemático dos costumes humanos, pode ser considerada como geral, como **particular** e até como **individual**. A primeira estabelece as obrigações fundadas em princípios gerais, enquanto a segunda, em normas particulares, mas fundadas, por sua vez, naqueles princípios; e a individual em normas individuais também não alheias, mas inclusas em tais princípios.

É nesse sentido que a **Moral** se distingue da **Etografia** (que é a descrição dos costumes).

São, portanto, dos princípios gerais que decorrem os particulares e os individuais.

Por sua vez, a **Moral** pode ser **teórica** ou **prática**. A **teórica** é **explicativa** e **sistemática**; a **prática** é a aplicada às relações humanas. Pela teoria, procuramos compreender o por que dos fatos morais, enquanto pela segunda se estabelecem as normas obrigatórias que devem ser seguidas.

A **Moral**, ensinada nas escolas primárias e secundárias, é meramente prática. A **teórica** é da competência do filósofo.

(Qual o papel da educação na formação do senso moral?) — A **moral** é um conjunto de normas de conduta e pode variar de uma época para outra e

também de um povo para outro. É, portanto, uma ciência normativa, mas possui também seus aspectos invariantes, os quais são estudados na **Ética**.

A conduta moral da criança revela sempre o ambiente no qual ela vive e reflete a moral dos pais.

Na formação dos esquemas, a criança, no início, guia-se somente pela agradabilidade e desagradabilidade. Ela tenderá a repetir o que lhe é agradável e repelirá o que lhe causa estados de desprazer. Está vivendo apenas na sensibilidade, mas, com o tempo, através das assimilações e acomodações e do desenvolvimento da afetividade, da intelectualidade e, conseqüentemente, da formação dos esquemas psicológicos, ela vai adquirindo as bases da educação moral.

E a maneira do adulto encarar o valor do problema moral está condicionada por influências das quais não tem memória, mas que formaram o lastro de sua educação.

É muito maior do que se pensa a influência que exerce, na criança, a conduta moral dos pais ou das pessoas que a cercam, das quais ela capta, com mais intensidade, a verdadeira intenção dos atos morais, e muitas vezes aquela intenção que não desejam transparecer. Ela percebe que o que elas dizem não é o que elas praticam.

A criança não aprende por ouvir repetir palavras, ela assimila o que lhe mostram as ações, e estas são mais eloquentes do que as palavras.

Jung, estudando os problemas da educação infantil, diz: "nada influi sobre as crianças tanto como os segredos jamais revelados; os problemas reprimidos, os sofrimentos artificialmente evitados, que engendram um secreto veneno que transpassa os mais grossos muros do silêncio, a mais hipócrita dissimulação, até invadir, por fim, a alma da criança."

E através de fortes argumentações afirma que esses estados reprimidos no inconsciente espalham como que uma irradiação misteriosa no ambiente, e infestam também as crianças, que nê se encontram, chegando à conclusão de que a influência do lar é muito mais importante do que se julga, e que a maioria dos casos chamados "crianças problemáticas", me-

lhora seria que se chamassem "pais problemas", porque a criança espelha, por assim dizer, as angústias criadas por situações anormais, que os pais estão vivendo.

Consideramos, portanto, que a educação moral na criança é um ponto que merece toda a nossa atenção.

E educação moral exige a educação da vontade. As crianças mimadas em excesso não desenvolvem a vontade e, conseqüentemente, não tendo vitórias sobre si mesmas, não fortalecem o seu caráter.

Educação — A criança é egocêntrica. Devemos partir sempre do seu eu para chegar aos outros. Para despertarmos na criança o espírito de justiça, comecemos por exercícios simples, como mero passatempo.

Perguntemos, por exemplo, se gostaria que alguém quebrasse os seus brinquedos, se gostaria que outras crianças viessem tirar-lhes os brinquedos, sem que ela os desse, se rasgassem suas vestes, etc., expor todas essas situações e outras semelhantes, e depois que a criança diga que não gostaria, então aí, só aí, chamar a atenção para o fato de que assim como não quer que façam com ela, também não deve fazer com os outros.

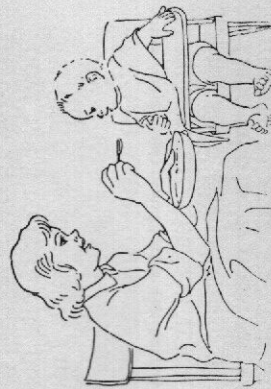
A limpeza, a ordem, o cuidado com os brinquedos, o saber vestir-se, arrumar a roupa, etc., são atividades que devem ser executadas com agradabilidade, no início como "ludus", isto é, como se estivesse brincando; não devem ser impostas à criança como uma obrigação, que ela não compreenda qual a finalidade, mas procurando despertar, nesse pequenino eu, que está se formando, o agradável da atividade encaminhada para um fim útil.

O princípio moral de saber respeitar e, também, fazer-se respeitar, deve ser ensinado através da leitura de fábulas, de pequenas histórias, na idade de quatro para cinco anos ela está apta a assimilar, e é o período ideal para iniciar-se a educação dos sentimentos.

Podemos afirmar, baseados em estudos do problema da família, de que a criança bem adaptada à vida do lar, onde as relações com todas as pessoas

da família, e especialmente, com os pais, caracterizam-se pela confiança mútua, e pela afeição, desenvolvem um elevado senso moral.

É de suma importância os pais tratarem a criança de uma maneira coerente, se em algumas ocasiões a mãe se encanta com as gracinhas do filho, e noutras se irrita, se às vezes demonstra carinho e noutras indiferença, enfim se os pais tratam os filhos ao sabor de seus impulsos momentâneos, se não sabem respeitar os limites da idade, da resistência física e do nível intelectual, obrigando a criança a caminhar antes do tempo, ou a pronunciar palavras, quando ainda não tem o necessário desenvolvimento para isso, ou, então, obrigá-la a deixar o que está fazendo, muitas vezes absorvida num brinquedo, para ser exibida aos amigos, etc., são atitudes negativas e devem ser evitadas, sob pena de provocarem, originarem, estados de insegurança, de falta de confiança em si próprio, e muitos sintomas neuróticos têm sua origem aí.



Não se deve forçar a criança a comer. O aconselhável, além do alimento agradável, é cercar de alegria o momento da refeição.

Outra atitude considerada prejudicial é querer ensinar bons modos, antes de que se desenvolva na criança o conceito de boa educação; o que pode predispor a ataques de nervos, teimosia, etc.

É comum, e infelizmente quase sempre, inconsciente nos pais, o desejarem que os filhos sejam aquilo que eles desejaram ser, mas que, por motivos independentes de sua vontade, não o puderam. Então querem forçar os filhos a realizar o que eles não conseguiram, o que tende a criar problemas de conduta, estados de insatisfação, angústias sem causa aparente, falta de apetite, recusa de alimentos ou até maus hábitos de base fisiológica.

MÓRBIDO — O que acompanha a um estado doente ou enfermigo.

MORDIDAS DE ANIMAIS — A mordida de um animal, principalmente se este for venenoso, obriga a cuidados especiais e imediatos. A primeira coisa a fazer é procurar um posto médico, para que receba os cuidados necessários. Contudo, podem ser tomadas algumas providências imediatas. Se a mordida for de **cachorro**, faça o seguinte:

- a) Lave a ferida, cuidadosa e profundamente, com água e sabonete;
- b) aplique uma solução de iodo sobre a ferida, e cubra-a com uma gaze esterilizada.

Logo que possível, coloque sob vigilância o animal que mordeu. Não o mate, pois é preciso cuidar-lo para observação dos sintomas de hidrofobia ou raiva. Caso esteja com ela, é preciso levar a criança para que lhe seja aplicado o soro contra a raiva pelo tempo determinado.

MORDIDAS DE COBRA — A mordida de uma cobra ofensiva deixa somente um arranhão superficial, que deve ser prontamente desinfetado, e aplicado um tratamento de urgência (mercúrio-cromo, ou algum desinfetante, e cobrir-se a ferida com gaze e esparadrapo).

Caso se trate de uma cobra venenosa, é preciso o tratamento médico mais rápido possível. Aplica-se um soro antivenenoso para conter os efeitos tóxicos. Caso não seja possível, convém fazer-se o seguinte:

- a) manter a vítima deitada. O repouso é muito importante.
- b) Se a mordida foi num membro, enrole (uma meia, um lenço, ou uma cinta) à volta do membro, exatamente por cima da ferida, apertando fortemente, para evitar a difusão do veneno. Deve apertar-se de forma que a superfície da venda se marque perfeitamente na pele.
- c) Esterilize uma faca ou uma navalha com álcool e iodo, ou sobre a chama.
- d) Faça quatro incisões (em forma de cruz) sobre ambas marcas dos dentes. Estas incisões têm de ser bem profundas, de forma que se alcance o último tecido, onde possa ter o veneno penetrado. Evite cortar as veias grossas e os tendões.

e) Efetue logo uma sucção na ferida. Se não tem em mãos um copo succionador ou qualquer outro meio, faça-o com a boca.

MORDISCAR (prurido de) — No período da dentição, a criança sente vontade de morder. Este estimula o crescimento dos seus dentes, e de certa forma o alivia. É aconselhável deixar-se em suas mãos brinque-dos apropriados para que se sirva deles.

Na criança maior, em que a dentição já está completa, o ato de morder pode ser devido a várias causas. Muitas vezes trata-se da manifestação de um processo psicológico da criança; sentir-se oprimida por um excesso de severidade que a incita a defender-se, etc. A atitude, que os pais devem tomar é a demonstração de carinho, de forma que esta mania acabará passando.

MORTE (como explicar às crianças a) — No momento em que a criança começa a fazer perguntas acerca da morte, as respostas dadas não devem, nunca, ser evasivas e, sim, de acordo com a idade por ele apresentada. O que se diga numa hora destas, é de grande importância, pois podem-lhe provocar duas atitudes: despertar dentro de si a ansiedade e o temor, ou aceitá-la dentro de seu entendimento como um fato natural.

Tratando-se de uma criança muito pequena, deve-se dar uma resposta breve, sem dar-lhe uma grande importância, como se se tratasse de uma coisa normal. Se a criança continuar a perguntar, e demonstrar interesse, é aconselhável dar uma resposta a todas elas.

MORTE NA FAMÍLIA — Uma morte ocorrida na família, abala muito a criança, apesar de muitos pais e familiares dissimularem o nefasto acontecimento ante a criança. Naturalmente que ela também sofre e necessita estar perto, e ter o consolo dos pais. A morte de um avô ou de um parente próximo traz, para a criança, a sensação de uma perda muito grande.

A atitude de "idealizar" a pessoa morta acarreta confusão à criança. Assim a criança, que perde o irmão, e sabe que este não era perfeito na vida, se sentirá confusa e desconfiada ante qualquer intento de fazê-lo assim na lembrança.

MUDANÇA DA FAMÍLIA — É comum a mudança de famílias de um país para outro. Atualmente, com a facilidade de transporte, a mudança de todos os membros de uma família não se torna uma coisa tão difícil como era no tempo dos nossos avós.

As razões podem ser muito variadas, mas, de qualquer forma, sempre é preciso um período de adaptação, principalmente no relacionado aos costumes e ao idioma falado. Quando se trata de mudança de residência, no mesmo país, já não haverá tantos problemas neste sentido.

MUDANÇA PARA UM NÓVO BAIRRO — Para a infância, a mudança de residência é uma verdadeira aventura. Naturalmente que, tanto para o bebê, como para a criança, tudo é novidade, e precisa uma maior adaptação que o adulto.

É aconselhável que se deixe, no dia da mudança, um brinquedo com a criança, de forma que nem tudo seja levado embora de uma vez.

Durante a mudança definitiva, é aconselhável que o bebê ou a criança, sejam levados com um dos pais. Não deve dar-se uma nova ordem a toda a casa e, sim, procurar o máximo de parença com a antiga residência.

A mudança para um novo bairro, acarreta uma série de novidades e de adaptação com novos companheiros, etc.

MUNDO EXTERIOR — É o mundo extramental, que existe independentemente de nossa mente. Vide *Exterior*.

MUNDO OBJETIVO — As vezes, em filósofos menores, este é confundido com o mundo exterior. É o mundo representado por imagens ou não, que um ser, psicologicamente subjetivo, constrói intencionalmente, e que pode ou não corresponder, em maior ou menor grau, ao mundo exterior, o que é problema de discussão na *Gnosologia*, que é a ciência que estuda o conhecimento.

MÚSICA — É, ao lado do canto, a arte mais acessível à criança, que desde o primeiro ano de vida já responde aos estímulos musicais e ao canto, sem que tais

atitudes queiram significar uma capacidade de apreciação. Aos 2 anos e meio, e em alguns casos antes, a criança já é capaz de distinguir o canto e a música dos meros ruídos, e já pode ritmar os seus movimentos, segundo o ritmo musical. É mais ou menos aos 6 anos que é capaz de distinguir, nitidamente, as tonalidades, e é quando se manifesta a sua vocação musical. E nessa idade que já se pode ensiná-la a tomar parte em coros infantis, dentro, naturalmente, do registro de sua voz e das suas possibilidades, e quando a educação musical pode ser iniciada neste sentido simples e elementar. Antes dos 6 anos, o que mais atrai a criança é o ritmo. Quando a criança canta em voz alta, e desgosta aos adultos, não devem estes reprimê-la, mas aconselhá-la a cantar de modo suave, para que não perturbe. Nunca se deve forçar a criança, por sua vez, a cantar quando não o deseja. Se manifesta vocação pela música, não se deve torturá-la com estudos, mas dar-lhe ensanchas para que desenvolva a sua aptidão normalmente, cabendo aos pais um papel de estimuladores apenas. Quanto ao julgamento de se os filhos têm realmente vocação musical, nem sempre os pais são aptos a perceber ou determinar. Se não se dispõe de métodos modernos para essa verificação, é preferível interrogar um professor de música, que possa aquilatar suas reais tendências.

MÚSICA E AS CRIANÇAS — A música forma, atualmente, em determinados centros de cultura, parte integrante da educação infantil. Encontram-se escolas que possuem os mais modernos ensinamentos neste setor, e onde a criança recebe os conhecimentos básicos desta arte e, principalmente, um ambiente propício ao desenvolvimento artístico.

Muitos pais crêem que só quando a criança é predestinada para tal é que lhe devem ser dados os ensinamentos básicos. Eis uma atitude completamente errada, pois, apesar de ser necessário certa habilidade para tocar um instrumento o gosto pela música pode ser desenvolvido em qualquer um. As crianças pequenas gostam da música na qual podem participar. Daí acolherem com muita alegria os instrumentos mais simples como: tambores, pratos, guizos, pandeiros, etc.

Existem duas idades, nas quais a criança está especialmente disposta a aprender um instrumento. É de oito a dez anos, e na adolescência. Na primeira fase, o interesse não é comumente duradouro, e acaba passando, se não fór devidamente canalizado; na segunda fase, é comum que volte o interesse pela música.

O estudo da música nem sempre é apreciado pelas crianças. As aulas devem, portanto, ser curtas, e em média de duas por semana. Não é fácil manter o interesse da criança numa atividade, na qual ela não pode apreciar um progresso imediato; daí lhe ser preciso um incentivo, que pode ser dado pelos pais e mestres.

MÚSICA (lições de) — A apreciação musical pode ser desenvolvida sem o aprendizado de um instrumento musical. Entretanto, se a criança mostrar pendor e interesse para aprender a tocar algum instrumento, é interessante, caso seja possível, proporcionar-lhe os meios para tal. A idade mais apropriada para começar as lições de música é, segundo opinião geral, de oito a nove anos, ou de treze a quinze.

As escolas de música recomendam que o principal tome duas ou mais lições curtas por semana, o que é mais efetivo, que uma só, e de mais duração.

As lições de música servem para desenvolver sua compreensão musical, e a capacidade de gozar, ouvindo boa música, ao mesmo tempo que o ajuda a desenvolver novas faculdades, e a satisfazer algumas de suas necessidades emocionais.

Muitas crianças de seis ou sete anos começam com grande interesse suas aulas musicais, e logo em seguida se cansam. A atitude dos pais deve ser a de aceitar sem reprovação tal fato, e não obrigar a continuar e, sim, incentivá-la, procurando, desta forma, levá-la a recommençar outra vez.

MÚSICA (práticas de) — As aulas de prática musical não são geralmente muito bem recebidas pela criança. É aconselhável, para uma criança pequena, meia hora diária, em duas sessões de quinze minutos. Para maiores, deve ser um tempo mais prolongado, e com regularidade. Esta prática musical ajudará a manter vivos os exercícios e a cultivar a memória.

N

NARCÓTICOS — As drogas têm uma função muito importante na medicina moderna, especialmente quando se trata de aliviar a dor física. Entretanto, a dose deve ser prescrita pelo médico, e nunca usada arbitrariamente.

NARIZ (Desinfecção) — Vide Puericultura — 9.º cap., § 6.

O uso de narcóticos cria sérios problemas, tanto de ordem física como psíquica.

NARIZ (objetos estranhos no) — As crianças de pouca idade enfiam no nariz objetos miúdos como bolinhas de papel, o que pode causar sérios problemas para os pais, porque nem sempre saem com facilidade. O melhor é fazer com que a criança assôe suavemente (isto quando já está na idade que o sabe fazer, e não o inverso, pois muitas aspiram quando se pede para assoar). Nunca se deve tentar extrair o objeto pelo orifício nasal, pois há o perigo de que êle suba mais pelo canal, tornando-se mais difícil a sua retirada.

Quanto tal ocorre, é preferível levar a criança a um Pronto Socorro.

NASCIMENTOS MÚLTIPLOS — (Vide Gêmeos) — Os nascimentos múltiplos são o resultado da fertilização simultânea de dois ou mais óvulos ao mesmo tempo.

NATAÇÃO — A natação é um dos esportes mais saudáveis, e daí a necessidade de ser praticada por qualquer criança ou jovem. A aprendizagem para muitos é fácil, pois, como não temem a água, sentem nisto um grande prazer; para outros, devido a um susto, quando pequenos no banho, torna-se mais demorado,

mas, mesmo assim, devem os pais forçar que a aprendam e a pratiquem.

A idade aconselhada para as primeiras aulas é muito variável. Para muitos a idade de seis anos é boa, enquanto outros só o farão mais tarde.

NAUSEA — a) Sensação complexa de origem heterogênea e que revela um tom afetivo desagradável, acompanhado de perturbações gástricas, vômitos, etc.

b) Empregado na Filosofia moderna para indicar o estado de desagradabilidade e de nójo ante as coisas do mundo. Muito típico, nesse sentido, nas épocas de decadência moral ou intelectual. Vide **Apendicite**, **Vômito**, **Dor de Estômago**.

NEGAÇÃO — a) Ato de negar. Negar é recusar, é afirmar a exclusão de uma positividade. O espírito, quando nega, não realiza o negativo (nada), mas realiza uma afirmativa de exclusão, de ausência de alguma coisa. A negação, pois, não nihilifica senão relativamente, e não absolutamente, o que não entenderam certos **nihilistas**.

b) Na Lógica, a negação é a recusa da predicação ao sujeito ou a uma proposição, etc.

c) Na Gramática, é o sinal que indica a ação negativa. Vide **Negativo**.

NEGATIVISMO — a) Atitude que se caracteriza pela liberada resistência a tudo quanto é **positivo**, vindo de qualquer parte.

b) O negativismo se revela na filosofia da negação em contraposição à filosofia positiva ou da positividade, que se caracteriza pela afirmação do ser, enquanto a primeira, pela negação da positividade, o que a coloca no **nihilismo** (vide).

NESCIÊNCIA — (*Nescientia*, em lat. = ignorância). É o estado de ignorância professado, como acontece com o **agnóstico**.

NEUROSE — Transtorno funcional do sistema nervoso, no qual não se observa nenhuma lesão. Alguns autores preferem o termo **psiconeurose**, e outros **neurepsicose**.

Os psicanalistas atribuem a neurose a um conflito entre o ego e o id.

NEUROSE DE ANSIEDADE — Vide **Ansiedade**
NINFOMANIA — Vide **Satiríasis**.

NÍVEL — a) Campo geral ou fundo, no qual surge uma qualidade.

b) Nome que em geral se dá aos graus ou a todos os estágios gradativos na Psicologia. Daí falar-se no **nível mental**, **nível profissional**, etc.

NÍVEL MENTAL — Vide **Idade Mental**.

NOÇÃO — Notio usavam os escolásticos no sentido de **nota** (vide), carácter aplicado, sobretudo, aos conceitos, e significava, simplesmente, a apreensão intelectual de uma coisa. Kant, posteriormente, o restringe para referir-se apenas ao entendimento. Hegel afirma que o termo tem uma referência dual. De um lado, refere-se à essência da natureza do objeto de pensamento; por outro lado, refere-se ao pensamento verdadeiro da essência ou natureza; ou seja, que o esquema, que a nota apresenta em nós, é adequado ao que se dá na coisa, *in re*. Na dialética hegeliana, a noção constitui parte importante, pois ela realiza uma síntese entre o ser e a essência, sob a forma de **idéia**.

NOLIÇÃO — Contrário de **volição** (vide). Indica o estado negativo da **vontade** (vide)

NOLONTADE — Do negativo *non* e *voluntas*, vontade, termo criado para dizer **Nolição** (vide).

NORMA — Tipo concreto ou fórmula abstrata do que deve ser, em toda extensão do campo dos juízos valorativos. Como tal, pode ser um ideal, um modelo, uma regra, em fim etc.

NORMAL — O que é conforme à **norma** (do lat. **norma**, esquadria formada por duas peças perpendiculares). — “Anormal” não deve ser confundido com “anomal” (a privativo e *nomos*, lei), apesar de uma parcial congruência do sentido.

Normal, portanto, no sentido próprio, podemos chamar tudo o que é conforme à sua própria **idéia** do bem, ficando, assim, “normal” sinónimo de bom, justo e direito.

Como a **norma** não é sempre uma regra abstrata, “normal” também pode significar a conformidade de

um indivíduo, com a idéia da sua espécie, que representa para ele a norma e o ideal ao qual aspira, não obstante tratar-se, aqui, de uma norma, que só empiricamente pode ser conhecida, cujo valor *a priori* só é presumptivo.

Daí, logicamente, deduz-se o vasto emprego que se faz do termo "normal" na língua médica e, geralmente, na descrição de fenômenos patológicos. Contudo, aqui se acha a raiz de um uso muito impróprio e superficial da palavra, que não deixa de ser empregada por autores sérios e que, particularmente, se afasta da acepção filosófica do termo. Pois "normal", agora, se considera tudo o que é observado com uma mais ou menos pronunciada regularidade, originalmente partindo da representação ingênua, para, em vista dessa regularidade, poder-se estabelecer um rasgo específico, mas ultimamente até sem essa justificativa. De maneira que um fato, encontrado com frequência, já por isso é chamado normal, ainda que seja patológico ou, por qualquer outra razão, perfeitamente anormal. Assim se fala de um certo número "normal" de suicídios, ou se diz "normal", que, para aumentar a produção, os industriais também tratam, por todos os meios, de incrementar o consumo.

Entre os extremos de normal = justo e normal = habitual ou costumeiro, ainda há uma série de acepções semantologicamente intermediárias. Com aplicação à Sociologia, Durkheim, estabelece o seguinte: "Um fato social é normal para um determinado tipo social, considerado sob uma fase determinada de seu desenvolvimento, quando ele se produz na média das sociedades dessa espécie, consideradas em fase análoga de evolução". Aqui se mostra o valor *a priori* do normal, justificado como tal, pelo carácter específico, que se tornou tão fraco, que é preciso recorrer a um valor emprestado da "média" para poder proclamar um fato como normal.

Também a média, em sua acepção puramente quantitativa, pode motivar a atribuição do carácter normal de alguma coisa. Neste sentido, fala-se, p. ex.: da "temperatura normal", que é a média da temperatura, observada a uma mesma data, durante muitos anos de experiência.

NORMATIVO — O que produz, oferece, ou impõe normas. É este o sentido que mais corresponde à forma gramatical da palavra. Mas esse adjetivo faz parte de certas expressões, nas quais assume um sentido diferente: assim "ciências normativas" são aquelas ciências que tratam das normas, quer dizer, cujo objecto são juízos valorativos a serem criticados pela respectivas ciências. "Uma ciência normativa não fornece normas absolutas, ela só explica normas e as relações vigorantes entre elas" (Simmel). Essas ciências normativas são a Lógica, a Ética e a Estética, conforme se trata das normas, oferecidas pela idéia da verdade, pela idéia do bem ou pela idéia da beleza.

O conceito de **normativo** é um conceito abstrato e formalmente limitado, enquanto considerar o ideal sob o aspecto da sua aplicabilidade, abstraindo, porém, da sua obrigatoriedade. "Normativo" não se confunde com "imperativo".

NOSOGÊNESE — a) Estudo da origem das neuroses, segundo a influência da composição ambiental.

b) É, também, a sua classificação.

NOTÍCIA — (do lat. *notitia*). É a simples apreensão da mente, o termo mental (*terminus mentalis*). Divide-se em **intuitiva** (sensível) e **abstrativa** (intelectual). A notícia intuitiva é a notícia da coisa presente; a abstrativa, a da coisa ausente, embora intelectivamente captada da intuição sensível.

NÓVO "BEBÊ" NA FAMÍLIA — A chegada de um bebé numa família provoca em geral uma série de problemas. Nem sempre os pais conseguem com habilidade superar esta difícil fase de adaptação da criança, que recebe um irmão mais moço. Contudo, com antecedência podem ser tomadas algumas providências, como, por ex.: fazer com que a criança ajude na arrumação das roupas do bebé, do quarto onde ele ficará, etc.

Uma medida de prudência, quando da chegada do bebé na casa, é levá-lo na ausência da criança. Caso ela ali se encontre, deve ser outra pessoa traga o recém-nascido, a fim de que a mãe possa abraçá-lo ao chegar.

Nos primeiros dias, é preciso muito tato. O pai, nestas circunstâncias, pode ajudar muito, não perguntando pelo bebê ao chegar em casa, e não dando a este muita atenção. Dependendo da idade, mais difícil é a adaptação da criança, pois, com pouca idade, terá mais dificuldade para entender.

A atitude contrária dos pais de justamente dar mais atenção ao filho maior, e descurar-se do bebê, cria neste, com o tempo, um problema. Este se res-sintirá da falta de cuidados. Portanto, uma proteção excessiva, com um ou com outro, traz como resultado atrasar o momento, em que as duas crianças aceitam uma a outra, com naturalidade.

NÚMERO DE FILHOS — É muito variável o número de filhos de uma família para outra. Em geral os habitantes das grandes cidades, dependendo da classe social, optam por um número menor de filhos, enquanto em outras, dá-se justamente o contrário.

O número de filhos, sendo elevado (de 5 para diante), obriga a um cuidado e gastos que muitas famílias não podem suportar. De certa forma, é preferível famílias menos numerosas, mas que possam proporcionar a todos os membros o conforto necessário que exige a vida moderna.

NUTRIÇÃO — Vide Alimentação.

O

OBEDIÊNCIA — Conduta social, que se caracteriza, pela conformidade de parte de um indivíduo com as normas, regras, ordens e leis estabelecidas por aqueles que, hierarquicamente, lhe são superiores sob algum aspecto. É, assim, o termo empregado sempre onde há conformidade da ação de alguém com as normas, vindas de algo que lhe é de certo modo superior.

Há, portanto, obediência, social, filial, política, moral, ética, et. — Vide **Disciplina**.

OBESIDADE INFANTIL — É motivo de preocupação para os pais o excessivo peso dos filhos. O excesso de peso não é aconselhável para uma criança, tanto do ponto de vista fisiológico como psicológico.

Em grande número de casos, só a dieta médica pode determinar as causas que concorrem para que tal suceda, como transtornos no funcionamento glandular ou excesso de apetite. Muitas vezes uma simples dieta resolve este problema.

OBJEÇÃO — a) É a ação ou o efeito de objetar, de contrapor um argumento a outro, de opor uma razão contraditória, uma prova a outra.

b) Nome que se dá em geral ao argumento que tende a provar a falsidade ou a insuficiência de um postulado ou tese previamente dados.

OBJETIVISMO — a) É tomar como objetivo o que outros possam tomar de outro modo.

b) Significa: realismo.

c) Idealismo objetivo.

d) Toda posição que afirma que as idéias possuem uma validade objetiva.

OBJETO — Do lat. *ob* e *jectum*, do verbo *jectare*, atirar. Etimologicamente, o que se coloca ante, *ob*, o que se jecta *ob* ao sujeito.

- a) É o que é pensado ou representado, que é distinto do ato de pensar ou de representar. Vide *sujeito*.
- b) A meta para a qual se tende. Neste sentido, é sinônimo de *objetivo* (vide).

- c) O que está *extra-mentis*, o que tem existência fora da mente de quem pensa.

Os escolásticos faziam a distinção entre *objeto material* e *objeto formal*. O primeiro é o que existe em si mesmo, com todas as suas *notas* (que são as propriedades cognoscíveis e que se manifestam); o segundo é o captado pelo complexo das notas em sua representação na mente.

OBSCURO — Opõe-se a *Claro*, *distinto* (vide). Uma idéia, um pensamento, uma passagem, são obscuras quando não revelam desde logo, o seu conteúdo. Contudo, o *obscurum* tem graus, e é relativo ao cognoscente. A obscuridade pode ser deficiência de quem expõe, mas também de quem não é capaz de assimilar.

Há, contudo, obscuridades para todos os homens, e há aquelas apenas para os menos inteligentes. Conceito vago, sua definição torna-se, também, imprecisa, obscura.

OBSERVAÇÃO — a) Observar vem de *ob* e *servo*. Servo é pôr atenção a, e, neste caso, observar é pôr atenção contra, é fixá-la em algo.

Na observação, constata-se os fatos. E distingue-se, para Zimmermann, da *experiência*, porque, nestá, há uma intervenção ativa de observação, enquanto, naquela, há apenas expectativa, constituída pela fixação da atenção sobre alguma coisa.

- b) Para Claude Bernard a experiência é uma observação provocada com o fim de controlá-la (vide *contrôle*).

OBSTÁCULO — É tudo o que se opõe a alguma coisa, o que impede, o que faz parar, o que se antagoniza ativamente. É a dificuldade, o embaraço, a resistência.

Nesse sentido, é sempre usado na Filosofia e na linguagem popular. E nesta, sobretudo, o *demonio* é o obstaculizador. O mal é sempre, de certo modo, um obstáculo, um impedimento, um embaraço, uma dificuldade, uma quebra na continuidade, um abismo.

OBSTÁCULO PARA A CRIANÇA — A criança visualiza sempre uma finalidade, para a qual tende a sua atividade. O obstáculo, que encontra, nunca é previsto, como o da criança que ao empurrar um carro, vê-se, subitamente, em face de um obstáculo. Manifesta, então, o seu desagrado, pelo modo natural de manifestá-lo: o choro. Vê-se, assim, que o mundo mental da criança é distinto do mundo mental do adulto. A observação do obstáculo e o exame de seu possível afastamento, já é uma operação intelectual superior, que a criança, em seus primeiros anos, não poderá considerar. Se o pai, nesse momento, afasta o obstáculo, ou ensina à criança como contorná-lo, ela manifestará, imediatamente, o seu agrado, e estará ele, por sua vez, contribuindo para ajudá-la a penetrar na humanidade. O que jamais deve fazer o pai é ridicularizar a deficiência, pois deve considerá-la como natural.

OBSTETRÍCIA — (Vide *Especialistas*).

OBSTRUÇÃO DO CONDUTO LACRIMAL — O conduto por onde fluem as lágrimas, desde o olho até o nariz, fica algumas vezes obstruído. Como consequência, o olho, cujo conduto está obstruído, lágrimeja constantemente e o líquido lacrimogêneo não pode realizar perfeitamente a sua função. Decorre comumente de uma ligeira infecção das pálpebras, que aparecem nas extremidades do olho, ao surgirem as pestanas, o que faz com que muitas vezes as pálpebras fiquem aderidas, e neste caso deve utilizar-se um algodão molhado em água morna, previamente fervida.

Caso tal fato seja constante, convém consultar o médico. Na maioria dos casos, desaparece quando o bebê alcança um ano de idade.

ÓCULOS — O uso de óculos é muito difundido atualmente. Quando se trata de crianças pequenas, os oculistas aconselham o uso de óculos com cristais inquebráveis. Encontram-se três tipos de cristais inquebráveis: 1) cristal temperado, um pouco pesado; 2) o cristal laminado, igual ao dos vidros usados nos

automóveis; 3) cristal plástico, leve, mas que risca com mais facilidade que os outros.

A miopia é um dos defeitos mais comuns nas crianças, e convém o uso de óculos para a sua correção. Há crianças que se mostram rebeldes aos mesmos. Por isso convém mostrar-lhes o benefício que terão com o uso deles. Não se deve falar muito sobre os óculos para a criança, preferindo-se poucas observações, e tratar deles como algo comum.

OIDIOSE — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 10.

OLHOS — Vide **Puericultura** — 9.º cap., § 7.

OLHOS (corpos estranhos nos) — Uma partícula que se introduz nos olhos pode ser facilmente removida e na maioria das vezes o é, através das próprias lágrimas. Um corpo qualquer, incrustado no globo ocular, exige o imediato cuidado médico.

Tratando-se, como acima dissemos, de alguma partícula, podem usar-se um dos seguintes métodos:

- 1) Procurar retirá-lo com um pedacinho úmido (não seco) de algodão, ou com a ponta de um lenço limpo.
- 2) Lave os olhos ou o olho simplesmente com água morna, usando um conta gotas ou uma banheira ocular. Uma compressa morna abaixará a inflamação, depois que o corpo estranho tenha sido extraído.

Esfregar o olho pode ser prejudicial, pois pode se produzir uma infecção nos tecidos, que foram afetados.

Se não for possível a retirada do corpo estranho, deve-se levar a criança a um Pronto Socorro. Uma gota de azeite puro de oliva ou de linhaça, instiladas cuidadosamente no olho, podem dar um alívio.

ONICOFAGIA — Vide **Unhas (roer)** = comer as unhas.

ONÍRICO — Onirológia é a ciência que estuda os sonhos. Também a que busca adivinhar através da simbólica dos sonhos, e como tal, chamam-na, também, oniromancia. Onírico é tudo o que pertence ao sonho.

OPERAÇÕES — Vide **Hospitalização da criança**.

OPINIÃO — (Do lat. *opinio*, em gr. *doxa*). O verbo opinar, dar opinião, logo nos revela que, nesta, há um sentimento da nossa mente sobre algo que é aceito, mas que, ao mesmo tempo, se admite a possibilidade, por parte de outro, de não aceitá-la ou de apresentar até razões contrárias. A opinião pode ser o começo do filosofar, mas jamais será o verdadeiro filosofar. O verdadeiro filósofo não é o que opina, mas o que demonstra o que postula. Vide **Demonstração**.

OPOSIÇÃO — a) É a relação entre dois objetos colocados um ante o outro.

b) Por metáfora, diz-se de tudo quanto é antitético.

c) Os extremos de um gênero opõem-se, e a posição é característica das qualidades dos valores, etc. Empregado nesse sentido geral em todas as disciplinas filosóficas.

d) Na Lógica, é a afirmação ou a negação do mesmo ao mesmo. Vide **Proposição**.

OPOSIÇÃO FUNDAMENTAL DA CRIANÇA — A criança vive uma oposição que nunca deve ser subvalorada. Há nela um desejo de crescer e um desejo de permanecer sempre criança. Há uma luta, que atinge seu ponto máximo quando começam os primeiros sinais da puberdade, e na instauração desta. Tem aí a sensação que perdeu um mundo, e teme enfrentar o novo que lhe surge, cheio de mistérios e de responsabilidades, que ainda desconhece.

Se a criança deseja uma coisa, em seus primeiros anos, seu recurso é lançar mão do choro para pedi-las. É o choro uma linguagem múltipla, que é mister conhecer e respeitar. A disciplina por parte dos pais para assegurar à criança o que deseja por meios normais, ensina-la a pedir as coisas com tranqüilidade, sem necessidade de usar o recurso infantil do choro. Será, então, já um penetrar na humanidade. Lembrem-se os pais que o lar deve ser um ambiente de placidez e de confiança. Onde estas reinarem, reinará na alma infantil a confiança e a tranqüilidade. Tranqüilidade no lar, disciplina justa, respeito à liberdade da criança darão a esta a convicção de que também lhe cabe um lugar no mundo, se for ainda acompanhada de uma orientação firme, amistosa, ca-

rinhosa, que dará à criança a fortaleza e lhe ministrará recursos para que possa enfrentar a luta, as incertezas e os problemas, que fatalmente terá pela frente. Só assim se garantirá uma segurança emocional para a criança.

ORAÇÃO — Tem dois sentidos, o gramatical e o religioso. a) No sentido gramatical, é o conjunto das palavras construídas de modo a formarem um sentido completo. Na Retórica, é o discurso.

b) Religiosamente, é a invocação dirigida à divindade ou aos seres superiores, que podem intervir na vida humana e nos seus acontecimentos, que apreSENTA diversas modalidades.

ORATÓRIA — A arte de falar é, sem dúvida, importantíssima para a vida social, já que nosso meio de comunicação de uns com os outros são os gestos, as atitudes e, sobretudo, a palavra, que deve sugerir, em quem nos ouve, o que intendemos dizer. Para que o falar ante um grupo de pessoas obtenha seu melhor resultado, é mister que a palavra expressada seja clara, fluente e precisa. Dêse modo, desde os primeiros momentos de sua vida, deve a criança ser auxiliada por pais e mestres para que seja capaz de bem usar a palavra, pois em sua vida não serão poucas as vezes que terá de fazê-lo. Ninguém pode esquivar-se de ter de pronunciar em público algumas palavras, quer na vida de relação pura e simples, como na vida comercial, industrial, técnica, etc. Consequentemente, o bom emprego da palavra se impõe, e deve o mestre e os pais saberem o que é imprescindível para que a criança possa desenvolver essa capacidade tão importante.

Da parte dos pais, devem estes ajudar sempre a criança a expressar o que pretende dizer, ouvindo-a, deixando-a dizer o que pretende expressar, e dar-lhe oportunidade de discutir, de defender opiniões. Deve manter com ela uma palestra, ouvir suas histórias com atenção, e favorecê-la para que coordene bem os pensamentos e que os exprima com as palavras mais adequadas ao grau de conhecimento que dispõe.

Por parte dos mestres, é conveniente abrir nas aulas temas para discussão, escolhendo uma criança para que dirija os trabalhos, de modo que outra possa expor sua tese, enquanto as restantes devem ouvir respeitosamente. Abrem-se os debates, segun-

do uma ordem, de modo que cada um disponha de certo tempo para expressar o que pensa. Por parte ainda do mestre, que deve tomar apenas o papel de orientador, é conveniente resumir os temas expostos, dar uma ordem lógica aos argumentos, mostrar a procedência de uns e a improcedência de outros, sempre respeitosamente, sem nunca ridicularizar ou desprezear o que a criança diz, nem permitir que ninguém o faça, fazendo sempre ver que todos têm o direito de errar, mas também o dever de impedir que os erros se repitam. Os temas em debates devem ser simples, de preferência sobre a matéria do currículo. O mestre pode e deve intervir toda a vez que sua palavra for esclarecedora e, por outro lado, deve estimular os mais tímidos a tentarem expor o que pensam. Nunca, porém, deve ser exigente demais, de modo a inibir a criança. É conveniente que toda a vez que a criança tiver que expor suas idéias, deve fazê-la erguer-se e falar em pé, para que ela de certo modo sobressaia, e sinta, também, uma certa responsabilidade ante o que faz.

Os temas a serem debatidos podem ser estabelecidos com antecedência, e pode-se, ademais, escolher (sempre por indicação da classe) os que deverão debater os temas, oferecendo o aspecto controverso, de modo que se formem grupos pró e contra uma tese, estimulando para que cada um procure os melhores argumentos. Deve, ainda, aconselhar que escrevam os argumentos, e que estes sejam posteriormente expostos, segundo a melhor ordem possível. Por outro lado, essas práticas favorecerão ainda ao mestre uma segura orientação sobre as possibilidades mentais e caracterológicas de seus discípulos. De posse de tais dados, poderá ainda o mestre, particularmente, auxiliar o aluno para estimulá-lo onde é conveniente, considerando as possibilidades futuras que devem ser desenvolvidas.

ORGANIZAÇÃO — Vide Introdução.

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL — Vide Vocação.

OTIMISMO — a) Nome que se deu à doutrina de Leibnitz, que afirmava que este mundo era, de todos os mundos possíveis, o melhor.

b) Doutrina, segundo a qual tudo é bom, e o mal nada mais é que um grau menor de bondade.

c) Atitude da mente, que consiste em considerar tudo pelo lado melhor ou a supervalorizar tudo quanto há ou se dá.

d) Em sentido comum, é a tendência a ver tudo pelo lado bom, sem considerar o que há de mau e prejudicial.

OUVIDO — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 7 e 9.º cap., § 7.

OUVIDO (infecção do) — É comum em crianças de quatro a cinco anos sofrerem de uma pequena infecção do ouvido, em consequência de um resfriado. Na maioria das vezes desaparece sem necessidade de tratamento. Em alguns casos, quando aparentemente existe uma infecção, deve dar-se atenção, qualquer que seja a idade da criança. O bebê, que esfrega com frequência as orelhas, puxando-as ou tocando nelas constantemente, deve ser examinado por um médico. Em muitos casos pode haver um tumor ou uma mastoidite, o que pode provocar graves complicações.

É aconselhável o uso de alguma coisa quente na zona dolorida, o que irá produzir alívio. Também é recomendável a administração de algum comprimido (melhoral infantil ou novalgina), a não ser que exista proibição do médico. De forma alguma se deve aplicar alguma coisa no ouvido sem receita médica. Caso exista supuração, pode introduzir-se suavemente, e com grande cuidado no ouvido, um tampão de algodão esterilizado.

A infecção do ouvido, em geral, refere-se exclusivamente à que se produz na parte interna e média do ouvido propriamente dito. A cera normal, que se acumula no conduto do ouvido, protege os tímpanos. Uma acumulação anormal de cera endurecida só pode ser extraída pelo médico ou pelo especialista.

OVÁRIOS — Vide **Menstruação**.

P

PACIÊNCIA — É uma virtude subordinada à prudência, e consiste na capacidade de saber esperar com calma o que pode ou deve acontecer. Os pais devem ser pacientes quanto ao desenvolvimento dos filhos e não impacientar-se por que têm de percorrer os estágios da sua evolução natural. Devem, por isso, ajudar os filhos a progredirem, dentro das normas que podem ser seguidas, segundo o seu amadurecimento, que é lento. O progresso da criança tem de ser estimulado e amparado. Há crianças que aceitam alimentos novos sem grandes dificuldades, mas outras reagem enérgicamente. Certos hábitos só podem ser modificados lentamente, e devem os pais compreender que é normal o filho não revelar o adiantamento que outras crianças manifestam. É mister ser paciente, ser tolerante quanto a certos problemas, cuja solução deve vir a seu tempo.

PADRASTO — Com a perda de um dos pais, embora as crianças não o demonstrem, sofrem um trauma psicológico. Há uma profunda alteração na vida da criança. Ela demonstra estar assustada e seus sentimentos sofrem modificações. Na sua mente, às vezes, surge a idéia de que as suas travessuras ou seus atos foram a causa da morte do pai, e daí formar-se um sentimento de culpa. Também se manifesta nas crianças e até nos jovens a convicção de que o pai ausente regresse. Por isso, quando o pai ou a mãe casam-se novamente, torna-se difícil atribuir ao novo membro da família o afeto que seria de desejar.

A introdução de um novo membro na família requer certas precauções prévias. É necessário que se processe uma acomodação, tornando a nova pessoa,

aos poucos, mais familiar, acostumando-se àquele que será o novo membro. Instalado na família, o novo membro deve proceder com espírito de amizade e de compreensão, evitando as atitudes de rebeldia, as oposições, e as resistências que normalmente surgem. De início não se deve exigir que a criança chame-o de pai ou mãe. Espere-se que ela, espontaneamente, o faça. Quando a criança é muito pequena, não é difícil conseguí-lo, mas se são maiores as dificuldades são inevitáveis. O novo membro precisa ganhar a simpatia da criança, e deve ter paciência, porque isso leva um tempo relativo.

PAGEM — Chamam-se frequentemente de **pagem** ou **babá** aquelas pessoas incumbidas de vigiar e cuidar das crianças, durante as horas do dia e da noite. Esta função não é uma especialização técnica nem profissional, mas exige um certo número de qualidades, sem as quais não se processa de modo são, como seja: sensatez, prudência, amabilidade, cordialidade, carinho, senso-comum, saúde, critério moral, cumprimento das ordens recebidas, paciência, alegria, limpeza e, sobretudo, digna de confiança. Realizam elas muitas funções que caberiam às mães e, consequentemente, podem influir na educação da criança.

Nos países super-civilizados, esta função é especializada, pois recebem uma educação especial, a fim de cumprirem regularmente as funções. Escolas para pagens deviam multiplicar-se, a fim de que as mães dispusessem de auxiliares competentes.

PAI (seu papel ante os filhos) — Deve um pai sempre considerar o importante papel que representa ante os filhos, que nele vêem um modelo, que desejam imitar. A conduta dele para com a esposa é fundamental para a construção do carácter dos filhos. O respeito e a consideração, que devotar à sua esposa, merecerão do filho admiração e respeito por sua vez. Não deve o pai querer precipitar a evolução natural do filho, desejando torná-lo um "valentão", pois muitas vezes ocultará, em falsas atitudes, um covarde. Deve compreender que o desenvolvimento da virilidade nele se deve fazer normalmente. Deve suprir, dando exemplos de virilidade, não, porém, querer forçar no filho o advento de uma atitude, que não se impõe, mas que se adquire, sobretudo, pelo exemplo.

Nunca esqueça o pai que, de seu modo de proceder da maneira correta de ser, sairá a maneira correta de proceder de seu filho, pois este procurará imitá-lo, e sempre admirará as suas manifestações de dignidade.

Que tenha, pois, uma vida digna de ser imitada.

PAIS AFASTADOS DO LAR — Certos pais, por suas funções econômicas, vêem-se forçados a viver ausentados do lar por longo tempo, como viajantes, marinheiros, aviadores, etc. Manter de modo afetivo a presença desse pai no lar, na consciência dos filhos, é uma tarefa difícil e árdua. E esta tarefa cabe precisamente à mãe. Ela deve falar constantemente do pai, por aos filhos que lhe peçam conselhos quando ele retornar, e dizer-lhes, freqüentemente, que o pai pensa nêles e sobre êles pede notícias. Êstes, ao voltarem ao lar, devem descrever, tanto quanto possível as suas atividades, e no período de retorno devem permanecer a maior soma de tempo possível em casa.

É aconselhável, nesses casos, que os filhos freqüentem clubes de jovens, façam escotismo, e que mantenham laços de camaradagem com pessoas adultas do sexo masculino, para não sofrerem a falta da presença do adulto na sua vida.

PAIS (conselhos úteis) — Vide **Puericultura** — 17.º cap.

PAIS E A PSICOLOGIA MODERNA — É inegável o grande desenvolvimento que teve a psicologia moderna e, sobretudo, imensa a sua contribuição à pedagogia. Se os pais devem confiar nas grandes contribuições que ela aporta, não devem, contudo, entregarem-se confiantes às mãos de qualquer psicólogo que trace novidades, que nem sempre são devidamente consistentes. Muita contribuição moderna no campo do saber culto não passa da revivescência de velhos erros, refutados com antecedência, e que a pouca advertência e preparação das pessoas embrenhadas ingenuamente no campo do saber, permitem que estas julguem ser maravilhosas descobertas novas, cheias de valor. Nesta obra, só incluímos os conselhos e regras fundadas em sólidas observações e especulações psicológicas, deixando de lado certas afirmações e conselhos que não merecem a devida confiança, pois ainda não têm a seu favor nem a chancela do tempo,

nem a devida fundamentação científica, que nunca se afasta, quando é precisa e cuidadosa, da filosofia positiva (não positivista.) e concreta, que é uma filosofia perene, porque vence as distâncias do tempo, e firma-se com a segurança de postulados demonstrados de modo rigoroso e necessário.

Ora, não há pai que não deseje ministrar a seu filho uma educação esmerada, e não se afane para que o filho não herde em sua vida as consequências das falhas educacionais. Portanto, para que não malogre em suas intenções, devem os pais serem cuidadosos quanto a determinadas manifestações, que são sinais de erros, que devem ser corrigidos, antes que gerem consequências das mais graves. Nunca se deve esquecer que para que um filho se torne num adulto normal é mister que tenha tido uma infância normal.

Se o filho de dois anos deve depender dos pais totalmente, já o mesmo não se deve dar com o filho de cinco anos, o qual já deve começar a fazer muitas coisas independentemente, como se verifica nos artigos correspondentes, para onde remetemos o leitor. O fato de uma criança aos cinco anos contar histórias fabulosas nada há de admirar, mas será, contudo, algo de preocupar os pais se aos dez anos ainda persistir em fazê-lo. Que uma criança seja retraída aos quatro anos, nada de admirar, mas é de admirar se aos sete anos persistir esse retraimento.

Uma das providências mais sérias que devem ter sempre os pais é a disciplina e a auto-disciplina na criança, que ministrada com segurança e com critério nunca fará que ela duvide do amor paterno, mesmo quando castigada. Nunca devem os pais julgarem que devem transformar seu filho num adulto, que é corporalmente criança. A criança deve ser corporal e psicologicamente criança, como o adulto deve ser corporal e psicologicamente adulto. Não convém querer dar maneiras de adulto à criança, forçando-a a deixar de ser o que é. Contudo, o exágere extremo de querer dar rédea solta à criança, sob a sofismática argumentação de que é criança, é, também, um grave erro de consequências imprevisíveis.

Lembre-se sempre o pai que a criança erra, como nós adultos também erramos. Se quiser fazer

com que ela tema os seus erros, abri-lhe-emos as portas da mentira e da hipocrisia. Se o filho mente continuamente, procure verificar o pai se sabe compreender seus erros, perdoá-los, e auxiliar o filho para que não os repita. Faz isso?

PAIXÃO — (Do lat. *passio* e do gr. *paskein pathos*) a) uma das dez categorias de Aristóteles.

b) É a qualidade passível de..., e constitui o ato do paciente, a capacidade de sofrer determinações.

c) Na Psic., é a expressão emotiva, forte, incontrolada. No plural, paixões indica toda a experiência emotiva de ordem afetiva. (Vide *afetividade*).

PAIXÕES — Na Psicologia geralmente se considera a *paixão* como um estado que dura; assim a *emoção* é a forma aguda e a *paixão* a forma crônica, na qual se assinalam os caracteres de violência e duração. A *paixão*, como é considerada hoje pelos psicólogos, é uma tensão dirigida como tendência em atividade, mas concentrada, intensivamente, quanto ao fim, anulando, muitas vezes, todas as vontades contrárias, que se lhe opõem.

No tratar das paixões e das emoções, os filósofos divergem.

A *emoção* ou a *comoção* são estados primários; mas, na *paixão*, há uma concentração da propensão e das inclinações que preponderam, dominam, avassalam as outras.

Quando alguém é dominado por uma *paixão*, toda a vida psicológica parece tender para aquele fim, o que também implica a necessidade de uma intensa concentração da vida psicológica, por isso não se verificam paixões nas crianças, cuja vida psicológica não está ainda devidamente concentrada, e também não se desenvolveu bastante a personalidade.

As paixões foram analisadas pelos moralistas, ora para elogiá-las, ora para deplorá-las, ora para combatê-las. Uns consideram-nas bruscas, outros demoradas, produtos de um trabalho de cristalização; outros as consideram extirpáveis pela vontade, que também pode impedir seu nascimento, enquanto outros as consideram poderosas e avassaladoras da vontade; ora um sinal de fraqueza, ora obstaculizam o desenvolvimento moral, ora o impulsionam.

PALAVRA INTERIOR — Chamam-se às palavras que são pronunciadas interiormente, sob a forma de imagens auditivas, formando frases, que reproduzem as palavras propriamente ditas, com semelhantes tonalidades, e até as características da voz.

Não é, contudo, essa capacidade comum a todos os homens, pois há muitos que não a tem interiormente.

Chama-se de **linguagem interior**, não só a palavra interior, mas, também, as imagens visuais, motrizes, etc. que reproduzem, de certo modo, as que servem para as comunicações.

PALAVRAS ESVAZIADAS — Uma das mais tristes características de nossa época, e que já se vem processando a três séculos, e cada vez com mais acentuada insistência, é o **esvaziamento das palavras** dos seus verdadeiros conteúdos etimológicos e intencionais, para, deste modo, ser possível mais eficientemente perturbar as consciências humanas, e fazer com que a confusão no campo das idéias avassale todos os setores, a fim de favorecer determinados grupos de idéias, que servem a interesses inconfessáveis. Deve compreender o pedagogo moderno o grave perigo que dão o mesmo conteúdo a termos como **estética, belo, pátria, nação, amor**, etc. A invasão da gíria nas altas rodas da sociedade, e até nas escolas, as divergências ideológicas, tão próprias do período histórico que vivemos, favorece essa distorção crescente do sentido dos termos, que muitas vezes alcançam acepções totalmente opostas às primitivas, como se verificou, também, na decadência romana e no baixo latim, com grave prejuízo para o patrimônio cultural da humanidade. Onde não há termos com acepções únicas, não pode haver ciência segura, saber sólido, conhecimento e comunicação entre as mentes, mas, sim, divórcio de idéias, falsas contraposições, polêmicas apenas de palavras; em suma, confusão e recuo de um grau de superioridade intelectual para estadios inferiores e bárbaros, como se verifica hoje entre nós, apesar do imenso progresso técnico adquirido. O homem moderno assemelha-se a um bárbaro tecnizado, a um bárbaro que, subitamente, se viu de posse de uma técnica superior, que ele nem sempre sabe bem como deve empregá-la, e que destino me-

lhor poderá dar a ela. Ao educador moderno cabe um imenso papel: o de pugnar para que a terminologia tenha sempre um conteúdo seguro e certo, e ensinar aos que precisam de auxílio como devem proceder para que as palavras tenham conteúdos seguros, e não se afastem do seu verdadeiro sentido, para que a comunicação e o entendimento entre os homens sejam os mais eficientes possíveis, porque toda pedagogia deve ter como supremo ideal ajudar a construir homens de mentalidade sã, capazes de conviver fraternalmente com seus semelhantes.

PARABULIA — Perturbação funcional nos **abúlicos** (vide **Abulia**), que fazem esforços para agir, e que consiste em realizar atos inapropriados ou mal coordenados.

PARADOXO (do gr. **para** e **doxa**, opinião). Estado de coisas (ou declaração que se faça sobre elas), que aparentemente implica alguma contradição, pois uma análise mais profunda faz desvanecê-la.

PARALISIA CEREBRAL — É um estado no qual sofre uma lesão a zona cerebral, ou pelo menos é interrompida a via, desde esta zona até à neurona medular. A paralisia produz-se quase sempre no lado oposto medular. É muito comum ocorrer antes ou durante o nascimento, e em alguns casos depois deles, por enfermidade ou acidente.

O doente tem de ser reeducado, aprendendo a usar outros músculos e fazer outros movimentos, para suprir os que não pode utilizar. Assim, as zonas, nas quais o domínio muscular está incapacitado, exigirão muitos meses para sua reeducação. A criança tem de ser tratada com atenção, como se fosse normal, procurando que ela própria se esforce em suprir as suas faltas. Ela precisa estar junto com outras crianças, e dentro do possível fazer parte de um grupo.

PARALISIA INFANTIL (Poliomielite) — Existem três tipos de vírus, que causam a poliomielite. O vírus atinge as células nervosas, chegando até a destruí-las por completo. Sabe-se hoje que a sua penetração se realiza pelo nariz e pela boca, atingindo depois o sistema nervoso central.

Os primeiros sintomas gerais, semelhantes aos de muitas enfermidades, são: dor de cabeça, de gar-

ganta, de estômago, rigidez na espádua e do pescoço, febre, e, com menor frequência, dificuldades para deglutir e respirar.

Os estudos e pesquisas científicos têm realizado notáveis descobertas neste setor. Atualmente contam-se com vacinas que são, em geral, aplicadas em grande escala: a Sabin e a Salk.

Uma criança, atacada por paralisia infantil, merece cuidados especiais. A imediata atenção médica, repouso em cama e bons cuidados, são as providências mais importantes para o tratamento. Este inclui atenção especial ao alívio da dor, prevenção das deformações, e a terapêutica física para ajudar o enfermo a recobrar a sua capacidade física, e o uso de todos os seus membros, tão logo seja possível. Os casos graves têm de ser levados a centros e organizações especializadas na recuperação do doente. Vide *Puericultura* — 11.º cap., § 13.

PARAMNÉSIA — Para os psicólogos é uma ilusão da memória, que consiste ao deparar-se com um fato psicológico novo e considerá-lo como repetido em seus pormenores, como se o víssemos atualmente pela segunda vez. Esta experiência muito comum explicamos, em grande parte, a **repetição** de Kierkegaard e de Nietzsche, a qual serviu de fundamento, sem dúvida irracional, para as concepções do eterno retorno, como as encontramos em alguns autores gregos, em Blauqui e em Nietzsche. Sobre este ponto, há uma vasta controvérsia, não se satisfazendo todos com a explicação meramente psicológica.

PARANOIA — Psicose, que se caracteriza por ilusões sistematizadas e fixas, monomanias, etc. Vide **monomania**.

PARAPSÍQUICO — Termo usado para indicar a capacidade de prever os acontecimentos futuros, a capacidade telepática, inclusive muitos fenômenos psíquicos que ultrapassam a compreensão normal. Vide **Metapsíquica**. **Parapsicologia** é a parte da **Psicologia** que se dedica ao estudo de tais fenômenos.

PARTO (Conselhos) — A gestante perceberá o início do trabalho do parto pelos seguintes sintomas: 1.ª fase:

a) as **contrações regulares**: indicam que o cérvix está se dilatando. As dores de parto se caracterizam

por começarem gradualmente, permanecendo por um breve período muito forte, e diminuindo aos poucos. A dor de parto é sempre acompanhada por uma forte contração do útero. Caso seja apalpado o abdômen, no máximo da intensidade da dor, nota-se uma massa dura e volumosa, que voltará a amolecer, logo que a dor passar. As dores são periódicas, repetem-se com intervalos definidos. A medida que o parto avança, os intervalos tornam-se menores. Iniciam-se com um intervalo muito grande (30, 20 ou 15 min.), e vão, regularmente, diminuindo, chegando até a 3 ou 4 minutos. Assim se processando, pode-se dizer que o parto "está em bom andamento". Da mesma forma a duração da dor que, no início, era de meio minuto, aumenta para mais de um minuto no fim.

Estas dores principiam nas costas, estendendo-se, depois, para os lados, concentrando-se, finalmente, no abdômen.

b) **A ruptura das membranas**: em 50% dos partos a bolsa d'água, formada pelas membranas fetais, é rompida nas últimas horas do parto. Em alguns casos, ela fica intacta até o fim.

Com o rompimento das membranas, jorra uma quantidade de líquido, que vai diminuindo aos poucos. Nos casos normais, o parto se dará dentro de 24 horas e, em alguns casos, em menos de 6 horas.

Na 2.ª fase: a parturiente deve ser levada à sala de parto, onde dar-se-á o **nascimento**.

Na 3.ª fase: expulsão da placenta que alimentou o bebê durante os meses de gestação. Esta fase é chamada de "após parto".

Cuidados a serem observados — Conselhos à gestante quando se iniciam as contrações, ou haja rompimento das membranas:

1) Avise logo o médico quando se iniciarem as contrações ou se houver o rompimento das membranas.

2) Não coma nada antes do parto. Se se trata do 1.º filho, que em geral demora mais para nascer, pode ingerir algum alimento leve, como caldo de carne ou de frutas, etc. Os líquidos não fazem mal, pois são prontamente assimilados pelo estômago.

3) Tenha preparada a mala com a roupa necessária, e também para o bebê, que irá nascer.

Exercícios de relaxamento — A opinião mais corrente e vulgar é que a gestante, quando já se tenham iniciado as contrações, deve-se contrair, movimentar os braços, procurando “ajudar” o trabalho de expulsão do bebê. Esta atitude não é aconselhável, pois a 1.ª etapa do parto requer somente relaxamento, calma e dissociação da mente, do mecanismo do útero.

Na 2.ª fase, quando se dão as últimas contrações, que dilatam completamente o cólo do útero, é preciso o eficiente auxílio que a gestante pode fazer, caso saiba realizar a respiração adequada. É preciso uma inspiração profunda e que seja segura, até que se complete a contração. Quando termina a contração, expirar logo em seguida, o que vai auxiliar a saída do bebê.

Cuidados a serem observados após-parto — Chama-se de puerpério, o período compreendido pelas primeiras seis semanas após-parto. É preciso levar em conta certos cuidados. Os mais importantes são:

- 1) Não deixar de alimentar-se. Este não é o momento para o início de um regime.
- 2) Evitar relações sexuais dentro destas seis semanas.
- 3) Não assumir obrigações sociais durante os primeiros 15 dias;
- 4) Não andar de carro nos primeiros 15 dias, e só guiá-lo depois de 1 mês.
- 5) O fumo e o álcool não devem ser ingeridos, só em dose mínima.
- 6) A descarga vaginal deve diminuir de intensidade depois da primeira semana, e parar depois da segunda semana.
- 7) Caso amamente, tome 1 litro de leite por dia e muito líquido.
- 8) Não tome banho de imersão, e sim de chuveiro, morno.
- 9) Muitos médicos proíbem a lavagem da cabeça nos primeiros 30 dias, outros não. Neste caso, é

preferível o conselho do médico que assistiu na gravidez ou no parto.

10) Não realizar movimentos bruscos e exercícios cansativos.

11) Subir o menos possível escadas.

No caso da paciente ter sofrido uma cesareana, os mesmos conselhos devem ser observados. Em geral, a recuperação, num caso de cesareana, é tão rápido como de um parto normal.

PASSIVIDADE — Carácter do que é passivo.

PASSIVO — a) O que tem o carácter de uma “paixão”.

b) O que sofre uma “paixão”.

c) O que constitui uma “paixão”.

PATENTE — a) Diz-se do que se contrapõe a latente, com o qual está na relação de ato e potência. O patente atualiza-se, manifesta-se, enquanto o latente está virtualizado, oculto.

b) Emprega-se, ainda, para indicar o que é imediatamente captável pela sensibilidade. Vide **Patência**.

c) Por extensão, diz-se de tudo que é imediatamente evidente.

PATERNALISMO — a) É a proteção e o controle, que exercem os pais sobre os filhos menores.

b) Diz-se da ação governamental ou do empregador para com os cidadãos ou empregados, em que essa relação se apresenta à semelhança daquela.

PATERNIDADE — a) Psicologicamente, é a relação de pai para filho, da geração do segundo pelo primeiro.

b) Psicologicamente, é o reconhecimento desse ato e do sentimento de amor, que há entre o primeiro e o segundo. A maternidade é complementária da paternidade.

c) Doutrinariamente, diz-se que há paternidade numa teoria, doutrina ou opinião, quando se estabelece seu autor.

PATHOS (gr.) — a) Sofrimento, em sentido passivo.

b) É o sofrimento psíquico, que se distingue da dor física, pois esta é localizada, e aquela é geral. Empregamos o termo **pathos** não só no sentido da dor, mas de toda afecção, no campo da **afetividade** (vide).

c) Na literatura, é tudo o que provoca estados simpatéticos por parte do espectador. É o **pathos** da obra.

PATOLÓGICO — a) O que revela, manifesta ou se refere ao estado **doentio**.

b) Em alguns filósofos, como Kant, emprega-se com referência aos sentimentos e, sobretudo, às paixões.

c) Popularmente, é usado para significar tudo quanto é **anormal** de modo excessivo.

PATOPSICOLOGIA — Distinguiram Specht e Nünsterberg a **patopsicologia** de a **psicopatologia**. A primeira estuda os fatos psíquicos, que apresentam caracteres de morbidez, e a segunda a parte da **patologia**, que estuda as doenças do espírito.

PAZ — a) É a tranquilidade, a ausência de colisões entre tendências.

b) Emprega-se com referência à convivência entre os homens, quando há concórdia de afetos e vontades, ou em que os antagonismos são resolvidos sem a luta cruenta.

A **paz interior** é a tranquilidade da consciência. A **beatitude** é a paz do espírito, que tendo alcançado a verdade, não sofre mais da angústia e da inquietação da interrogação.

Diz-se que é **pacífico** o que é refratário à luta, o que é favorável à conciliação dos antagonistas.

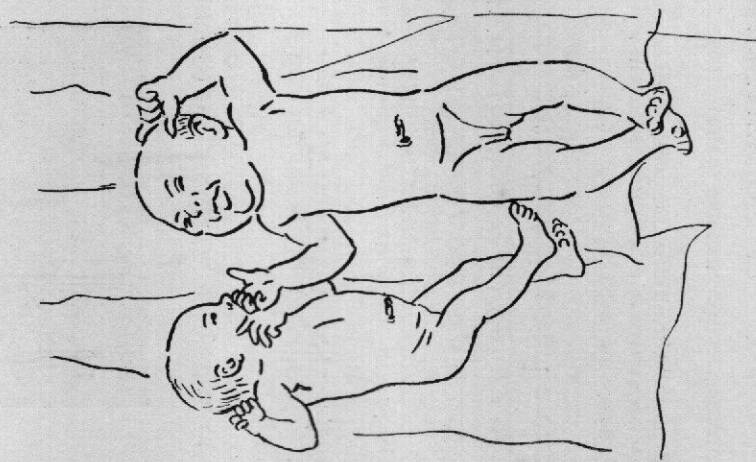
Pacifismo é, em suma, a ação ou a tomada de posição em favor da paz e em não dar em troca aos males recebidos outros males, ou em não resistir ao mal.

PECADO — Falta moral ou religiosa, considerada como produto de má consciência e como desobediência às leis, que a divindade impôs à ordem universal e às esferas particulares. No pecado, há sempre a conservação

ciência da falta praticada, pois, do contrário, não o seria.

Não há pecados na natureza, há no homem e nos seres inteligentes. Se a expressão é mais de ordem teológica, não deixa de ter seu uso na Filosofia, já que o ser humano, até entre os que lhe negam a liberdade, é considerado culpado de tudo quanto faz conscientemente. É um tema ético, sobre o qual o filósofo moderno, que não se dissolveu na degenerescência do pensamento nihilista negativo, tem de se debruçar e estudar (vide **Ética e Nihilismo**).

PÊ CHATO — Puericultura — 12.º cap., § 17.



A criança deve, sob resguardo, algumas vezes permanecer nua para melhorar respiração da pele.

PEDAGOGIA — (Do gr. pedes, jovem, e gogia, condução). É, etimologicamente, a condução dos jovens. Chama-se entre os gregos de **pedagogo**, o escravo que conduzia os jovens. É a arte e a teoria do ensino em geral; é hoje a **ciência da educação**. É teórica, é prática e é normativa, pois além de estudar o nexo dos

fatos pedagógicos, de procurar os métodos mais eficientes, estabelece, conseqüentemente, as normas que devem ser seguidas para a obtenção dos melhores resultados. Vide Introdução desta obra.

PEDAGOGO — Vide Pedagogia e Introdução desta obra.

PEDIATRA — Vide Médico; Especialistas.



O amparo constante da mãe e os exercícios que são devidos às crianças são imprescindíveis.

PEDOLOGIA — (Do gr. *pedes*, criança, e *logos*, tratado). É a ciência que tem como objeto a criança, que é considerada como um ser que apresenta reações, um desenvolvimento psicológico e sociológico todo especial e de máxima importância na formação dos esquemas, que servirão de base para a construção do carácter e do proceder; em suma, do homem futuro, do varão.

PELE (Doenças) — Vide Puericultura — 6.º cap., § 12.

PENA (castigo) — a) Castigo ou sanção.

b) Angústia psíquica ou perda material causada ao indivíduo.

c) Atitude que se caracteriza pelo desagrado, acompanhada de expressões motoras e glandulares, como choros, soluços, etc.

d) Tristeza. É o contrário de alegria.

PENSAMENTO — Etimologicamente, pensamento vem de *pensare*, pensar, medir, e de um radical *man*, *mente*, que nas línguas indogermânicas significa avaliar, daí *mente*, *menção*, *mensch*, *man*, etc.

O pensamento, estritamente considerado, como o estuda a psicologia, é o ato de pensar, ato de captação de pensamentos.

A intuição intelectual, ao captar as semelhanças e as diferenças, capta pensamentos.

Capta pensamentos é avaliar medidas, relações, notas, aspectos, modalidades, funções, etc., que são escolhidas, selecionadas, entre muitas (*inter*, entre, e *lec*, radical que indica colher; daí *intelecto*, a função de escolher, de captar pensamentos).

O ato intelectual é um ato de escolha de pensamentos entre pensamentos, que é o **ato de pensar**.

Na intellectualidade, temos um **pensamento intelectual**, que é o que realiza o ato de pensar.

Na sensibilidade, no sensorio-motriz, também captamos pensamentos. Há um pensamento sensorio-motriz, que também avalia, compara, que se processa naturalmente sem a consciência atualizada na intellectualidade (o "*judicium sensus*" dos escolásticos). Mas nosso organismo também delibera e escolhe entre muitas ações inconscientes, ações de equilíbrio, por exemplo, do andar, ou de certos automatismos que acompanham e obedecem a interesses orgânicos. O sensorio-motriz também tem sua lógica e ela se caracteriza pelo que chamamos **instinto**. E segundo o nosso inconsciente, escolhemos, preferimos, sem que muitas vezes compreendamos o rigor que há nessas escolhas. Todo o conjunto de nossos reflexos obedece, quer na formação dos esquemas reflexos, como na coordenação em esquemas mais complexos, a uma **lógica**, que ainda é **logos**, em seu genuíno sentido de razão, também em seu genuíno sentido de coerência e de ordem, e não apenas no sentido intelectualista de racionalidade, do operatório, do comumente chamado lógico.

PENSAMENTO AUTÍSTICO — A criança inibida em extremo pode entregar-se a uma espécie de sonho, em cujas imagens procura uma satisfação que não encontra na realidade. Deve-se distinguir esse pensamento autístico do pensamento normal, em que há nítida distinção entre a fantasia e a realidade. O pensamento autístico é mais uma fantasia, um devaneio, mas que se distingue destes por não ser dirigido, mas é de tal modo que a criança perde a noção da própria realidade, vivendo, como tal, a da sua imaginação. Pode alcançar graus tão intensos, que levam a crian-

ça a viver num mundo de fantasia, e afastar-se de certo modo da realidade. Nos esquizofrênicos, que sofrem desse pensamento, pela sua morbidez, é de uma gravidade extrema. Quando tais estados são extremados e beiram a esquizofrenia, devem os pais procurar a solução clínica. Quando são, porém, atenuados, podem com habilidade levar as crianças ao mundo da realidade, mas é mister evitar o estado de iniciação exagerada, que é criado muitas vezes pela severidade excessiva no tratamento das crianças, por parte dos pais.

PEQUENAS PERCEPÇÕES — a) Termo pelo qual Leibnitz designava as percepções inconscientes. É uma concepção que, de certo modo, antecede a moderna concepção do inconsciente.

b) Alguns chamam de **micro-percepções**. Como, porém, **micro** ou **macro** (pequeno ou grande) são relativos a alguma coisa, empregar-se-ia tal expressão para indicar apenas as percepções não acompanhadas de imediata consciência.

PERCAPTAÇÃO — a) É a mera apreensão de um objeto, de uma idéia ou de uma existência conceitual.

b) É a experiência feita pelo indivíduo de caracteres que correspondem a objetos externos ou a estados internos de seu próprio corpo.

PERCEPÇÃO — Procura a Psicologia saber como, no adulto, se forma a representação do mundo exterior; que elementos entram para a formação dessa noção, dessa complexa noção, que é um dos mais empolgantes problemas da psicologia.

Para o homem comum, não há o problema da existência do mundo exterior, porque ele confunde as sensações com as percepções.

Nossos sentidos recebem excitações exteriores, têm sensações brutas, as quais mais tarde são transformadas em percepções.

A percepção é um produto psicológico de formação secundária, e nasce e se desenvolve com o concomitante desenvolvimento da personalidade do homem. As excitações exteriores provocam-nos sensações brutas, diversas, díspares, sem ordem, mas a

percepção já é o resultado de um trabalho de ordenação das sensações.

Podemos sentir essa desordenação da sensação bruta com uma simples experiência. Basta que ponhamos a cabeça para baixo e, por entre as pernas, como exemplifica Ebbinghaus, e olhemos uma paisagem.

Que diferença nessa paisagem quando a olhamos de cabeça para baixo: uma multiplicidade difusa! Com esta simples experiência, temos uma distinção viva da sensação bruta e da percepção.

Um exame, por exemplo, da visão nos dá elementos importantes para compreender essa distinção. A vista nos transmite as manchas de cor do mundo ambiente, de intensidades diferentes, mas as direções, como direita, esquerda, acima e abaixo, não são coisas, mas relações, que só podem ser afirmadas depois de conhecermos nossa colocação no espaço, ou a posição dos objetos em relação à terra. Aqui, já há conhecimento. Além disso as manchas de cores se confundem, se mesclam, se esfumam, se mudam, portanto que as cores sofrem modificações constantes, segundo as horas do dia ou da noite. Um campo, uma paisagem variam segundo um dia claro de sol, ou de céu azul, ou um dia de chuva, de nevoeiro, ou, à noite, se é escura ou de luar.

A nossa vista tem uma fixação maior que a dos animais em geral.

Nossa visão é **binocular**, e permite que apreendamos a imagem com **ambos** os olhos, e pondo o objeto em foco, não temos a visão difusa da maioria dos animais, mas fixa focalizada, focada. Nossa visão está penetrada de atenção, de tensão concentrada (de intensidade) e esse ato é um ato de intencionalidade, de vontade, de querer, porque há direção da tensão. São raros, no homem adulto, as sensações brutas, que só são produzidas no momento de torpor, de sonolência, de devaneio, em que as coisas exteriores passam aos nossos sentidos sem nitidez. Mas, no ato de percepção, há ainda uma memória, um reconhecimento, recordações, pois quando vejo esta mancha e digo que é um livro, é porque sei o que é um livro, e essa mancha é o que eu chamo de livro. É fácil ver que a percepção contém mais do que a sensação outros elementos para constituí-la, mas a percepção, por sua

atenção, limita o seu campo de consciência. É por isso que alguns psicólogos dizem que "a percepção, que é uma sensação enriquecida pela memória, é também uma sensação restringida pela atenção".

Uma série de dificuldades são despertadas pelo problema da percepção exterior.

a) A representação, que temos do mundo exterior, envolve sempre a noção da extensão. É o que nos oferecem a visão, o tato, as sensações cenestésicas. São tais fatos que colocam o magno problema da noção do espaço;

b) ante o mundo exterior, não temos apenas uma noção confusa das coisas que o compõem, mas vemos que elas se delineiam, se focalizam, se distinguem, se fragmentam. Nós as separamos e as agrupamos para formar a noção de um objeto qualquer, uma árvore, um animal.

Na formação da noção de objeto, há duas funções: uma de dissociação, pois o separamos, fragmentamos o ambiente; e outra, de associação, pois concentramos, juntamos para formá-lo.

c) Esses objetos são grupos de sensações estáveis e os consideramos como existentes fora de nós, embora os conheçamos apenas através de nossas sensações e só conheçamos deles aquilo que a nossa consciência nos revela. Aqui surgem alguns problemas da Psicologia, tais como: primeiro: por que acreditamos na existência do mundo exterior e não afirmamos antes, como já o fizeram muitos, que é apenas uma ilusão dos sentidos, ou alucinação? Segundo, como se formou em nós a crença na existência do mundo exterior? Quais os meios que dispomos para chegar a uma conclusão neste ponto, e poderemos afirmar alguma coisa como verdadeira por entre o que poderia ser alucinação?

PERCEPCIONISMO — Doutrina pela qual se afirma que o ser humano tem a imediata consciência da existência de um mundo exterior ao eu. Esta doutrina se opõe à que afirma que essa crença vem a **posteriori**; isto é, adquirida por um trabalho do espírito. Para esta posição, a crença no eu é imediata, mas a crença na realidade do não-eu é de formação secundária.

Uma terceira posição é a que estabelece que a proporção que o ser humano adquire consciência da realidade do mundo exterior adquire a consciência da realidade do próprio eu.

O ponto de partida é o da imersão total na criação. A divisão, que se processa entre eu e não-eu, é posterior.

PERCEPTO — (Do latim *perceptum*) — Diz-se do que é conteúdo de uma percepção; o percebido, o objeto da percepção, o que é percebido. São os **dados da percepção**.

PERDÃO — É o estado de ânimo, em que se encontra alguém, agravado por outrem, seu agressor, e sente-se desagradado. O pecado, na Religião, é um agravo a Deus, e o **perdão** consiste em não considerar-se Deus agravado ou desagradado.

PERGUNTAR — É a **interrogação** (vide). A pergunta corresponde a **resposta**. Na pergunta, há sempre a revelação de uma resposta desejada, pelo menos da direção que ela deve tomar.

PERGUNTAS (como respondê-las) — Quando a criança entra na fase do **por que?**, representa ela uma tortura para os pais. É passada já a idade em que a criança se ocupava apenas com seus brinquedos, e começa agora a exigir dos pais respostas, muitas vezes difíceis de serem dadas, devido, em grande parte, ao grau de cultura inferior dos pais. As primeiras perguntas dirigem-se ao que acontece. Inconvenientes são as evasivas ou as mentiras. É preferível o pai dizer que não sabe, do que responder com falsidades. Se os pais afirmam que não sabem, a criança não os levará a mal, e compreenderá que terá de descobrir por si. A segunda fase das perguntas consiste quando a criança quer saber o **por que** das coisas, a sua razão e a sua finalidade.

A criança, em tais atos, não só revela sua ânsia de saber, como, também, pretende penetrar no mundo dos adultos, do qual até então estava totalmente excluída. Um pai consciente alegra-se por ver o filho fazer-lhe perguntas, porque isso revela um anseio digno de atenção. Devem os pais responder as perguntas com simplicidade e clareza, e evitar de explicar mais do que a criança está pedindo. O que nun-

ca um pai deve fazer é mostrar-se escandalizado com a pergunta, porque, então, criará um abismo entre ele e o filho, que perderá a confiança que deve haver entre filhos e pais. Quando não sabe responder, é conveniente que aconselhe à criança a fazer em particular a pergunta ao mestre, no caso de ser escolar, pois, na criança, na fase pré-escolar, as suas perguntas são todas de fácil explicação. Contudo, o importante é nunca evadir-se à pergunta, ou dar explicações mentirosas. (Vide **Curiosidade**).

PERMANENTE (ondulação) — A ondulação permanente é ainda muito usada por grande número de jovens. Algumas mães fazem-na em suas filhas, julgando que assim realizam algo embelezador. Na verdade não é aconselhável para crianças, pois ela, com o tempo, fazendo uma sobre a outra, além de facilitar que o cabelo se parta, com muita facilidade, tirar-lhe-á o brilho natural.

PERMISSÃO — É a ação e o ato de permitir; ou seja, de ser indiferente a que se faça algo ou não. Veja **Facultativo**.

PERNAS ARQUEADAS — Quando de pé, as pernas estão unidas nos tornozelos e separadas nos joelhos, diz-se que a criança tem pernas arqueadas (cambotas). Em geral, as crianças pequenas parecem ter este defeito que, entretanto, na maioria dos casos, é facilmente solucionado com o tempo. O verdadeiro arqueamento é originado por enfermidades, provocadoras do enfraquecimento ósseo, como o raquitismo, ou perturbações da nutrição e do crescimento. As crianças muito pequenas, que apresentem somente um leve arqueamento, desde que se melhore a sua alimentação, podem ser corrigidas de tais defeitos.

PERPLEXIDADE — É o estado intelectual de indecisão. É o estado emotivo, que se produz com a manifestação de um grau de confusão, no qual há, ademais, conflitos impulsivos.

A perplexidade surge, no homem, ante as interrogações do mundo, pois à inteligência humana, ao formar-se a razão, todas as coisas são perguntas, que o deixam indeciso e confuso. É o que se verifica na criança, na fase de formação da razão. Por isso, com acerto, dizia Platão que a perplexidade era a fonte da

Filosofia, pois o homem, ao responder as perguntas que o deixam perplexos, inicia a filosofia.

PERSEVERAÇÃO — Perseverar significa persistir. Conservar-se firme e constante num sentimento, numa resolução. A distinção entre **persistir** e **perseverar** está em que este último é uma espécie de **persistência**, é a **persistência** com resolução, produto de uma resolução, enquanto aquela apenas significa perdurar, ser constante, mas independente de uma resolução **co-nativa**, da vontade. **Perseveração** é, pois, o ato volitivo de **perseverar**. Vide **Cardeais (virtudes)**.

PERSISTÊNCIA — É a condição de durar no tempo, com ou sem mutação. É a **sistência** (vide), que dura através de... A distinção entre **persistência** e **perseverança** está em **Perseverança** (vide).

PERSONALIDADE — a) Carácter do ser que tem consciência de ser portador de si mesmo, que tem consciência de sua individualidade e de seu papel. Este é o sentido ético e filosófico, portanto, da **personalidade**.

b) Confundido, indevidamente, com egotismo e egoísmo.

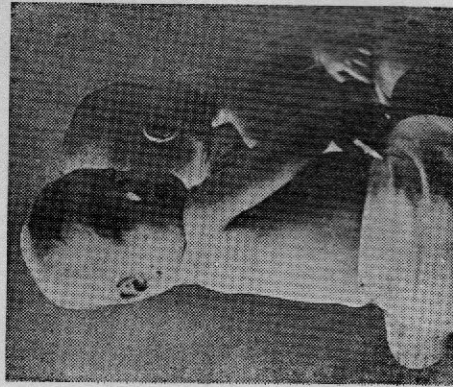
c) Tomado, também, no sentido de originalidade, quando se fala na **personalidade** de um autor.

PERSONALIDADE (cuidados no seu conhecimento e desenvolvimento) — Os estudos modernos da psicologia e da estatística nos comprovam o papel importante que exerce a vida familiar na formação da personalidade da criança, bem como nos mostram, quanto influem os primeiros meses de vida na formação de aspectos da pessoa, que vão desabrochar, perigosamente, na adolescência. O ambiente familiar é, pois, de uma importância fundamental.

Para haver filhos normais e sãos, é importante haver pais normais e sãos. Mas essa normalidade e essa sanidade é sobretudo psicológica, embora também convenha desejar que seja física; mas, sobretudo, a normalidade e a sanidade afetiva e intelectual. Mergulhar aos extremos, que são sempre viciosos deve ser a primeira preocupação dos pais.

Desde os primeiros meses, desabrocha-se na criança um sentido de confiança nos pais. Só depois

que se manifestará em si mesma. Este sentido de segurança é importantíssimo, pois assim como os pais não devem falseá-lo quanto a si, não devem falseá-lo quanto à criança, de modo que nela surja um sentimento de inferioridade e de desconfiança em si mesma.



É ante ao espêlho, que, aos poucos, a criança torna conhecimento maior de si mesma, o que ajuda a construir a sua personalidade.

A confiança nos pais forma-se na criança no primeiro ano. A confiança em si mesma começa a formar-se depois. É precisamente quando se robustece a segunda inteligência, e começa a despontar a terceira (vide *Inteligência, primeira, segunda e terceira*). Neste período, a criança começa dominar as coisas (importante exercício para dar a confiança em si mesma), começa a descobrir, a inventar (importante para desenvolver a *inteligência terciária*). Manifesta uma grande satisfação em dominar as coisas, em manejá-las, em dirigi-las, e seus brinquedos revelam esses exercícios, que devem ser facilitados pelos pais. É nesses momentos que a criança se aventura a perder de vista a sua mãe, quando experimenta por si mesma. São as suas primeiras revelações de independência. O excesso de cuidados, o excesso de vigilância nessa fase, é inconveniente. Deve êle ser feito com certa reserva e discrição. A criança deve ser vigiada, mas de modo que ela não o perceba totalmente, para que possa adquirir a plena confiança em si mesma. No precípuc momento que se sinta em perigo ou em ameaça, correrá para a mãe. Não de-

ve esta acusá-lo de fraqueza, mas, discretamente, dê-lhe o apôio, sem exageros e mimos, porque não serão benéficos. Se nessa fase a criança chorar quando a mãe sai, é um sinal de que necessitam ainda muito de seu amparo e de sua vigilância. E neste período que a criança começa a manifestar suas preferências pelos alimentos, negando-se a aceitar uns, e interessando-se por outros. Tais manifestações indicam a formação de sua personalidade, e a mãe deve considerar tais gestos, sem querer de modo violento modificá-los. Também nesse período manifesta desejos de satisfazer as suas necessidades de modo especial, e tudo isso são sinais importantes da formação de uma personalidade, que os pais devem considerar. Surge, então, o período do *Não* (vide *Não, na criança*). Dizem não quando não querem uma coisa, e às vezes dizem também não quando a querem. É uma manifestação de autonomia, que deve ser considerada.

É nesse período que se constituem os vigamentos principais da autonomia e, conseqüentemente, da personalidade. Devem os pais compreender essas manifestações, e evitar de incriminar os filhos do que façam, durante esse período, que vai de um a três anos, porque se os envergonharem de seus atos poderão desenvolver um complexo de vergonha e de inferioridade de catastróficas conseqüências. Se houver excessos nessas recriminações, poderá a criança responder com reações de rebeldia, e também levá-la a uma atitude de antagonismo e de desassossego, que poderá prejudicar para sempre a sua personalidade.

Ao chegar aos quatro anos, começa a revelar interêse pelas coisas e a perguntar por suas razões. É a fase do "por que?". A sua curiosidade é despertada por todas as coisas, e começa a manifestar uma capacidade criadora. Sua imaginação se desenvolve, conta "mentirinhas", "faz de conta" com muitas coisas. Nesta fase, a criança toma os pais como modelo. Quer imitá-los. É quando o menino afirma que deseja casar-se com a mãe, e manifesta certa hostilidade ao pai. O pai deve, então, mostrar-se carinhoso, amigo compreensivo para com o filho, sem perder, contudo, sua energia. Deve, sobretudo, captar a confiança do filho. E se o conseguir, evitará futuras neuroses tão prejudiciais à personalidade. O mesmo se deve aplicar com relação à menina.

Dos três aos seis anos, a criança busca modelos para imitar. Consequentemente, as relações conjugais são de importância fundamental para a construção dos ideais da criança. Numa família normal, de pais carinhosos e bons, a criança sente-se segura. Mas, os problemas começam a surgir quando os pais, frequentemente, se desavêm. Dos seis aos doze anos, a criança imita as atividades do adulto, e começa a rebelar-se contra as regras estabelecidas pelos pais. É quando começa a usar a gíria e a ter gestos vulgares. É muito comum descuidar-se do vestir e até do próprio asseio. É neste período que ela forma, com os companheiros, bandos secretos. É uma fase em que a criança começa a organizar-se socialmente, e inicia, então, a compreender as relações que se formam entre o indivíduo e o grupo, que são as bases da sociedade. É nos seus brinquedos e no esporte, que ela começa a manifestar a sua independência. Os diversos tipos de disciplina que ela vai encontrar no colégio, podem ter um papel benéfico ou maléfico. É necessário que, na escola, ela aprenda o sentido da cooperação, da responsabilidade da alta disciplina com as normas de vida. Estas lhe devem ser manifestadas como meras lições, de modo a fazer notar que deverão constituir as bases da sua vida futura. O excesso de autoridade por parte dos professores é, em regra geral, maléfico, porque logo que a criança se vê livre de suas vistas, procura compensar, em excesso, os excessos que sofreu. O mestre, que respeta as opiniões da criança, e que sabe colocá-la numa disciplina aceita, conseguirá mantê-la, mesmo quando ausente. Contudo, o mestre deve ter sempre presente que deverá ensinar aquilo que está ao alcance da criança. O papel completo e supletivo do colégio à vida familiar é muito importante e não pode estar afastado da cooperação dos pais.

Na adolescência, a criança terá de realizar o reajuste de sua personalidade. Neste momento, ela aspira à maturidade, mas ao mesmo tempo sente fortemente a dependência da infância. Neste período, manifesta certa ansiedade, certa angústia, certa timidez, e alguns regressos infantís, acompanhados de desequilíbrios emocionais. É muito comum culpar os pais dos defeitos que possuem, e certos malogros lhes são atribuídos. É mister, portanto, que haja equilíbrio nas fases da adolescência. Neste período, é que

se constroem profundas amizades. Devem os pais ser compreensivos. Estudar o seu carácter e subministrar todas as providências indicadas, as quais encontrarão nos diversos artigos desta obra. Vide **Caracterologia**.

PERTURBAÇÃO — Pertubar é interromper um curso normal. Há perturbação, quando há essa interrupção. Assim, se o curso é de pensamentos, a perturbação é pensamental, e pode ser acompanhada de medo ou de mal-estar.



*O controle constante do
pêso infantil, de acôrdo
com a idade, é uma ori-
entação segura para a mãe.*

PERVERSAO — a) É a degeneração ou alteração patológica de qualquer dos instintos ou tendências fundamentais.

b) Na psicanálise, é a desviação ou aberração do instinto sexual, como se vê no fetichismo, no sadismo, no masoquismo, etc.

c) Por extensão, o termo é empregado na Filosofia, no sentido de falsear ou de representar erroneamente as idéias; ou seja, pervertê-las.

PERVERSO POLIMORFO — Termo usado pelos psicanalistas para caracterizar as múltiplas predisposições sexuais constitucionais da criança, como a oral, a anal, etc., das quais, pela ação repressiva da educação e do ambiente social, decorre a conduta sexual normal. Do contrário, no adulto, elas se revelam em

perversidade. Dizem os psicanalistas que a criança é um perverso pelimorfo, indicando, desse modo, a potencialidade que há nela para tender às perversidades.

PESADELOS — Aos quatro anos, é comum a criança acordar-se subitamente chorando, assustada de alguma sensação, pela qual passou. Os pais podem facilmente atender estes casos, acendendo a luz, e mostrando que tudo foi um sonho. Se a criança pedir para deixar a luz levemente acesa, é conveniente atendê-la. O que não se deve fazer é levá-la para o quarto dos pais. É preferível permanecer com ela, até que tudo passe, e queira ela novamente dormir. Quando esses pesadelos são raros, não há motivos para preocupações. Se eles se repetem com frequência, e a criança revela um estado de tensão, é conveniente ouvir um pediatra. As crianças, que não são admoestadas, ou que os pais não ameaçam se não forem dormir, em geral sofrem raramente de tais pesadelos. É conveniente aceitar o ritual do sono, e mantê-lo com agradabilidade, sem precipitações, a fim de que a criança durma normalmente. O período dos pesadelos normalmente vai dos três anos e meio aos seis e mais raramente até os oito.

PÉS CHATOS — O fato de uma criança ter pés chatos não deve geralmente ser motivo de grande inquietação por parte dos pais. Se, por ex. ela caminha com os pés voltados excessivamente para fora ou para dentro, convém, então, dar-se atenção. O mais prático é obrigá-la a exercitar os músculos e fortalecer o arco do pé, mediante exercícios e, em determinados casos o uso de um calçado especial, com sola ortopédica, muito usado atualmente.

PÉS (para dentro) — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 18.

PESSIMISMO — Atitude ante as coisas do mundo, que se caracteriza por ressaltar os aspectos negativos ou deficiências ou discordantes, com a total ou parcial descrença de uma solução melhor.

O pessimismo é, pois, escalar.

PESSOA — (Do lat. *persona* = máscara que usavam os atores no teatro grego e no romano. A palavra, em gr., correspondente é *prósopon*).

Pessoa é o ser individual com consciência de si, com capacidade de escolha (**liberdade de escolha, de juízo**), capacidade de distinção entre o bem e o mal; portanto, capacidade de determinar-se e de avaliar, valorar valores. É o que se chama **pessoa moral**.

Pessoa jurídica é o ser que possui os direitos e os deveres determinados pela lei.

Em suma, no conceito de **pessoa moral**, que é o que mais interessa à Filosofia, o que é fundamental é ser um portador de valores com consciência de si mesmo.

PICADAS DE INSETOS — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 12.

PIOLHO (Pediculosis capitis) — Já é bem raro, dependendo do ambiente social, encontrarem-se crianças com piolhos nos cabelos. Quando uma criança coça insistentemente a cabeça, convém fazer-se um exame do cabelo e do couro cabeludo. Os ovos deste parasita tem o feitiço de pequenas cápsulas presas ao cabelo, e que saem com muita dificuldade. A criança, coçando a região constantemente, dá aparecimento a uns grãos zinhos coloridos.

Existem várias maneiras de eliminá-los. Um deles é espalhar pó de DDT a 10 por 100 sobre o cabelo (dá mais ou menos quatro colheres de chá para limpar a cabeça de uma menina, e se for menino só a metade da dose), como também dentro de chapéus e gorros. O uso do DDT obriga muito cuidado, pois se é engolido causa diversas enfermidades e ademais, deve ser mantido longe dos utensílios usados para cozer e beber.

Outro método é pentear o cabelo pelo menos duas vezes ao dia, com um pente fino, bem como lavar a cabeça com água e sabonete, tendo sempre a precaução de lavar diariamente o pente e a escova usados.

PITIÁTICO — a) De *peitheyn*, que, em grego, quer dizer persuadir, e *iaticós*, que quer dizer o que cura, surge o termo **pitiático**, que significa o método de obter curas sobre doenças nervosas, e em alguns casos até fisiológicas, por meio da sugestão em geral.

b) Chamam-se **pitiáticas** as perturbações mentais ou físicas, curáveis por meio da sugestão.

c) Diz-se explicação **pitiática** aquela que se dá para tais curas.

d) Usa-se, ainda, o termo **pitiatismo** para tais curas mentais.

PNEUMONIA — A pneumonia (infecção dos pulmões) é atualmente facilmente tratada e o doente consegue pleno restabelecimento.

Apesar de poder apresentar-se sem prévio aviso é quase sempre precedida por um resfriado. Os sintomas mais comuns são: calafrios, respiração dificultosa, e tosse. Apresenta-se, também, no doente, temperatura elevada e convulsões.

POLIDEZ — Vide **Cortesia**.

PONDERAÇÃO — (Do latim *pondus*, pêso, e daí *ponderare*, pesar, meditar). Diz-se da ação e do ato de ponderar, de meditar, de comparar, de **imparcialidade**. Diz-se que é **ponderado** o juízo ou aquele que é imparcial.

PONTAPÉS — O hábito de dar pontapés nem sempre é bem visto pelos pais e outras pessoas. Deve ser permitido em certas ocasiões, mas, em outras, torna-se inconveniente. É preciso compreender que uma criança responde com a ação física em determinadas ocasiões. Aí é preciso ensinar-lhe que as pessoas não dão pontapés umas nas outras, e que ele tampouco deve fazê-lo.

Se a criança persiste aos três anos ou mais em dar pontapés, como norma de conduta, deve ter algum problema, e convém verificar-se a possível existência de alguma circunstância especial, que mantém a criança encolerizada, cuja forma de expressão é a acima citada.

PONTUALIDADE — Esta depende do conhecimento da marcação do tempo por parte da criança, ou seja do **relógio**. Contudo, a criança apreende mais facilmente a conhecer o relógio que a ser pontual. Um atraso em alguns minutos nunca deve ser motivo de severas advertências, sobretudo se a criança estava brincando. Contudo, se a impontualidade for habitual, convém castigá-la com a perda de algum tempo para brincar. Se a criança se atraza para ir à escola, deve-se verificar as causas: se o atraso foi eventual e

explicável, ou, então, se ela demorou mais do que devia, no intuito de passar o tempo. Quase sempre revela um motivo que é preciso conhecer, e uma conversa com a professora poderá facilmente descobri-lo. Os pais podem atuar mostrando a inconveniência de chegar tarde, a vantagem de ser pontual, e sobretudo, dar exemplos de pontualidade.

POPULARIDADE — O anseio de **prestígio** (vide) é uma condição da natureza humana, portanto normal. Não é nada de admirar que um jovem queira popularizar-se entre os companheiros, e faça muitas coisas para alcançar essa notoriedade. Nos casos em que certos jovens se "retiram", aparentemente-se "ensimesmados", afastados dos companheiros, é mister procurar as causas desse alheamento, que surge quase sempre de algum malôgro no intuito de aumentar o seu **prestígio**. Também não se deve admirar que haja jovens que contam com muitos amigos, com alguns indiferentes, e até de muitos que o odeiam. Qualquer pessoa de personalidade forte provoca tais polarizações. E isso revela alguma superioridade no jovem, o que deve ser considerado.

POST-SENSAÇÃO — Perduração de uma sensação, quando o estímulo externo já deixou de atuar, embora pareça que continua a fazê-lo.

POSTURA — Uma postura correta quase sempre indica boa saúde, pois a posição correta dos órgãos possibilita o seu bom funcionamento.

As doenças que atacam os ossos e músculos, algumas infecções repetidas e algumas lesões do corpo, podem trazer consigo uma falta de equilíbrio e, consequentemente, uma postura defeituosa. A criança, que tem os pés chatos, ou tem os tornozelos fracos, adota uma postura errada, e é preciso levá-la ao médico. A postura defeituosa pode ser corrigida por uma série de exercícios corretivos, incorporados, muitas vezes, aos jogos. Assim fazer buracos na areia com os pés; patinar; andar de bicicleta, etc., ajudam grandemente o fortalecimento dos músculos das pernas, ao mesmo tempo que servem para corrigir certos defeitos.

Convém observar sempre a criança, para ver se a sua postura é correta e não indica alguma defici-

ciência, pois assim sendo é necessário a rápida correção, quando ainda se encontra com pouca idade.

POUCO APETITE — Vide Appetite.

PRAXE (Do gr. *praxis* = atividade). É a atividade que tem a finalidade em si mesma. Distingue-se da *poïesis*, que é a produção criadora, que alcança a realizar algo distinto da própria atividade, como a do artista.

PRAZER E DOR (análise) — A sensibilidade, para os filósofos, é **irritabilidade, excitabilidade**. Para os psicólogos, é ora a faculdade de perceber, ora a faculdade de experimentar prazer e dor. Em cada um dos instantes da vida psicológica há prazer ou dor e, às vezes, prazer e dor.

A vida psicológica não é independente da parte somática (do corpo) do ser humano. Tal não consiste em reduzir os fatos psicológicos a fatos meramente fisiológicos. Mas, se negamos a redutibilidade de uns aos outros, é porque reconhecemos que o grupo de fatos, que formam os psicológicos, têm intensidade e características próprias, com objeto também próprio, mas que mantêm correlação com os fatos fisiológicos.

Não há vida psíquica sem repercussões fisiológicas, como, também não deve haver fatos fisiológicos, que não tenham qualquer repercussão psíquica, embora muitos deles permaneçam fora da consciência.

Prazer e dor são logicamente indefiníveis.

Entretanto, prazer e dor são tópicos, localizáveis.

Alegria e tristeza são estados *páthicos*, não tópicos. Não temos uma alegria ou uma tristeza aqui ou ali, mas, sim, uma dor aqui ou ali.

Toda a vida afetiva (*páthica*) está ligada à sensibilidade (portanto à vida orgânica, ao somático).

O prazer e a dor são acompanhados de modificações periféricas ou extracerebrais.

O prazer é dinamogênico, tonifica, enquanto a dor diminui o *tonus* e a energia física; abate.

O prazer tem, no entanto, limites variáveis. Ultrapassados, torna-se desagradável. A desagradabilidade já é um estado de generalização, e marca a pas-

sagem da sensibilidade à afetividade. O mesmo se dá com a agradabilidade. Sentimos, no prazer, uma agradabilidade. O prazer, que é atópico, generaliza um estado de bem estar; agradabilidade. Temos aqui, evidentemente, a interpenetração da afetividade com a sensibilidade.

A vida afetiva é inseparável da vida psíquica. Tal identificação dialética na unidade vital não implica a redutibilidade da vida afetiva à psíquica em geral, porque há nelas distinções, estruturas qualitativas diferentes.

O prazer e a dor são qualitativamente diferentes, embora se identifiquem na mesma raiz da sensibilidade.

A teoria fisiologista explica o prazer e a dor como consequência de modificações orgânicas. No entanto, considere-se a influência que a consciência (atenção, portanto) exerce na agudização da dor. Por isso, procuramos distrair os sofredores. A presença das modificações físicas afirma apenas a contemporaneidade, não uma mera seqüência de causa e efeito.

Pela lei da qualidade, lei de Grote, há prazer quando há equivalência entre as forças dispendidas e as forças disponíveis são dispendidas no sentido das tendências.

Com essa lei, resolve-se a polémica entre pessimistas e otimistas.

A dor pode tornar-se prazer, e vice-versa. Por sua vez há interpenetração da dor no prazer. Um prazer, além das forças disponíveis, causa desagradabilidade e, posteriormente, dor. Um prazer pode ser e é mesclado com dor.

Prazer-agradabilidade x desagradabilidade-dor.

O prazer atinge e provoca um estado *pático-sensível* de agradabilidade; aumentado, sobreveém o de desagradabilidade, prosseguindo-se o de dor. Mas deve convir-se que a dor está sempre presente ao prazer, com o qual se identifica na unidade do fato psíquico. Mas é virtualizada no instante de prazer. Sua intensidade é menor que a daquele. Prosseguindo a intensidade do prazer, atinge seu *climax*, com a virtualidade ainda da dor, para suceder um decrescimento

da intensidade prazerosa, e aumentar a atualização da intensidade desprazerosa, até atingir um grau de plena atualidade, enquanto o prazer é virtualizado.

Um não se torna, portanto, o outro: um atualiza ou virtualiza o outro.

Essa concepção dialética do prazer e da dor evita as inúmeras polêmicas, que se fundam em atualizações da nossa consciência, e apenas sobre elas se estribam. A Neurologia vem em favor desta tese.

Tal teoria nos pode explicar porque há certo encanto na dor, como o interesse que temos pela tragédia. Há um prazer no horrível. Sua acentuação anormal cria o que posteriormente se chamaria de algofilia, de sadismo (prazer na provocação da dor em outro) e até c masoquismo (prazer na provocação da dor em si mesmo).

A virtualização de uma dor aumenta o grau de intensidade do prazer. Por isso sentimos prazer quando deixamos de sentir a dor. E vice-versa. Não há privação de dor nem de prazer, mas apenas atualizações intensivas ou extensivas. Dor e prazer são fundamentais em toda vida. Sua gradatividade nos explica a conceituação que tomam, e é essa mesma gradatividade que nos explica a impossibilidade de reduzir os fatos psíquicos aos esquemas formais, que não são gradativos, mas excludentes.

Para os pessimistas, a dor é positiva; o prazer, não. Seria este privação daquela. Para os otimistas, é o prazer que é positivo; a dor, pura privação daquele.

Tais atitudes mostram sua clara improcedência ante o já exposto.

PRECAÇÃO — Precatar é prevenir, é pôr de sobreaviso, ter precaução, é acautelar-se. É cautela antecipada, prevenida.

PRECONCEITO — a) Noção ou teoria que é formulada antes de possuir dados suficientes para que seja provável.

b) Usa-se para indicar o pre-juízo, o juízo que se faz inicialmente, antes de realizar o exame de alguma coisa (preconcebido).

c) Diz-se, também, dos juízos que são previamente estabelecidos, e que as provas posteriores em contrário não conseguem desfazer; **preconceitos** sociais, por ex.

PRECONHECIMENTO — Conhecimento do futuro, que permite as seguintes distinções: **antecipação** ou **presciência**, que é um conhecimento imediato e não obtido por inferências; **expectação**, que é uma predição captada por inferências lógicas sobre o futuro.

PRECONSCIENTES — São os processos psíquicos latentes, os quais a consciência não capta em determinado momento, mas que podem sobrevir-lhe mais ou menos efetivamente. É um termo que se popularizou por intermédio da psicanálise.

PREDICÇÃO — a) É a expressão de uma inferência que se refere a acontecimentos futuros. Vide **Profecia**.

b) Na Mat., há **predição** quando há a inferência sobre um acontecimento desconhecido ou futuro, tirado de cálculos que envolvam probabilidades e, em particular, a computação de correlações.

O processo de predizer valores, dentro dos dados conhecidos, chama-se **interpolação**; e o processo de predizer valores, fora dos dados conhecidos, é chamado **extrapolação**.

PREGNÂNCIA — Termo proposto por Wertheimer (**Prägnanz**) para designar a forma mais característica que pode tomar uma estrutura e para a qual, segundo Köhler, tende toda forma ou estrutura. É, em suma, a intencionalidade da **Gestalt** (forma).

PREGUIÇA — Nem sempre a preguiça no jovem é real, mas apenas aparente. O fato de um jovem permanecer parado, absorto em seus pensamentos, desinteressando-se por alguma atividade, não é sinal de preguiça. Nessa idade são grandes as preocupações, e até especulações em torno de si mesmo, das coisas que cercam o seu mundo, de seus pais, e da significação que muitas coisas não revelam desde logo. Salvo os casos em que a preguiça revela surgir de uma deficiência física, de uma má nutrição, e os que decorrem de algum complexo de inferioridade, de algum desequilíbrio na adaptação, há ainda aqueles em que o jovem revela pouca vontade em fazer certas coisas, em que os próprios pais não se mostram satisfeitos,

como serviços caseiros etc. Não é de admirar que o jovem se negue a lavar pratos, quando a mãe está sempre resmungando por que tem de fazê-lo. Quando mostra pouco caso em fazer os deveres escolares, é mister verificar as causas desse desinteresse, que surge quase sempre de algum desajustamento entre o jovem e o mestre, pois, muitas vezes, revela não gostar de fazer precisamente uma determinada matéria, em cuja adaptação não foi normal.

PREMONIÇÃO — É a idéia ou o temor de um sucesso próximo, suscitada pela experiência ou por fatores, que são às vezes desconhecidos. Na *metapsíquica*, é a revelação sobre futuros acontecimentos, que é atribuída a fontes supranormais ou até sobrenaturais.

PRENOÇÃO — Os epicúrios usavam o termo *prolepsis* (prenoção), bem como os estoicos, para o espontâneo do geral, anterior a toda reflexão, embora provinda da experiência.

PREOCUPAÇÕES NAS CRIANÇAS — Vide *Ansiiedade, Tensão, Disciplina, Personalidade*.

PRESCIÊNCIA — a) Conhecimento do futuro.

b) É, também, um dos atributos de Deus.

PRESENTAÇÃO — a) Em sentido lato, algo diretamente presente à mente cognoscente, quer como imagem, quer como memória, quer como imaginação, quer como emoção etc.

b) Em sentido restrito, empregado na Psicologia experimental, como fase de uma experiência, pela qual se faz perceber ao sujeito um certo objeto, como a apresentação visual, auditiva, olfativa, etc.

PRESENTIMENTO — Ação ou ato de pressentir, de sentir com antecedência um sucesso futuro.

PRESTÍGIO (primeiras manifestações) — Talvez o tema mais importante da humanidade seja o do *prestígio*. É o pecado original da espécie. Todo ser vivo quer afirmar-se, superar-se, impor-se aos outros e ao meio ambiente. É um impulso vital, é a voz da própria vida, é a razão final da própria vida. Mas, no ser humano, tal manifestação não é apenas um impulso, torna-se consciência, torna-se herança, torna-se vontade. A vida manifesta-se exigente, excessivamente apeteente para tudo quanto lhe convém. Nenhum ser vivo se satisfaz em fixar-se em si mesmo, mas em ul-

trapassar, em estender-se, em ser mais. Este impulso para o mais é a razão da própria vida, é a sua justificação, é a sua lei. No ser humano, caracteriza-se pelo desejo de poder impor-se aos outros, *prestígio social*. Na criança, dos dois aos seis anos, ele se manifesta inextinguivelmente. Os recios, aí revelam mais morbidez do que sanidade. Reconhecemos esta condição fundamental da nossa vida, e é inútil escamoteá-la. Devemos enfrentar esta realidade sem falsas humildades, sem renúncias injustificadas, mas sabendo sublimá-la, porque é parte essencial do nosso ser. Dos dois aos seis anos, a criança quer ser maior, quer ser mais forte, quer dominar os outros. Ainda não conhece ela a arte da dissimulação, que é um recurso malgrado da espécie. À proporção que se forma a sua personalidade, forma-se também o seu desejo de força e de poderio. Contudo, esta marcha não é igual para todas as crianças. Uma são mais atrevidas, agressivas e brucas. Outras, expectantes e sonhadoras. Outras usam a astúcia, o encanto. Sejam quais forem os processos, todos eles revelam a mesma intencionalidade: potência. Durante a formação da inteligência terciária, época dos descobrimentos infantis, manifesta-se mais firmemente este impeto natural. É nos seus gestos, nas suas atitudes, nos seus brinquedos, nas suas idéias, que ela manifesta a lei que a rege. Ao ver a sua imagem no espelho, a pouco e pouco a criança se reconhece. A pouco e pouco ela se descobre para si mesma, a pouco e pouco ela sabe mais o que é, quem é. Na fase do *não* (expressão maravilhosa de afirmação de si mesma) descobre que pode opor-se, que pode deter até os próprios impulsos, porque às vezes ela diz não ao que ela própria deseja, e estas manifestações revelam que adquiriu um certo poder. Aos quatro anos persistirá no impeto de dirigir-se a si mesma, quer vestir-se, quer lavar as mãos, quer abrir as portas, quer carregar pacotes, afirma que pode fazer estas coisas como os maiores as fazem. Nesta fase devem os pais dar-lhes os meios de manifestarem a sua vontade, com brinquedos que ela dirija, que ela modifique, que ela transforme. Deve-se abrir o campo para a sua atividade, que corra, que salte, que brinque a seu modo. Devem os pais criarem, em casa, um ambiente que facilite o desenvolvimento desta atividade. Podem obrigá-la a cumprir o seu dever, mas nunca anulando a sua personalidade.

Devem propor. É hora de dormir, de comer, para que a criança, por si, escolha o que deve fazer. Nunca levá-la pela força e, sim, pela persuasão. Nesta fase, a criança é uma exploradora por natureza: remexe tudo, abre as gavetas, quer ver o que tem no interior delas. Difícilmente estará quieta. É uma idade difícil, e os pais devem compreender isto, e, sobretudo, de que não é uma fase que se prolonga por muito tempo. Ela é curta, mas necessária para que a criança pratique o domínio, a coordenação dos músculos, e realize, assim, o desenvolvimento normal. Devem os pais compreender que esta fase é a abertura para a maturidade, não só física, como também espiritual. Nesta fase, começam as primeiras manifestações sociais da criança; isto é, alarga-se o âmbito da família para incluir pessoas estranhas. Ela quer saber o que se passa fora do lar. Ante os estranhos, pode tomar atitudes de retraimento, mas, a pouco e pouco, a sociabilidade irá manifestando-se e buscará a companhia de outras crianças para os seus brinquedos. Se ela sentir que a mãe está perto, sentir-se-á mais confiada, embora experiente a sua liberdade. Antes desta idade, a criança observa, curiosa, os brinquedos das outras crianças. As primeiras manifestações normalmente não são amistosas, revelam agressividade, reagem, dão pontapés, mas, depois tudo isto passa. As brigas, que surgem neste período, são facilmente compreensíveis e normais, e as estudamos nos artigos que se referem ao comportamento da criança nesta idade. Começa a saber o nome dos amiguinhos, nota a ausência de um ou outro, a vida social vai formando-se aos poucos.

Sem dúvida, o que há de mais importante na criança é o brinquedo. O brinquedo a revela e constrói a sua personalidade (vide *Brinquedo e Lúdus*). Os pais devem, também, participar de certos brinquedos dos filhos, seguindo as regras que eles estabelecem. Nesta idade, a criança pergunta o que é a coisa, depois passa a perguntar **por que, como, quando**, dos quatro aos cinco anos. Se, dos dois aos quatro anos lhe bastam as palavras, dos cinco aos seis quer saber quais as **intencões**. Este interesse da criança é perfeitamente normal. A adaptação da criança ao nosso mundo é difícil, e de certo modo é uma violência que nós praticamos contra ela, mas é inevitável, porque é o nosso mundo ao qual ela pertence.

cerá no futuro. Dai compreenderem os pais que devem auxiliar, persuadir, e não impor. Muitas vezes são obrigados a imporem-se aos desejos das crianças, mas devem procurar explicar o **porquê** desta oposição. Ela chupa o dedo, todo o objeto que toma leva à boca. Os pais ralham, mas elas não compreendem, porque lhes proibem. É preciso ser hábil para fazerem que elas entendam. A criança sente que tem de se adaptar ao mundo do adulto, e não revela vocação para isto, o que é natural. Se as exigências do adulto forem muito fortes, é natural que se apodere da criança o medo inconsciente, o temor ante o que pode vir. Sabemos que é necessário dizer muitas vezes não aos filhos, que é mister traçar limites aos seus desejos, uns para não serem realizados, outros por não serem convenientes. Contudo, deve-se ter o cuidado de não dominar a sua vontade, o que a angustiará, e lhe dará um sentimento de incapacidade. Tôtá a nossa vida é feita de negação. O nosso próprio corpo diz não a muitos de nossos desejos. Mas há um não que é **positivo**, e outro que é **negativo**. Há um não que ajuda e outro que destrói. É mister que ao lado do não se acrescente o **sim**, “não isto mas aquilo”, que deve ser algo análogo, que corresponda ao que a criança deseja. “Não saltes desta altura, mas desta outra, porque é possível”. Os não devem ser firmes, não dúbios. Deve-se mostrar porque devem ser obedecidos. Quando a criança passa do lar para o Jardim de Infância, há, para ela, uma mudança extraordinária. Novas experiências, aventuras e amizades surgem, e se estes jardins são bem orientados, poderão fazer o complemento perfeito de um lar, também bem orientado. Se a criança se encontra bem em tais jardins, ela se mostrará animada e voltar ao lar, mas ao contrário, levará inquietude e agitação, o que é um sinal para os pais perceberem que ela não encontrou no jardim da infância o que deveria encontrar e, portanto, é preciso procurar saber o que há para evitar, juntamente com os mestres, o que não lhe é conveniente. Caracteriza o homem a sua **capacidade adaptativa** e, na criança ela é assombrosa. Quando esta não se manifesta normalmente, alguma coisa há de inconveniente, (vide *Adaptação*).

PRESUNÇÃO — a) É o juízo ou a opinião, que é formada sobre indícios ou começos de prova. É a suspeita, a conjectura.

b) Juridicamente, é o que se supõe verdadeiro até prova em contrário.

c) É o juízo ou opinião muito favorável, que alguém forma de si mesmo: Vaidade.

d) Na Lóg., é o raciocínio pelo qual se põe, em matéria de fato, uma conclusão provável, embora incerta.

e) **Presunção (na Pedagogia)** — A presunção surge quase sempre de um sentimento de inferioridade. É uma espécie de compensação, que quem se sente inferior busca aparentar, com o intuito de parecer que vale mais do que realmente vale. Há, contudo, certos pais que inoculam em seus filhos uma presunção ridícula. Trata-se, sobretudo, de pais de classe rica, que desejam que os filhos olhem os pobres como inferiores a eles, ou, então, acusem os "moleques" da rua por usarem palavras de baixo calão, temerosos que os filhos os imitem. Contudo, se em casa houver o emprêgo de termos dignos, e a linguagem não for de baixo calão, é fácil evitar a imitação. Por outro lado, convém considerar que vivemos numa democracia, e os atos de presunção dessa espécie são odiosos e anti-democráticos. Quando o mestre se encontra em face de uma criança assim, não espere modificá-la da noite para o dia, pois terá pela frente a ação já realizada pelos pais da criança. Poderá, sim, a pouco e pouco, estudando o caso, descobrindo-lhe as causas, criar situações que permitam modificar a criança, e fazê-la compreender melhor os companheiros sobre os quais toma uma atitude de presunção injustificada. Nunca, porém, deve ridicularizar essa atitude, nem criticá-la em face dos outros. Mas, em particular, buscar convencer a criança presunçosa que sua atitude não é justa, nem procedente e que a presunção revela mais uma inferioridade que uma superioridade. Mas tudo isso deve ser feito com cautela, sem paixão, e com muita simpatia. Dá-se, também, como sinônimo, que o é de certo modo, **Pretenção**.

PRETENÇÃO (De pre + tenção) a) Na Gnosnologia, é a intencionalidade (vide).

b) Na Psic., é o propósito de conseguir alguma coisa.

c) Na Pedagogia, vide **Presunção**.

PRETEXTO — Vide **Motivo**. Diz-se da razão especiosa, que alguém dá para justificar uma convicção ou uma volição, dissimulando a verdadeira, mais ou menos consciente.

PRIMEIRO FILHO (O) — Uma série de problemas se oferecem ao casal que tem o primeiro filho. A falta de experiência torna as primeiras semanas um período de verdadeira aprendizagem, pois tudo lhes era novo.

Uma das primeiras providências a serem tomadas é a de ter a mãe alguém mais experimentado que a ajude no serviço caseiro. Não havendo esta possibilidade, convém, então, que ela programe um verdadeiro roteiro das tarefas que terá de cumprir. O bebê tem suas horas de sono, seu banho diário, seu passeio (se o tempo estiver bom), e seu horário para as refeições. Se tiver a mãe que realizar todo o serviço, deve seguir um horário, de forma que nas horas em que o bebê durma possa realizar um serviço caseiro mais pesado. Além do trabalho diário, é mister que o casal disponha de tempo para discutir os problemas educativos e como proceder em relação ao bebê.

PRIMITIVO — a) É o que se refere ao início da cultura humana. Corresponde aos homens pre-históricos, e a tudo quando ainda é pre-histórico.

b) É o que inaugura uma série, o primordial. Vide **Primeiro**.

c) O que é rude, elemental. "Costumes primitivos".

d) O que dura desde os tempos mais antigos.

e) Chamam-se **primitivos modernos** os povos que, ainda em nosso tempo, conservam uma vida semelhante à dos primitivos.

PRISÃO DE VENTRE — A prisão de ventre é um sintoma. Pode ser manifestação de uma nutrição deficiente, do aparecimento de uma enfermidade, de um transtorno físico ou de um estado de perturbação emocional. A regularidade no movimento intestinal varia muito de um indivíduo a outro. Uma criança pode fazer suas necessidades algumas vezes ao dia, enquanto outras a farão uma só vez. Atualmente,

considera-se que uma pessoa sofre de prisão de ventre quanto existe dor ao efetuar as evacuações, ou se a matéria defecada é muito dura e formada, ou se se passam vários dias sem realizar a defecação.

Um bebê, que tenha prisão de ventre, deve ser ajudado com um pouco de caldo de ameixas ou com pota desta mesma fruta. Um pequeno exercício é de grande ajuda, como éste: flexionar as pernas do bebê, empurrando-as em direção ao seu estômago, segurando suas pernas pelos tornozelos, e mantendo-o, deitado de costas. O uso de supositórios não é aconselhável e só deve ser usado por determinação médica.

Uma criança com prisão de ventre, tendo uma dieta variada e muito exercício, possivelmente melhorará. Se sofrer de prisão de ventre espasmódica, então o médico receitará o que convém fazer. Em geral, tais estados podem ser o resultado de uma constante ansiedade.

Os laxantes, os purgantes, etc. só devem ser ministrados sob prescrição médica.

Prisão de ventre — Vide (**Puericultura** — 6.º cap., § 9 e 12.º cap., § 11.

PRIVADA (uso pela criança) — A criança de um ano já pode usar a privada para fazer suas necessidades. No início, ela pode mostrar desaprovção e reagir contrariamente, mas, com o tempo, perceberá, antecipadamente, o movimento de seus intestinos. Com três anos, ela já pode conseguir uma quase completa continência, salvo os casos de distração.

PROBIDADE — A probidade é uma virtude subordinada à **justiça** e à **prudência**, porque exige saber e equilíbrio, no modo justo de proceder. A pessoa proba é uma pessoa sincera, leal em suas palavras e em seus atos, e de proceder limpo. A criança deve aprender a ser assim e, para tanto, é mister que, no lar, seja assim, e assim o sejam mestres e companheiros. A criança tende a mentir muitas vezes para provocar sensação nos presentes. (Vide **Mentira**). Os pais podem atuar para que os filhos sejam probos, procedendo com **probidade**, dando exemplos dignos no seu modo de agir em casa e fora do lar. Tornar a probidade, que é um hábito psicológico, numa segunda natureza, é o resultado de um trabalho longo e lento.

O castigo não é o aconselhável. O principal é a valorização do que é digno. Sabemos que uma sociedade em que são mais prestigiados os corruptos que os dignos, é natural que encontrem os pais dificuldades em poder tornar seus filhos o que eles desejam. Mas, em regra, a juventude é idealista, e bem intencionada, o que é um caminho aberto a conseguir-se o melhor. O principal é o exemplo e o apoio dos pais para que os filhos se sintam prestigiados, quando procedem como se deve proceder.

PROBLEMAS ALIMENTARES — Vide **Alimentação da criança**.

PROBLEMAS DE CONDUTA — Vide **Conduta, Agressividade, Cólera, Castigo, Ciúmes, Complexos em sua diversidade, Crueldade, Delinquência, Enurese, Exhibitionismo, Masoquismo, Masturbação, Mentira, Mêdo, Mímo, Negativismo, Pais e filhos (relações), Sadismo, Sentimento de inferioridade, Personalidade, etc.**

PROFECIA — Para os escolásticos não é uma virtude nem uma qualidade permanente, mas uma **passio transiens**, uma paixão transitiva. Também é uma graça dada, uma inspiração capaz de prever o futuro, uma iluminação sobre acontecimentos futuros (contingentes).

Há, também, uma profecia sobre o passado, uma **inspiratio** de fatos já sucedidos, mas até então desconhecidos por quem os profetiza.

Tema de Teologia, é nessa disciplina estudado. Contudo, a psicologia e a parapsicologia interessam-se, hoje, pelos fatos proféticos, e buscam estudá-los à luz dos nossos conhecimentos psicológicos, considerando-os, de certo modo, naturais.

PROFESSOR DE MÚSICA — Um professor de música para crianças tem de ser antes de tudo um pedagogo. Não adianta ser um grande músico, pois é quase certo que não será um bom professor. Convém que ele compreenda a criança, e se interesse por sua vida, além dos ensinamentos puramente musicais, o que dará mais confiança à criança.

Muitas escolas concedem excessiva importância aos recitais de música, animando as crianças a "exibirem-se", o que de certa forma não é aconselhável.

Naturalmente que a criança precisa ser animada, e ter um ambiente um pouco competitivo, não chegando, porém, a um ponto extremo, o que então se tornará pernicioso.

PROFESSORAS VISITADORAS — É costume, em diversos países, haver um serviço de professoras visitantes, em favor das crianças que se encontram doentes, ou não podem frequentar a escola. Estas professoras vão à casa da criança a uma hora determinada, e dão-lhe aulas particulares, determinam os deveres a fazer, dando-lhes, assim, uma completa assistência.

Naturalmente que esse serviço está muito mais difundido e seriamente organizado nos países onde o ensino é realmente obrigatório para todas as crianças.

PROFESSORES — O papel do professor sofreu, nos últimos anos, grandes modificações. Antigamente o mestre tinha um currículo estrito para basear seus ensinamentos e uma série de regras fixas, recompensas e castigos para ajudá-lo a manter a disciplina exigida numa aula. Hoje é preciso que além de serem bons educadores, conheçam a mentalidade, carácter e maneira de ser das crianças.

É obrigação do professor fomentar a relação individual entre ele e cada um dos seus discípulos, e alentar o espírito coletivo de trabalho e cooperação entre todos. Deve manter sempre interessados os alunos em suas ocupações, e procurar que cada um se sinta livre em suas iniciativas para a perfeita educação, ao mesmo tempo que seja compreendido e estimulado pelo mestre.

O professor tem de manter conversações com os pais dos alunos, trocar opiniões, e pôr-se de acordo com eles no que concerne à educação da criança.

Para proporcionar aos alunos uma experiência educativa mais ampla, o professor precisa ter uma base de conhecimentos culturais, sociais, económicos e científicos sobre os quais apoiar-se.

Em muitos países, o professor ainda se encontra pouco recompensado dos seus esforços, coisa que se traduz numa notória indiferença em relação a esta profissão, e uma separação em relação a ela por parte de pessoas com capacidade pedagógica.

PROFESSORES DE JARDIM DE INFÂNCIA — Uma professora de Jardim de Infância precisa manter uma atitude passiva, deixando que as crianças se desenvolvam por si sós, usando os equipamentos e material de jogos, brincando com os diversos brinquedos, mas deve, ao mesmo tempo, estar pronta para intervir rapidamente, quando seja necessário. Deve saber como e quando é preciso intervir. A criança precisa de sua ajuda para manter-se dentro do justo limite.

É a professora quem ajudará a criança a passar a difícil fase de transição da idade pré-escolar à escolar propriamente dita. Durante o período em que permanece no Jardim de Infância, é ela quem ocupará o lugar da mãe. Deve mostrar-se firme e segura, sem ser dura, procurando captar as necessidades individuais de cada criança, ajudando, desta forma, os pais a terem uma visão mais elevada no tratamento dos filhos, procurando melhorar as relações entre ambos.

PROGNÓSTICO — (De *pro* e *gnosis*, conhecimento para o futuro).

a) Prognosticar é predizer alguma coisa ou acontecimento futuro. **Prognóstico** é a opinião ou juízo, que se relaciona com a duração, curso ou término de alguma coisa. Assim, pode-se falar no **prognóstico** de uma doença.

PROGRAMA — Plano que é disposto com antecedência, previamente disposto para realizar uma investigação ou qualquer outra tarefa.

PROGRESSO — (Do lat. *pro* e *gredior*, de *gradus*, subir a escala, avançar).

- a) Movimento numa direção determinada.
- b) Aumento valorativo, na eficiência, na idoneidade, no nível, etc.
- c) Transformação gradual e contínua do menos em mais, dentro de um domínio delimitado. O contrário é **Regresso**.

PROJEÇÃO — (Projetar é atirar à distância, de *pro-jec-to*, de *jectare*, atirar, atirar para a frente. **Projeção** é o lanço, o arremesso, o ato de ou o efeito de projetar).

a) Na Psicologia, localização da sensação. A fome, no estômago, etc.

Dar como de outras pessoas experiências semelhantes às próprias.

b) Na Psicanálise, é adscrever ao mundo exterior no processos psíquicos reprimidos, que não são reconhecidos como de origem pessoal, de modo que tais experiências são julgadas como exteriores (o caso das manias de perseguição, persecutórias).

c) Na Matemática, é a definição de uma figura no espaço, segundo uma regra baseando-se em pontos, que compõem algum objeto em outro plano, como a sombra de um objeto lançada por uma só fonte de luz sobre um muro.

PROJETO — É o designio, o plano para realizar alguma coisa; intento de fazer alguma coisa. Projetar é considerar ou estudar o curso de uma ação a ser tentada.

Na Ciência, projeto é o curso de estudo ou de investigação científica, dentro de um campo vagamente definido e que se apresenta como empresa para o futuro. Pode ou não a meta final ser devidamente prevista.

PROLEGÔMENOS — Introdução ampla, mais ou menos formal, a uma obra erudita, ou a um tema de estudo, a uma doutrina, a uma teoria.

PROMESSAS — É preferível nunca prometer nada a uma criança, a prometer e não cumprir. Em primeiro lugar, ela não esquece a promessa se é de uma coisa por ela anelada. Em segundo lugar, se for por parte dos pais, ela perderá a confiança que normalmente deve nêles depositar. E por sua vez, a verificação da palavra não cumprida, leva-la-á a não cumprir, amanhã, a palavra que empenhe.

PROPAGANDA — É a publicidade organizada, que tem a finalidade de influir nas atitudes, gostos, preferências das pessoas.

PROPEDEÚTICA — Estudo preliminar, que serve de introdução a uma disciplina superior do saber.

Chama-se de ciência **propedéutica** a que serve de preparação necessária ao estudo de outra ciência.

PROPENSIDADE — Vide Tendências e Inclinações.

Vem do latim **propensio, propendere**, pender para a frente, inclinar-se. A **propensidade** é o carácter do apetite mental e do desejo. É a **apetição**. Hume chamava de **propensidade** o carácter de o pensamento poder passar de uma idéia para outra, nas associações.

PROPÓSITO — (Do lat. **propositus, pro + positus**, colocado para a frente). É a visualização ideal ou imaginativa de um plano ou um fim de uma ação.

Propósito deliberado é quando êsse propósito é fruto de uma deliberação prévia.

PROSPEÇÃO — Emprega-se em referência ao pensamento, enquanto volvido para a ação.

PROSTRAÇÃO — **Prostrar** é derribar, abater, fazer cair. a) A prostração é a ação ou efeito de cair, de enfraquecer.

b) Na Psicologia, o **estado de prostração** é o que decorre de um esgotamento nervoso; **prostração física** é a que decorre de um esgotamento, ou acentuação do cansaço muscular.

PROSTRAÇÃO PELO CALOR — Uma exposição muito demorada aos raios de sol, ou um excesso de calor, produzem, muitas vezes, uma prostração. Os sintomas são: náuseas, palidez, vertigem e debilidade muscular. Seguem-se vômitos e às vezes perda do domínio do intestino. A pessoa sua, sobretudo no rosto; no resto do corpo tem calafrios, e a pele apresenta um estado viscoso.

A prostração difere da insolação. Entretanto, necessita socorrer-se a pessoa vitimada, dando assistência imediata. É preciso fazer-se o seguinte:

1) Deitar a criança de costas, num local onde circule ar livremente, e cubri-la ligeiramente.

2) Administrar-lhe uma solução composta de meia colher de chá de sal por um terço de copo d'água. A perda de sal é o principal fator da prostração; daí uma ou duas doses serem necessárias para suprir esta falta.

PROTESTO — a) Protestar é comprometer-se solenemente; é assegurar categoricamente.

b) É a afirmação de uma promessa "Protestar fidelidade".

c) Intransitivamente, é declarar ilícita ou injusta alguma ação ou norma. "Protestar contra as violências".

PRUDÊNCIA — Vide Cardeais (virtudes).

PSEUDOMNÉSIA — É a ilusão de memória, que consiste em tomar um fato, que ora se dá, como se fôra dado, e que julgamos assistir sua repetição.

PSEUDO-PERCEPÇÃO — Vide alucinação.

PSEUDO-PROBLEMA — Problema aparente, que devidamente examinado em suas presunções, reduz-se a nada.

PSICANÁLISE — Sigmundo Freud, médico austríaco, foi o fundador da psicanálise.

Nos primeiros anos de sua profissão, trabalhou na clínica do famoso professor francês Charcot.

Este fizera uma descoberta sensacional: por meio da hipnose produzia sintomas de histerismo. Na pessoa adormecida, apenas a uma ordem, produzia artificialmente manifestações de paralisia, queimaduras, etc.

A hipnose consiste em pôr uma pessoa em um sono artificial e transmitir-lhe outra vontade, bem como idéias alheias. O hipnotizador é quem transmite essa vontade e essas idéias.

Afirmava Charcot que o histerismo era uma enfermidade psicogênica, isto é, uma enfermidade com origens não corporais, mas anímicas, da *psique*.

Freud, voltando de Paris para Viena, encontrou-se com seu amigo Bleuer, um médico austríaco, que havia descoberto um meio de curar os histericos.

Hipnotizando uma paciente, Bleuer mandou-a que tirasse de seu subconsciente recordações de fatos relacionados com o seu mal. Ela relatou então certos fatos ocorridos na infância, dos quais não se recordava em estado normal, depois de passado o sono hipnótico.

E observou Freud que cada vez que a enferma relatava essas recordações, iam desaparecendo, um a um, os sintomas da enfermidade.

Chamavam a esse método de "método depuratório ou catártico". (Catártico vem da palavra grega *Katharsis* que significa depuração).

Freud, entretanto, não se satisfiz com esses sucessos e prosseguiu investigando. Observava que as curas obtidas pelo método catártico eram ainda imperfeitas e pouco duradouras, porque os sintomas, passado algum tempo, retornavam.

Por persuasão, fazia o enfermo recordar, quando em estado consciente, do que se passara durante o sono hipnótico artificial. Freud concluiu, então, que podia obter a cura de enfermos, desde que fizesse voltar à consciência certas representações inconscientes.

Procurava, assim, tornar consciente o subconsciente, por meio da persuasão. E deste modo, a psicanálise se constituiu num método para curar enfermidades nervosas, e foi através de suas experiências e de suas curas, que Freud pôde construir sua teoria.

Observou que os pacientes, quando falavam, narravam muitas coisas de maneira desordenada. Procurou, por entre as palavras, descobrir o que havia de mais importante e que lhe pudesse dar o fio para chegar a descobrir a causa da enfermidade.

Em vez de hipnotizar os pacientes, deixou-os falar à vontade. Estava convencido de que todos os fatos descritos pelo paciente tinham um sentido, e era questão de tempo apenas para que, do subconsciente, surgisse o essencial que lhe permitisse descobrir a causa da enfermidade.

Compreendeu, assim, que muitas coisas que sucedem com os saos têm sua explicação psicanalítica. Por exemplo, um menino perde um caderno de colégio, ou alguém esquece de devolver um objeto. Esses esquecimentos não são puramente ocasionais. Há uma razão atrás disso tudo: o menino "tinha interesse" em perder o caderno, o adulto em esquecer de devolver o objeto. No entanto, tais fatos não são conscientes. O que levava a tal esquecimento era algo de subconsciente.

Freud estudou esses pequenos erros, esses atos falhados, palavras trocadas, que na vida diária cometemos todos nós. A psicanálise teve em Freud seu grande iniciador. Várias correntes decorrem da sua escola. Entre as mais famosas citam-se as de Alfred Adler, Carl Gustav Jung, Wilhelm Reich e Stekel.

PSICO-DINÂMICA — Ramo da Psicologia, que estuda as mutações e o desenvolvimento dos processos psíquicos.

PSICOFÍSICA — a) Ciência das relações funcionais ou relações de dependência entre o corpo e a alma, como é exposta por Fechner.

b) De modo mais específico, considera-se Psicofísica o estudo das relações quantitativas entre um estímulo e a sensação ou outra experiência, que daí decorre. W. Wirth inclui, na **psicofísica**, toda a psicologia experimental quantitativa.

PSICOFISIOLOGIA — Termo que se emprega indistintamente para a **psicologia fisiológica** e para a **psicofisiologia** (vide).

PSICOGÊNESE — Origem e desenvolvimento dos fenômenos psíquicos e mentais. Disciplina que estuda a gênese e o desenvolvimento da psique, e que faz parte das **ciências noológicas** (ciência do *nous*, espírito).

Estudo da origem e do desenvolvimento da parte psíquica de qualquer peculiaridade da conduta, como a psicogênese da histeria, etc.

PSICOGNÓZIA — a) É o estudo dos processos psíquicos por meio da hipnose ou por meios hipnóides.

b) Segundo Dessoir, interpretação do carácter, segundo os traços anatômicos.

PSICOGRAFIA — a) Na Psic., método para traçar os caracteres de uma pessoa por meio de gráficos.

b) Na Metapsíquica, escritura obtida por um medium, sem a intervenção dos músculos do mesmo.

PSICOGRAMA — Nome que se dá aos gráficos que pertencem à **psicografia**.

PSICOLEPSIA — Nome que Pierre Janet, deu às quedas de tensão psicológica, não, contudo, de modo exclu-

sivo, quando produzidas sob a forma de crises rápidas e de depressão brusca.

PSICOLOGIA — a) A palavra psicologia é formada de duas palavras gregas: *psychê*, que significa alma, e *logos*, que significa ciência, tratado. Por isso, etimologicamente, a **Psicologia** é a ciência da alma, e esta tem sido a definição classicamente aceita. O termo **Psychologia** foi criado por Melancthon e usado por Glócênio (século XVII).

A expressão alma refere-se a algo que a experiência exterior não pode alcançar, salvo as suas manifestações, como é considerada pela metafísica clássica, pois os teólogos sempre consideraram a alma um ser espiritual, forma do corpo, e que sobrevive à morte deste. É ela a sede de nossos sentimentos e de nossos pensamentos, permanecendo imutável, apesar de todos os estados transeuntes pelos quais ela passa.

b) A psicologia, modernamente, não estuda a alma sob esse aspeto, embora não tome uma posição decidida quanto ao problema do espiritual e do material, ou seja, não é nem materialista nem espiritualista. Ela restringe o objeto de suas pesquisas, observações, análises, nos quais procura descobrir a legalidade dos chamados fenômenos psíquicos, regionalmente; isto é, circunscreve-se a um campo restrito, sem maiores preocupações de carácter metafísico, pois seria invadir seara alheia. O estudo metafísico da Psicologia pertence à **Noologia** e à **Cosmologia**.

A Psicologia não pode penetrar no terreno das origens, muito embora no decorrer da sua atividade, tenha ela que tocar em temas que interessam mais diretamente à Filosofia, pois dizem respeito a objetos, que só filosoficamente podem ser tratados.

Modernamente, a Psicologia tomou um carácter científico, afastando-se da teoria clássica. A observação dos fenômenos psíquicos, tais como os da consciência, as sensações, os sentimentos, os raciocínios, os complexos, a memória, os desejos, etc., permitiram fôr-se ela construída sobre bases científicas, principalmente depois que lhe foi aplicado o método experimental.

Desta forma, a Psicologia procura evidenciar, no fenômeno psicológico observável, não mais uma fa-

culdade, mas estabelecer relações de sucessão regular entre os fenômenos psicológicos. Na clássica, a alma era considerada como possuidora de determinadas faculdades, tais como a percepção, o raciocínio e a vontade. Alguns psicólogos hoje não fundamentam mais os fenômenos psíquicos sobre faculdades, e quando empregam este termo o fazem como uma expressão cômoda, para compreensão geral.

Contudo, para os escolásticos, **faculdade** quer dizer apenas **potência** e não entidades de per si subsistentes como julgarem muitos que desconhecem os trabalhos daqueles.

É ela o estudo de certos campos de consciência, que formam o nosso psiquismo, e segundo a tendência mais moderna da Filosofia, estes são irreduzíveis, isto é, não se reduzem a outros. Assim, os fenômenos psíquicos não podem ser explicados apenas como fenômenos biológicos, como estes não podem ser explicados como meros fenômenos físicos. Há estruturas que formam campos irreduzíveis no conhecimento. A Psicologia tem um campo próprio de ação, um objeto próprio, irreduzível às outras ciências. A idéia da faculdade era considerada, antigamente, como um poder especial de fazer ou sofrer um certo gênero de ação.

A teoria das faculdades não admitia uma cisão do psiquismo.

A alma era considerada como uma unidade indissolúvel, que se manifesta ora como pensamento, ora como atividade (vontade), ora como sentimento. Desta forma, segundo as operações da alma, segundo sua maneira de atuar ou de sentir, é que se manifestavam estas faculdades.

DIVISÃO DA PSICOLOGIA — 1) Psicologia racional (como a chamavam os escolásticos) — a que busca o fundamento metafísico dos fatos psíquicos, que aborda os temas da existência da alma, da sua imortalidade, etc. Está incluída na Metafísica.

2) **Psicologia empírica** — a que se cinge em observar os fenômenos psíquicos e a estabelecer e a captar as causas, leis, condições de seu surgimento, cujas afirmações são controláveis pelos fatos. Segue esta os métodos científicos, e está para a psicologia

racional assim como estão as ciências naturais para a filosofia natural. Tal não impede haver, entre ambas, pontos de contato. Os escolásticos chamam essa psicologia de **experimental**.

PSICOLOGIA SOCIAL — Vide **Fatores sociais**.

PSICOLEXIA — Estudo quantitativo e descritivo dos fenômenos psíquicos. Termo proposto por Claparède.

PSICOMETRIA — a) É a investigação do fator temporal nos fatos e processos psíquicos.

b) Diz-se, também, da medida psíquica.

PSICONOMIA — (Do grego *psychê* + *nomos*, alma e normas). É o ramo da Psicologia que estuda a relação da *psique* com o meio ambiente. É a ciência das leis psíquicas.

PSICOPATIA — É o nome que se dá a qualquer transtorno mental específico (do gr. *psychê*, espírito, e *pathos*, sofrer). *Psicopata* é o que sofre. Por eufemismo, nome que se dá ao louco.

PSICOPATOLOGIA — Vide **Patopsicologia**.

PSICOSE — Qualquer estado psíquico anormal ou patológico, que constitui ou tende a constituir uma entidade morbosa.

PSICOTECNIA, PSICOTECNOLOGIA — a) A **psicotecnologia** é a arte que se dedica a aplicar a psicologia a fins práticos.

b) Embora sinônimo de **psicotecnia**, desta se distingue por se referir esta mais à perícia e ao modo de proceder específico de uma arte do que aos amplos princípios gerais.

c) Chamam, ainda, de **tecnopsicologia** a aplicação da psicologia à indústria e aos negócios.

PSICOTECNOLOGIA — Vide **Psicotecnia**.

PSICOTERAPIA — Tratamento dos transtornos por métodos psicológicos, incluindo a sugestão em estado de vigília e a hipnótica, a reeducação, métodos de persuasão e a **psicanálise**.

PSIQUE — (Do gr. *Psychê*, espírito, sopro da vida, a alma).

- a) O termo é tomado como princípio da vida.
- b) Como princípio da vida psíquica.
- c) Como a soma total das atividades de um organismo (como tensão que coata todos os atos e processos orgânicos numa unidade tensional).
- d) Totalidade organizada dos processos conscientes e inconscientes.
- e) Os psicólogos modernos preferem usar o termo *psique* em vez de alma ou espírito, embora muitas vezes usem tais termos com matizes tão variados, que seria impossível relatar num dicionário todas as inúmeras variâncias. Para uns, a *psique* inclui apenas os fenômenos conscientes, para outros conscientes e inconscientes, e além desses, os orgânicos, os vitais.

PUBERDADE — É o período de mudanças no desenvolvimento da criança, que precede ao chamado de **adolescência** (vide); é o período que marcha para a maturidade. Nas meninas, o período de puberdade termina pelo marco da **menstruação**. A puberdade normal estende-se dos 10½ anos aos 17, e nos países tropicais até aos 14, nas mulheres, e dos 12 aos 17 nos homens, e até menos. Vide **Maturação** e **Maturidade**.

Não devem os adultos esperar do **púber** uma conduta coerente e regular. É uma fase em que o jovem experimenta suas possibilidades, e experimenta muitas espécies de atividade. Também não é de esperar uma conduta emocional coerente. É comum, nas meninas de 12 a 13 anos, transtornos emocionais, um excessivo egotismo. Para auxiliar a não eclosão desses transtornos emocionais devem os pais e mestres desenvolver o sentido da liberdade e da responsabilidade antes da puberdade, evitar a pressão familiar e escolar, dar uma clara explicação da menstruação, no caso das meninas, tratar com consideração e compreensão, sem desprezar os jovens, cuidar da alimentação, controlar as tarefas, cuidar dos esportes, evitando exageros.

PUERICULTURA

De YOLANDA BURGUETE SANTOS
(especialmente para este dicionário)

1.º CAPÍTULO

O conceito atual de Puericultura — A **Puericultura** (formada de **puer**, palavra latina, que quer dizer **criança** e **cultura** = cuidado) ensina-nos os cuidados especiais que devem ser prestados à criança desde seus primeiros dias de vida.

A tendência da Puericultura atual é de conhecer profundamente o processo de desenvolvimento infantil, procurando, assim, compreender as necessidades do seu organismo para equilibrá-las com as exigências da cultura; realizando, desta forma, uma cooperação entre a Natureza e a Cultura.

Sabe-se que uma planta, para se desenvolver com toda pujança, necessita de boa terra, de ar puro, de sol e água; analogicamente, podemos dizer que uma criança, para se desenvolver plenamente, com todo vigor de suas qualidades, tanto físicas como mentais, necessita de um ambiente favorável que, além de saudável, não lhe impeça o desenvolvimento psicológico normal, pois, do contrário, se tornará mirrada, tanto física como mentalmente.

A **Puericultura** vem, também nos ensinar que toda criança já traz consigo as suas características individuais; quer dizer, cada uma possui um tipo único de desenvolvimento, que forma a essência da sua in-

dividualidade, e, para bem desenvolvê-la, precisamos conhecer como se processa este crescimento, como ela reagirá ante o meio ambiente, as variações que podem apresentar-se no transcorrer dos seus primeiros anos; enfim, como se porta e como reage ante as necessidades vitais.

A Puericultura dá os primeiros conselhos a serem observados. Estes conselhos servirão para crianças desde os primeiros dias de vida até à idade de cinco anos. Quanto aos aspectos psicológicos são estudados mais detalhadamente nos verbetes correspondentes.

2.º CAPÍTULO

O enxoval do bebê

§ 1 — Durante os meses que antecedem o nascimento do bebê, entre as várias ocupações da gestante, encontra-se uma que tem muita importância: o preparo do enxoval da criança.

É aconselhável que as roupas do bebê sejam macias, suficientemente quentes, duráveis e laváveis. É preferível comprar tamanhos que venham a servir até o 6.º mês, levando-se em conta que o bebê cresce muito nos primeiros meses de vida.

Não abordaremos aqui pontos relativos ao tecido, bordados e enfeites, que ficarão a critério da mãe. Daremos indicações relativas somente quanto ao preparo de um enxoval básico. É indispensável que nele constem:

3 dúzias de fraldas (no mínimo) — As mais aconselhadas são as "Johnson", que já vêm esterilizadas. São feitas de um tecido altamente absorvente e secam rapidamente. Caso queira-se fazer de fazenda, deve-se usar morim ou flanela. A forma pode variar.

6 cueiros — Usam-se sobre as fraldas e só nos dois primeiros meses.

6 sapatinhos — Podem ser de lã ou de crochê. Entretanto, é preciso dizer-se que muitos pediatras não aconselham o uso de sapatinhos e mesmo em muitas Maternidades já os dispensam.

6 casaquinhos — Sendo 4 de malha e 2 de fustão.
12 bibeiros.

2 toucas — É mais aconselhado as de linho, e só devem ser usadas nos dias frios, ou quando há muito vento.

2 mantas — Podem ser de flanela ou de malha.

2 calcinhas de plástico — Devem ser usadas só após o 2.º ou 3.º mês, pois nos dois primeiros meses, geralmente, usam-se os cueiros. Estas calcinhas de plástico ou de borracha nunca devem ser usadas diretamente sobre o corpo, e, sim, sobre as fraldas.

4 macacões — Estes podem ser de flanela ou de fazenda e usados após o 2.º mês de vida.

12 camisinhas — Sendo 6 de mangas compridas e 6 de mangas curtas.

4 lençóis — 2 de cima e 2 de baixo.

4 fronhas — O travesseiro só deve ser usado bem mais tarde, pois não é aconselhável para os recém-nascidos.

1 impermeável — Usado para cobrir o colchão.

1 cobertor — É aconselhável ser de lã, e caso venha a ser mais usado no verão pode ser de flanela.

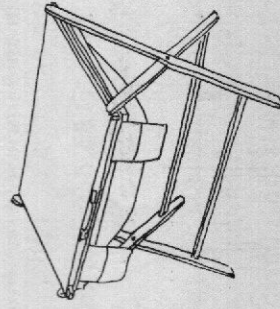
§ 2 — Como deve ser vestido o bebê

Nos primeiros meses, o recém-nascido deve ser vestido de acordo com a temperatura do dia. Não adianta agasalhá-lo muito, pois só lhe fará mal. O costume, ainda muito em voga, de vestir o bebê com roupas muito quentes, é muito pernicioso. Devemos lembrar-nos sempre que o recém-nascido tem menos sensibilidade que um adulto; daí não sofrer as variações de temperatura como nós. Naturalmente que nos dias mais quentes podem-se deixar de lado as roupas de lã, e, nos mais frios, estas serão usadas.

As roupas do bebê não devem ter fitas nem colchetes, pois podem machucá-lo devido à pele muito delicada. Os tecidos que soltem fiapos não devem ser usados, pois irritam a mucosa do bebê, provocando "resfriados" e "roncos".

§ 3 — A lavagem da roupa do bebê

Deve ser lavada diariamente, e não ser deixada para o dia seguinte. Uma vez usada não deve ser novamente colocada no corpo, mesmo que não esteja suja.



Um prático banheiro de lona para o bebê.

A higiene na lavagem é muito importante e certos conselhos, abaixo, devem ser seguidos à risca:

- Nunca misture a roupa do bebê com a dos adultos.
- Passe as fraldas e os cueiros por uma fervura diária.
- Use um sabão que não seja ácido.
- Não use qualquer desinfetante.

Passe as fraldas com o ferro bem quente, pois isto esteriliza, ajudando também a matar as bactérias, que provocam as assaduras tão comuns e, muitas vezes, de tão feio aspecto.

§ 4 — O quarto do bebê

Deve ser bem arejado e receber, pelo menos, sol uma vez ao dia.

As paredes devem ser pintadas de cor clara. Não se deve usar enfeites nem tapetes.

O chão pode ser encerado ou, então, coberto por um oleado. Não deve, entretanto, ser constantemente encerado, pois o cheiro da cera não faz bem ao bebê.

PUERICULTURA

A cama deve ser bem resistente. Pode ser fixa ou de rodas, de boa altura do chão e com grades de metal ou madeira pintada a óleo. A pintura deve ser feita com uma tinta não tóxica, e as grades não devem ser muito separadas entre si.

Deve-se colocar a cama num lugar ventilado, mas onde não haja corrente de ar. Evite-se a luz direta sobre os olhos do bebê.

O colchão deve ser de crina ou de palha, forrado com um impermeável, e coberto com um lençol.

Atualmente encontram-se no comércio colchões ventilados, feitos com molas e aconselhados, principalmente, para os bebês alérgicos.

Os móveis do quarto devem ser laqueados, pois devem permitir uma lavagem. Existem cómodas para o quarto muito práticas. São as que têm uma superfície relativamente grande para ali colocar-se o bebê e trocá-lo. Isto evita a posição incômoda de curvar-se em demasia para trocá-lo sobre a cama.

À noite, deve-se acender uma luz fraca, caso seja necessário entrar no quarto para dar-lhe a mamadeira.

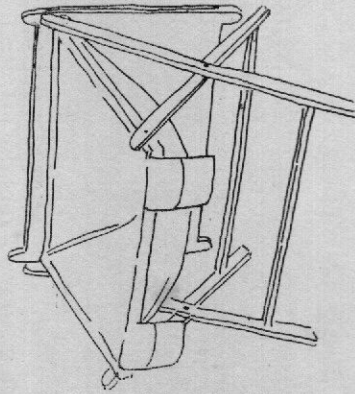
Não é aconselhado o uso de berços, enfeitados e balouçantes, tão de moda há anos atrás. Para levar o bebê nos primeiros meses, pode-se usar um "molsés", que é fácil de carregar. O carrinho é aconselhado também.

A banheira deve ser de plástico ou de borracha. Sabonete, óleo, loção, talco, algodão e 3 ou 4 toalhas fazem parte do enxoval.

3.º CAPÍTULO

Os primeiros dias de vida do recém-nascido

§ 1 — Nem todas as mães sabem que o primeiro ano de vida do seu filho é o período mais favorável para a fundamentação de uma orientação correta; e a mãe deve dar toda atenção ao pequeno ser que está evoluindo. Para isto é preciso, primeiramente, observá-lo detalhadamente, ou seja, como se porta durante o dia, qual o seu período de vigília e sono; como chora, enfim todas as suas reações. Controlando-o desta forma, poderá estabelecer um equilíbrio entre as "exigências intrínsecas e as extrínsecas", quer dizer, as exigências pessoais do recém-nascido e as im-



Banheira do bebê.

postas pelo meio ambiente. Poderá, portanto, estar apta a realizar um bom trabalho, no sentido de orientá-lo, tanto psicológica como fisicamente, elementos imprescindíveis para um perfeito desenvolvimento.

Um dos sinais pelos quais o recém-nascido se faz entender é o choro. É por meio dele que irá expri-

mir suas exigências. Há outros sinais: como os sorrisos, os momentos de tranqüilidade, os de nervosismo, de agitação, etc. Pode-se dividi-los em dois: os **sinais positivos**, que compreendem os sorrisos, a tranqüilidade, a calma, etc.; e os **sinais negativos**, o choro, o nervosismo, etc.

Tôda mãe necessita entender a "linguagem" do filho, porque só assim estará apta a **orientá-lo**. Dissemos **orientá-lo**, porque deve-se considerar a criança não como um bloco de argila, o qual pode ser moldado como bem se entende e, sim, como uma planta, que necessita, além de um bom terreno, de todos os outros elementos acima citados. Contém o recém-nascido consigo os **fatores chamados emergentes** que são hereditários, e incluem tanto o psicológico como o biológico; e os **fatores predisponentes**, formados pelo ambiente familiar, social, etc.

Estes fatores são de suma importância para o estudo da Educação Infantil.

O comportamento infantil está sujeito a variações. Desde o momento em que se compreenda que não existem duas crianças iguais, embora em linhas gerais se possa dizer que todas se parecem, torna-se possível aplicar os novos métodos da Puericultura e da Educação.

* * *

Após a saída da Maternidade, inúmeros problemas aparecerão e todos eles necessitam ser solucionados da melhor maneira possível.

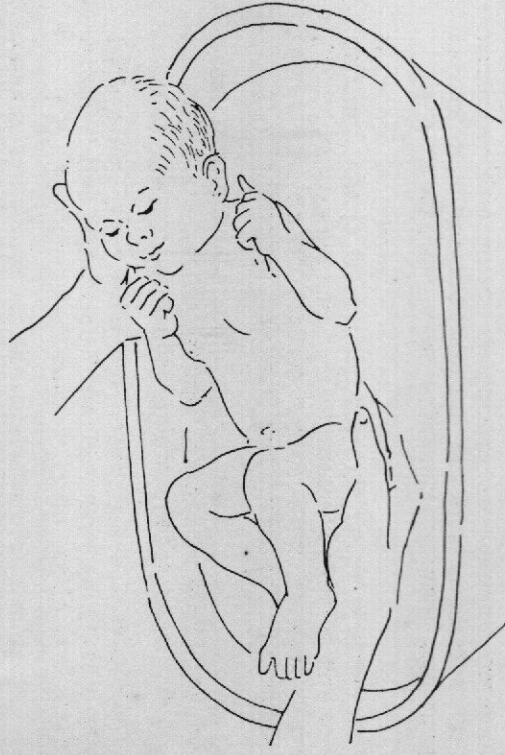
O recém-nascido apresenta várias particularidades; entre elas encontram-se as seguintes:

— praticamente dorme a maior parte do tempo, despertando, somente, após longos intervalos. Normalmente, o seu acordar deve coincidir com a hora de ser dada a mamadeira ou o peito. Em regra geral, necessitará de 6 alimentações durante um período de 24 horas.

— É aconselhável que à sua volta não se encontre muita gente, nem se faça muito barulho. As visitas

dos parentes e conhecidos só servem para quebrar a sua rotina diária, que deve ser mantida dentro de um horário. O bebê deve, portanto, ser criado longe de muita gente, sendo preferível mesmo **isolá-lo**.

Aparecem no recém-nascido certos fenômenos que são, entretanto, **normais**. Entre eles estão:



Modo de segurar o bebê no braço.

1.º) **perda de peso**. Logo após o nascimento, o peso cai gradativamente. Em grande parte é devido à eliminação do mecônio e da urina. Dá-se, também, grande perda de água pela pele. Geralmente, após os primeiros quatorze dias, o peso deve estar recuperado. Caso não se processe dentro deste período, é preciso saber as causas, e só o pediatra é quem estará apto a estabelecê-las.

2.º) **Descamação epitelial**. Após o nascimento inicia-se a descamação da pele. Prolonga-se, geralmente, até o 5.º ou 6.º dia. É aconselhável pulverizar-se o corpo do bebê com um pó suave, caso ele não seja alérgico.

3.º) **Mama inchada**. É muito comum dar-se no 3.º ou 4.º dia de vida um aumento dos seios, como

se estivessem inchados. Isto é devido aos hormônios recebidos da própria mãe durante o período de gestação. Caso tome a forma de um abcesso, use-se uma pomada.

4.º) **Icterícia.** No 2.º ou 3.º dia de vida é comum apresentar-se a pele com uma coloração amarelada. Às vezes chega a passar quase que desaparecida.

5.º) **Manchas vermelhas.** São pequenas manchas, que aparecem principalmente na testa e nas pálpebras. Têm uma cor rosada ou avermelhada.

6.º) **Pelos.** É muito comum aparecerem pelos no corpo do recém-nascido, e crescerem os da cabeça; mas logo cairão.

7.º) **Manchas roxas.** Localizam-se, principalmente, nas costas (região sacra), e são chamadas de "manchas mongólicas". Atualmente, aceita-se que evidenciam sinais de cruzamento de raças, mesmo em gerações passadas.

8.º) **Espirros.** Não acusam resfriado! São uma defesa, e o recém-nascido o faz para libertar-se de secreções que foram deglutidas ou inaladas durante o parto.

É comum que o bebê seja muito ruidoso quando dorme. Ronca, respira com dificuldade, etc. Isto se deve à queda da mandíbula inferior que, comprimindo a língua ao céu da boca, dificulta a passagem do ar.

9.º) **O nariz.** Geralmente é achatado e de feia aparência. Logo tomará um aspecto melhor, pois sabe-se ser constituído de uma cartilagem maleável.

10.º) **A íris e sua cor.** Em geral a cor dos olhos do recém-nascido ou é azul transparente ou cinza. A cor azul transparente conserva sua tonalidade até a idade adulta; a cor cinza mudará logo nos primeiros meses, tomando uma cor castanha. Muitos bebês parecem estrábicos (vesgos). Isto se deve à falta de controle dos músculos oculares que, só progressivamente, irão sendo dominados. O bebê também apresenta esta particularidade: chora, mas sem

lágrimas! O conduto lacrimal só se formará mais tarde, por volta do 3.º mês, quando então o choro virá acompanhado de abundantes lágrimas.

Sabe-se que o recém-nascido só distingue a claridade da escuridão. Ele é capaz, entretanto, de seguir com os olhos o movimento de uma luz muito forte.

Quanto aos sons, desde os primeiros dias perceberá os mais intensos.

§ 2 — Primeiros cuidados:

1.º) **Curativo do umbigo.** O cordão umbilical, normalmente, cai entre o 7.º e 10.º dia após o nascimento. Em casos excepcionais, pode durar até o 30.º dia. É preciso o máximo de higiene ao ser feito o curativo. Pincela-se com uma solução de mercúrio-cromo, e, em cima, coloca-se uma gaze esterilizada, a qual é, em seguida, prêsá com uma atadura.

O pó antisséptico ajuda a secagem do cordão umbilical.

Não é aconselhável o banho completo antes da cicatrização do umbigo.

2.º **Desinfecção dos olhos.** Logo após o nascimento é aplicado nos olhos do recém-nascido uma solução de nitrato de prata a 1%. Nos locais onde não seja possível fazer-se tal, costuma-se pingar uma gota de suco de limão, que tem um alto valor antisséptico.

Certos bebês apresentam uma reação inflamatória, devido à alergia ao nitrato de prata. O médico é quem está apto a distinguir se é realmente uma alergia ou uma infecção secundária.

3.º) **Limpeza das orelhas e nariz.** Devem ser limpos, porém nunca em profundidade, pois é muito perigoso.

4.º) **Limpeza do bebê.** Ao nascer, vem coberto de uma camada sebácea denominada "vernix caseosa", a qual além de manter uma ação protetora tem, também, uma ação secretora. Desaparece gradativamente e não deve, por isto, ser tirada fora.

5.º) **Os órgãos genitais.** Tanto dos meninos como das meninas necessitam de muito cuidado. Após a circuncisão dos meninos (caso seja feita) é aconselhável passar um preparado que contenha vitâminas A e D, ou mesmo óleo de fígado de bacalhau, com um pedaço de gaze esterilizada, o que facilitará a cicatrização. É também comum os bebês terem uma pequena inflamação no escrôto, que desaparecerá no 1.º ano de vida.

Um corrimento de secreção branco acinzentado pela vagina costuma aparecer nas meninas. Pode dar-se um fluxo de sangue, devido à ação dos hormônios recebidos da mãe durante a gestação.

§ 3 — O que se entende por "bebê normal"

Entende-se por "bebê normal" aquele que nasce com as medidas, dentro de uma tabela estabelecida.

Para nós, brasileiros, o peso médio normal para uma criança do sexo feminino é de 3.350 grs., e para do sexo masculino 3.500 grs. Entretanto, grande número de crianças nascem com mais ou menos peso, o que não acarreta, absolutamente, na maioria dos casos, nenhum problema.

Naturalmente que um bebê com mais de 4.000 grs. tornará o parto mais difícil, acarretando maior sofrimento para a mãe, e pondo em risco a sua própria vida. Hoje a opinião mais aceita é que não se deve possibilitar durante o período de gestação, o aumento do peso do feto. É muito mais acertado fazer com que a criança aumente de peso depois de ter nascido.

Bebês que apresentam somente 2.500 grs. e até 1.000 grs. já foram criados, necessitando, entretanto, cuidados especiais e assistência médica durante os primeiros meses de vida.

Quanto à **estatura normal**, damos 50 cms. para os meninos e 49 para as meninas.

Os **perímetros**, tanto **cefálicos** como **torácicos**, têm muita importância, devido à passagem pela vaginal. Assim, considera-se como normal o perímetro

cefálico que mede 34 cms. em média, e o torácico, 32 cms.

A cabeça apresenta uma forma ovóide. Na sua parte superior encontra-se a fontanela (moleira).

Os membros são curtos e delgados. As pernas apresentam-se um pouco curvas.

A **pele**, logo ao nascer, tem uma coloração roxa; horas depois, toma uma cor avermelhada e, por fim, rósea. Vem, ademais, recoberta por uma leve penugem.

4.º CAPÍTULO

Os 4 elementos principais do comportamento diário do bebê

§ 1 — Consideram-se os “4 elementos principais do comportamento diário”: a **alimentação**, o **sono**, o **chôro** e a **eliminação**. Abaixo veremos as características de cada um e como se apresentam.

Quais as exigências do organismo do recém-nascido?

Quando a mãe lacta o seu filho — se lhe dá o peito ou a mamadeira — ela realiza uma função das mais importantes e que merece toda atenção e cuidado. Antes de tudo é preciso que esta operação se já efetuada com calma e sossego, sem manifestar nervosismo nem pressa, pois estes estados emocionais perturbam o lactante.

O recém-nascido pode receber dois tipos de alimentação: a **natural** e a **artificial**.

Segundo as possibilidades da mãe, de poder ou não amamentar o filho com o seu próprio leite, é que lhe será administrado um tipo ou outro, ou, então, os dois combinados.

A **alimentação natural**, devido à importância que tem para o futuro desenvolvimento fisiológico, e também psicológico do bebê, será objeto de nossos estudos.

§ 2 — a) A alimentação natural

A grande maioria dos pediatras afirma que 95% das mulheres fisicamente sadias estão aptas a ama-

mentar os filhos. Porém, verifica-se o decréscimo assustador de mães que alimentam seus filhos com o próprio leite nos primeiros meses de vida.

Os médicos e psicólogos procuram estudar as razões de tal proceder, mas até hoje não se chegou a nenhuma conclusão definitiva.

Apresentemos, entretanto, algumas das vantagens que traz consigo a alimentação natural. Primeiro, para a mãe: Sabe-se que quando a mulher amamenta, o útero volta muito mais rapidamente, e com mais normalidade ao estado anterior.

Muitas mães são unânimes em afirmar que o leite do peito é muito superior ao artificial, em vários sentidos: vem numa temperatura ótima; é fresco; muito mais nutritivo, e é feito especialmente para o bebê.

"O leite da mãe pertence ao filho" (Prof. Pinard). Realmente, o leite materno é aquele que responde exatamente às necessidades do lactente. Não dá-lo é demonstrar prova de egoísmo ou de ignorância.

Além disto, o ato de amamentar estreita os laços, tanto físicos como afectivos entre mãe e filho.

Para o lactente: sabe-se que após o nascimento, transcorrendo, em geral umas 12 horas, o bebê é levado à mãe e colocado no seio por uns minutos. Nos quatro ou cinco primeiros dias, os seios fornecem somente um líquido amarelado, os seios fornecem somente e ligeiramente laxativo, que é muito conveniente ao bebê. A subida do leite só tem lugar no 3.º ou 4.º dia.

Esta secreção chama-se colostro, e ainda há muita discussão sobre a sua verdadeira função. Sabe-se que ela contém uma certa quantidade de glóbulos de leite e células gordurosas, chamadas de "córpusculos de colostro".

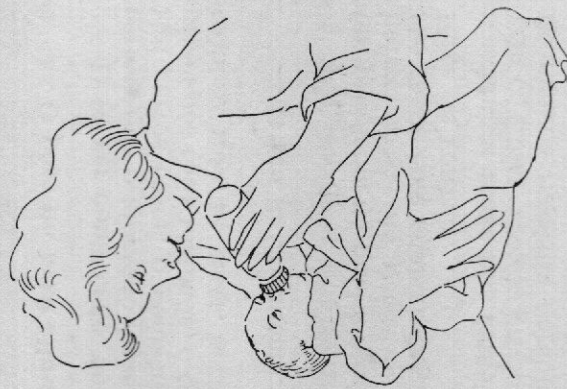
Muitos médicos aceitam que esta secreção tem maior utilidade para o bico do seio e elaboração do leite materno, do que realmente para o recém-nascido, pois este já vem suprido com o que necessita para estes primeiros dias.

O leite materno desenvolve no organismo infantil uma imunidade contra certas doenças, principal-

mente nos períodos predisponentes às diarreias. Verificou-se, também, que em famílias que sofrem de doenças alérgicas, como asma, eczemas, epilepsia, as crianças, alimentadas no seio desde os primeiros meses de vida, estão menos sujeitas a estas enfermidades.

Certos autores afirmam, após recentes estudos, que as crianças, alimentadas ao seio até os três meses de idade, apresentam maior placidez, ausência de sinais de frustração, pouca porcentagem de cólicas e de gases excessivos, em relação às alimentadas com leite artificial.

Além disto, o bebê permanece em contato fisiológico com a mãe. Observou-se que o recém-nascido tem apenas três exigências; o calor dos braços maternos, o alimento materno, e a segurança do conhecimento de sua presença. A amamentação ao seio satisfaz plenamente estas três exigências.



Como o bebê deve ser colocado para tomar a mamadeira.

§ 3 — Como deve ser colocado o bebê ao seio

Deve segurar-se o lactente de forma que sua cabeça se apoie no cotovelo materno. Coloca-se o mamilo na sua boca e com uma leve pressão dos dedos ajuda-se a saída do leite. Deve-se dar muita aten-

ção para que o seu nariz não fique coberto pelo seio, o que o impediria de respirar livremente.

Nas primeiras mamadas, há bebês que não conseguem, por si sós, segurar o mamilo, daí ser preciso ajudá-lo, introduzindo-o na boca.

Nos primeiros cinco minutos é quando o lactente absorve a maior quantidade de leite. Em geral, após estes minutos, mamará muito pouco; daí não ser necessário nem aconselhável mantê-lo por muito tempo no peito. Dá-se como uma média boa 20 a 30 minutos.

Há bebês que são mais lentos que outros quando estão no peito; outros adormecem logo após os primeiros minutos. Para mantê-lo acordado, dê pequenas palmadas no rostinho e faça uma massagem com os dedos no maxilar inferior, imitando o ato de sucção.

— O peso do bebê alimentado ao seio

Deve ser controlado periodicamente para ter-se certeza que o alimento materno está sendo suficiente. Em certos casos, o pediatra aconselha a tomada de peso após cada mamada, o que é realmente muito trabalhoso, mas, às vezes, necessário.

— O ato de amamentar

Pode-se dizer que amamentar nada mais é que um problema ao qual a mãe deve ir aos poucos familiarizando-se. As pequenas dificuldades encontradas são facilmente suplantadas, desde que tenha calma e força de vontade.

Muitas mães não estão capacitadas a amamentarem os filhos. Neste grupo incluem-se as que sofrem de alguma moléstia debilitante ou contagiosa, e do coração, ou que apresentam problemas concernentes ao fator Rh e sensibilização.

— A higiene dos seios

A mulher que amamenta deve manter diariamente a limpeza dos seios, afastando assim a possibilidade

de desenvolver-se, principalmente no bico do seio, partículas fermentadas.

Deve-se lavar os seios antes e depois de cada mamada. Esta lavagem pode ser feita com água morna e sabonete ou, então, com um pouco de água boricada.

§ 4 — A alimentação da mulher que amamenta.

Não só a quantidade como a qualidade e proporção das substâncias alimentares devem obedecer a um controle. Não adianta, como muitas pensam, que comer sem parar e bastante é o objetivo da mulher que amamenta, para ter, assim, um leite bom e rico.

Uma 1.^a regra a ser observada é: nunca comer exageradamente! A alimentação deve ser rica e variada. Diariamente deve fazer parte do menu: carne, ovos, leite, frutas cruas, legumes e batatas. Os líquidos em excesso só servem para dilatar o estômago e ajudar a engordar. Sabe-se que não são as mulheres mais gordas e de seios volumosos que produzem mais e melhor leite.

A 2.^a regra é que, apesar das opiniões médicas divergirem muito, deve-se observar uma dieta relativa aos alimentos que são aconselhados e aos que não o são. Certas substâncias alimentares como: ostras, conservas de carne, cebola, repolho, feijoadas, aspargos, e principalmente pratos temperados fortemente, não devem ser ingeridos pela mulher que amamenta. O fumo e o álcool também não são aconselháveis. O seu uso só é permitido com muita moderação.

A 3.^a regra: certos remédios, e aqui também são variadas as opiniões médicas, passam para o leite, quando ingeridos pela mãe. Aqueles que têm na sua composição ou: iodo, bromo, arsênico, clorofórmio não devem ser tomados. Os sedativos à base de barbitúricos como: Veronal, Veramon devem ser abolidos. Quanto à Aspirina e o Salofeno não passam ao leite. Os purgantes também devem ser evitados.

As sulfas passam em dose tão pequena que não chegam a prejudicar o leite. Os antibióticos não apresentam perigo.

— As “regras” e sua influência no leite

O fato de aparecerem, quando no período ainda de amamentação, não prejudica o leite, como comumente se pensa. O que realmente se dá com o aparecimento das “regras”, e durante o seu período, é uma diminuição da quantidade de leite materno.

§ 5 — O desmame

Quando se processa o desmame, como veremos mais adiante, os seios tornam-se distendidos e sensíveis, devido ao engurgitamento do leite. Enquanto o leite que aí se encontra não fôr removido, a lactação deve continuar processando-se.

§ 6 — Certas dificuldades que aparecem para as mulheres que amamentam.

Muitas mulheres são muito nervosas, e daí não serem capazes de amamentar os filhos. Entretanto, êste não é o único fator de não poder amamentar, há outros. São êles: 1.º) dar a mamadeira desde os primeiros dias de vida; 2.º) desanimar, caso tenha pouco leite; 3.º) não estimular os seios, evitando assim, que o leite comece a afluir em quantidade necessária.

No primeiro caso, sendo dada a mamadeira nos primeiros três ou quatro dias, o leite materno não será elaborado na medida necessária para alimentar o bebê. O ato de sucção no peito é muito mais difícil e demorado que na mamadeira. Sabe-se que, por menor que seja o orifício do bico sairá o leite em muito maior quantidade que no peito.

No segundo caso, muitas mães desanimam logo ao ver que a quantidade de leite não está sendo suficiente. Realmente isto se dá quase sempre, e daí a necessidade de insistir durante alguns dias para que venha a sair mais.

No terceiro caso, o estímulo produz-se pela própria sucção da criança. Assim quanto mais mame, mais leite haverá; porém não se pode concluir daí, que a criança deva mamar a todo momento, pois isto é muito contra indicado.

§ 7 — Instruções para a alimentação ao seio nos 6 primeiros meses

Reproduzimos aqui as regras oferecidas pelo Dr. Rinaldo de Lamare, em seu “A Vida do Bebê”.

“1.º — A mãe deve repousar durante 15 minutos antes de iniciar a mamada, relaxando-se, sem preocupações.

2.º — A mãe deve usar um “porta-seios” especial durante os últimos 3 meses de gravidez, para evitar a distensão da pele; assim, também, durante a amamentação.

3.º — Em seios muito duros, às vezes, é útil, antes da mamada, tirar um pouco com bomba “tira-leite”.

4.º — O leite pode ser tirado com a bomba “tira-leite”, e coletado em copo esterilizado, que tenha sido fervido pelo menos durante 5 minutos. O leite humano guardado por mais de 6 horas deve ser fervido em banho-maria.

5.º — Quando o bebê mama, o útero se contrai, abreviando o retôrno à sua posição e tamanho normal.

6.º — O excesso de gorduras e a “água de canjica” na alimentação materna, durante a gravidez e lactação, aumentam o volume do seio, mas não aumentam a produção do leite...

7.º — A mãe deve beber o mesmo volume de leite que a criança lhe suga. Às vezes, ao ouvir o bebê chorar, o leite começa a correr...

8.º — Certos bebês se irritam com a dificuldade de abocanhar o bico do seio; ficam furiosos quando lhe seguram a cabeça e o forçam, empurrando-lhe o seio.

9.º — Não gostam, também, que se lhe apertem as bochechas para os obrigar a mamar.

10.º — Certos bebês apresentam “crises de mastigação” sobre os bicos dos seios, provocando, às vezes, rachaduras dolorosas.

11.º — Fazer o bebê "arrostar". Para expelir os gases, basta colocá-lo contra o ombro materno, dando-lhe umas palmadinhas nas costas.

Alguns bebês precisam "arrostar" uma ou mais vezes no decurso da refeição.

12.º — Certos bebês transpiram muito ao mamar.

13.º — Modernamente, há um horário flexível, de acôrdo com certos bebês, antecipando ou retardando certas mamadas.

14.º — A orientação de alguns pediatras modernos, permitindo o bebê mamar quando quiser, tem provocado certos problemas. Pequenas concessões podem ser feitas, não, porém, a desorganização total.

15.º — A mamada das 6 horas da tarde, é geralmente, a menos volumosa.

16.º — A mamada das 2 horas da madrugada é facultativa. O bebê acorda se quiser, e não há perigo de formar um hábito. Ao completar 2 meses, abandona-a espontaneamente.

17.º — O bebê nem sempre recebe, sistematicamente, a mesma quantidade em cada refeição. A mãe não deve julgar-se infeliz por isso. Se a mãe "forçar", ele pode começar a perder o apetite.

18.º — Existem bebês que gostam de descansar durante a mamada, interrompendo-a por 1 ou 3 minutos, nunca mais de 10. Não é aconselhável habituá-lo a dividir a refeição em duas partes, interrompida com uma soneca.

19.º — O bebê, às vezes, não toma todo o volume desejado, parando quando bem entende. Nessas ocasiões, o controle do peso é indispensável.

20.º — É recomendável dar ao bebê, alimentado ao seio, 2 gotas de vitamina A e D, desde a 4.ª semana de vida.

— Problemas relativos à amamentação

a) Dôres durante a amamentação: é muito comum que a mãe sinta uma espécie de cáibras no bal-

xo abdômen, no momento em que o bebê começa a mamar. Isto se dá devido à contração do útero, que está voltando ao normal. Estas contrações irão diminuindo até desaparecer por completo.

Muitas vezes aparecem certas pontadas nos bicos dos seios, que chegam a durar por alguns momentos. Nada querem dizer, e desaparecem logo.

b) Bico do seio retraído: este tipo de bico dificulta a sucção do bebê. Deve-se ajudar fazendo uma ligeira pressão, de forma que o mamilo saia para fora o máximo possível.

c) Bico do seio inflamado ou rachado: se o bico aparecer rachado, a amamentação deve ser suspensa por 24 horas neste seio, ou por mais tempo, caso se faça preciso. Mulheres de pele muito sensível estão sujeitas a tal.

d) Ingurgitamento areolar: este tipo de ingurgitamento torna a região areolar tão rija e plana que chega a dificultar a saída do leite. Surte efeito o expremêr-se com os dedos o seio, de forma que saia um pouco de leite, tornando, então, a região areolar bastante mole, de forma que possa ser introduzida na boca do bebê.

Caso apareça uma área avermelhada ao redor do bico do seio, que empalidece e fica branda ao ser tocada, não deve ser alimentado neste seio o lactante. Isto indica a existência de uma infecção, e deve ser logo tratada. Há casos em que aparece juntamente febre e calafrios, havendo, então, a possibilidade de desenvolvimento de um abcesso.

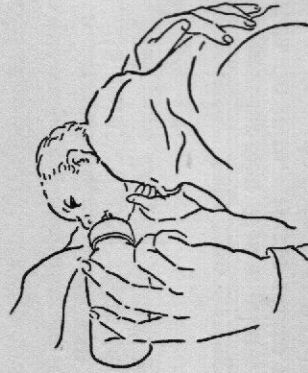
e) Quando o bebê morde o bico do seio: é preciso colocar o dedo entre as gengivas do lactente e dizer firmemente "não" várias vezes. Isto o inibirá e, possivelmente, depois de repetir-se várias vezes, não voltará a morder novamente.

§ 8 — A alimentação artificial

Caso não haja possibilidade de alimentar o bebê com leite de peito, é preciso optar-se pelo leite artificial.

Os substitutos do leite materno são: os diversos tipos de leite em pó, o leite integral e certos preparados especiais.

Existem vários tipos de leite em pó, que diferem muito na sua composição, pois alguns têm maior proporção dos elementos que o compõem, que são: proteínas, glicose e gorduras. Eles não devem ser fervidos, pois já vem preparados de tal forma que, passando por uma fervura, talharão, e, ademais, já se encontram esterilizados.



A maneira justa de tomar o bebê para dar-lhe alimentação artificial

Quanto ao leite integral, deve ser fervido antes de ser dado, pois, caso contrário, pesará no estômago do bebê. Se for homogeneizado, pesará muito menos, mas, mesmo assim, é aconselhável a sua fervura, porque o torna mais digestível.

As vantagens do leite em pó são bem grandes. Em geral, é mais apreciado que o leite integral, pois não necessita de refrigeração; não contém bactérias e pode ser adquirido em qualquer empório ou farmácia.

A composição das primeiras mamadeiras deve ser indicada pelo pediatra, que marcará a quantidade de água, de leite e de açúcar a serem incluídos na fórmula de cada mamadeira.

Caso o bebê não se dê bem com o leite indicado, é necessário informar o pediatra. É comum que o bebê tenha diarreia ou uma pequena indigestão, devido ao leite não lhe "sentar bem".

O lactente necessita de quantidades variáveis de leite. No 1.º dia de vida, é levado ao seio materno,

caso no 2.º ou 3.º dia o leite não seja suficiente, administra-se umas 20 grs. de leite em pó, caso se trate de um bebê normal e saudável.

Abaixo daremos as quantidades de leite que devem ser administradas ao recém-nascido na primeira semana de vida. Este "Quadro da alimentação do recém-nascido" foi retirado do livro *A vida do bebê* do Dr. Rinaldo de Lamare.

1.º dia	repouso	somente líquidos
2.º "	cada vez 10 grs.	total do dia 60 grs.
3.º "	" " 20 "	" " " 120 "
4.º "	" " 30 "	" " " 180 "
5.º "	" " 40 "	" " " 240 "
6.º "	" " 50 "	" " " 300 "
7.º "	" " 60 "	" " " 360 "

Segundo o mesmo autor, o horário das primeiras mamadas pode ser de 3 em 3 horas, começando, portanto, a 1.ª às 6 horas, seguindo-se a das 9, 12, 15, 18 e 21 horas. Certos bebês podem ser alimentados dentro do período de 4 em 4 horas. Neste caso, a 1.ª seria às 6 horas, a 2.ª às 10, 14, 18, 22 horas e duas da madrugada.

No 1.º mês de vida, é permitido mamar à noite. Entretanto, isto não deve ser tomado como regra geral. Há bebês que necessitam, realmente, mamar uma vez durante a noite, em geral às 2 horas da madrugada. No 1.º e 2.º mês pode ser tolerada a mamada noturna, mas, deve ser abolida após este período, quando, então, se tornará desnecessária.

§ 9 — Os instrumentos para o preparo da mamadeira

No preparo das mamadeiras, é preciso ter-se o máximo cuidado e higiene.

Quem prepara as mamadeiras deve ser a mãe ou, então, uma pessoa idônea, que mantenha na sua confecção os requisitos higiênicos exigidos. As mãos devem ser lavadas para tocarem nos objetos de uso.

a) as mamadeiras devem ser de gargalo bem largo possibilitando, assim, uma boa lavagem. É pre-

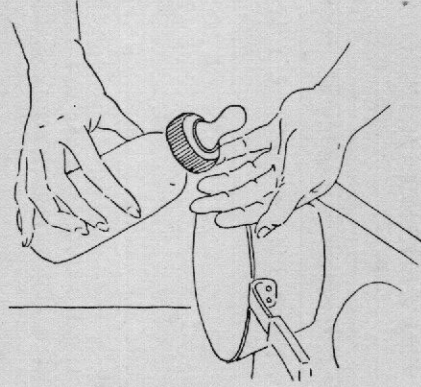
PUERICULTURA

ciso, para um período de 24 horas, de 6 a 7 mamadeiras.

- b) Os bicos precisam ser bem limpos para não permitirem a localização de partículas de leite fermentadas. Os protetores também devem passar por uma fervura.
- c) 1 pinça para apanhar os bicos e os protetores, após a fervura.
- d) 1 escôva para limpar as mamadeiras.
- e) 1 copo com graduação para medir a quantidade de água. Serve também uma mamadeira para isto.
- f) 1 colher de madeira.
- g) 2 panelas grandes; uma para fazer a mistura e outra para guardar os utensílios.
- h) 1 coador.
- i) 1 funil.

Todos estes instrumentos de uso diário devem ser fervidos antes de serem usados.

— O preparo das mamadeiras



Modo de experimentar a mamadeira.

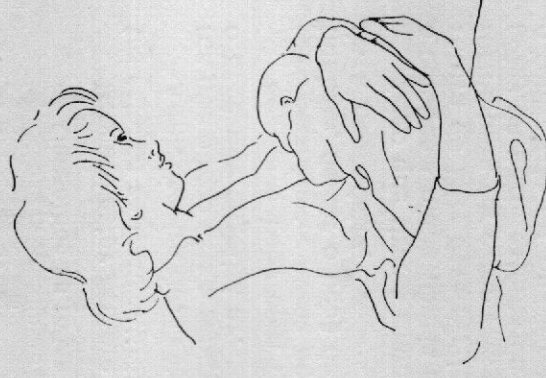
Primeiramente: lave cuidadosamente as mãos. Depois junte todas as mamadeiras, já previamente fervidas, assim como os respectivos bicos e protetores, também esterilizados. A esterilização mais comum é a que se faz pela fervura. Para isto, lavam-se as

PUERICULTURA

mamadeiras, os bicos e protetores com água e sabão, e em seguida, imerge-se tudo numa panela que deve ser de uso exclusivo para este trabalho. A fervura não deve ultrapassar 5 min. pois os bicos e protetores se ressentirão por permanecer por mais tempo em alta temperatura.

Após isto, retira-se tudo e estão prontos.

Na quantidade de água indicada para fazer as mamadeiras, acrescente o açúcar, e, se foi aconselhado pelo pediatra, algum cereal (pode ser um derivado do milho, do arroz ou da farinha, dissolva todos juntamente. Leve em seguida ao fogo, onde devem ferver até levantar espuma. Após isto, deixe a mistura esfriando.



Dando o peito ao bebê.

Separadamente, em outro vasilhame, dissolva a quantidade de leite num pouco desta mistura, já mor-na, e leve ao liquidificador, ou passe por uma peneira. A mistura assim preparada **não deve ferver** ao ser levada novamente ao fogo. O fogo deve ser mantido brando, tendo-se o cuidado de mexer constantemente para bem misturar todos os ingredientes.

Ao estar pronta, pode ser colocada dentro das mamadeiras que são fechadas com os protetores. Le-

va-se, então, à geladeira, onde permanecerão até o momento em que serão retiradas para serem aquecidas em banho-maria.

Se por acaso sobrar um pouco de leite na mamadeira, não o guarde para dar na próxima mamada, põe-a fora.

— O uso dos bicos de borracha

É necessário um constante cuidado, a fim de assegurar, pelo orifício do bico, uma boa saída de leite. As vezes o furo do bico é pequeno demais, e a quantidade que sai não é suficiente. Outras vezes é grande demais, o que pode ocasionar engasgos. Quando o bico já foi muito usado deve ser pôsto de lado e comprado um novo.

— Conselhos às mães que dão a mamadeira

Procure estar sempre calma e sossegada, pois estes estados se transmitirão ao lactente.

A mamadeira deve estar sempre inclinada, de forma que o bico esteja sempre cheio de leite, pois assim o bebê não engolirá ar.

Segure o bebê com firmeza e delicadeza, e procure permanecer numa posição confortável. Pode-se, também, deixar o bebê deitado de lado ao lhe ser dada a mamadeira.

Logo que tirar a mamadeira da geladeira, agite-a, e coloque-a numa panela em banho-maria. A temperatura do leite deve ser igual à do corpo. A melhor forma para ver como está o leite é deixar cair algumas gotas na parte externa da mão ou no pulso. Se não o sentir frio ou muito quente é que está no "ponto bom". Pode dá-lo sem receio ao filho.

— A regularidade na alimentação do bebê

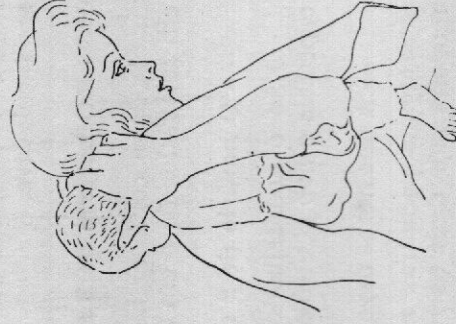
Muitas mães crêem que estão fazendo um bem ao filho ao dar-lhes dentro de um horário rígido, sem qualquer transgressão, a mamadeira.

Outras fazem justamente o contrário: o próprio bebê é quem marca a hora para ser alimentado. Das muitas mães, se acaso amamentam ao peito, permanece

cem escravidão dos filhos, ou se é dada a mamadeira, um trabalho insano as ocupa todo o dia.

Estas duas tendências são nocivas, e segundo muitos pediatras, o mais aconselhável é procurar estudar o recém-nascido, e dependendo de suas necessidades, fazer-se um horário melhor adaptado. Muito importante é que o bebê não chore, por muito tempo, de fome.

Tôda criança tem uma tendência natural em adquirir hábitos regulares, principalmente os relativos à alimentação.



Modo de colocar o bebê para arrotar

O intervalo entre as mamadas pode obedecer a um horário de 4 em 4 horas, ou de 3 em 3 horas. Nas Maternidades, o horário observado é de 4 em 4 horas, mas ao chegar em casa a própria mãe pode aumentá-lo ou diminuí-lo. Nunca deve, entretanto, ultrapassar o intervalo de 5 em 5 horas.

Vários casos podem apresentar-se. Seleccionamos aqui os mais frequentes. São eles:

— O tempo que deve haver entre uma mamadeira e outra.

No caso de um bebê, alimentado regularmente de 4 em 4 horas, acordar-se após 3 horas da última mamadeira, é mais do que certo que se encontra com fome. É preferível alimentá-lo novamente, em vez de

PUERICULTURA

esperar que se escôe a hora que ainda falta. Muitos bebês não podem manter o horário de 4 em 4 horas. Neste caso, passe para o de 3 em 3 horas.

Se ele acordar uma hora ou duas depois da última mamadeira, o mais certo é que não é por fome e, sim, por cólicas ou outro mal.

— O horário de 4 em 4 horas

O horário pode começar às 6 da manhã e depois, sucessivamente, mantendo-se um intervalo de 4 em 4 horas. A mamada das 2 horas da madrugada pode ser facultativa.

— O horário de 3 em 3 horas

Podê-se começar às 6 horas da manhã e depois em intervalos de 3 em 3 horas.

— O horário de 2 em 2 horas

Não é aconselhado, a não ser em casos muito especiais e sob contróle médico.

— A que horas deve ser dada a última mamadeira?

Alguns pediatras aconselham que a última mamadeira seja dada às 10 horas da noite. Entretanto, é a mãe quem melhor sabe a hora, pois pode ser dada um pouco antes ou um pouco depois desta hora. O importante é que o bebê só tome a seguinte mamadeira depois das 5,30 horas da manhã.

— O aumento do peso

Se tiver um desenvolvimento normal, o aumento de peso pode ser regulado pela tabela. Sabe-se que um bebê, que permanece calmo após ter tomado a sua mamadeira, demonstra que está recebendo o alimento na medida que lhe é necessária.

Há bebês de desenvolvimento rápido, e outros de desenvolvimento lento.

Os do último tipo necessitam ser levados, periodicamente, ao médico para contrôle.

PUERICULTURA

Para saber-se se o bebê está aumentando regularmente é preciso que seja tomado o seu peso todas as semanas.

— Quando o bebê recusa a mamadeira

As causas mais comuns da recusa da mamadeira são:

1.º) Quando o leite apresenta um gosto fortemente acentuado que pode ser ácido, açucarado em demasia, ou então, salgado.

2.º) Quando estiver quente demais ou muito frio; daí ser preciso sempre experimentar-se antes de dá-lo.

3.º) Quando o leite está muito espesso (dá-se quando se ajunta uma farinha), ou quando é demasiadamente fino.

4) Quando o bico está entupido, ou, então, apresenta um furo pequeno demais, que dificulta a saída do leite.

5.º) Deglutição de ar.

6.º) Posição incômoda.

Há outras causas de menor importância.

Quanto tempo pode a mamadeira ficar fora da geladeira sem ser usada?

A mamadeira, que estêve na geladeira e depois foi retirada, permanecendo muito tempo fora dela, não deve ser dada ao bebê. É aconselhável que logo que seja retirada seja colocada em banho-maria e dada ao bebê.

Sabe-se que o leite aquecido, ou permanecendo por muito tempo morno, possibilita o desenvolvimento de bactérias, que encontram, ali, um meio favorável ao rápido desenvolvimento.

Caso seja preciso levar a mamadeira, e dá-la daí umas duas horas, guarde-a dentro de uma sacola isolante.

§ 10 — A alimentação mista

Caso o leite de peito seja insuficiente é preciso completar-se com leite artificial.

Pode-se fazer da seguinte forma: uma mamadeira de leite em pó e outra de leite. Isto facilita as mães, que têm de se ausentarem de casa durante um certo período, e como têm leite de peito, podem manter o seu leite, ajudando-o com mamadeiras.

Outra maneira: completar cada mamada de peito com a mamadeira. Esta é mais demorada e complicada, pois, em geral, é preciso pesar o bebê, após ter mamado no peito para ver quanto falta.

As vezes este tipo de alimentação mista ajuda a vinda do leite, que é insuficiente nos primeiros dias.

O regime lactado restrito

Muitos pediatras recomendam o regime chamado do "regime lactado restrito" em oposição ao antigo regime lactado abundante e exclusivo, que tem como defeito principal acarretar problemas complexos, habitualmente chamados de "dispepsia do leite".

Este tipo de regime prevê a redução das doses de leite, antigamente muito abundantes, em proveito de outros alimentos, que têm por fim, trazendo maior variedade ao regime do lactente, fornecer todos os elementos dos quais o seu organismo tem necessidade, em proporções bem equilibradas, que corrigem, desta forma, as faltas do leite em pó.

Conselhos:

- a) é aconselhado dar um pouco de água entre as mamadas.
- b) Os sucos de laranja ou limão podem ser administrados desde o 1.º mês.

§ 11 — 2.º elemento: o sono

Este ponto é muito importante, e merece muita atenção por parte da mãe ou de quem cuide do bebê. Desde os primeiros dias de sua vida, o bebê deve dor-

mir a maior parte do tempo. Durante os primeiros 10 dias, deve acordar-se somente para tomar as mamadeiras ou mamar no peito. Nas semanas seguintes, deverá adormecer logo que termine de mamar, mas acordar-se-á uns 15 minutos ou uma meia hora antes da seguinte mamada. Se está mal regulado o horário, ele terá dificuldades digestivas e, então, acordar-se-á mais cedo e chorará.

Por volta do 10.º mês, não dormirá mais que duas ou três horas durante o dia.

Muitas vezes, uma criança dorme mal e chora mais por estar pouco ou demais alimentada. É preciso remediar isto, e o controle das mamadeiras é muito importante e deve-se seguir o pediatra, especialmente tratando-se do primeiro filho.

O sono tem grande importância, porque se a criança dorme mal e chora, o seu desenvolvimento não está processando-se regularmente, dentro da normalidade necessária.

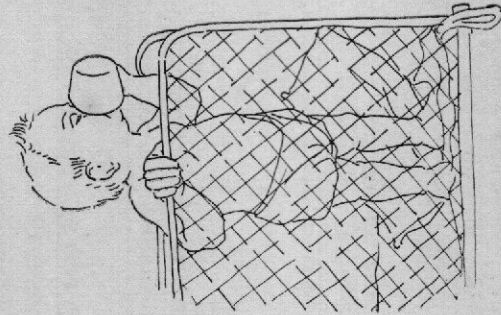
É um mau hábito o de embalar o bebê. Ele deve dormir só e no seu berço, ou na sua caminha. Todos os atos de sua vida rotineira devem ser cumpridos à mesma hora e dentro de regularidade.

Cuidados relativos ao sono:

- a) deve dormir só, na sua caminha ou no seu berço. A melhor posição para deitá-lo é de lado, nunca de frente. Varie, periodicamente, de um lado e outro para que não force os ossos da cabeça, que são ainda tenros.
- b) O período do sono deve ser respeitado; daí, não se deve fazer barulho nem ruídos fortes perto do quarto.
- c) Após ser colocado na cama, a luz deve ser apagada ou, então, ser mantida uma leve obscuridade.
- d) Devem ser evitadas as correntes de ar e luz muito forte.
- e) Não deixe no quarto vasos com flores, animais, muitos objetos, nem perfume o ar. Caso haja

moscas ou mosquitos, é aconselhável o uso de um leve cortinado ou mosquiteiro.

f) Não cubra muito o bebê, pois isto faz muitos déles transpirarem em demasia. Caso os suores sejam muito abundantes na cabeça, convém consultar o pediatra.



A cama guarnecida de grade é conveniente nos primeiros anos.

§ 12 — 3.º elemento: O choro e suas causas.

Reproduzimos este trecho do livro: "Guia das mães", do prof. G. A. Dolti, por especificar bem os diversos sentidos do choro do bebê. Diz o autor:

"O índice mais importante e característico das condições gerais da criança, desde os primeiros dias de vida, o mais freqüente e talvez o único revelador de perturbações do humor e do sistema nervoso é o **chôro**, que, diferente do choro mais razoável das idades ulteriores, consiste em gritos quase sempre precedidos de característico estado de inquietação ou agitação geral do corpo, parecendo querer suprir a impossibilidade ou dificuldade da criança dessa idade em exprimir o que sente, deseja ou necessita.

Já lembrei que é tendência bastante generalizada ver na fome e na sede as razões do choro do lactente. O principal motivo desta interpretação, feita pelos leigos, está no fato de que, se um lactente chora, dan-

do-se-lhe o seio, a chupeta ou a mamadeira, na maioria das vezes, o choro cessa, o que pode parecer que a criança chora de fome. Mas um contróle feito com a balança, e baseado nos critérios expostos a propósito das necessidades alimentares, mostrará, claramente, que tais crianças não devem ter necessidade de mais alimento, e que, ao contrário, o que entra em jogo para acalmá-las é o forte poder de distração ou de sugestão, que encerra o ato de sugar. Tanto isto é verdade que nós, médicos, algumas vezes, vemos, no consultório, infelizes crianças, que durante semanas não acusam nenhum crescimento, diminuindo mesmo de peso, e que, no entanto pouco choram, mantendo-se tranqüilas, agarradas, continuamente, a um seio, que não lhes fornece mais do que poucas gramas de leite em 24 horas.

Quantas vezes o choro tem causa em motivos muito diferentes. Entre esses, os primeiros a serem tomados em consideração devem ser as **dôres de estômago, dôres no corpo, de barriga ou cólicas**, que quase sempre não têm relação com a fome, mas com erros de alimentação (em grande número, de super-alimentação): a criança, em tais casos, chora logo após a alimentação; adormece, às vezes, dorme bem durante a primeira meia hora, para começar a queixar-se, gemendo, debatendo-se e pondo-se a gritar, de repente, podendo o seu rosto apresentar forte rubor. A criança cerra as mãozinhas, dobra os braços nos cotovelos e as pernas sobre o abdômen; pode encontrar um pouco de alívio, soltando gases, evacuando, rejeitando parte do alimento, ou mudando de posição. Pode aliviá-la, também, um simples clister de camomila (faz-se uma infusão de flores de camomila e, para crianças até um ano, aplica-se, no máximo, $\frac{1}{4}$ de litro, mesmo mais de uma vez, a pequenos intervalos). A causa do choro, outras vezes, é o frio, e neste caso é suficiente, para fazê-lo cessar, cobrir mais a criança ou cercá-la de bôlsas de água quente.

Picadas de agulhas ou insetos, fezes e urina, faixas apertadas, pregas das roupas ou contato com camisolinhas novas, que produzem pruridos, são também causas freqüentes de choro: e tanto isto é verdade que, não raro, cessam os gritos de um lactente

se o deixamos sem roupa, com todos os movimentos livres.

As **dôres de garganta e de ouvido** podem, por sua vez, provocar choro. Estas dôres são mais frequentes quando a criança está resfriada.

Dentre as causas que podem provocar choro, as mais difíceis de localizar são as **dôres articulares**, que em raríssimos casos também podem atingir os lactentes.

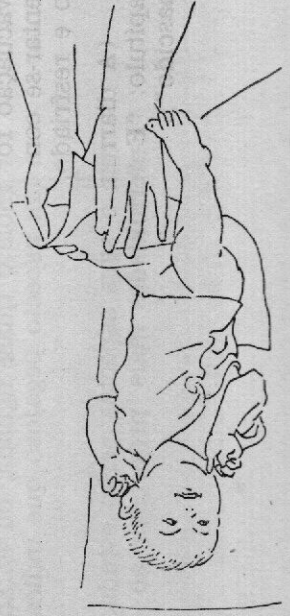
As vezes, desde os primeiros meses, a criança acorda chorando, depois de uma ou duas horas de sono normal; é comum que apresente, antes, um ou mais estremecimentos do corpo, como se estivesse com um sonho angustiante. No lactente, o sonho pode ter relações com digestão difícil, ou com aquela sensação de pesadelo que, às vezes, na segunda infância, tem as características de **terror noturno**. Em tais casos, é bom verificar se não está havendo o curso da **hipertrofia das amígdalas**, que pode ser congênita ou mais pronunciada por carácter hereditário; se existem **vegetações adenóides**, que consistem na hipertrofia da terceira amígdala, situada na volta da faringe, e que pode provocar distúrbios, também na primeira infância.

Outra razão à qual se atribui o choro, principalmente em crianças com mais de seis meses de vida, é a **birra**. Crianças há que já no terceiro ou quarto mês manifestam certo grau de prepotência, pondo-se a gritar pela mais insignificante ocorrência, demonstrando uma vontade excepcional, e parando de chorar, imediatamente, se as tomarmos ao colo, mesmo não lhes mudando a posição. Trata-se, em geral, de crianças mal acostumadas. Mesmo devendo-se partir do princípio de que a criança, com um pouco de boa vontade e firmeza, é facilmente educável, é de ver, em todas as circunstâncias, procurar sempre, com cuidado, todas as outras possíveis causas do choro, antes de agirmos como se deve, diante de casos de **birra**. É preciso não esquecer que é em geral muito cômodo aceitar a **birra** como causa do choro, e que assim se pode deixar de procurar os verdadeiros motivos de inquietação da criança.

§ 13 — O uso da chupeta

É muito difícil responder se deve ou não ser dada a chupeta (bico), pois as opiniões, tanto de médicos como de psicólogos, variam bastante.

O que se pode dizer é que a chupeta representa, para crianças nervosas que choram muito e se agitam, um bom sedativo. Caso não seja dada, estas crianças irão chupar o dedo, o que não é nada aconselhável.



Colocando fraldas no bebê.

Sendo dada a chupeta, é preciso mantê-la sempre limpa, fervendo-a constantemente, e guardando-a quando não estiver em uso.

Logo que fôr possível, é aconselhável retirá-la do bebê. Entretanto, há os que se acostumam tanto que se torna uma verdadeira odisséia para os pais retirá-la da circulação.

Aconselhamos às mães que procurem criar os filhos sem o uso da chupeta, pois, na maioria dos casos, pode ser muito bem dispensada.

§ 14 — 4.º elemento: a eliminação

Nos primeiros dias, a evacuação do bebê apresenta-se com uma cor verde, semelhante ao alcatrão e de aspecto pegajoso. Isto é devido à atuação do colostro nos intestinos, favorecendo, assim, a eliminação do mecônio ali depositado. Já no 4.º dia, desaparecerá com o início da lactação. Então, evacuará fezes

amarelas de consistência homogênea. Os intestinos do bebê amamentado **ao peito** funcionam diversas vezes ao dia. Há casos de uma só evacuação ao dia, e às vezes, prolongar-se sem evacuação dois ou três dias. Caso esteja sendo alimentado ao peito, não se deve dar importância a tal fato. Tratando-se de **alimentação artificial**, os excrementos são brancos amarelados, e bem formados. É comum duas ou mais evacuações por dia, chegando, às vezes, a 6 por dia.

Deve-se ficar de sobreaviso no momento que a evacuação fôr mole e quase aguada, ou então, apresentar-se com um aspecto pegajoso que indica catarro e resfriado.

(A diarreia e seus aspectos serão estudados no capítulo: "Enfermidades mais propensas ao recém-nascido").

5.º CAPÍTULO

§ 1 — Cuidados higiênicos diários

O recém-nascido necessita de cuidados higiênicos diários. Entre eles, está um dos mais importantes: o **banho**.

O banho deve ser diário para serem facilitadas as duas principais funções da epiderme; a respiração e a eliminação.

A hora do banho pode variar, mas, geralmente, é aconselhado ser dado na parte da manhã, antes da 2.ª mamada, ou, então, à noite, antes da última mamada.

A maioria dos bebês revela agradabilidade, quando imersos na água tépida, mas nem por isto o banho deve ser prolongado. Que tenha no máximo, uma duração de 3 a 4 minutos.

Antes do banho é preciso dispor-se à mão todos os utensílios que vão ser usados, como:

— um sabonete neutro e suave; uma esponja; um pó secativo e antisséptico; uma toalha suave e esponsosa. A banheira deve ser de uso exclusivo do bebê. A água deve ser fervida na temperatura de 35°. Para verificar-se como está, imerge-se a palma da mão ou o cotovelo na água, e sentir-se-á exatamente a temperatura em que ela se encontra.

— Deve-se segurar o bebê com firmeza e cuidado. Passa-se a mão esquerda pela sua nuca, sustentando, desta forma, a cabecinha e indo agarrá-lo em baixo do braço. Com a direita, lava-se, primeiramente, o rosto, ensaboa-se o corpo e, por fim, a cabeça.

PUERICULTURA

A cabeça pode ser lavada umas 3 vezes por semana ou, então, diariamente. Tome cuidado com a moelira. Após isto, dê uma volta no bebê, e lave as costas e as suas pernas. Logo em seguida pode ser retirado da água, e enxugado com uma toalha, que já deve estar preparada.

— Seca-se o bebê com suavidade e em pequenos golpes. Não deve esfregar-se a toalha, pois isto irritaria a sua pele. Muita atenção às dobras do seu corpo, que devem ficar bem secas, evitando, assim, as rachaduras.

Ao lhe ser dado o banho, é preciso evitar que escoregue dos braços de quem o segura, pois isto lhe provocaria um susto e, conseqüentemente, o "medo do banho", que traz consigo aspectos muito desagradáveis, não só à criança, mas, também, a muitas mães que sofrem verdadeiras crises de nervosismo ao se aproximar a hora do banho diário do bebê.

§ 2 — Banhos de óleo

São aconselháveis, quando o umbigo ainda está cicatrizando ou o bebê encontra-se resfriado. Neste caso, passa-se um algodão embebido em óleo, em movimentos rápidos, realizando uma ligeira massagem, e veste-se o bebê logo depois.

§ 3 — Trocar o bebê.

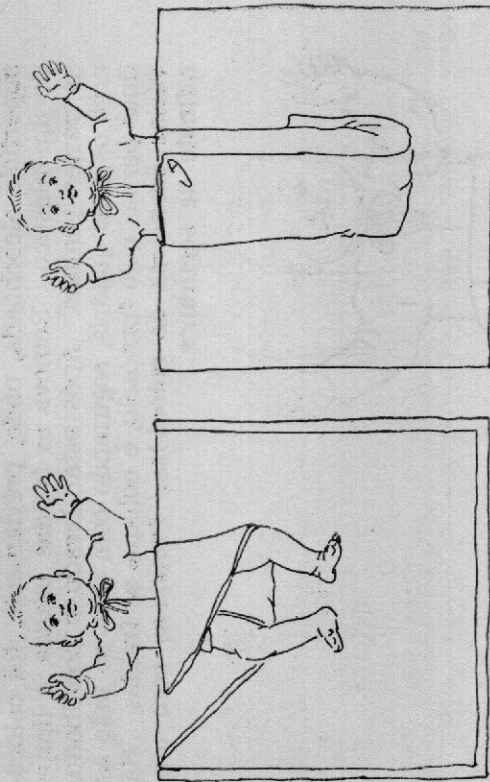
Para os recém-nascidos, é costume usar-se duas fraldas e, por cima, enrolá-lo no cueiro. Não é aconselhável já no 1.º mês o uso de calcinhas de plástico ou de nylon.

Já expusemos em capítulo anterior os cuidados relativos à desinfecção das fraldas e cueiros, pois é muito comum aparecerem nas nádegas e no ventre dos recém-nascidos certas regiões ásperas e avermelhadas. Isto é devido à sensibilidade da pele em contato com a urina. Para trocar o bebê, faz-se o seguinte:

Retiram-se as fraldas usadas e lava-se a região com água morna, seca-se bem, e polvilha-se um talco

PUERICULTURA

antisséptico. Caso seja preciso usar alguma pomada, aplica-se uma pequena quantidade na região afetada.



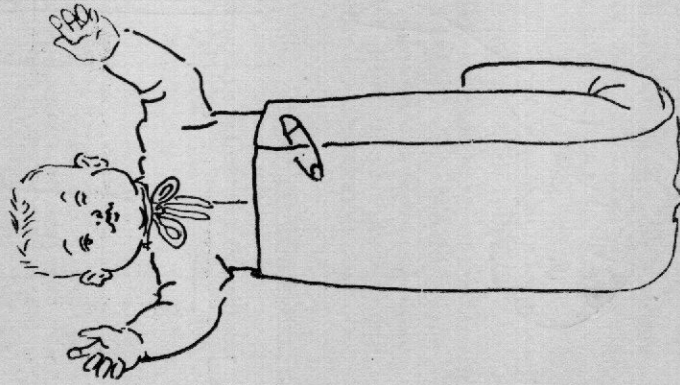
Como se colocam as fraldas no bebê.

As fraldas devem ser mantidas até o 1.º ano, e às vezes até mais tarde, dependendo de se a criança se acostuma ou não a usar o urinol.

As fraldas devem ser amplas e de uma fazenda absorvente.

Conselhos necessários:

— ao trocar o bebê, coloque-o antes deitado numa superfície alcochoada, onde, previamente, foi colocado um plástico. Remova as fraldas usadas, e limpe as partes genitais. Após estar lavado e polvilhado, erga os seus quadris, segurando com uma só mão as duas pernas pelo tornozelo, e coloque as fraldas. Há várias maneiras de colocá-las. Prenda-as com um alfinete de segurança.



Como se colocam as fraldas no bebê.

— Ao colocar o alfinete, faça-o de forma que o seu dedo fique sempre entre as fraldas e a pele do bebê, de forma a resguardá-lo de uma possível picada. Coloque o alfinete sempre voltado para o bebê do modo que, caso se abra, não fira a pele.

— Troque de fraldas constantemente. Não o deixe ficar por muito tempo molhado.

6.º CAPÍTULO

Enfermidades mais propensas ao recém-nascido

§ 1 — Asfixia

Muitos pais preocupam-se com a idéia de que o filho possa morrer asfixiado quando dorme. Entretanto, a opinião médica acredita que a morte súbita de um bebê, o que raramente acontece, é motivada por uma crise repentina de alguma doença do que por asfixia.

Aconselha-se às mães a usar para os filhos um colchão duro (os de crina são os melhores) e não colocar travesseiro na cama. As roupas de cama devem ser bem presas de ambos os lados, de forma que o bebê não possa puxá-las sobre si.

É interessante verificar sempre a sua posição na cama ou no berço, principalmente quando estiver doente. Algumas vezes pode acontecer de encontrar-se tão debilitado, que perca a habilidade normal de levantar a cabeça.

Colocar a criança no leito materno é muito perigoso. Vários casos já se deram de crianças morrerem asfixiadas, durante o sono dos pais.

§ 2 — Borbulhas na pele

É comum aparecerem nos períodos de grande calor. Tomam a forma de pequenas manchas e pontinhos avermelhados, que aparecem no pescoço e nos ombros, formando, às vezes, pequenas bólhas. Em

PUERICULTURA

certos casos, estendem-se até à cabeça, peito e costas. Podem ser tratadas da seguinte forma: molha-se um algodão numa solução de bicarbonato de sódio, e passa-se ligeiramente pela parte afetada. Também é aconselhável o uso de talco de boa qualidade e mesmo de maisena.

§ 3 — Cólicas

Os bebês de poucos dias apresentam comumente estes sintomas: encolhem as perninhas, o rosto congestiona-se e o abdômen fica duro e tenso. E costumam, também, chorarem sempre por volta da mesma hora, ou depois de terem ingerido a mamadeira. Pode-se, neste caso, dizer com certeza quase absoluta, que sofre de cólicas, chamado vulgarmente de "dor de barriga". As causas são variadas, e entre elas se encontram as seguintes: o leite não senta bem; falta ou excesso de alimentação; gases; frio; fadiga; muita agitação e ruídos fortes e persistentes.

§ 4 — Convulsões

As causas das convulsões são muito variadas, e somente o pediatra está apto em determiná-las, proporcionando, assim, o tratamento adequado. Em geral, as convulsões são associadas à febre muito alta. Apresentam-se com características variadas, sendo que, nos bebês, aparecem movimentos espasmódicos e revirar de olhos.

§ 5 — Crostas de leite

Alguns bebês apresentam crostas no couro cabeludo, que resultam da secreção de pequenas glândulas. A crosta apresenta-se com uma cor amarelenta e de aparência graxosa. São difíceis de eliminar, pois, muitas vezes, voltam a aparecer novamente. O que se deve fazer é passar, primeiramente, no couro cabeludo, um pouco de vaselina, azeite mineral ou óleo, e, após algumas massagens (feitas de leve), lava-se, pela manhã, a cabeça e, em poucos dias, seguindo este tratamento, a crosta terá desaparecido. É necessário levar-se em conta que muitas vezes pode ser outra a

PUERICULTURA

origem destas crostas e só o pediatra está apto a determinar o tratamento, principalmente se o bebê tem predisposição a eczemas.

§ 6 — Diarréia

Reproduzimos do livro *A vida do bebê*: "A evacuação normal é de fezes pastosas, de tom amarelo cor de ovo, e cheiro ácido, exonerando o intestino 2 a 4 vezes por dia. Entende-se por diarréia a evacuação freqüente, mais ou menos líquida, havendo todas as variações possíveis em número e aspecto. Existem evacuações às vezes não líquidas e nem eliminadas com freqüência; são grumosas, de cor verde ou escura, e que cheiram mal; são fezes disépticas. Existem outras com pus, sangue e gleras (idênticas à clara de ovo), são as disenterícas.

Na questão de diarréias, dois fatores orientam o raciocínio: 1.º, a alimentação em vigor; 2.º o estado geral da criança".

Quando o bebê é alimentado ao seio, a diarréia é sempre benigna, e só excepcionalmente, mas muito excepcionalmente, é grave. Já com a alimentação artificial, o caso é diferente. Toda diarréia em criança, com alimentação artificial, exclusiva ou mista, deve ser considerada com rigor, tanto maior quanto menor em idade for a criança.

O estado geral do pacientezinho é mais importante do que o aspecto das fezes. A diarréia, que compromete o estado geral da criança, abatendo-a, deixando-a "caidinha", é sempre grave, embora a freqüência e o aspecto das fezes possam parecer os melhores possíveis, com ausência de sangue, catarro, etc. E, ao contrário, quando as crianças se mantêm alegres e bem dispostas, apesar da diarréia e do mau aspecto, tudo promete correr da melhor maneira possível.

Diarréia dos recém-nascidos. É freqüente, logo nos primeiros dias, quando se inicia a alimentação pelo leite humano, apresentar o pequerrucho fezes diarréicas, evacuando todas as vezes que é pôsto ao seio. Isto acontece por ter o leite de peito, logo no início da sua secreção, ação laxativa, ação esta benéfica a

princípio, pois evita o uso dos purgantes para o recém-nascido expelir o "ferrado". Pode acontecer, entretanto, que esta propriedade se prolongue mais do que seja útil, provocando a diarreia.

Este tipo de diarreia é muito fácil de se curar. Basta alcalinizar o intestino com águas próprias (Vichy, Prata), dando uma colher das de chá de hora em hora. Dá excelentes resultados administrar $\frac{1}{2}$ colher, das de chá, de Meigór, dissolvida em 1 colher, das de sopa, de leite de peito ordenhado, antes das mamadeiras, 2 a 3 vezes por dia.

Em outras ocasiões, pode ser produzida por super-alimentação, bastando aumentar os intervalos (de 3 em 3 horas, passar a 4 em 4 horas), para corrigi-la. Uma modalidade de diarreia observada é a chamada alérgica; isto é, devida à constituição do bebê, com tendência a exsudação (umidade). Tudo pode estar correto: alimentação, horário, método de vida, etc... e, no entanto, a criança apresentar diarreia.

Na alimentação artificial, sempre que se verificar diarreia, deve a mãe suspender a alimentação, dar 100 a 150 gramas de água ou chá, e pedir a intervenção do especialista, deixando o tratamento por conta e risco deste.

Durante o 1.º ano de vida uma causa frequente é a febre, consequência de gripes, resfriados, bronquites, etc..., e basta abaxar a febre e corrigir a infecção, para melhorar imediatamente o estado intestinal.

Diarreia verde — A diarreia, quando tem coloração verde, é extraordinariamente temida pelas mães e, no entanto, ela é das mais benignas. Sua cor verde é devida à bile, que se transforma em biliverdina, observada nos casos em que o trânsito intestinal está aumentado, não trazendo infecção alguma ou portão maior.

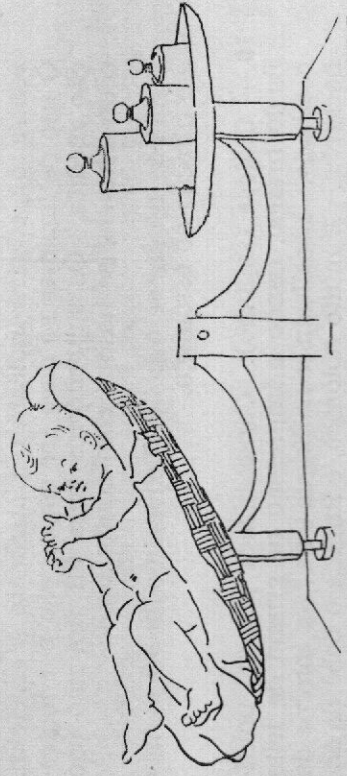
Catarro nas fezes é sinal de inflamação intestinal. O médico deve ser comunicado.

As evacuações expostas ao ar podem ficar verdes, tal fato é destituído de qualquer importância.

Pequenas estrias de sangue vivo nas fezes, sem diarreia e febre, são, geralmente, provocadas pelas rachaduras do ânus."

§ 7 — **Dor de ouvido.** É muito comum em bebês e também em crianças maiores. Deve-se usar o remédio indicado pelo pediatra, pois muitos não são aconselháveis, principalmente para o recém-nascido.

É crença comum que o leite materno melhora a dor. Para isto a mãe, que está amamentando, pode pingar uma ou duas gotas de leite em cada ouvido doente.



Pesando o bebê

Espasmos de soluço. O soluço é muito frequente no lactente desde os primeiros dias de vida. Não se sabe ainda o que o provoca. Acredita-se ser devido a uma contração simultânea e rápida do diafragma e dos músculos abdominais. Não apresenta nenhum perigo, apesar de muitas pessoas acreditarem que cansa em demasia e manifesta algo que não vai bem no recém-nascido. Já quanto, ao espasmo, também não é importante. Caso se apresente com frequência, deve ser consultado o pediatra. Em geral, quando se dá, o bebê retém a respiração, fica avermelhado, e, muitas vezes toma até um tom arroxeado.

Para fazer o soluço passar deve-se administrar um pouco de água, e mudar as fraldas. Colocar o bebê de bruços é também aconselhável.

PUERICULTURA

§ 8 — **Vômito.** O bebê, que vomita com força, encolhendo as pernas devido aos espasmos estomacais, deve ser prontamente levado ao médico. Em geral o vômito indica que o alimento não foi bem absorvido. Caso se dê um acidentalmente dá-se um pouco de água ou um chá de erva doce. Não há perigo. Caso se dê repetidamente, é preciso consultar o médico.

§ 9 — **Prisão de ventre.** A prisão de ventre é muito frequente no 1.º mês de vida, e não apresenta grande perigo.

Caso o bebê sofra constantemente de prisão de ventre, o pediatra indicará o tratamento a ser feito. O uso de laxantes só deve ser empregado por indicação médica. Os supositórios para tal fim não são aconselháveis, se usados com continuidade.

Pode ajudar-se o bebê, flexionando-lhe as pernas em direção ao estômago.

§ 10 — **Oidiose (sapinho).** Caracteriza-se por um pontilhado branco, dando a impressão de grumo de leite coagulado. Localizam-se na língua e na face interna da bochecha. É muito doloroso, e impede o bebê de sugar o seio ou a mamadeira. É mais comum aparecer no 1.º mês, devido à pouca secreção das glândulas salivares. O tratamento é feito da seguinte forma: pulveriza-se de hora em hora, na boca do bebê, uma pitada de bicarbonato de sódio e anestésina em partes iguais, 3 gramas. Deve-se também dar água de Vichy, São Lourenço, Prata, etc., na média de uma colher das de chá de 30 em 30 minutos.

§ 11 — **Resfriados** — O meio pelo qual se propaga o resfriado é o contágio. O bebê de forma nenhuma deve ser levado à presença de pessoas que se encontram com esta enfermidade. Caso seja a mãe ou quem cuide dele, que se encontra assim, deve usar uma máscara, que cubra o nariz e a boca.

No caso de **bronquites**, principalmente em bebês de menos de 6 meses, deve ser tratado logo no início. Há muita facilidade de tornar-se uma **bronquite capilar** (catarro sufocante). Se o bebê tossir e tiver fe-

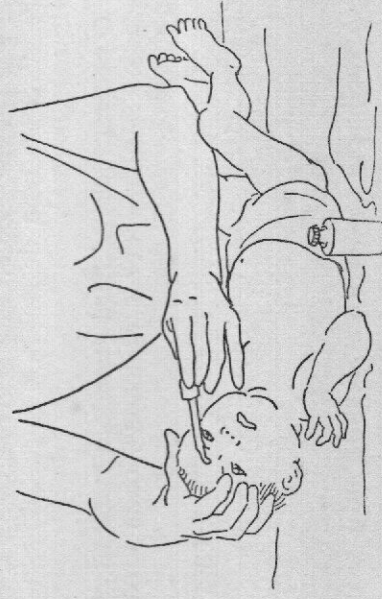
PUERICULTURA

bre, deve pedir-se a intervenção médica. Não se deve dar xaropes, pois são muitos condenados, principalmente antes do bebê fazer 1 ano.

§ 12 — **As doenças da pele.** São várias. Trataremos aqui das mais comuns. Entre elas, temos: a **brotoeja**, que é devido ao calor e à má ventilação. Dá grande prurido (coceira) e torna o bebê manhoso e irritado. Deve-se colocar o bebê em lugar fresco, com pouca roupa, e dar-lhe dois banhos por dia. É aconselhável usar-se creme Johnson, e talco inerte.

§ 13 — **Urticaria:** apresenta-se em placas de cor róseo-vermelha, que dá uma grande coceira. O médico dirá o que se deve pôr.

§ 14 — **Eczema:** a causa da eczema reside na alergia do bebê. O mais indicado é manter muita higiene, evitar o uso de lã, nylon, seda em contacto com a pele.



Como colocar colírio nos olhos do bebê.

§ 15 — **A sub e a super-alimentação**

Certos sintomas, como: perda do peso, prisão de ventre constante, chôro, estados de inquietude, podem ser manifestações de uma má alimentação.

Podem dar-se dois casos:

1.º) o da **sub-alimentação:** é preciso agir sem demora, completando a ração do bebê com uma mama-

deira extra. Se está sendo alimentado no peito, dá-se uma mamadeira de leite artificial. Caso seja a mamadeira que está com medida insuficiente, aumenta-se a proporção dos elementos que nela entram. Nem sempre é o volume que está fazendo falta e, sim, uma maior quantidade de certos alimentos indispensáveis como: gordura, proteínas, vitaminas.

2.º — O da **super-alimentação**: aparece, em geral, vômitos e diarreia. Neste caso deve ser diminuída a quantidade dada.

Tôdas as mães devem saber que um bebê muito gordo está mais predisposto a certas enfermidades do que outro bebê mais magro. A gordura não quer dizer saúde.

§ 16 — A vacina tríplice (contra coqueluche — tétano — difteria) —

Pode ser dada no 5.º mês de vida, desde que o bebê se encontre bem de saúde, e apresente um desenvolvimento normal.

O pediatra aconselhará **quando e como** deverá ser aplicada. São três doses aplicadas, cada uma, com uma diferença de 30 dias.

Quando o bebê tiver doenças do aparelho respiratório, do sistema nervoso, da pele, e durante epidemias de paralisia infantil não deve receber a dose da vacina tríplice.

A vacinação contra a paralisia infantil

A vacina contra a paralisia infantil é muito necessária, e deve ser dada desde os primeiros meses de vida. Segundo alguns pediatras, a 1.ª dose pode ser dada desde o 3.º mês, e segundo outros, só no 8.º mês.

Quando houver um surto agudo de epidemia, ela pode ser aplicada ao mesmo tempo que outras vacinas, mas é preciso ter muito cuidado em não aplicá-la na mesma região do corpo em que a outra foi dada.

É contra indicada nos seguintes casos: bebês alérgicos à penicilina e à estreptomicina; estados febris

ou de doença grave. Fica, entretanto, a critério do pediatra que trata da criança, a época em que deve ser aplicada.

§ 17 — Como controlar as evacuações do bebê

É muito necessário fazer o bebê aprender a evacuar num lugar apropriado. Segundo muitos pediatras, já no 8.º mês de vida, o bebê pode ser levado, diariamente, ao urinol e mantido ali por uns dois ou três minutos.

Há bebês que não evacuam em horas certas; nestes casos é bem mais difícil conseguir deles a regularidade deste ato.

Sempre que demonstrar seriedade, vermelhidão e realizar esforço, é o momento de tirar-lhe as fraldas, rapidamente, e levá-lo ao urinol. Caso já tenha evacuado, faça-o permanecer ali uns dois minutos, de forma que com o decorrer deste ato chegue a associar um com o outro.

Como o bebê com esta idade não consegue manter-se sentado sozinho, é preciso segurá-lo.

Não é aconselhável, e mesmo, altamente pernicioso, o hábito de certas mães ou amas de quererem obrigar o bebê por meio de ameaças ou palavras ríspidas a realizarem suas evacuações no urinol. Também o elogio desmesurado e carinho efusivo são prejudiciais. É preferível uma simples palavra de elogio.

Quando bem habituado, o bebê de 15 meses evacuará normalmente, usando o urinol. Entretanto, é preciso notar-se que há crianças que chegam aos dois anos e não o conseguem sempre. Neste caso, a mãe, em hipótese alguma, deve ser ríspida e, sim, procurar, sempre com calma e boa vontade, que ela consiga realizar esta função no urinol.

Bebês amarelos

Certos bebês, por volta do 10.º mês, apresentam uma tonalidade amarelada, principalmente nas asas do nariz, nas palmas e plantas dos pés. Isto se deve

aos alimentos de cor vermelha, como cenoura, abóbora, tomate, etc., não serem bem digeridos.

Cheiro de amônia na urina

É comum exalar-se das fraldas retiradas um forte cheiro de amônia. Em geral, atribui-se à urina e à alimentação usada, mas a verdadeira causa é a própria fralda, que não foi devidamente esterilizada. Sabese que a urina ao ser atacada por certas bactérias contidas nas fraldas, não bem limpas, solta um forte cheiro de amônia. Isto irrita a pele do bebê, acabando por originar uma assadura.

§ 18 — Sintetizando pode-se ainda dizer que os primeiros dias de vida do recém-nascido são compartilhados entre prolongados períodos de sono e breves períodos de vigília. Diz-se, comumente, que “o recém-nascido dorme o tempo todo, só acordando para comer”.

Com o passar das semanas, os períodos se tornam irregulares, e é comum que acorde antes da hora marcada para a seguinte mamada.

Fisicamente, o bebê apresenta-se com estas características: é desproporcionado, pois seu tórax é estreito, e o seu abdômen tem uma forma bojuda. Seus braços e pernas são magros e compridos, e sua cabeça muito grande. A pele apresenta, geralmente, uma cor avermelhada e de aspecto enrugado. Seus olhos são de cor azul ardósia e se movimentam em todas as direções, mas não focalizam. Como dissemos, ele percebe só manchas e claridade forte.

Seus braços e pernas começam a engordar com o passar das primeiras semanas, mas suas mãos são dotadas, desde os primeiros dias, de uma grande força. É possível ao bebê agarrar um objecto com muita firmeza. Normalmente, manterá as mãos cerradas e os braços encolhidos junto ao corpo.

Seu único contato com o mundo exterior manifesta-se através do seu instinto de sucção, do qual depende a sua sobrevivência. Realmente, o único instinto com que já vem dotado o homem ao nascer é o da sucção.

Ao tocar-se em qualquer região do seu corpo, reagirá com contrações prolongadas, porque seu sistema nervoso ainda se encontra pouco desenvolvido.

Seus primeiros gritos são fortes e muitas vezes roucos. Não tem lágrimas, porque o canal lacrimal ainda não está desenvolvido completamente.

Com o passar dos dias, seu sono começa a apresentar certa regularidade, assim como o seu apetite. É aconselhável que lhe seja dado água nos intervalos das refeições.

Os pais têm de ter sempre em mente que as “normas de crescimento” são muito variáveis, daí haver bebês que adquirem peso rapidamente; outros crescem muito; uns se sustentam em pé com facilidade, etc. O mesmo se verificará no processo mental. Daí terem os pais uma grande tarefa: proporcionar os cuidados físicos necessários ao desenvolvimento da criança, como atuar no seu aprendizado e dirigir suas relações sociais.

7.º CAPÍTULO

§ 1 — O primeiro mês de vida — Segundo muitos pediatras, quando o recém-nascido atinge os seus primeiros 30 dias de vida, entra na fase de lactente. Caracteriza-se esta fase por varios aspectos:

A tabela para o bebê de 30 dias é:

	Meninos	Meninas
Pêso	4.250 grs.	4.050 grs.
Estatura	55 cms	54 cms.
Aumento mensal	750 grs.	750 grs.

Características gerais

Nos primeiros 30 dias, a criança é considerada como recém-nascida. Após este período entrará na fase de bebê, propriamente dita.

O **pêso** deve ter aumentado após as 2 primeiras semanas, dentro do estabelecido na tabela. Como já vimos, a perda de pêso, verificada logo após o nascimento, é normal, mas logo deve ser compensada por um aumento progressivo.

As carnes devem dar uma sensação de firmeza quando apertadas levemente. Os bebês muito "balofos", super alimentados ou que retêm água com facilidade; ou o oposto, "os magrinhos" ou desidratadas, são dois casos extremos, que merecem a atenção médica.

A **côr**, que ao nascer era levemente avermelhada passa à uma coloração rósea. Crianças que apresen-

tam uma cor azulada, descorada, manifestam distúrbios interiores.

O apetite é a maneira pela qual o bebê suga o peito ou toma a mamadeira. Alguns o fazem com rapidez e intensidade, e outros com calma. Há lactentes que não aceitam a quantidade de leite indicada pela tabela e outros, justamente o contrário, sentem necessidade de mais um pouco. Realmente, o que importa, para saber se a alimentação está sendo suficiente, é que o aumento de peso seja progressivo.

O sono deve ser tranqüilo e de longos períodos. O bebê, que se encontra doente ou mal alimentado, dorme pouco e está sempre agitado. O bebê de desenvolvimento normal está sempre de bom humor e é imune às infecções.

A alimentação para o bebê de 30 dias

Mamará de 3 em 3 horas ou de 4 em 4, de acordo com o horário, que mais lhe for conveniente. O volume de leite ingerido, em média, é de 100 a 120 grs. em cada mamada, chegando, assim, a perfazer um total de 600 a 750 grs. diárias.

Grande número de bebês não admite a quantidade acima indicada, uns por terem necessidade de maior quantidade, e outros, justamente o contrário. Por isso, deve-se seguir, sempre que possível, a medida indicada pelo pediatra.

Se os sucos devem ou não ser administrados, é o pediatra quem os dirá. Muitos são do parecer que não há necessidade, principalmente se o bebê está sendo alimentado ao peito.

O comportamento diário do bebê

É possível perceber-se num bebê de 30 dias a respiração mais profunda e regular quando dorme, o que não se verificava nos primeiros dias de vida. O seu sono, em geral é profundo, e adormece logo após a mamada. Repele o seio ou a mamadeira, logo que o sono se associe à saciedade. Se por acaso ficar acordado após a mamada, pode ser que chore antes de voltar a adormecer.

PUERICULTURA

Ao acordar, chora, porém acalma-se logo que lhe forem mudadas as fraldas.

Após ter sido alimentado, esboça, às vezes, vagos sorrisos, chamados de "sorrisos beatíficos", que se dão devido a um relaxamento da musculatura facial.

Não confundir com o "sorriso" que se manifesta só mais tarde.

A evacuação já deve estar normalizada. Sabe succionar perfeitamente. Nos primeiros dias, é comum observar-se uma falta de adequação no ato de levar o leite ao estômago, o que ocasiona, geralmente, uma ligeira asfixia e, conseqüentemente, a tosse. Já no fim da 1.^a semana de vida, tratando-se de bebês normais, há uma sincronização alternante do ritmo respiratório com o da sucção.

Sendo alimentado no peito, a mãe deve ter sempre em regra o seguinte: alterar a ordem de sucção dos dois seios no ato da amamentação, visto que a primeira mamada é mais eficiente que a segunda.

Sua posição característica, quando deitado, é com a cabeça inclinada para um dos lados, um braço estendido e o outro dobrado em direção do ombro. Quanto às mãos, estas permanecem a maior parte do tempo junto ao corpo. Deitado de bruços, é capaz de levantar a cabeça do travesseiro.

Já percebe certos sons, principalmente os muito fortes e agudos, que chegam, muitas vezes, a provocar-lhe estremecimentos.

Cuidados higiênicos

O banho deve ser diário e, em média, não ultrapassar de 3 minutos.

O sono deve ser respeitado. Em regra geral dormirá durante quase as 24 horas, só acordando para receber o alimento.

É aconselhado manter o bebê sempre no mesmo quarto. Alguns pediatras, entretanto, aconselham que o 1.^o passeio já pode ser feito na 3.^a semana.

Deve-se tomar muito cuidado em não deixar outras crianças ou adultos tocarem e segurarem o bebê. O costume, aliás muito difundido, de beijar as mãos ou o rosto do bebê é muito prejudicial, pois sabe-se que a garganta humana é um foco de micróbios de fácil transmissão num contato bucal.

Quanto à roupa a ser usada, é costume, seguido por muitas mães, de manter o cueiro até o 2.º mês. As faixas devem ser abolidas o mais cedo possível, e muitos médicos são contra o seu uso desde os primeiros dias de vida.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Agarra um objeto. Faz-se a seguinte prova: colocar o dedo indicador na palma aberta do bebê, e ele rapidamente cerrará sua mãozinha, segurando o dedo.

Já consegue comandar o pescoço, preferindo colocar a cabeça em posição de lado.

Começa a dirigir o olhar. Presta atenção a uma fisionomia que se aproxima. Os pequenos músculos, que permitem a mobilidade dos glóbulos oculares, já começam a dirigir-se. Pode fixar o olhar no que se encontra próximo, porém ainda não tem o domínio da direção. Seu campo visual é de 90°. É atraído por objetos brilhantes.

Segundo muitos estudiosos, a sensibilidade é ainda muito difusa, não havendo, portanto, uma referência topológica. Dos sentidos, entretanto, o mais ativo, é o da visão.

Outro sentido que começará a manifestar-se com certa intensidade é o do **olfato**. Varia muito individualmente, mas, de certa forma, pode-se dizer que o bebê conhece o "cheiro" da mãe.

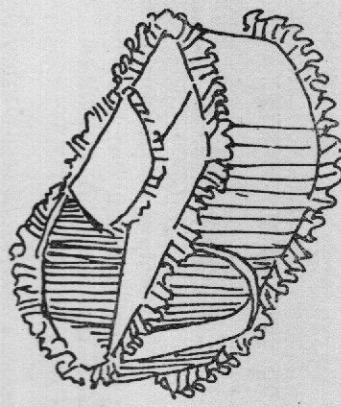
Sintetizando: haverá um crescente desenvolvimento do lactente neste primeiro mês. Quando nas primeiras semanas, a atividade se concentrava em torno da região bucal, a mais importante, devido ao ato da sucção, começará, então, a processar-se cada vez mais a **função visual**. O processo de estrutura-

ção configuracional inicia-se no fim do 1.º mês. Ao mesmo tempo, a mobilidade crescente das mãos, as quais, ao entrarem em contato com os objetos do mundo exterior, darão ao bebê o conhecimento tátil necessário, o qual, posteriormente, formará com a visão uma nova unidade.

O passeio do bebê

As primeiras saídas do bebê devem ser feitas quando o tempo estiver bom, com uma temperatura acima de 20° e o ar seco. Os primeiros passeios devem ser curtos, aumentando com o passar das semanas. É preciso que o bebê se acostume a eles, aos poucos.

No verão, deve-se sair antes das 11 horas da manhã e pela tarde, depois das 4 horas. Quando o sol estiver muito forte não é aconselhável levar o bebê a passear, assim como ao cair da tarde, quando muda a temperatura.



Bercinho portátil ou "moisés".

Nos dias mais frios, o horário pode ser transferido para o período das 11 às 3 horas.

Quando não for possível sair com o bebê, deve-se deixá-lo ante uma janela aberta, onde possa respirar ar puro e receber, se possível, um pouco de sol (com 3 meses, antes não é aconselhável).

O bebê deve ir no seu carrinho, e nos primeiros meses não deve haver muita trepidação, pois é prejudicial. Quando já puder ir sentado, pode-se aumentar o tempo do seu passeio.

PUERICULTURA

§ 2 — O 2.º mês de vida

Tabela para o bebê de 60 dias é:

	Meninos	Meninas
Pêso	5.000 grs.	4.800 grs.
Estatuta	57 cms.	55 cms.
Aumento mensal	750 grs.	750 grs.

Os cuidados higiênicos a serem mantidos são os mesmos que os do 1.º mês. O bebê de 60 dias apresenta as seguintes características:

— **cabeça achatada** — do 2.º mês até o 4.º, o bebê pode apresentar, devido à posição constantemente deitada, a cabeça achatada na parte posterior.

Deve ser aconselhado às mães que deitem o bebê, alternando um lado com o outro. Deitar o bebê de frente não é aconselhado, pois há possibilidade de asfixia devido a um vômito.

— **Tremor de queixo** — é muito comum, principalmente quando são despidos ou imersos n'água. Isto é um sintoma de excitação e não de frio, como em geral se pensa.

A alimentação no 2.º mês

O que diferenciara do 1.º mês, será o volume de leite ingerido que aumentará para 125 grs. em cada mamada.

Caso seja indicado pelo pediatra, poderá ser dado o suco de laranja, de tomate ou de limão.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Dos sentidos o que apresentará maior desenvolvimento será ainda o da visão. Acompanha um objeto que se movimenta.

Ao ouvir um ruído, volve a cabeça.

Vocaliza alguns sons como Ah... He... etc.

PUERICULTURA

Já se pode perceber um esboço, ainda que muitos não o apresentem, de alegria ou angústia na sua expressão fisionômica. Ao ser tomado em braços para de chorar.

Quando o bebê apresentar-se com os pés e mãos frios e úmidos, mas a barriga quente, isto não quer dizer que sente frio e, sim, está excitado. Para acalmá-lo, procure manter à sua volta um ambiente calmo e tranqüilo, sem exageração de agridos, o que, em geral, é muito difícil.

§ 3 — O 3.º mês de vida

Tabela para o bebê de 90 a 120 dias é:

	Meninos	Meninas
Pêso	5.750 grs.	5.500 grs.
Estatuta	61 cms.	60 cms.
Aumento mensal	750 grs.	750 grs.

Os cuidados higiênicos a serem mantidos são os mesmos que nos meses anteriores.

A alimentação no 3.º mês

Muitos pediatras aconselham a introdução de uma refeição, que conste de uma papinha de frutas, naturalmente para os bebês normais e em boas condições de saúde.

Também pode ser iniciada a adição de um cereal para engrossar o leite, sendo alimentado com leite artificial.

As mamadeiras serão dadas dentro de um horário de 3 em 3 horas, ou de 4 em 4 horas, perfazendo um total de 900 grs. diárias.

O comportamento diário do bebê

O bebê já dorme um pouco menos que nos dois primeiros meses. Em média 18 a 20 horas diárias. Já pode permanecer mais tempo ao ar livre, e seus passeios podem ser realizados de manhã ou à tar-

de, sendo preferível sempre na hora de menos calor, e longe de aglomerações.

Sentirá mais alegria ao tomar banho, e gostará de brincar um pouco dentro d'água. Pode-se deixar ficar uns 3 minutos de "barriga para baixo", a fim de sustentar a cabeça, exercitando desta forma a musculatura da nuca.

Seus brinquedos lhe chamarão mais a atenção, e sentirá uma atração especial pelos chocalhos, guizos e bonecos de plástico.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Controla bem o movimento da cabeça e consegue mantê-la levantada, quando deitado de bruços. Gosta de ficar recostado. Para isto, colocam-se algumas almofadas, de forma que não forcem a espinha dorsal e possa o bebê permanecer por um certo tempo nesta posição.

Sorri para os adultos, quando lhe agradam ou lhe falam. Segue o movimento de um objeto e gosta muito de olhar, principalmente, objetos coloridos.

§ 4 — O 4.º mês de vida

Tabela para o bebê de 130 a 150 dias é:

	Meninos	Meninas
Peso	6.360 grs.	6.110 grs.
Estatura	62 cms.	61 cms.
Aumento mensal	600 grs.	600 grs.

Os cuidados higiênicos a serem mantidos são os mesmos que nos meses anteriores.

A alimentação no 4.º mês

Como já dissemos no capítulo anterior, a introdução da papa de frutas pode começar no 3.º mês de vida, mas alguns pediatras aconselham que somente se inicie no 4.º mês.

O preparo da papinha é muito simples.

Toma-se uma banana madura "prata ou maçã", e esmaga-se com um garfo, de forma a torná-la uma papa. Adiciona-se uma colher de mel, ou de açúcar ou de leite condensado.

A papa de maçã é também muito aconselhada. Toma-se uma maçã, rala-se bem, e adiciona-se açúcar ou mel, ou leite condensado.

A introdução de alimentos semi-sólidos nem sempre é bem aceita por todos os bebês. Mais adiante trataremos das soluções a serem dadas nos diversos casos que podem apresentar-se. Um conselho que deve, entretanto, ser sempre lembrado pela pessoa que dá a papinha, é: colocar sempre a colher na parte posterior da língua do bebê, de forma que ele não possa cuspir. Não fique nervosa nem fale alto, caso o bebê repudie o alimento. Procure ser calma e tenaz.

O comportamento diário do bebê

O seu acordar dá-se geralmente entre as 5 e 8 horas da manhã. Para anunciar que está com fome, chora um pouco. Acalma-se logo que a mãe ou alguém se aproxime de sua cama. A voz da mãe já o tranqüiliza.

Tem bom apetite. Aproxima-se do bico da mamadeira com a boca aberta e os lábios estendidos. Suga avidamente, e em geral não admite interrupção quando está mamando.

Pode brincar sozinho, desde que tenha algo para segurar. Distrai-se muito olhando o que se passa à volta.

Demonstra grande satisfação pelo banho, e gosta de brincar, dando tapinhas na água ou segurando algum brinquedo.

O sono já não lhe toma a totalidade do tempo; alterna o sono com prolongados períodos de vigília.

Os brinquedos devem ser resistentes e laváveis, porque a criança já começa levar tudo à boca. De-

vem ser grandes, de forma que não possam ser colocados inteiramente dentro da boca, o que é perigoso.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Mantém a cabeça erguida, quando ao colo. Apóia-se nos cotovêlos quando de bruços.

É comum "chupar o polegar", porque a reação mão-boca está bem desenvolvida, e o bebê tem domínio deste movimento. Segura o chocalho e outros brinquedos, e os olha. Já utiliza as mãos para segurar e alcançar algum objeto que lhe chame a atenção.

Entre o 3.º e 4.º mês de vida, o bebê consegue provar o contato de suas mãos ante os olhos, que se tornam, assim, os instrumentos apreensores e exploradores, o que lhe irá possibilitar um novo e rico conhecimento do mundo exterior. Já consegue a "coordenação óculo-manual". Até então, o seu campo ótico era plano, ainda não conseguira a 3.ª dimensão, e só, após, uma longa série de tentativas e fracassos, conseguirá agarrar um objeto, o que progressivamente, o levará a estruturar um "novo espaço".

Demonstra, também, necessidade do interesse social, quer dizer, gosta de ser alvo de atenções, e procura olhar para as pessoas que lhe falam ou andam à sua volta. Em geral é mais sociável no período da tarde, gostando muito de ser levado do berço para um carrinho ou para uma cama grande, mudando, assim de cenário constantemente.

É capaz de reagir diferentemente, segundo a expressão facial do adulto que se aproxima. Assim, quando se fala docemente, se acalmará e sorrirá, se duramente, fará, muitas vezes, expressão de choro.

Após ser alimentado, costuma "falar consigo mesmo", isto é, vocaliza alguns sons agudos. Os períodos de conversa são maiores que os de choro, embora possa passar de uma fase a outra instantaneamente.

PUERICULTURA

O desmame

O desmame é o ato de tirar-se o lactente do seio. Não há data estabelecida para cessar-se com o alimento do peito. Nos nossos dias, é comum iniciar-se no 3.º ao 4.º mês, e terminar no 10.º ou 11.º mês.

Se o bebê foi alimentado com leite artificial, chama-se de **ablactação**, o ato de retirar-se o leite como alimento principal e exclusivo do bebê.

Alguns pediatras consideram que o tempo ideal para o desmame é o que vai dos 6 aos 18 meses, na qual se supõe que o organismo infantil está preparado para isto. O desmame muito cedo não é aconselhável, assim como o muito tardamente. Aos 18 meses de idade, o bebê já deve aceitar perfeitamente a xícara e não mais a mamadeira.

Existem dois casos excepcionais de desmame. São eles: o precoce e o repentino.

O 1.º se dá quando a mãe é obrigada a retirar o filho do peito, antes dos 3 meses.

O 2.º quando é substituído, de forma brusca, todas as mamadas do peito por mamadeiras de leite artificial.

Nos dois casos, o bebê sofre tanto perturbações intestinais como perda do apetite e mesmo de sono.

O desmame é necessário, pois a alimentação, **exclusivamente** láctea, não é aconselhada depois dos 4.º ou 5.º mês, pois pode provocar inapetência prolongada no bebê. O leite possui em quantidade insuficiente substâncias necessárias ao organismo infantil, daí a introdução da papa de frutas e de cereais, que irão suprir esta falta. Em certos casos, o desmame deve ser protelado. Entre estes se encontram os bebês que sofrem de qualquer doença, e apresentam qualquer tipo de alergia, ou estejam em período de erupção dentária. Entretanto, qualquer dificuldade encontrada no desmame deve ser levada ao conhecimento do pediatra, que dirá o que deve ser feito.

§ 5 — O 5.º mês de vida

Tabela para o bebê de 5.º ao 6.º mês:

	Meninos	Meninas
Peso	6.960 grs.	6.760 grs.
Estatura	63 cms.	62 cms.
Aumento mensal	600 grs.	600 grs.

Os cuidados higiênicos a serem observados são os mesmos que nos meses anteriores.

A alimentação no 5.º mês.

Como vimos, é no 4.º mês, e em alguns casos, no 5.º, que se dá a introdução da papinha de frutas e da sopa de cereais.

O horário das refeições, mais indicado, é de 3 em 3 horas. A sopa de cereais pode ser dada às 12 horas e às 6 horas da tarde. Caso seja seguido o horário de 4 em 4 horas, deve ser dada às 10 da manhã e às 6 da tarde.

O preparo da sopa:

Coloque numa panela, 1 litro de água, 100 ou 200 grs. de carne (de preferência coxão duro ou músculo), cortada em pedaços, 1 ramo de salsa, 1 ou 2 tomates esmagados, 1 pedacinho de cebola, $\frac{1}{2}$ dente de alho, sal em quantidade necessária, juntando, ainda, 2 colheres das de sopa de arroz, 1 cenoura, 1 batata, 1 raminho de espinafre e 1 pedaço de chuchu.

Deixe no fogo até que fiquem bem cozidos todos os ingredientes. Depois, separe a carne, e passe o resto pela peneira ou, então, pelo liquidificador.

Sirva-a ao bebê com colher.

Para variar, pode usar-se também: macarrãozinho, aveia, cará, mandioquinha, semolina, couve-flor ou sagü.

Nem sempre o bebê aceita a sopa, criando, muitas vezes, sérios problemas. Várias modalidades são aconselháveis neste caso. Entre elas, temos:

— Variam-se os legumes usados. Caso a sopa não seja bem aceita, tire um ou dois legumes e coloque outros.

— Tempere a sopa com açúcar, retirando o sal por alguns dias somente.

— Use um outro tempêro, como manteiga derretida, suco de limão ou, então adicione o caldo do feijão.

Muitos pediatras afirmam que de forma nenhuma deve desistir-se de dar a sopa, mesmo que o bebê manifeste dificuldades em aceitá-la. Desta forma, é preferível deixar, em certos casos, que o bebê passe um pouco de fome; isto é, espaçando o horário até então mantido, de forma que aceite a sopa. Outros admitem a possibilidade de dar-se a sopa até o momento em que não a aceite mais e, aí, completar com a mamadeira.

Caso o bebê mantenha-se intransigente, é preferível suspendê-la, por alguns dias, e depois voltar a dá-la.

As vezes aparece uma alergia devido ao novo alimento. Manifesta-se por meio de vômitos, diarreia, urticária, etc. É preferível, então, não insistir, e procurar um substituto que seja bem aceito.

O comportamento diário do bebê

É semelhante ao do 4.º mês. Porém, a medida que o tempo passa, dorme cada vez menos, permanecendo desperto por longos períodos, quando costuma brincar sozinho, demonstrando muita predileção por brinquedos ou objetos, os quais possa segurar. Usa as mãos e a boca, por isso é preferível dar-lhe brinquedos de matéria plástica ou borracha.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Quando de bruços, rola na cama. Apóia-se nas palmas das mãos, procurando levantar o tórax.

Segura perfeitamente um objeto que se encontre ao seu alcance. Interessa-se por objetos coloridos.

PUERICULTURA

Seu vocabulário foi enriquecido com uma variedade de vogais: Ah... Eh... Ih... Uh...

Segue o movimento de uma pessoa, quando se aproxima ou se afasta.

§ 6 — O 6.º mês de vida

Tabela para o bebê do 6.º ao 7.º mês é:

	Meninos	Meninas
Pêso	7.560 grs.	7.360 grs.
Estatura	64 cms.	63 cms.
Aumento mensal	600 grs.	600 grs.

Os cuidados higiênicos são os mesmos que nos meses anteriores.

A alimentação no 6.º mês

É semelhante à do mês anterior. A administração de novos alimentos, como gema de ovo, carne de galinha, fígado, etc., deve ser feita só quando fôr aconselhado pelo pediatra, pois nem todos aceitam a introdução da gema de ovo neste mês, principalmente a bebês que sofrem de alergia.

A medida de cada mamadeira é de 200 a 240 grs. Em geral o leite materno não é mais suficiente, daí ser preferível substituí-lo completamente pelo leite artificial.

Aos seis meses, já aceitará com mais facilidade a sopa de cereais.

O comportamento diário do bebê

O acordar-se é entre às 6 e 8 horas. Pode entreter-se sozinho, durante alguns momentos antes de receber a 1.ª mamadeira do dia. Costuma dizer-se que os bebês desta idade "se acordam de bom humor".

É comum que adormeça, logo após a refeição das 6 horas. Durante o dia, tem períodos de sesta: um na parte da manhã, e outro na parte da tarde. São

PUERICULTURA

bem menores que no mês anterior, mas ainda dormirá em média, umas 17 horas por dia.

A evacuação já se apresenta mais normalizada. Segundo muitos puericultores, pode ser colocado por 2 ou 3 minutos, umas 4 vezes por dia, no urinol.

Gosta muito do banho, demonstrando muita satisfação, quando se encontra dentro d'água. Muitas vezes chora quando é retirado dela.

Movimenta-se muito na cama, e segura tudo que estiver ao seu alcance.

Aos seis meses o bebê entra numa nova fase.

O desenvolvimento do sensório-motriz

A mudança de posição, que começa a processar-se neste mês e, em alguns, desde o mês anterior, vai modificar muito a vida do bebê. Ele pode sentar-se e permanecer por bastante tempo nesta posição. Domina perfeitamente o movimento da cabeça, assim como o equilíbrio do corpo. Ao acordar-se revira-se na cama, permanecendo durante alguns momentos de bruços.

É o momento em que aparecem as "primeiras reações seletivas". Não é todo objeto, que lhe chama a atenção, pois é capaz de escolher o que mais lhe agrada ou mais lhe interessa. Começa a formar o seu "pequeno mundo".

Usa com algum desembaraço o polegar, e aos poucos vai coordenando os seus movimentos. Pode brincar sozinho e acompanhar com grande interesse o movimento da casa. Nesta fase, costuma brincar com as mãos, com os pés ou com qualquer objeto.

Vocaliza certas vogais e consoantes.

Tem capacidade de interpretar as expressões faciais, gestos, atitudes e o vai e vem da rotina doméstica. Estranha certas pessoas, principalmente as que não está habituado em ver.

Alterna atividades espontâneas e autônomas com atividades sociais, quer dizer, o bebê atinge uma nova etapa.

Aspectos característicos

É comum que entre os seis e doze meses, o bebê goste de balançar-se, como se tivesse necessidade de mexer-se, ritmicamente, para frente e para trás, apoiando-se sobre as mãos e os joelhos. Muitas vezes, quando já se encontra deitado, antes de adormecer, movimentam-se muito. Muitos psicólogos afirmam que isto ajuda a superar alguma tensão emocional, acalmando desta forma uma sensação nervosa. São, em geral, bebês nervosos e é preferível, deixá-los realizar esta atividade que passará com o tempo.

Outras vezes, rola de um lado para outro, chegando a dar cabeçadas nas grades da cama ou, então, chupa os dedos ou a própria manta que o cobre. Isto pode significar, a necessidade de maiores atenções de ternura. Não é aconselhável procurar sujeitá-lo, por meio de lençóis fortemente presos e, sim, alinhar as grades da cama de forma que não possa machucar-se. Tratando-se com amor e demonstração de ternura, com o tempo passará.

A dentição

A dentição processa-se com variações individuais, mas dentro de certa ordem.

A erupção dos dentes pode ocasionar certos distúrbios, entre eles: insônia, agitação, mau humor, inapetência, estados subfebris, corrimento do nariz e algumas vezes urticária, diarreia e mesmo vômitos.

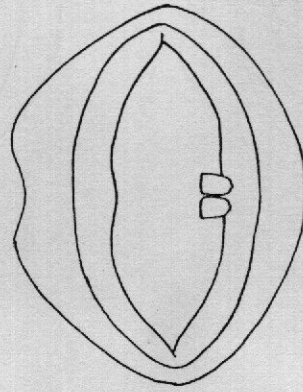
A época de saída dos primeiros dentes varia muito, mas só se pode falar em atraso quando não apareceram depois de haver completado os 12 meses.

Os primeiros dentes fazem parte da 1.ª dentição, chamada de "leite". e é composta de 20 dentes temporários, os quais devem estar todos presentes aos 36 meses de idade. Aos 5 anos começam a cair.

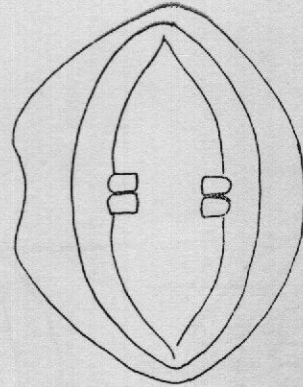
Em regra geral, a época de saírem é:

- Incisivos centrais: dos 6 aos 8 meses.
- Incisivos laterais: dos 8 aos 10 meses.
- Primeiros molares: dos 14 aos 16 meses.
- Segundos molares: dos 22 aos 24 meses.

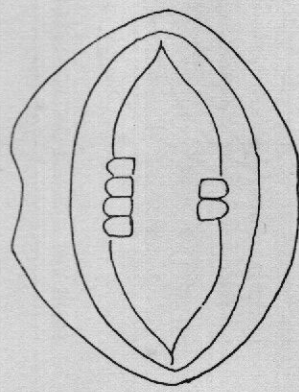
Pode-se ajudar a fortalecer os primeiros dentes usando uma boa e rica alimentação, banho de sol e certos remédios que contêm cálcio. Convém nunca esquecer que a fixação do cálcio se dará com a irradiação dos raios solares sobre a pele.



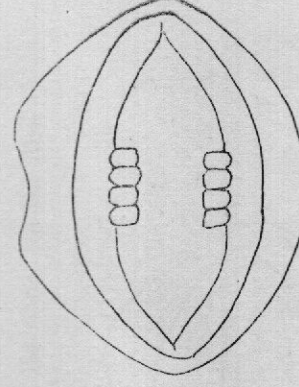
Os primeiros dentes
no 6º mês.



Dentição do 7º mês:
4 dentes.



Dentição do 8º mês:
6 dentes.



Dentição do 10º mês:
8 dentes.

O uso de certas argolas de borracha para o bebê mastigar durante o período de erupção é muito aconselhável, servindo ao mesmo tempo de calmante. O uso da escova para limpar os dentes, só deve ser permitido depois dos 2 anos de idade.

Tabela para o bebê do 7.º ao 8.º mês é:

	Meninos	Meninas
Pêso	8.010 grs.	7.810 grs.
Estatura	66 cms.	65 cms.
Aumento mensal	450 grs.	450 grs.

A alimentação no 7.º mês

Quando o bebê aceita bem a sopa de cereais e a papinha de frutas pode ser introduzida uma sobremesa de fruta ou de doce. Neste caso, é aconselhável que seja uma marmelada doce, uma compota em conserva ou uma gelatina.

As mamadeiras devem ter a dose de 200 ou 240 grs. e engrossadas com alguma farinha. O mingau também já pode ser dado.

O preparo do mingau de leite de vaca:

2 colheres (cheias) das de sopa, de farinha (maizena ou algum outro cereal).

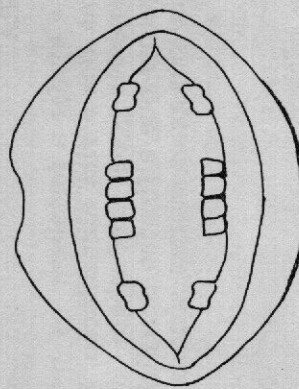
2 colheres (cheias) das de sopa, de açúcar.

2 colheres (cheias) das de sopa, de água.

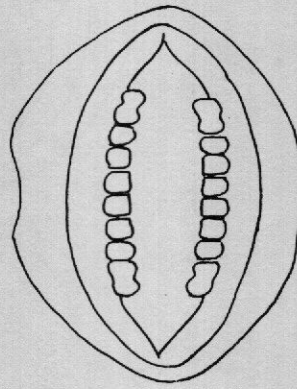
Mexa bem, procurando misturar todos os ingredientes, e junte umas 300 grs. de leite de vaca, puro. É importante que passe pela peneira para evitar que se formem grumos. Após isto, leve ao fogo forte e mexa com uma colher de pau, durante uns 5 minutos até engrossar. Deixe esfriar e dê o mingau ao bebê.

O comportamento diário do bebê

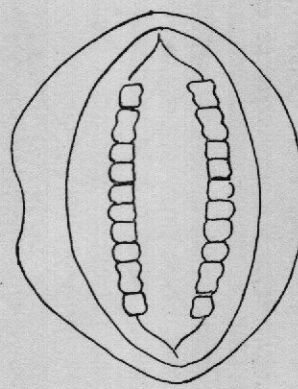
É semelhante ao do mês anterior. Os brincos são mais variados. Gosta de morder tudo o que segura e bate constantemente com o que tem nas mãos em qualquer superfície, principalmente as que fazem barulho.



1



2



3

1 — Dentição de 1 ano: 10 ou 12 dentes.

2 — Aos 18 meses nascem os caninos ou "prêias".

3 — 2 anos: dentição completa, 18 a 20 dentes.

Desenvolvimento do sensório-motriz

Senta-se só. Rola na cama, procurando alcançar um objeto que lhe chama a atenção.

Grita alto, em geral sons agudos. É comum, nesta fase, ouvir-se o bebê dizer Má-Má, principalmente quando chora.

É a época, em geral, que descobre os órgãos genitais. A melhor atitude para não deixar que os toque, é dar-lhe objetos de forma que tenha as mãos sempre ocupadas.

§ 8 — O 8.º mês de vida

Tabela para o bebê do 8.º ao 9.º mês é:

	Meninos	Meninas
Peso	8.640 grs.	8.260 grs.
Estatura	68 cms.	67 cms.
Aumento mensal	450 grs.	450 grs.

A alimentação no 8.º mês

Caso o bebê já tenha os dois dentes incisivos medianos inferiores e os dois superiores poderá começar a exercitar a sua mastigação. Pode-se dar um pedaço de pão torrado ou uma bolacha.

A alimentação continuará a ser igual à do 7.º mês.

Muitos pediatras aconselham este horário de 4 em 4 horas:

6 horas	—	leite
10 "	—	sopa e sobremesa
2 "	—	mingáu de leite
6 "	—	sopa e sobremesa
10 "	—	leite

O comportamento diário do bebê

Em geral costuma brincar sozinho, e passa longos períodos no engradado. Quando começa a falar ou resmungar, não deve ser levado prontamente ao colo; isto é, um exercício que está realizando.

Os brinquedos mais apreciados são os bonecos que flutuam sobre a água na hora do banho.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Quando ajudado levanta-se com as suas duas mãos. Permanece longos períodos acordado e sempre em atividade.

Grande habilidade com as mãos. Gosta de atirar o que tem nelas ao chão.

Os sons são mais variados que no mês anterior, predominância das consoantes "p" e "b".

§ 9 — O 9.º mês de vida

Tabela para o bebê do 9.º o 10.º mês é:

	Meninos	Meninas
Peso	8.910 grs.	8.710 grs.
Estatura	69 cms.	68 cms.
Aumento mensal	450 grs.	450 grs.

A alimentação no 9.º mês

Alguns pediatras aconselham a introdução de uma sobremesa mais variada, como pudim de leite, de laranja, de arroz, etc.

A sopa de cereais pode ser dada bem engrossada, e também é costume dar-se um purê de batatas ou um bife de contra-filé, para que chupe o caldo. Isto ajuda o bebê a exercitar os dentes e fortificar as gengivas.

O comportamento diário do bebê

Dorme numa média de 16 horas por dia, mantendo-se acordado, em geral, toda a manhã, só realizando a sesta da tarde.

Permanecerá por muito tempo no engradado, onde consegue manter-se por alguns momentos em pé.

Muitos bebês conseguem ficar em pé sós, seguros na grade da cama ou do engradado, não conseguem, porém, andar. Não se deve forçar de forma

PUERICULTURA

alguma que ande, pois isto só ajudará a criar uma curvatura das pernas e criar uma inibição devido a quedas.

O desenvolvimento do sensório-motriz

Diz constantemente dá-dá, bá-bá, má-má, etc.

Aprende a fazer gracinhas, pisca os olhos, faz "manhas", etc.